

# JEAN PLAIDY

*Autora de O sol em esplendor e Lucrécia Bórgia*



## *Catarina, a viúva virgem*

romance



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# CATARINA, A VIÚVA VIRGEM

*Jean Plaidy*

Título original: "KATHARINE, THE VIRGIN WIDOW"

Editora Record, Rio de Janeiro, 2001

Tradução: Vera Whately

## SUMÁRIO

A Arena

O casamento de Arthur, príncipe de Gales

A tragédia no castelo de Ludlow

Intriga na casa de Durham  
A morte de Elizabeth de York  
Más notícias da Espanha  
Maria de Rojas  
O protesto do príncipe de Gales  
A traição de Dona Elvira  
Joana na Inglaterra  
O encontro de Filipe com Fernando  
A misteriosa morte de Filipe  
Catarina, a embaixadora  
A estranheza de Joana  
Fuensalida na corte do rei  
Na casa de Grimaldi  
Joana em Tordesilhas  
O rei Henrique VIII  
A rainha Catarina

# A ARENA

O SOL LANÇOU seus raios nas paredes cinzentas das torres, fazendo—as brilhar como se fossem diamantes. O calor era tão intenso que os cortesãos suavam debaixo dos cinturões, por cima dos quais vinham os elegantes gibões guarnecidos de rendas; eles não se mexiam nem para jogar para trás os mantos de mangas soltas. Todos os homens e mulheres da corte tinham os olhos fixos na arena, onde um leão — um dos melhores e mais ferozes animais do rei — empenhava—se numa luta sangrenta contra quatro mastins ingleses. Os cães eram fortes e valentes, mas aquele leão nunca fora vencido. Ele rugia com desprezo para os cães, e os espectadores o aplaudiam.

— Agora, Rex, comece a trabalhar — gritou um menino, sentado entre os convidados do rei. De rosto rosado, com o cabelo cobreado brilhando à luz do sol, sua voz estridente denotava grande animação.

A menina sentada ao seu lado, um pouco mais velha que ele, colocou a mão no seu braço para tentar contê—lo; várias pessoas desviaram a atenção dos animais para as crianças. Muitas sentiram—se contagiadas pela animação, vitalidade e alegria do príncipe Henrique.

Mas Henrique estava absolutamente concentrado na luta na arena. Queria que os mastins vencessem, embora não acreditasse que isso fosse possível. Rex era o melhor leão do mundo, haja vista o nome que lhe haviam dado.

O rei observava a cena do seu lugar de honra. Sentava—se empertigado, mas suas roupas não eram tão luxuosas quanto as de muitos de seus súditos, pois ele era contra desperdiçar tanto dinheiro para se apresentar num show ao ar livre. Dinheiro, na sua opinião, devia ser usado para gerar mais dinheiro. Essa foi sua política desde os tempos de Bosworth Field. E com isso conseguira multiplicar o tesouro esgotado, fiscalizando tudo cuidadosamente com seu olhar avaro e fazendo crescer ainda mais os cofres reais com seus sutis esquemas. Porém o rei era o primeiro a admitir que devia muito aos

seus dois hábeis ministros — Richard Empson e Edmund Dudley — que agora se sentavam perto da família real, com olhos alertas de advogados.

O olhar do rei recaiu sobre a rainha, uma bela mulher de quem ele era secretamente orgulhoso. Mas o rei da Inglaterra não era homem de mostrar seus sentimentos, e nunca deixaria que Elizabeth de York soubesse o quanto ele a estimava. Como seu direito ao trono era duvidoso e como havia suspeita de ilegitimidade entre seus antepassados, era preciso ser cauteloso. E Henrique VII era um homem muito cauteloso.

Elizabeth era uma boa esposa, e o rei nunca se arrependeu de ter se casado com ela, mesmo considerando seu amor juvenil por Maud Herbert e sua paixão mais madura por Katherine Lee. Ele não era homem de deixar que as emoções interferissem nas suas ambições.

Uma vez que Ricardo III fora derrotado e Henrique ficara sabendo que sua grande ambição estava a ponto de ser concretizada, ele deixou de pensar em Katherine Lee; sabia que uma única noiva lhe convinha, Elizabeth de York, e que por meio desse casamento as Casas de York e Lancaster seriam unidas, levando a paz à Inglaterra.

Henrique VII nunca deflagaria uma guerra se pudesse evitá-la; para ele, a guerra era sinónimo de perda de dinheiro.

Henrique olhou para sua família e permitiu-se um sentimento de prazer, e um rápido sorriso passou pelos cantos da sua boca séria. Dois filhos e duas filhas.

— Bastante bom, bastante bom — murmurou para si próprio.

Elizabeth engravidara seis vezes, e eles tinham perdido apenas dois filhos até agora; considerando o destino da maioria das crianças, era de fato uma grande sorte.

Porém, Arthur — o mais velho, o príncipe de Gales — que ainda não completara quinze anos, era um menino doentio. Sua beleza, o rosado do rosto e a pele clara não eram um sinal de saúde. Arthur tossia muito, e às vezes chegava a cuspir sangue.

O rei teria ficado muito angustiado com a fragilidade de Arthur se não fosse por Henrique, seu outro filho, um príncipe que encheria os olhos de qualquer pai. Todos olhavam agora para aquele menino de dez anos, como sempre olhavam quando a família real passava diante das multidões. Era o jovem Henrique que o povo aclamava.

Era para ele que todos sorriam. Felizmente, Arthur tinha um ótimo gênio e não era nada invejoso. Talvez vivesse cansado demais para sentir inveja, talvez fosse grato ao seu irmão robusto e cheio de vitalidade, um menino que se mostrava novo em folha depois de sair a cavalo o dia inteiro, um menino que sempre sabia como responder aos aplausos do povo.

Entre os dois príncipes, sentava—se Margarida, uma princesa de ar muito digno, séria demais para os seus doze anos; Margarida vigiava constantemente seu exuberante irmão Henrique, mas ele não se ressentia disso. Era bonito ver aquela afeição entre um irmão e uma irmã. Do outro lado de Henrique, sentava—se Maria, uma encantadora menina de cinco anos, um tanto teimosa, muito bonita, mas mimada demais.

Quatro filhos, pensou o rei, e Arthur o único cuja saúde nos preocupa. A filha de Eduardo havia cumprido bem o seu dever.

A rainha virou—se para ele e sorriu, lendo seus pensamentos. Ela sabia que quando o marido olhava assim para as crianças, estava pensando que ainda havia tempo para eles terem mais filhos.

Elizabeth de York controlou o súbito ressentimento que aflorou dentro dela. O único verdadeiro desejo do seu marido era manter seu trono. Ela sabia que Henrique a estimava, não por sua beleza ou talento, mas por ela ser filha de Eduardo IV, pois foi esse casamento que tornou possível levar paz à Inglaterra; além disso, ela lhe dera filhos, quatro dos quais estavam vivos.

Os espectadores estavam tensos, e a atenção do rei estava agora na arena, pois a luta não estava correndo conforme se esperava. Rex encontrava—se deitado de costas, com um dos mastins preso na sua garganta e os outros saltando—lhe em cima e rasgando sua carne com as presas sangrentas.

O príncipe Henrique levantou—se.

— Eles venceram o Rex — gritou. — Oh, bravo... bravo!

Os espectadores gritaram ao verem Rex ali imóvel e sem vida, enquanto os cães continuavam a mordê—lo. A Rainha encostou—se ligeiramente no rei.

— Eu não acreditava que os cães pudessem derrotar o leão. O rei não respondeu; chamou um dos encarregados das jaulas dos animais.

— Leve os cães embora, retire a carcaça do leão da arena e volte para falar comigo.

Quando o homem fez uma mesura e saiu para obedecer às ordens do rei, as crianças começaram a conversar animadamente. Henrique falou aos gritos:

— Você viu? Arthur, você viu...?

— Eu não gosto desse esporte — murmurou Arthur. Henrique riu—se dele.

— Eu gosto mais de esporte que de qualquer outra coisa do mundo, e nunca tinha visto uma luta como esta.

— O que aconteceu com o leão?—perguntou Maria, mas ninguém lhe deu atenção.

Margarida pegou no braço de Henrique.

— Fique quieto — sussurrou. — Não está vendo que nosso pai não está satisfeito?

Henrique virou—se para o rei.

— Mas por quê...? Eu pensei que fosse um bom esporte. Eu... Os olhos sérios do rei recaíram sobre o filho.

— Henrique, um dia você vai aprender que o que você pensa é muito mais interessante para você próprio que para os outros.

Henrique ficou intrigado, mas era impossível reprimir sua exuberância.

O rei fez um sinal para um dos encarregados das jaulas e disse:

— Agora solte os ursos e os cães bravos.

A Platéia ficou chocada.

Diante deles, na arena, viam—se uns patíbulos dos quais pendiam os corpos dos quatro mastins ingleses, aqueles mesmos que meia hora antes haviam lutado com tanta bravura contra o leão mais feroz do rei.

O rei observou a plateia em silêncio, juntamente com seus conselheiros—chefes, Dudley e Empson.

A farsa terminara, mas ninguém devia esquecer—se da ideia que ela pretendia passar.

Os cães tinham sido condenados à morte por traição, por terem ousado destruir o leão Rex. Eles eram traidores.

O rei mandou que a sentença fosse lida antes que as cordas fossem colocadas no pescoço dos animais, depois disse com sua voz baixa e sombria:

— Que assim morram todos os traidores!

Seus súditos olhavam para os cães que se contorciam, mas era no rei que estavam pensando.

Na verdade, Henrique devia ser um homem apavorado, pois não podia resistir a mostrar a todos qual era o destino daqueles que tentavam ultrapassar o poder dos reis.

Ele levantou—se de repente, e sua família e seu séquito prepararam—se para segui—lo.

Não haveria mais jogos naquele dia.

As Crianças fugiram para seu jardim particular. Estava agradável lá fora, com uma brisa soprando do rio.

Todos mantinham—se mais calados que o normal, muito impressionados com o enforcamento dos quatro mastins. Eles sempre se reuniam ali, naquele jardim gostoso com um forte aroma de rosas, quando os pais iam passar uns dias no palácio da Torre de Londres. No momento, aproveitavam aquela familiaridade; tinham—se assustado muito com a cena que haviam presenciado e era confortante estar num lugar tão protegido assim. Para eles, aquele era seu jardim particular; ali sentiam—se afastados das cerimónias que tomavam grande parte das suas vidas. Os grandes muros da Torre do Berço e da Torre do Poço formavam um bastião contra olhos curiosos. Ali, eles podiam esquecer que eram príncipes e princesas, podiam ser apenas crianças. Henrique quebrou o silêncio.

— Mas por quê? Aqueles quatro mastins valentes... traidores! Como eles podiam ser traidores? — perguntou.

Maria começou a chorar. Ela adorava cachorros e ficara encantada quando os quatro venceram o cruel leão. Se não lhe tivessem dito tantas vezes que princesas não choram em público, ela teria se derramado em lágrimas quando viu as cordas sendo colocadas em volta do pescoço dos cães.

— Quietinha, Maria — disse Margarida, que os mantinha em ordem como se fosse a mais velha. Alguém tinha de manter a família em ordem, e Arthur era um inútil nesse sentido.

Obedientemente Maria parou de chorar, mas ficou claro que não conseguia esquecer—se dos mastins.

Arthur virou—se para Henrique, parecendo muito mais velho naquele momento.

— É tudo muito fácil de entender — disse.

— Mas eu não entendo — gritou Henrique.

— Porque você é ainda um menino, apesar de toda sua arrogância — disse Margarida.

— Não me chame de menino. Eu sou da mesma altura que Arthur.

— Pode até ser, mas isso não o torna um adulto — explicou Margarida.

— Nosso pai mandou enforcar os cachorros porque eles usaram sua força contra Rex. Rex era o rei das feras do nosso pai; aliás,

Rex significa rei. Nosso pai mostrou àquela gente o que acontece com aqueles que usam sua força contra os reis — disse Arthur, num tom desanimado.

— Mas os cachorros foram levados à arena para lutar — insistiu Henrique. — Isso não faz sentido.

— As atitudes dos reis nem sempre parecem fazer sentido disse Arthur.

— Mas eu faria sempre o bom senso prevalecer.

— Eu... eu... eu! — murmurou Margarida. — Você usa esta palavra mais que qualquer outra.

— Então um rei não deve mostrar aos seus súditos que ele é um homem de bom senso? — perguntou Henrique.

— Não — respondeu Arthur. — Ele só precisa mostrar que é um rei temido.

— Eu não quero que os cachorros morram—falou Maria, caindo em prantos.

Margarida ajoelhou—se, tirou um lenço do bolso e enxugou as lágrimas da irmã.

— Não lhe disseram que não é bonito uma princesa chorar como se fosse uma camponesa?

— Mas eles mataram os cachorros. Puseram—lhes uma corda em volta do pescoço. Eles mataram...

— Eu sei que todos os traidores devem ser enforcados, mas...

— disse Henrique com voz grossa.

— Vamos falar de outra coisa — ordenou Margarida. — Quero que esta criança pare de fazer essa barulhada. Maria, o que sua nova irmã diria se a encontrasse com essa cara de bebê chorão?

Maria parou de chorar; obviamente já se esquecera da morte dos cachorros e estava pensando na nova irmã.

— Pense só, ela vai atravessar todo o oceano para ser nossa irmã. Então, em vez de quatro seremos cinco — continuou Margarida.

Arthur afastou-se do grupo, fingindo examinar uma das rosas. Estava sem jeito com aquela conversa sobre seu casamento iminente. Sentia-se muito mais constrangido com isso do que queria admitir.

— Ela é grande como você? — perguntou Maria olhando para Margarida.

— Maior, ela é mais velha que eu.

— Da idade do nosso pai?

— Não seja tola. Mas é mais velha que Arthur.

— Então deve ser muito velha.

— Arthur não é realmente muito velho — falou Henrique. Eu sou quase da idade dele.

— Bobagem — falou Margarida. — Você é cinco anos mais moço.

— Então, dentro de cinco anos eu também vou me casar. Margarida disse secamente: — Você está destinado à Igreja,

Henrique. Portanto, não vai poder se casar.

— Eu me caso, se quiser — protestou Henrique, com os olhinhos enviesando-se no seu rosto gorducho.

— Deixe de falar bobagem.

— Talvez Arthur também não se case — continuou Henrique, que não gostava da ideia de o irmão fazer uma coisa que ele não pudesse fazer. — Essa espanhola já devia estar aqui há muito tempo.

Arthur virou-se e olhou para todos, depois disse:

— Os navios dela sofreram um desastre. Essa viagem é longa e perigosa.

— Mesmo assim, nós ouvimos dizer há tempos que ela já tinha partido... e ainda não chegou — disse Henrique.

— Há tempestades na baía de Biscaia — falou Margarida.

— Talvez ela tenha se afogado— gritou Henrique com um ar vingativo — Nesse caso, você também não vai se casar.

Arthur assentiu, com seu jeito calmo, mas não parecia nem um pouco preocupado com essa possibilidade.

Pobre Arthur, pensou Margarida, ele não está achando graça nenhuma em ser marido.

De repente, lhe ocorreu que o assunto da noiva espanhola não era realmente um tópico muito mais feliz que o da morte dos mastins.

— Eu vou jogar uma partida de ténis — falou Henrique de repente. Isso significava que ele iria procurar seus amigos, pois Arthur não era um parceiro à sua altura.

Encontraria um rapaz bem forte e, sem dúvida, ganharia dele; não só porque detestava perder e seu parceiro sabia disso, como porque era realmente muito bom em esportes. Arthur se trancaria no seu quarto para ler um livro ou pensar na vida. Margarida entregaria Maria para as empregadas, e iria bordar com umas companheiras para conversar um pouco; mas acabaria pensando no casamento de Arthur com a infanta da Espanha e em outros casamentos que seriam arranjados. Era quase certo que o próximo seria o seu. Ela não teria tanta sorte quanto Arthur, que pelo menos ficaria em seu próprio país. Possivelmente, teria de partir para um país selvagem, além da fronteira.

A Rainha pôde retirar—se para seus aposentos mais cedo do que imaginava. O espetáculo a enojara e alarmara. Ela ficou chocada com o fato de o marido ter traído a si próprio daquela forma. Não ousou olhar para ele, sentado ali diante daqueles corpos enforcados, mas sabia exatamente qual seria sua expressão. Seus lábios estariam apertados e seu olhar enviesado e calculista. Elizabeth compreendia mais a natureza do marido do que ele podia imaginar. Ao longo dos anos, ela se fartara de ver como uma coroa fascinava alguns homens e mulheres; ela os vira enfrentar desastres e morte para conseguir e manter uma coroa.

Mas Henrique, seu marido, não compreendia isso. Ele não a compreendia em absoluto, e nem tentava compreender. Era um homem fechado em suas emoções, e não as partilhava com ninguém. Só por duas coisas ele era capaz de trair uma paixão avassaladora:

pela coroa e por ouro. E a rainha sabia que ele amava a coroa e o ouro com uma intensidade com que não amava nenhuma outra coisa ou pessoa.

Elizabeth de York não era mais jovem, completara trinta e cinco anos em fevereiro último; e durante esses trinta e cinco anos, o que mais lhe faltou foi segurança.

Seu pai, um homem belíssimo, era louco pela filha e planejou para ela um grande casamento; quando ela completou nove anos foi prometida para Carlos, o filho mais velho de Luiz XI. Elizabeth lembrava que naquela época todos a chamavam de Madame la Dauphine, e lembrava—se também das suas aulas de francês. Era imperativo, dizia seu pai, que ela falasse fluentemente a língua do país onde um dia iria morar. Além disso, ela aprendeu a escrever e a falar espanhol.

Pensando naqueles dias, a rainha disse a si mesma, "O espanhol será útil quando a infanta chegar... se é que a infanta chegará um dia."

Casamentos reais! Só se podia ter certeza de que eles se realizariam na hora em que fossem celebrados! Seu casamento com o delfim nunca se realizou; ela lembrou—se da ocasião em que chegou ao palácio de Westminster a notícia de que Luiz aspirava à mão de Margarida da Áustria para o filho.

Seu pai ficou colérico; o sangue subiu—lhe ao rosto e seus olhos ficaram injetados. Ele morreu logo depois disso, segundo alguns, devido à raiva que essa notícia lhe causou.

Desde aquela época, ela passou a ter medo desse tipo de emoções. Esse foi o início dos problemas. com o pai morto e a coroa nas mãos do tio, ela própria, sua mãe e alguns outros membros da família refugiraram—se no santuário, de onde seus irmãos menores foram levados e mandados para a Torre — esta mesma torre onde ela estava sentada agora. Em algum lugar ali, estavam enterrados os corpos dos dois jovens príncipes que tinham desaparecido tão misteriosamente dos seus aposentos. Ela lembrava—se muito bem dos irmãozinhos que tanto amava. O que fora feito deles? Eles eram um obstáculo para o trono. Para seu tio Ricardo? Ou para seu marido Henrique?

Ela não ousava pensar no destino daquelas crianças.

Tudo isso ocorrera há muitos anos. Seu tio Ricardo, que pensara em casar—se com ela, morreu em Bosworth Field. E então, teve início a dinastia dos Tudor.

Foi aquela ocorrência com os mastins que fez com que a rainha desenterrasse o passado. O medo de traição do seu marido, sua determinação de mostrar o que aconteceria a qualquer um que se levantasse contra ele.

Foi nesse estado de espírito que Henrique a encontrou. Ela sabia que o marido tinha ido vê—la para saber o que sua esposa estava sentindo com relação ao espetáculo da arena, embora não perguntasse nada. Ele nunca pedia sua opinião nem seu conselho. Ela era apenas sua consorte. O desejo de preservar sua própria supremacia estava sempre presente. Elizabeth considerava isso uma fraqueza, que Henrique tentava esconder com sua arrogância.

— Está descansando? — perguntou ele.

O rei entrara nos aposentos dela sem se anunciar. Ela, que se lembrava do aparato de realeza com o qual o pai se rodeava, não conseguia acostumar—se a isso.

Elizabeth estendeu—lhe a mão, que ele beijou sem grande entusiasmo.

— O calor na arena estava insuportável — disse ela. —A certa altura, eu tive medo de Arthur não resistir.

O rei fechou a cara e disse:

— A saúde do rapaz deixa muito a desejar. A rainha concordou, e murmurou:

— Mas o pequeno Henrique está se parecendo cada dia mais com meu pai.

O rei aprovou aquela observação. Ele gostava de lembrar que o avô materno do seu filho era Eduardo IV; mas sem querer que Elizabeth percebesse a extensão do seu orgulho, disse:

— Tomara que ele não herde os vícios do seu pai.

— Meu pai tinha muitas virtudes — protestou Elizabeth.

— Suas virtudes lhe deram força para lutar pelo trono e para aliciar muitos homens para o seu lado, mas foram seus vícios que o mataram. Tomara que Henrique não

venha a ser um apreciador de boa comida e de vinho e, principalmente, de mulheres.

— Henrique saberá cuidar de si. É com Arthur que eu estou preocupada.

— Em breve, a infanta estará aqui e o casamento será celebrado

— falou Henrique, esfregando as mãos e iluminando o rosto sério com um sorriso.

Elizabeth sabia que ele estava pensando no dote da infanta e congratulando-se pelo fato de não haver uma aliança mais vantajosa que a aliança com a Espanha.

Henrique virou-se para a rainha.

— Preciso prestar bastante atenção no Fernando. Não tenho certeza de que ele é confiável. Vai tentar fazer com que todas as vantagens fiquem do seu lado.

— Você também é bem esperto — lembrou-lhe a esposa. Henrique assentiu.

— Eu tive necessidade de desenvolver essa esperteza. Ficarei muito contente quando o dote chegar às minhas mãos e a cerimônia do casamento for realizada.

— Ao que parece, o que está detendo a nossa infanta não é a diplomacia do pai dela, porém o mau tempo.

— Ah, o mau tempo. Os ventos da baía de Biscaia são insuportáveis, mesmo no verão.

— Qual foi a última notícia da viagem?

O rei hesitou. Ele não passava esse tipo de informação para ninguém, nem mesmo para seus ministros. Mas não fazia mal contar para a esposa em que ponto estava a viagem da infanta.

— Eu ouvi dizer que sua esquadra ainda se encontra em Laredo, o porto para onde eles foram forçados a voltar devido às tempestades. Parece que Fernando e Isabel estão mantendo a infanta lá de propósito, para atrasar sua chegada à Inglaterra.

— Possivelmente, a rainha está achando difícil separar-se da filha.

O rei falou com impaciência:

— Essa moça se tornará a princesa de Gales. Eles deviam estar tão aflitos com esse atraso quanto nós.

Havia muita coisa que ele não conseguia entender e nunca entenderia, pensou Elizabeth. A única emoção do seu marido era sua desmedida ambição.

— Mas eu ouvi dizer que a rainha Isabel não está gostando nada de perder a filha — falou a rainha.

— E ainda dizem que ela é uma grande rainha!

Henrique ficou pensativo, lembrando—se dos boatos que ouvira sobre o relacionamento do rei espanhol com a rainha, com quem sua própria família estaria em breve ligada

por meio do casamento. Diziam que Isabel não se esquecia nunca de que era a rainha de Castela e a mais importante do casal real. Henrique olhou rapidamente para sua rainha, agradecendo ao destino por ter se casado com ela.

Abriu a guarda por um instante e disse: — Eu creio que alguns de nossos súditos ficaram um pouco chocados com o enforcamento dos traidores.

— Os quatro cães? Acho que muitos ficaram mesmo.

— E a senhora?

Era tão raro ele permitir—se um tom pessoal no relacionamento deles que Elizabeth levou um susto.

— Eu... eu fiquei surpresa.

— Não é uma morte agradável — disse o rei. — Mas é bom que de vez em quando isso seja lembrado aos homens ambiciosos.

Henrique sorria, mas com um sorriso frio. Estava pensando em dizer à esposa que pretendia enviar um marinheiro inglês para Laredo

— um mestre de Devon, que poderia trazer a frota da infanta espanhola para a Inglaterra sem mais atrasos — mas mudou de ideia.

Elizabeth sempre criticava suas iniciativas, e ele não queria saber de críticas de nenhum homem ou mulher.

— Assuntos de Estado exigem minha atenção. Hoje à noite virei visitar a senhora — disse ele.

Elizabeth baixou a cabeça em sinal de aquiescência, mas ficou com medo. Será que teria de enfrentar mais uma gravidez, ter mais um filho que provavelmente não chegaria à maturidade?

Fazia pouco tempo que o pequeno Edmundo tinha morrido. Quando os bebês resistiam por algum tempo, a mãe se acostumava demais à presença deles. Edmundo era uma criança bonita, mas era terrível sofrer tanto desconforto, ter tanta dor, para dar à luz um bebê fraquinho, com quem ela se preocuparia até ele não conseguir resistir mais!

Eu estou velha demais para ter outro filho, pensou. Mas não disse nada. De que adiantaria dizer ao marido que já lhe dera seis filhos e que quatro estavam vivos?

Não era o suficiente?

A resposta do marido seria fria e direta. Ele falaria que uma rainha deve continuar a ter filhos enquanto for possível. Diria que era seu dever real.

Será que Henrique às vezes pensava em Katherine Lee, sua dama de honra? Se pensava, nem mesmo Katherine sabia. Elizabeth duvidava de que Henrique lhe fosse infiel, mesmo em pensamento.

Ela se casara com um homem estranho, mas pelo menos ele era um marido fiel. Henrique tinha relações sexuais com um único propósito: ter filhos. E ter filhos com outra parceira que não sua esposa seria um ato desnecessário, na sua opinião.

Havia momentos em que a rainha da Inglaterra desejava deixar de lado sua dignidade e rir sozinha; mas esse riso seria histérico, e a rainha era tão pouco dada a explosões histéricas quanto seu marido.

Então, ela fez um sinal de assentimento e disse a si mesma que devia informar às outras mulheres que naquela noite o rei dividiria a cama com ela.

## **O CASAMENTO DE ARTHUR, PRÍNCIPE DE GALES**

A INFANTA FICOU no convés vendo a costa espanhola sumir de vista. Quando ela veria seu país de novo? pensou.

Dona Elvira Manuel, a governanta séria e temível a quem Isabel confiara a infanta e suas damas de honra, também observava a terra que estava deixando, mas não foi solidária com a tristeza da infanta.

Ela começou a demonstrar a sua autoridade quando saiu da Espanha, e Elvira era uma mulher que amava o poder.

Colocou a mão no braço da infanta e disse:

— Não se entristeça. Vossa Alteza vai para uma terra nova, onde será rainha um dia.

A infanta não disse nada. Como poderia esperar que Elvira Manuel compreendesse? Ela rezava em silêncio, rezava para ter coragem, para não trazer desgraça à sua família, para não se esquecer de nada que sua mãe lhe ensinara.

Foi um erro pensar na sua mãe naquele momento. Lembrou—se daquele rosto sério porém amoroso, que mudara tanto nos últimos anos. Lembrou—se da rainha Isabel, sempre muito quieta e digna, mas ao mesmo tempo cheia de energia e determinação. A tristeza a modificara, aquela tristeza que a acometia quando ela olhava para seus filhos tão queridos.

Na Espanha eu era muito amada, pensou a infanta. O que irá me acontecer na Inglaterra? Quem irá me amar lá? Eu não sou nem ao menos bonita como minhas damas de honra. Comparada a elas, vou parecer mais feia ainda. Não foi gentil do meu sogro exigir que todas as minhas damas de honra fossem bonitas.

— Tudo será diferente — murmurou ela.

— Vossa Alteza falou alguma coisa? — perguntou Elvira Manuel.

— Eu só falei que nessa terra nova nada será como era na Espanha. Até mesmo meu nome será pronunciado de forma diferente. De agora em diante não serei mais Catalina, e sim Catarina. E dizem que na Inglaterra praticamente não há verão.

— Lá não pode ser mais frio do que em algumas partes da Espanha.

— Mas nós vamos sentir falta do sol.

— Quando Vossa Alteza tiver seus filhos não vai se importar se o sol está brilhando ou não.

A infanta virou—se de costas e olhou para a água do mar. Sim, pensou, um filho. Ela sabia que ficaria feliz quando tivesse seus filhos. E queria ter muitos. Seu signo era a romã, que em árabe significava fertilidade. Lembrou—se das árvores de romã que cresciam em profusão nos jardins do Alhambra, juntamente com a

mirta. Sempre que ela via seu signo — e sabia que ao longo da vida não se esqueceria dele —, lembrava—se dos pátios de Granada e da água caindo nas fontes. Pensava na sua infância, nos pais, no irmão e nas irmãs. Será que sentiria sempre tanta saudade assim quando pensasse neles? Talvez quando tivesse seus próprios filhos superasse esse desejo de voltar à infância.

Mas ainda faltava muito para ter filhos; e nesse meio—tempo, sentiria saudade de casa.

— Oh, mãe—murmurou —, eu daria tudo que tenho para estar com a senhora agora.

Nos aposentos reais do Alhambra, a rainha Isabel também estaria pensando nela agora. Estaria rezando pela segurança da filha até a sua chegada à Inglaterra; e para que o casamento de Catarina com o príncipe inglês fosse frutífero, que Catarina chegasse à felicidade que fora negada às suas irmãs, Isabel e Joana, e ao seu irmão João. A infanta estremeceu quando Elvira Manuel disse num tom cortante:

— Está vindo uma brisa, Vossa Alteza. É melhor voltar para sua cabine.

— Não estou com frio — respondeu Catarina, sem sentir o vento. Estava pensando nos dias em que todos eles se reuniam no quarto de brinquedos; no tempo em que ela se sentava no joelho da sua mãe enquanto as irmãs, Isabel e Maria, bordavam seus tapetes e João lia alto para elas. Sua irmã Joana não bordava nem lia, nem ficava quieta ao pé da mãe; a irrequiteta Joana causava grande ansiedade a todos!

Sua irmã Isabel e seu irmão João morreram tragicamente; Maria fora recentemente para Portugal, a fim de se casar com o viúvo de Isabel, Manuel, rei de Portugal. Ela seria feliz lá, pois Manuel era um nobre gentil e cuidaria bem de Maria devido ao grande amor que devotara à sua irmã. E Joana? Quem podia dizer o que estava acontecendo com Joana? Sua vida nunca transcorreria com tranquilidade. Havia boatos de que as coisas não corriam bem no seu casamento com o belo arquiduque Filipe, e que na corte de Bruxelas havia muitas cenas violentas de ciúmes que terminavam numa estranha conduta de Joana.

A infanta sempre percebera que sua irmã Joana não deixava sua mãe ser feliz.

Mas aquela era a família que ela estava deixando. Como seria a nova família à qual se ligaria?

— Arthur, Margarida, Henrique e Maria — disse os nomes baixinho. Eles seriam seus companheiros agora, e ela passaria a ser Catarina, não mais Catalina.

Ela estava indo para um país estranho. O rei e a rainha da Inglaterra seriam seu pai e sua mãe de agora em diante. "Nós cuidaremos da infanta como se fosse nossa própria filha, e sua felicidade será nossa principal preocupação...", escrevera o rei da Inglaterra para sua mãe, que lhe mostrara essas palavras.

— Está vendo? Você vai ter uma nova família, e talvez se esqueça depressa de nós todos — disse a rainha.

Naquele dia, ela não conseguiu preservar a dignidade considerada necessária à infanta da Espanha, e voou para os braços da mãe soluçando.

— Eu nunca me esquecerei de vocês. Nunca deixarei de querer voltar para casa.

Sua mãe chorara com ela. Só nós, seus filhos, sabemos como ela é doce, pensou a infanta. Só nós sabemos que ela é a melhor mãe do mundo e que necessariamente ficaremos de coração partido quando a deixarmos.

A despedida do pai foi diferente.

Ele abraçou—a afetuosamente, beijou—a, mas seus olhos estavam cheios de lágrimas; não de tristeza pela partida da filha, mas por sua satisfação com aquele casamento. Por ele, Catarina já teria sido mandada para a Inglaterra há muito tempo. Fernando precisava da aliança com a Inglaterra, e estava ansioso por esse casamento. Ele gostava dela, mas os maiores amores de sua vida eram o poder e o dinheiro; seu sentimento pelos filhos vinha sempre em segundo lugar, comparado às vantagens que eles podiam lhe trazer.

Portanto, não tentou esconder a alegria com a partida da filha. Ele não era um homem nada sutil.

— Ora, filha, você vai ser a princesa de Gales, e eu garanto que em pouco tempo será a rainha da Inglaterra. Mas não vai se esquecer

da sua pátria, não é?

O significado de suas palavras era diferente do significado das palavras de sua esposa. A rainha dizia: Você se lembrará do amor que temos uma pela outra, da felicidade que tivemos juntas, de tudo que eu lhe ensinei e que irá ajudá-la a enfrentar suas dificuldades com coragem. O rei Fernando dizia: Não se esqueça de que você é uma espanhola. Quando estiver na corte da Inglaterra, fique sempre alerta a possíveis vantagens para a Espanha.

— Escreva sempre—disse Fernando, bem perto do seu ouvido.

— foce sabe quais os canais para me mandar informações secretas.

A infanta fechou os olhos, depois olhou para as águas cinzentas.

Uma tempestade estava realmente se formando. Os perigos do mar se aproximavam. E se o navio não conseguisse chegar à Inglaterra?

Ela segurou—se na balaustrada e pensou em Isabel e João que não tinham mais de se preocupar com os males da Terra. Quanto tempo levaria ainda para sua mãe se encontrar com esses dois filhos?

Aqueles pensamentos eram ruins. Ela ainda não tinha dezesseis anos e já pensava na morte.

Só naquele momento, percebeu a extensão do seu medo.

Isso é covardia, disse para si mesma. Como posso saber o que me espera na Inglaterra?

Enjoada com o balanço do navio, com frio e molhada da água do mar, Catarina ficou ali no convés observando a terra aproximar—se cada vez mais.

Inglaterra! A terra onde um dia ela seria rainha.

Elvira estava ao seu lado.

— Vossa Alteza deve preparar—se para o encontro com o rei.

— A senhora acha que ele estará em Plymouth para me receber?

— Certamente, e o príncipe também. Vamos! Precisamos nos aprontar para o encontro.

As duas foram para a cabine, e as damas de honra juntaram—se em volta delas. Todas mais bonitas que eu, pensou Catarina; e imaginou Arthur olhando para elas, e desapontando—se por sua noiva ser a mais feia de todas.

— O porto aonde vamos chegar fica longe de Londres — disse Elvira. — Ouvi dizer que a viagem até a capital leva três semanas.

Três semanas! pensou Catarina. Não importava o desconforto que ela teria de aguentar, mas sim o fato de a cerimônia do casamento ter de ser adiada três semanas!

Quando ela terminou de se aprontar para ir para o convés, o navio já estava ancorado. O sol começava a brilhar, refletindo—se na água. À sua frente via—se a linda costa de Devon, com o campo mais verde que ela já vira na vida, salpicado de arbustos dourados.

Eles haviam finalmente chegado a Plymouth Hoe, onde um grande número de pessoas carregavam bandeiras dizendo "Bemvinda a princesa de Gales!" "Deus abençoe a infanta da Espanha!".

Quando Catarina chegou ao convés com suas damas e sentiu que estava sendo calorosamente saudada pela multidão, ganhou nova vida. Depois, ouviu os sinos tocarem e viu um pequeno barco aproximando—se do navio, com um grupo de homens esplendidamente vestidos.

O mestre inglês que as levara sãs e salvas até a Inglaterra chegou perto da infanta, fez uma reverência e disse:

— Vossa Alteza está livre do mar. Chegamos a Plymouth Sound, e o povo de Devon está ansioso para mostrar sua alegria em recebê—la. O prefeito e seu conselho administrativo vieram dar—lhe formalmente as boas—vindas.

Catarina virou—se para o intérprete que estava ao seu lado e mandou que ele perguntasse se o rei e o príncipe de Gales encontravam—se em Plymouth.

— Eu acho que eles não fariam essa viagem até Plymouth, Vossa Alteza — foi a resposta. — A viagem de Londres até aqui leva três semanas. Mas nós recebemos ordens para representá—los até que eles próprios possam—lhe oferecer uma recepção real.

Catarina achou que eles estavam dando uma desculpa para a ausência do rei e do príncipe. Não era preciso tanta preocupação, pois ela estava aliviada de ter mais algum tempo consigo mesma até se encontrar com eles.

A infanta recebeu o prefeito e o conselho administrativo com o máximo da graciosidade, como sua mãe esperaria dela.

— Diga que eu estou contente de estar aqui com eles — falou para o intérprete. — Sinto—me grata por ter escapado dos perigos do mar. Estou vendo uma igreja daqui. Gostaria de ir até lá para agradecer a Deus por ter chegado sã e salva.

— Nós cumprimos as ordens de Vossa Majestade — disse o prefeito.

Quando Catarina desceu em terra, o povo de Plymouth juntou—se à sua volta.

Ora, ela é ainda uma criança — disseram. Embora seu rosto estivesse coberto por um véu, não havia dúvida de que ela era muito jovem; muitas mães no meio da multidão entristeceram—se ao imaginar aquela menina saindo de casa para viver num país estranho.

Como ela era corajosa! Não dava nenhum sinal de inquietude. "Ela é uma verdadeira princesa", diziam. "Deus a abençoe!"

Catarina de Aragão passou pelas ruas de Plymouth para agradecer a Deus por sua chegada à Inglaterra, e rezar para não incorrer em nenhuma ofensa ao povo do seu novo país e para agradar a todos da melhor forma possível.

Ao passar por aquelas ruas impregnadas do cheiro do mar, ela sentiu—se mais animada. Sorriu para todos aqueles que queriam vê—la de perto. O modo franco dos ingleses lhe era estranho, mas aquela demonstração de alegria deu à menina solitária um conforto infinito.

A Viagem para Londres começou. Foi inevitavelmente lenta, pois o povo da Inglaterra tinha ordens do rei de receber a princesa da Espanha calorosamente. Essas ordens eram desnecessárias; eles estavam sempre prontos a encontrar uma razão para demonstrar sua alegria.

Nos vilarejos e cidades por onde passava, a cavalgada era detida pelo povo. A princesa tinha de apreciar as danças regionais e admirar as decorações florais e as fogueiras feitas em sua homenagem.

Todos sentiam—se atraídos por aquela princesa suave. Ela era muito criança, muito tímida, uma menina de grande dignidade.

Foi uma viagem agradável de Plymouth até Exeter, e Catarina espantou—se com o calor e o brilho do sol. Tinham—lhe dito que ela só veria garoa e névoas, mas o sol brilhava tanto quanto na Espanha, e os campos eram os mais verdes que ela já tinha visto.

Em Exeter, a natureza da viagem mudou. Naquela cidade nobre, houve mais cerimónias em sua homenagem que em Plymouth, e ela percebeu que até chegarem a Londres as coisas continuariam assim.

Esperando para recebê—la estava Lord Willoughby de Broke, que declarou ser o Alto Administrador da corte do rei e que recebera ordens expressas de Sua Majestade para fazer o que fosse necessário em prol do seu conforto.

Catarina garantiu que não havia nada mais a ser feito, mas ele curvou—se numa reverência e deu um sorriso grave, mostrando que ela não tinha ideia da extensão da hospitalidade inglesa.

Em volta dos alojamentos da infanta, havia guardas e soldados da milícia, todos de uniformes azul—rei e branco—um lindo cenário.

Catarina conheceu o embaixador do seu pai na Inglaterra e na Escócia, D. Pedro de Ayala, um homem espirituoso e divertido, cuja permanência em Londres parecia ter—lhe tirado a dignidade espanhola. Teve também o prazer de conhecer o Dr. de Puebla, o homem que Fernando dissera que ela devia procurar, caso tivesse algum assunto sigiloso a tratar com ele na Espanha.

Ela percebeu que esses dois homens eram até certo ponto espões de seu pai, como muitos embaixadores eram para seus próprios países. É que diferença entre os dois! D. Pedro de Ayala era um aristocrata, que tinha recebido o título de bispo das Canárias. Bonitão, elegante, soube encantar Catarina com seus modos refinados. Puebla era de origem humilde, um advogado que chegara àquela posição por seu próprio valor. Era muito culto e desprezava todos que não o fossem; colocava Ayala nessa categoria, pois o bispo passara a juventude numa vida desregrada, já que vinha de família nobre e não considerava necessário atingir um alto conhecimento.

Os modos de Puebla eram irritantes, pois ele achava que se tudo tivesse acontecido como ele gostaria, teria saudado a infanta sem a

ajuda de Ayala. Ayala estava a par dos sentimentos de Puebla com relação a ele, e fazia o que podia para agravar essa situação.

Quando eles saíram de Exeter, D. Pedro de Ayala foi cavalgando de um lado de Catarina, e Lord Willoughby de Broke do outro; Puebla ficou para trás, morrendo de raiva.

Ayala conversou com Catarina em castelhano, pois sabia que Willoughby de Broke não poderia entender.

— Espero que Vossa Alteza não tenha sido incomodada por Puebla, aquele sujeito abominável.

— De maneira nenhuma— disse Catarina. — Ele foi muito atencioso comigo.

— Cuidado com ele. Esse sujeito é um aventureiro e além do mais um judeu.

— Ele está a serviço dos soberanos da Espanha — disse ela.

— Sim, Alteza, mas seu nobre pai tem consciência de que ele é mais leal ao rei da Inglaterra que ao rei da Espanha.

— Então por que não foi dispensado e substituído por outro?

— Porque, Vossa Alteza, ele compreende o rei da Inglaterra, e o rei da Inglaterra o compreende. Ele está nesta terra há muito tempo. Em Londres, trabalha como advogado, e vive como um inglês. Ah, eu sei de algumas histórias sobre ele. Puebla é um avaro, tão avaro que é uma vergonha para o nosso país. Mora numa casa de má fama, e eu ouvi dizer que quando não janta na mesa do rei, janta nesse cortiço a dois centavos por dia. É uma quantia muito baixa para um homem da sua posição pagar, e eu ouvi dizer que o senhorio tem prazer em hospedá-lo a troco de certos favores.

— Que favores? — perguntou Catarina.

— Puebla é um advogado praticante, e vive em bons termos com o rei da Inglaterra. Ele protege seu senhorio contra a lei, Alteza.

— É estranho meu pai empregar esse homem, se ele é tudo o que o senhor diz.

— Sua Alteza acredita que ele tem uma certa utilidade. Há alguns anos o rei da Inglaterra ofereceu—lhe uma diocese, que lhe teria dado uma boa renda.

— E ele não aceitou?

— Ele queria aceitar, Alteza, mas não podia sem o consentimento dos seus pais. E o consentimento lhe foi negado.

— Então, ao que parece, eles valorizam seus serviços.

— Oh, ele conquistou sorrateiramente a confiança do rei. Mas cuidado com esse homem, Alteza. Ele é judeu, e é um homem ressentido como todos eles.

Catarina ficou em silêncio, pensando como tinha sido desagradável conviver com esses dois embaixadores que se detestavam tanto; e não ficou nada surpresa quando Puebla aproveitou a oportunidade para preveni-la contra Ayala.

— Ele é um presunçoso, Alteza. Não é uma pessoa confiável. Um bispo! Não conhece nada de lei e nunca dominou o latim. Seu estilo de vida é uma vergonha para a Espanha.

E ele tem a coragem de se chamar de bispo! Ayala devia estar na Escócia agora! Foi para isso que foi mandado para este país.

— Meus pais não ficariam contentes de saber dessa discórdia entre seus dois embaixadores.

— Alteza, eles sabem disso. Eu estaria negligenciando meus deveres se não os informasse. Portanto, seus pais foram informados por mim.

Catarina olhou com desprezo para Puebla. Além de não ter as boas maneiras de Ayala, parecia pomposo, e ela achava que a mesquinharia dele, que fora notada por muitas de suas damas, era humilhante para a Espanha.

— Eu usei Ayala na Escócia—continuou Puebla. — Ele foi útil lá para consolidar as relações entre ingleses e escoceses, Alteza, o que desejava vosso nobre pai. A guerra entre a Inglaterra e a Escócia seria embaraçosa para ele naquela época; Jaime IV estava protegendo o impostor Perkin Warbeck, e provavelmente iria apoiá-lo.

— Warbeck pagou o preço por sua presunção — falou Catarina.

— Estou vendo que Vossa Alteza parece informada sobre a política inglesa.

— Sua Alteza, minha mãe, fez questão que eu conhecesse alguma coisa do país no qual eu iria morar.

Puebla sacudiu a cabeça.

— É sempre possível haver impostores assim quando dois jovens príncipes desaparecem. Nosso Perkin Warbeck dizia ser Ricardo, Duque de York.

— Que tristeza para a rainha da Inglaterra — falou Catarina.

— Ela ainda chora a perda de seus dois irmãos que desapareceram tão misteriosamente na Torre de Londres?

— A rainha não pode mostrar seus sentimentos. Ela tem filhos, um bom marido e uma coroa, que não seria dela se seus irmãos estivessem vivos.

— Mas mesmo assim, ela deve ter tristeza — disse Catarina, pensando no seu próprio irmão João, que morrera jovem e lindo, poucos meses após se casar. Ela nunca se esqueceria de João e do choque que teve com sua morte trágica.

— Bem, enfim Warbeck foi enforcado em Tyburn, e esse assunto foi encerrado. Isso seria satisfatório se Ayala não tivesse trocado a corte escocesa pela inglesa. Londres lhe agrada mais que Edinburgo. Ele não gosta do clima frio do norte, nem da rudeza dos castelos escoceses. Portanto... agora está conosco.

Ayala aproximou—se deles.

— Dr. de Puebla — disse, com um sorriso sarcástico —, seu gibão está rasgado. Isso é jeito de aparecer diante da nossa infanta? Puebla é um pão—duro. Se Vossa Alteza olhar para a forma do seu nariz vai saber por quê.

Catarina ficou horrorizada com aquelas palavras de escárnio, e não olhou para Ayala.

— Alteza — gritou Puebla —, por favor, considere o seguinte: D. Pedro de Ayala pode ter um nariz de castelhano, mas as bolsas abaixo dos olhos revelam o tipo de vida que ele leva. A gente nasce com certo tipo de nariz, mas isso não é sinal de vida desregrada e viciada...

Ayala aproximou seu cavalo do cavalo de Catarina.

— Não preste atenção a ele, Alteza. Ele é um homem desclassificado; ouvi dizer que sua atividade em Londres é a de usurário. Mas o que se pode esperar de um judeu?

Catarina bateu na anca do cavalo e adiantou—se do grupo, ficando ao lado de Lord Willoughby de Broke.

Estava alarmada. Aqueles dois homens, que não conseguiam controlar o ódio que sentiam um pelo outro, eram quem seus pais tinham escolhido para serem seus guias e conselheiros durante seus primeiros meses naquela terra estranha.

Mas à medida que a viagem transcorria, Catarina sentia—se mais atraída pela alegria de Ayala.

Descobriu que ele era divertido e espirituoso, que estava sempre pronto a responder às suas perguntas sobre os costumes do país e, sobretudo, a contar bisbilhotices sobre a família à qual ela em breve pertenceria.

Grande parte do tempo Catarina viajou de liteira, embora ocasionalmente montasse uma mula ou um palafrém. O mês de outubro na Inglaterra não era frio, mas havia muita umidade no ar, e em geral o sol era visto apenas como uma bola vermelha através da névoa. Às vezes, caíam umas pancadas de chuva, quase sempre breves; quando o sol aparecia por trás das nuvens, Catarina aproveitava seu calor. Nos vilarejos aonde passavam, o povo saía às ruas para ver a infanta, e eles eram recepcionados nas casas dos nobres locais.

Nessas ocasiões a comida era farta, e Catarina notou que seus novos conterrâneos gostavam muito de comer. Os serviçais das casas onde a comitiva era recebida juntavam—se para vê—la — homens e mulheres de bochechas rosadas, gritando entre si e sempre rindo. Como eles eram diferentes dos espanhóis! Pareciam ter pouca dignidade e pouco respeito pela dignidade dos outros. Mas eram francos; tinham gostado de Catarina e não hesitavam em demonstrar isso.

Não fosse pelas dificuldades que ela sabia que a esperavam em breve, teria se divertido naquela viagem por terras enevoadas sob um sol desbotado, com o exuberante povo de bochechas rosadas.

Em geral, Ayala seguia a cavalo ao lado da sua liteira, respondendo sempre às suas perguntas com a maior presteza. Ela trocara o pomposo Puebla de roupas velhas pelo alegre clérigo, e Ayala estava determinado a explorar essa situação ao máximo.

Fez com que a infanta sentisse que havia uma conspiração entre eles, o que até certo ponto era verdade. Quando ele começava a falar

em castelhano, nenhum dos que estavam ali conseguia entender uma palavra do que era dito.

Sua conversa era animada e escandalosa, mas Catarina achava que era disso que ela precisava, e gostava de estar com ele.

— Vossa Alteza deve ter cuidado com o rei — disse ele. — Não é preciso temer Arthur; ele é suave como uma criança. Poderá ser moldado a seu modo... não é preciso temê-lo. Mas se seu noivo fosse Henrique, a coisa seria diferente. Agradeça a todos os santos por Henrique ser o segundo filho e Arthur ter sido destinado à Vossa Alteza.

— Fale o que sabe sobre Arthur. Ayala levantou os ombros.

— Ele é um rapaz um pouco nervoso, rosado e branco, com cabelos dourados, meia cabeça mais baixo que Vossa Alteza. Será seu escravo.

— É verdade que não tem boa saúde?

— É, mas vai superar isso. E parece mais fraco porque sempre o comparam com o robusto Henrique.

Catarina ficou aliviada; estava adorando a ideia de um marido jovem e gentil. Já começava a pensar nele como seu irmão João, que era louro como um anjo e gentil a seu modo.

— O senhor disse que eu devo ter cuidado com o rei.

— O rei é quieto e impiedoso. Se não gostar de Vossa Alteza não terá constrangimento em mandá-la de volta para a Espanha.

— Isso não seria nada desesperador para mim.

— Mas seria para seus pais reais. E pense na desgraça para Vossa Alteza e para a Casa da Espanha.

— O rei é temível?

— Ele será gentil com Vossa Alteza, mas ficará sempre vigiando suas ações. Não se engane com seus modos suaves. O rei vive com medo de que alguém venha reivindicar

o trono e de que ele acabe destronado. Nem sempre é confortável manter uma coroa.

Catarina assentiu, e pensou na discórdia que surgira nos primeiros anos de casamento dos seus pais, quando Isabel aderiu à Guerra da Sucessão.

— Há um mistério em torno da morte dos dois irmãos menores da rainha: o mais velho, rei Eduardo V e o mais moço, duque de York. Muitos dizem que eles foram assassinados

na Torre de Londres por seu tio, o aleijado Ricardo; seus corpos nunca foram encontrados, e os boatos ligados a essas mortes são de arrepiar os cabelos, Alteza.

Catarina estremeceu, e disse baixinho:

— Pobres crianças.

— Agora não se pensa mais nisso, e o rei que se senta no trono é um homem sensato. Casou—se com a irmã dos príncipes, portanto aderiu às duas facções opostas. Seria mais sensato não pensar no passado, Alteza. Houve dois pretendentes para o trono: Perkin Warbeck e Lambert Simnel. Simnel, que fingia ser Eduardo Plantageneta, conde de Warwicke sobrinho de Ricardo III, está agora servindo como ajudante de cozinha entre os serviçais do rei. Ele era obviamente um impostor, por isso o rei mandou—o para a cozinha. Mas Warbeck foi enforcado em Tyburn. O rei gosta de dar demonstrações ao seu povo, pois vive em perpétuo terror de que alguém tente destroná—lo.

— Eu espero cair nas boas graças dele.

— Seu dote já caiu nas boas graças dele, e Vossa Alteza também irá agradá—lo.

— E a rainha?

— Não é preciso temer a rainha. Ela a receberá com muito carinho. A rainha não tem influência sobre o rei, que insiste em mostrar—lhe que não deve o trono a ela. Ele é o tipo de homem que não aceita conselhos de ninguém; a única pessoa que consegue influenciá—lo de alguma forma é a mãe dele. Vossa Alteza deve tentar agradar a Margaret Beaufort, condessa de Richmond, se desejar agradar ao rei; e para tal, basta dar muitos herdeiros à casa real.

— Eu rezo para que Deus me faça uma mulher fértil. Parece que todas as princesas rezam por isso.

— Se houver mais alguma coisa que Vossa Alteza queira saber em qualquer tempo, peço que pergunte a mim e ignore o judeu.

Catarina fez uma mesura com a cabeça. E assim transcorreu a viagem.

O Rei saiu do palácio de Richmond, impaciente e ansioso para ver a infanta espanhola, que levara tanto tempo para chegar ao país. Arthur estava fazendo uma visita ao País de Gales, onde foi muito bem—recebido; na opinião de seu pai, ele devia visitar de quando em vez o principado para lembrar ao povo que era o príncipe de Gales. Recebeu um recado do rei para que fosse o mais rápido possível a East Hampstead, para dar as boas—vindas à sua noiva.

Henrique não gostava de viajar, pois não era homem de ação, e achava que as viagens causavam despesas desnecessárias.

— Mas na ocasião do casamento do meu filho, será preciso soltar um pouco— resmungou para Empson.

— Isso mesmo — foi a resposta.

— Espero que tenhamos renda suficiente para essa ocasião disse o rei, suspirando. E Empson decidiu criar, então, uns impostos para fazer frente às despesas extras.

Henrique deu um sorriso desanimado, mas na verdade sentia-se exultante por seu filho estar se casando com uma das princesas mais ricas da Europa. Era uma boa coisa aquela pequena ilha ser aliada do país mais poderoso do mundo; e que ligação melhor que não os laços do matrimônio?

O que o rei mais precisava era de herdeiros, e se essa menina lhe desse isso, tudo estaria bem. Mas ele estava um pouco ansioso a respeito da infanta. O irmão dela, herdeiro da Espanha, morrera logo depois do casamento. Exausto de ser marido, diziam alguns. Ele esperava que Catarina tivesse mais saúde que o irmão. E seu filho Arthur? Sua tosse e o sangue que cuspiam denotavam fraqueza. Era preciso muito cuidado com Arthur, que ainda nem completara quinze anos. Ele seria jovem demais para enfrentar um casamento?

O rei não consultara seus médicos, não consultara ninguém. Ele, e somente ele, decidiria se o casamento deveria ser consumado imediatamente ou se o casal real deveria esperar mais uns meses, ou talvez um ano.

Gente jovem, pensou, podiam querer entregar—se ao ato do amor sem nenhuma restrição. Mas ele não acreditava que esse fosse o caso de Arthur. com Henrique as coisas seriam diferentes; ele não

teria nenhuma preocupação se o noivo fosse Henrique. Mas, e a infanta?

Ela seria uma mulher saudável? Ou doente como sua irmã mais velha, que morrera recentemente de parto?

Quanto mais o rei pensava sobre isso, mais ansioso ficava para conhecer a infanta.

Houve uma certa confusão no grupo da infanta.

Ayala recebera uma mensagem dizendo que o rei estava indo encontrar—se com a noiva de Arthur; ela passara a noite na residência do bispo de Bath, em Dogmersfield, que ficava a umas quinze léguas da Ponte de Londres.

Ayala não passou a notícia para Puebla, pois estava determinado a esconder tudo daquele homem; não só porque não gostava dele e não perdia uma oportunidade de insultá-lo, como também porque realmente acreditava que Puebla tendia mais a servir a Henrique VII da Inglaterra que a Isabel e a Fernando da Espanha.

Então ele procurou Elvira Manuel.

— O rei está vindo encontrar—se conosco para conhecer a infanta — disse abruptamente.

— Mas isso é impossível — falou Elvira. — O senhor conhece as recomendações de Sua Alteza.

— Conheço. A infanta só deverá ser vista pelo noivo ou por qualquer elemento da corte inglesa quando estiver casada. E deverá manter o véu no rosto até depois da cerimónia.

— Eu estou determinada a obedecer às ordens do rei e da rainha da Espanha — disse Elvira. — Os desejos do rei da Inglaterra não me importam.

— Não sei o que Henrique dirá sobre isso — falou Ayala com um sorriso matreiro, pois achava a situação picante e divertida.

— Uma coisa é certa — continuou Elvira Manuel. — Para evitar discórdias, o senhor deve encontrar—se com o rei e explicar—lhe tudo isso.

— Eu sairei imediatamente — falou Ayala. — Nesse meio—tempo, a senhora deve avisar à infanta.

Ayala seguiu para East Hampstead, e Elvira Manuel, com os lábios apertados, preparou—se para a batalha.

Foi ver Catarina para lhe dizer que o rei desejava conhecê-la, mas que em hipótese nenhuma isso devia acontecer.

Catarina ficou preocupadíssima, receosa de que o rei da Inglaterra a considerasse extremamente grosseira com aquela recusa.

Quando Arthur encontrou-se com o pai em East Hampstead, Henrique achou-o abatido e preocupado.

Não, decidiu o rei, este casamento não será consumado antes de um ano. De qualquer forma, duvido que Arthur seja capaz de consumá-lo.

— Ajeite os ombros, meu rapaz—disse o rei. —Você está muito curvo.

Arthur ajeitou a postura obedientemente, sem qualquer ressentimento. Como o jovem Henrique teria se comportado de forma diferente! Mas é claro que não havia necessidade de criticar a conduta de Henrique.

Nós temos de ter mais filhos, pensou o rei, angustiado.

— Bem, meu filho, muito em breve você estará face a face com sua noiva.

— Sim, pai.

— Não deve deixar que ela o considere uma criança. Ela é quase um ano mais velha que você.

— Eu sei, pai.

— Muito bem. Então, prepare-se para conhecê-la.

Arthur pediu permissão para se retirar e ficou contente quando chegou aos seus aposentos. Estava muito ansioso. O que deveria dizer à sua noiva? O que deveria fazer com ela? Seu irmão Henrique falava sobre esses assuntos com um tom matreiro. Eleja conhecia muita coisa sobre a vida. Henrique é quem devia ter sido o filho mais velho.

Ele seria um bom rei, pensou Arthur. Eu me sairia melhor na Igreja.

Ficou pensando na paz da vida monástica. Que alívio! Ficar sózinho, ler, meditar, não ter de tomar parte proeminente nas cerimónias, não ter de sofrer uma contínua reprovação por se cansar depois de cavalgar poucas horas, por não poder jamais fazer a bela figura que Henrique fazia em todos os torneios.

— Se eu ao menos não fosse o primogénito! — murmurou para si mesmo. — Se eu pudesse milagrosamente mudar de lugar com meu irmão Henrique, como ficaria feliz!

Na manhã seguinte, o rei partiu para Dogmersfield, tendo ao seu lado o príncipe.

Começou a chover logo depois, e o rei olhou aflito para Arthur, que parecia não estar se sentindo bem na sela. Sua tosse voltaria se ele se molhasse; embora fosse fina, era uma chuva penetrante.

Arthur achava que era sua culpa não ter nascido forte. Ele tentou sorrir, como se adorasse andar a cavalo na chuva.

Quando estavam a poucos quilómetros do palácio do bispo, o rei viu um cavaleiro galopando na direção deles e reconheceu logo o embaixador espanhol Ayala.

Ayala parou diante do rei, tirou o chapéu e fez uma graciosa reverência.

— Eu fui avisado de que Vossa Majestade estava vindo ver a infanta.

— A informação está agora confirmada — falou o rei. — Nosso jovem noivo estava tão impaciente, que quando soube que a infanta estava em Dogmersfield resolveu não esperar mais nada. Ele próprio voltou às pressas do País de Gales, pois está ansioso para ver sua noiva.

Arthur tentava forçar uma expressão que confirmasse as palavras de seu pai quando o embaixador espanhol deu um sorriso irónico na sua direção, mostrando que compreendia seu nervosismo.

— Que pena! — falou Ayala. — Vossa Majestade não poderá ver a noiva.

— Eu... não poderei ver a noiva? — perguntou o rei com um tom frio na voz.

O rei e a rainha da Espanha insistem que a filha deles observe os costumes das donzelas espanholas nobres. A infanta manterá o rosto coberto com um véu até depois

da cerimónia; nem mesmo o noivo poderá ver seu rosto antes disso.

O rei ficou em silêncio. Veio—lhe uma terrível suspeita, pois ele era um homem muito desconfiado. Por que ele não podia ver o rosto

da infanta? O que os soberanos espanhóis tinham a esconder? Estariam lhe mandando uma criatura deformada? "Só depois da cerimónia." Essas palavras pareciam de mau agouro.

— É uma condição bem estranha — disse Henrique.

— É um costume espanhol.

— Eu não gostei disso.

Virou a cabeça ligeiramente e disse por cima do ombro.

— Vamos formar um conselho, meus senhores. Temos um assunto urgente a decidir. Senhor embaixador, com licença. Não levaremos muito tempo para chegar a uma decisão.

Ayala fez uma mesura com a cabeça e dirigiu—se para o lado da estrada, enquanto o rei indicava com a mão um campo próximo.

— Venha conosco, Arthur. Você precisa fazer parte deste conselho — disse o rei.

Seguiu com o filho para o centro do campo, e seu séquito reuniu—se à sua volta. Então ele disse ao grupo:

— Eu não gostei disso. Não me permitiram ver a noiva do meu filho, embora ela esteja nas minhas terras. Não desejo agir contra a lei a esse respeito, portanto o conselho deve decidir o que deve ser feito. A infanta casou—se com o príncipe por procuração. O que temos de decidir é se ela já é minha súdita desde então; se for, temos de saber que lei proíbe que eu a veja se desejar. Eu vos rogo, senhores, que considerem este assunto na maior brevidade possível, pois a chuva não dá sinal de diminuir e nós estaremos ensopados quando chegarmos a Dogmersfield.

Houve um murmúrio entre os conselheiros, enquanto Henrique os observava a distância. Como sempre, ele havia declarado o que desejava e esperava que seus conselheiros lhe obedecessem. Se algum deles criasse objeções aos seus desejos, mais tarde seria considerado culpado por alguma ofensa; não iria para a prisão, mas teria de pagar uma vultosa multa.

Todos sabiam disso. Muitos tinham pago altas multas por pequenas ofensas. O rei não pensava mal deles depois que a multa era paga. O que o aplacava era o dinheiro.

Em poucos segundos o conselho tomou sua decisão.

— Em um reinado, o mestre absoluto é o rei; ele não tem de se sujeitar a nenhuma lei ou costume estrangeiro. Todos os súditos do rei devem obedecer aos seus desejos; embora a infanta tenha se casado com o príncipe de Gales por procuração, ela é uma súdita do rei.

Os olhos de Henrique brilharam de satisfação, mas com ligeiro pesar. No futuro ele não poderia, com justiça, extrair uma bela multa de nenhum deles.

— Esta resposta era a única que eu esperava dos senhores disse.  
— Não se pode imaginar que o rei não tenha permissão de ver qualquer de seus súditos.

Saiu do campo onde seus conselheiros estavam reunidos e dirigiu—se para Ayala, que esperava do outro lado da estrada.

— A decisão foi tomada—disse, virando—se depois para Arthur.  
— O senhor pode liderar nossa cavalgada até Dogmersfield. Eu irei na frente.

Esporeou o cavalo e saiu galopando; Ayala, rindo por dentro, seguiu—o de perto.

Os soberanos da Espanha iriam saber que Henrique da Inglaterra não era homem de receber ordens, pensou o embaixador. Ficou imaginando o que Dona Elvira Manuel diria quando se confrontasse com o rei da Inglaterra.

Catarina estava sentada com suas damas de honra quando sentiu que havia uma confusão no corredor de baixo. O tempo estava muito ruim para elas saírem do palácio do bispo, por isso tinham decidido esperar até a chuva passar.

Elvira surgiu, e Catarina ficou espantada com sua agitação.

— O rei está lá embaixo — disse ela. Catarina levantou—se alarmada.

— Ele insiste em ver Vossa Alteza. Declarou que vai ver Vossa Alteza de qualquer forma. Eu nem posso imaginar o que seus pais reais dirão quando souberem disto.

— Mas o rei da Inglaterra não foi informado do desejo dos meus pais?

— Ao que parece, há apenas uma pessoa cujos desejos são considerados neste país, ou seja, o rei da Inglaterra.

— O que está acontecendo lá embaixo?

— O conde de Cabra está dizendo para o rei que Vossa Alteza só deve ser vista depois do casamento, e o rei está dizendo que não irá esperar até lá.

— Só há uma coisa a ser feita — falou Catarina com calma. Nós estamos na Inglaterra, e enquanto estivermos no país do rei devemos obedecer—lhe. Vamos parar com esses protestos. Vamos esquecer nossos próprios costumes e adotar os costumes deles. Vá dizer que estou pronta para receber o rei.

Elvira olhou atônita para ela; Catarina estava igual à mãe, e nem mesmo ela teve coragem de desobedecer às suas ordens, pois estaria desobedecendo a Isabel de Castela.

Catarina olhou na direção da luz, com o véu jogado para trás.

Viu o sogro, um homem de estatura pouco acima da média, tão magro que suas vestimentas ficavam soltas no corpo; seu cabelo louro, quase até os ombros, estava escorrido e molhado; o manto que cobria seu gibão era debruado de arminho no pescoço e nas mangas largas. Ele tinha lama na roupa e até mesmo no rosto. Via—se que havia viajado a cavalo naquele tempo inclemente, e que não achara necessário tirar a sujeira da viagem antes de encontrar—se com ela.

Catarina sorriu e deixou—se examinar por aqueles olhos alertas e astutos, que procuravam algum defeito, alguma deformidade que os pais da infanta quisessem esconder.

Henrique não falava espanhol nem latim. Catarina aprendera um pouco de francês com a esposa do seu irmão João, Margarida da Áustria; mas a estada da cunhada na Espanha fora curta, e depois que ela partiu Catarina não teve mais ninguém com quem falar naquela língua. Henrique falou em inglês:

— Bem—vinda à Inglaterra, minha senhora infanta. Meu filho e eu esperamos ansiosos por sua chegada durante meses. Se nós fomos rudes em deixar de lado os costumes do seu país, pedimos perdão. A senhora há de compreender que agimos assim pelo grande desejo que tínhamos de lhe dar as boas—vindas.

Catarina tentou responder em francês, mas acabou passando para o espanhol. Fez uma reverência diante do rei, enquanto ele examinava os detalhes da sua figura. Aquela infanta espanhola era

saudável, mais que seu frágil Arthur. Era também bem mais alta, e seus olhos e sua pele eram claros. Ela era robusta; não voluptuosa, porém forte. Não tinha grande beleza, mas era saudável e jovem. Seus pais só pretenderam escondê-la dele e do noivo exclusivamente em razão dos costumes espanhóis. A única coisa realmente bonita nela eram seus cabelos fartos e grossos, cabelos saudáveis, de tom ligeiramente avermelhado.

Henrique ficou satisfeito.

Catarina falava com ele agora na sua própria língua, e embora ele não a compreendesse sabia que ela estava respondendo às suas boas — vindas com graça e charme.

Tomou a mão da infanta e levou — a até a janela.

Depois fez um sinal para Ayala, que acabara de entrar na sala.

— Diga à infanta que estou muito contente.

Ayala traduziu, e Catarina respondeu que a bondade do rei deixava — a muito contente também.

— Diga — lhe que em poucos minutos seu noivo vai chegar a cavalo ao palácio, à frente do seu séquito. Eles não podem estar a mais de meia hora daqui.

Ayala transmitiu também essas palavras para Catarina, e ela sorriu.

Ela estava entre o rei e Ayala quando viu seu noivo pela primeira vez.

Ele parecia muito pequeno à frente de todo aquele grupo; à primeira vista parecia muito jovem, mais que ela, e parecia também muito assustado, mais que ela.

Naquele momento, a infanta ressentiu — se menos do seu destino.

E determinou que ela e Arthur seriam felizes para sempre.

No final da noite, Catarina estava quase bonita à luz da vela, com o rosto afogueado e os olhos cinza cheios de entusiasmo. Suas damas de honra, todas escolhidas a dedo, eram na verdade muito belas. Dona Elvira Manuel sentou — se a distância, com a cara amarrada. Não podia esquecer que os desejos de seus soberanos tinham sido ignorados.

A infanta tinha convidado o rei e o príncipe para cear em seus alojamentos no palácio do bispo; na galeria, os menestrelis tocavam.

A ceia foi prolongada, e Catarina espantou-se, como sempre, com a quantidade que se comia na Inglaterra. No banquete daquela noite, foram servidos porco, galo, pavão, galinha, carneiro e vaca, tortas deliciosas, veado, peixe e aves silvestres, tudo regado a vinho seco e vinho doce.

Os ingleses lambiam os lábios e mostravam sua admiração pela comida, e até os olhos do rei brilhavam de prazer. Só aqueles que o conheciam podiam imaginar que ele estava calculando quanto teria custado aquele banquete; se o bispo podia fazer frente àquelas despesas poderia contribuir com a mesma generosidade para o tesouro público, sempre ávido por mais.

O príncipe sentou-se ao lado de Catarina. Tinha maneiras elegantes e parecia excessivamente crítico; sua camisa era impecavelmente limpa, de uma seda fina no colarinho e nos punhos. Seu manto era debruado de pele como o do seu pai, e seu cabelo louro caía-lhe no rosto, brilhando como ouro, já quase seco da chuva.

Sua pele era leitosa, com um ligeiro rosado nas bochechas, e os olhos azuis pareciam afundados na órbita. Seu sorriso era doce e um tanto tímido, e Catarina sentiu-se atraída por ele. Arthur não se parecia nada com o pai, nem com Fernando. Isabel lhe contara que na primeira vez em que viu Fernando achou-o o homem mais lindo do mundo. Catarina não pensava assim sobre Arthur, mas Isabel de Castela, depois de conhecer Fernando de Aragão, decidiu que só se casaria com ele, e enfrentou graves problemas para evitar os casamentos que lhe tentaram impingir.

Nem todos os casamentos podiam ser iguais ao de Isabel e Fernando, e mesmo eles tiveram momentos de discórdia. Catarina lembrava-se das brigas entre seus pais em razão do poder. Ela sabia que tinha outros irmãos, filhos só do seu pai.

Quando Catarina olhou para Arthur, teve certeza de que o casamento deles seria diferente do de seus pais.

Arthur conversou com ela em latim, pois não falava espanhol e ela não falava inglês.

Isso seria remediado em breve, disse o príncipe. Ela lhe ensinaria sua língua, e ele lhe ensinaria a língua dele. Arthur agradeceu a

Catarina as cartas que ela lhe escrevera, e Catarina agradeceu a Arthur as cartas dele.

Eram cartas rápidas e formais em latim, escritas por insistência dos pais, sem dar ideia da relutância de ambos com relação àquele casamento; mas agora que tinham—se conhecido, eles sentiam—se confortados.

— Estou ansiosa para conhecer seu irmão e suas irmãs — disse Catarina.

— A senhora os conhecerá muito em breve.

— O senhor deve sentir—se contente de viver entre eles. Os meus irmãos se separaram de mim há muito tempo. Todos eles.

— A senhora deve ter sofrido muito com isso. Catarina baixou a cabeça.

— A senhora vai gostar dos meus irmãos — continuou ele. Margarida tem muito bom senso, vai ajudá—la a compreender nossos costumes. Maria é ainda muito criança e bastante mimada, mas é muito charmosa. Quanto a Henrique, no momento em que a senhora o conhecer vai ter pena de ele não ser o primogénito do meu pai.

— E por que eu teria pena disso?

— Porque a senhora vai ver que ele é melhor que eu em todos os sentidos; se fosse o filho mais velho do meu pai, viria a ser seu marido.

— Mas ele é um menino, não é?

— Tem dez anos, mas já tem a mesma altura que eu. É cheio de vitalidade, e as ovações do povo são sempre dirigidas a ele. Eu acredito que todos gostariam que ele fosse o primogénito. Mas como não é, certamente será o arcebispo de Cantuária, e eu usarei a coroa.

— O senhor preferiria ser o arcebispo de Cantuária? Arthur sorriu para ela. Sentiu que seria uma rudeza admitir isso, pois se ocupasse esse cargo não se casaria com ela. Então, disse timidamente:

— Eu já preferi, mas agora acho que mudei de ideia. Catarina sorriu. Era tudo muito mais fácil do que ela imaginara. Elvira aproximou—se dela e cochichou no seu ouvido:

— O rei gostaria de assistir a umas danças espanholas. Gostaria de ver Vossa Alteza dançar. Vossa Alteza só deve dançar com uma de suas damas de honra.

— Acho que vou gostar disso.

Catarina levantou—se e escolheu duas de suas damas de honra para dançarem com ela uma das danças mais majestosas da Espanha. A uma ordem sua, os menestréis começaram a tocar.

As três graciosas moças dançando solenemente à luz de vela criaram um belo cenário.

Arthur ficou observando, com os olhos claros brilhando de prazer. Como a infanta era graciosa! Que maravilha poder dançar sem perder o fôlego!

Os olhos do rei a examinavam. A menina era saudável, pensou. Teria muitos filhos. Não havia nada a temer. Além do mais, Arthur sentia—se atraído por ela; parecia ter amadurecido um pouco naquela última hora. Ele estaria pronto? Que problema! Talvez aquele menino hipersensível ficasse apavorado na hora de ir para a cama com ela, talvez achasse que era impotente. Por outro lado, se ele provasse que não era impotente, será que não se excederia e acabaria comprometendo sua saúde?

O que fazer? Esperar? Não faria mal nenhum esperar. Talvez seis meses. Um ano. Mesmo assim, os dois ainda seriam muito crianças.

Bem que Henrique podia ter sido seu filho mais velho!

Ayala ficou colado ao rei, matreiro, tentando adivinhar seus pensamentos.

— A infanta disse que como não quer que Vossa Majestade pense que na Espanha todas as danças são solenes, ela e suas damas de honra lhe mostrarão outros tipos de danças.

— Eu terei prazer nisso — falou o rei.

Lá estava a infanta, graciosa, digna, charmosa e alegre como uma cigana, rodopiando pelo salão com as saias fartas, suas mãos brancas tão expressivas quantos seus pés. Catarina de Aragão sabia dançar bem.

O rei bateu palmas, e o príncipe fez eco aos aplausos do pai.

— Estamos gratos às senhoras da Espanha por nos terem apresentado este lindo espetáculo — disse Henrique. — Creio que

nossas danças inglesas não têm o mesmo mérito que as suas, mas como a infanta dançou para o príncipe, o príncipe deveria dançar para a infanta. O príncipe de Gales será o parceiro de lady Guildford em uma de nossas danças inglesas.

Arthur entrou em pânico. Como ele poderia se comparar a Catarina no salão? Ela o desprezaria. Veria como ele era pequeno, como era fraco; ficou apavorado a ponto de perder o fôlego e começar a tossir, como lhe acontecera muitas vezes. Seu pai não ficaria nada contente com isso.

Lady Guildford sorria para ele; Arthur a conhecia bem, pois ela era governanta de suas irmãs, e eles sempre dançavam juntos. O toque de seus dedos frios o confortou; enquanto dançava ele percebeu o olhar grave e observador da infanta, e pensou: ela é uma moça gentil, vai compreender, não há nada a temer.

Terminada a dança, ele sentou—se mais uma vez ao lado da infanta. Estava um pouco arquejante, mas sentia—se muito feliz.

Chegou o dia do casamento. Catarina esperava no palácio do Bispo de St. Paul para ser escoltada à catedral para a cerimônia. Ela seria levada ao altar por seu cunhado, o duque de York, a quem já fora apresentada. Ele a deixara bastante preocupada com seu ar arrogante e uma expressão que ela não conseguiu compreender. Era uma expressão quase sombria e um tanto irritada; Catarina sentiu—se como se fosse um delicioso pedaço de carne que ele desejava e que lhe fora tirado para ser dado a outra pessoa.

Que coisa mais ridícula! Ela não era um pedaço de carne. E por que um menino de dez anos ficaria irritado pelo fato de o irmão estar se casando?

Ela imaginara aquilo; mas mesmo assim ficou muito animada ao pensar que veria o duque de York de novo.

Catarina tinha saído de Lambem para Soutwark, passando pela Ponte de Londres, e seu jovem cunhado foi escoltá—la.

Henrique era um garoto bonito. Entrou nos alojamentos da infanta como se fosse o próprio rei, magnificamente vestido, com um gibão de cetim de mangas cortadas de uma forma extravagante e a gola adornada de rubis. Seu rosto era largo, a boca grande, os olhos azuis e fortes, mas tão pequenos que quando ele sorria pareciam desaparecer no meio do rosto

rosado. Sua pele era clara, brilhante e saudável; o cabelo era louro, com um tom avermelhado. Ninguém poderia ter dúvida de que ele fosse um príncipe. Era difícil acreditar que ele tivesse apenas dez anos, pois parecia mais velho que Arthur. E Catarina ficou imaginando como se sentiria se aquele menino fosse seu noivo em vez do irmão.

Mas eles não a teriam casado com um menino de dez anos. E por que não? Havia muitos casamentos reais de grande incongruência.

Henrique tirou o chapéu de plumas e fez uma reverência para a infanta.

— Madame, seu servo — disse, mas seu olhar não demonstrava a humildade de suas palavras.

Henrique explicou em latim que estava ali para escoltá-la até Londres.

— São ordens do meu pai. Mas mesmo sem suas ordens eu teria vindo.

Catarina não acreditava nisso e achou-o um fanfarrão; mas estava consciente do fascínio que ele exercia, e percebeu que ele sabia disso.

Henrique olhou para o cabelo basto da infanta, que ela soltara para a viagem até Londres, e tocou-o com seu dedo gordo.

— É muito macio — disse, com os olhinhos brilhando. Catarina sabia que estava estranha, com o cabelo solto debaixo do chapéu preso por um laço dourado.

— Seu chapéu parece um pouco com o que os cardeais usam. E ele riu, um riso típico de um menino de dez anos. Henrique estava ao lado da infanta quando eles passaram pelas ruas, onde o povo se aglomerava para ver o cortejo; ela notou que embora algumas pessoas a olhassem com curiosidade, quase todos se concentravam no jovem príncipe que cavalgava ao seu lado. Ele tinha consciência disso e não perdia oportunidade de comprovar sua popularidade, fazendo tudo o que podia para ter o maior sucesso possível.

Os cidadãos de Londres haviam organizado um cortejo para dar as boas-vindas à princesa da Espanha, que consideravam sua futura rainha; no centro desse cortejo vinha

Santa Catarina, rodeada de várias virgens cantando em louvor da princesa de Gales.

Catarina sorriu graciosamente para o povo, e eles a aclamaram aos gritos: "Salve a princesa de Gales! Deus abençoe a infanta da Espanha! Salve o príncipe de Gales! Salve o duque de York!".

Quando o jovem duque de York levantou o chapéu para que a luz mostrasse seus cabelos louros, Catarina teve de admitir que ele era um belo príncipe.

Quando os dois chegaram ao palácio do bispo, adjacente à catedral, foi o jovem duque de York quem pegou a mão da infanta e entrou com ela.

Tudo isso acontecera uns dias antes, e agora ela iria se casar; mais uma vez aquele jovem caminharia ao seu lado e a levaria até o altar, onde o irmão dele estaria esperando pela noiva.

A infanta não conseguia se mexer no belo vestido de noiva, pois por baixo havia uma armação de arame; na cabeça ela usava uma mantilha de ouro, pérolas e pedras preciosas. O véu descia—lhe pela cabeça, escondendo o seu rosto. Catarina estava vestida como uma princesa espanhola, e aquele estilo era uma novidade na Inglaterra.

Henrique chegou perto e olhou—a admirado.

— Meu Deus, como a senhora está bonita! — disse.

— É bondade sua.

— Eu estou sendo sincero. Não é bondade minha, irmã.

— Que bom que eu lhe agradei.

Seus olhos diminuíram ainda mais, de uma forma que já era conhecida dela.

— Não é a mim que a senhora pretende agradar. Não é verdade? Pretende agradar ao meu irmão.

— Eu desejo agradar a todos os membros da minha nova família.

— A senhora já agradeceu a Arthur e a Henrique. Não importa que agrade às meninas.

— Oh, mas é... muito importante.

— A senhora vai agradar a Margarida se bordar bem. Mas seus olhos são lindos demais para se ocuparem com trabalho de agulha. Quanto a Maria, ela se agrada de todos que a tratam bem. Mas a senhora me agrada porque é bonita. Não é uma razão melhor?

— Para bordar é preciso aprender, o que me daria grande crédito. Mas ser bonita — o que não acho que eu seja — não me daria crédito

nenhum.

— A senhora saberá um dia que o povo da Inglaterra admira mais a sua beleza que os seus bordados — disse ele com um ar sério. Henrique gostaria de pensar em alguma coisa inteligente para dizer, algum tipo de observação que seu tutor, John Skelton, faria se estivesse presente. John Skelton era a pessoa a quem o príncipe mais admirava. Ele lhe ensinara muito, e não só através de livros de estudo. Henrique gostava da sua atitude corajosa e insolente e da sua presença de espírito, e tinha aprendido tudo o que ele lhe ensinara sobre o comportamento de um cavalheiro e sobre muitas outras coisas. Skelton não era avesso às bisbilhotices sobre os hábitos escandalosos de alguns cortesãos. Em geral, certas informações que deviam manter—se secretas passavam entre eles, e nessas horas Skelton dizia: "Vossa Alteza tem de ser um homem, e também um arcebispo, e se por má sorte for forçado a entrar para a Igreja será melhor semear seus grãos silvestres antes." Henrique conhecia bem o tipo de grãos silvestres que podiam ser semeados e tinha ânsia de semeá—los. Tinha pena de o pobre Arthur ter como tutor o Dr. Linacre, um velho solene e sábio que ensinava—e tentava fazer com que Arthur concordasse com ele — que o principal objetivo da vida era o domínio do grego e do latim.

Henrique queria dizer a Catarina que embora ele fosse um menino seria, sem dúvida, um melhor marido que Arthur, mesmo naquele seu estágio de vida. Porém, por mais precoce que o menino fosse, não sabia expressar esses sentimentos.

Então ele pegou na mão da linda noiva do seu irmão e levou—a do palácio à catedral, enquanto o povo aplaudia e gritava: "Que belo noivo nosso príncipe Henrique será quando chegar seu dia!"

Henrique ouvia e se deleitava com isso, mas ao mesmo tempo sentia—se irritado. A vida lhe dera tudo, menos uma coisa de grande importância. A vida lhe dera boa saúde, beleza, vitalidade e grande capacidade, mas ele era o segundo filho do rei.

Na catedral, foi erigido um altar circular com capacidade para oito pessoas, inclusive para Catarina e seu volumoso vestido. O altar era coberto por um pano escarlate e tinha à volta um parapeito.

Henrique levou— a até aquele tablado, onde Arthur esperava por ela com uma linda roupa de cetim branco, adornada de pedras preciosas.

Henrique VII e sua rainha, Elizabeth de York, observavam a cerimônia de um camarote ao lado do tablado.

O rei achou que Arthur parecia muito pequeno ao lado da noiva, e ficou imaginando se a brancura doentia da sua pele se tornava mais óbvia devido ao rosado do seu rosto. Ele ainda não se decidira se o casamento devia se consumar ou não. Seria válido fazer um esforço para ter um neto o mais depressa possível, pondo em risco a saúde do seu herdeiro, ou deixar o casal esperar cerca de um ano? Eleja recebera metade do dote da noiva, e mal podia esperar para pôr as mãos na outra metade. Teria de tomar cuidado com Fernando. O rei espanhol vivia planejando guerras; queria ver os Estados italianos sob o controle espanhol, e dava todo tipo de desculpa sobre a segunda parte do dote da filha.

Mas eu dou um jeito nisso, pensou Henrique. Se houvesse uma criança, Fernando teria de pagar a segunda parte rapidamente. E ficaria duplamente feliz com o casamento se sua filha tivesse um filho logo...

Mas mesmo assim...

Elizabeth sabia em que o marido estava pensando. Eles eram jovens demais, pensou ela. Arthur, pelo menos, era jovem demais. A excitação o enfraquecia. Se ao menos Henrique conversasse comigo sobre isso! Mas não adianta pensar assim, ele nunca me consulta. Somente uma pessoa irá decidir se a jovem infanta deve perder sua virgindade esta noite, e essa pessoa é o rei da Inglaterra. Mas ele ainda não se decidiu.

O arcebispo de Cantuária e dezenove bispos e abades preparavam— se para realizar a cerimônia. O arcebispo pedia que o jovem casal repetisse seus votos, em voz bem alta para poderem ser ouvidos por toda a catedral. A voz da infanta era bem firme, mas a de Arthur era fraca.

Eu espero, pensava a rainha, que ele não desmaie. Isso seria interpretado como um mau agouro.

Seus olhos pousaram no seu primogénito, todo de branco, e ela lembrou—se daquele setembro no castelo de Winchester, quando ouviu o choro fraco do seu primeiro filho.

A rainha fora levada para seu quarto, onde haviam colocado uma bela tapeçaria, mas ela insistira para que uma das janelas não fosse coberta para deixar entrar um pouco de ar e de luz no quarto. Sua sogra, Margaret Beaufort, condessa de Richmond, manteve—se ao seu lado, e ela ficou muito grata pela sua presença. Antes disso, se sentia bastante intimidada diante daquela temível senhora, a única mulher que tinha uma verdadeira influência sobre o rei.

O parto havia sido doloroso, e ela ficou contente de ser atendida apenas por mulheres. Margaret também achava que nascimento de bebês era um assunto para mulheres; portanto, a rainha despediu—se de todos os cavalheiros da corte quando suas dores começaram e retirou—se para o quarto com a sogra e as atendedoras.

Como o parto tinha sido difícil! Arthur chegou um mês antes do tempo, e depois ela sofreu demais devido a uma febre puerperal. Mas depois de restabelecida, tentou não ter medo de um próximo parto, pois sabia que seria inevitável. A rainha tem de lutar até a morte, se necessário, para dar herdeiros ao rei e ao país. Essa era sua missão na vida.

E lá estava seu filho agora — aquele bebê frágil e louro, seu primogénito, cuja saúde fora tão delicada desde a infância — preparando—se para repetir o modelo real com aquela moça da Espanha.

Seu rosto cobriu—se de lágrimas e seus lábios tremeram. Ela percebeu que estava rezando: "Proteja meu filho. Dê a ele força para servir o seu país. Dê a ele felicidade, uma vida longa e um casamento frutífero."

Mas Elizabeth de York sabia que estava rezando por um milagre.

Depois da celebração da missa, a noiva e o noivo foram para a porta da catedral, ajoelharam—se, e Arthur declarou que doava à sua noiva um terço de sua propriedade.

O povo aglomerado em volta da catedral aplaudiu o casal real.

"Salve a princesa e o príncipe de Gales!"

O casal levantou—se, e o jovem príncipe Henrique ficou ao lado da noiva, parecendo decidido a não se deixar afastar das comemorações. Pegou na mão dela e caminhou com os noivos até o salão do banquete, no palácio do bispo, onde havia sido preparada uma festa magnífica.

A comida de Catarina foi servida num prato de ouro adornado de pedras preciosas; enquanto comia, pensava com nervosismo na noite de núpcias, e sabia que seu noivo estava tão nervoso quanto ela. Sua vontade era adiar aquela noite; estava com tanto medo que gostaria que sua mãe estivesse ali para dizer—lhe com sua voz serena que não havia nada a temer.

A festa durou várias horas. Como os ingleses gostavam de comer! Quantos pratos foram servidos! Quanto vinho foi bebido!

O rei observava os noivos. Será que ele percebia o medo dos dois? Catarina começava a acreditar que havia pouca coisa que o rei não percebia.

A rainha também sorria. Como ela era boa, ou seria, se lhe dessem permissão para isso. A rainha seria sempre o que o rei desejava que ela fosse, pensou Catarina; e certamente haveria momentos em que ele exigiria que ela fosse cruel.

Catarina ouvira falar da cerimónia da noite de núpcias. Na Inglaterra, era uma cerimónia irreverente e turbulenta... até mesmo na realeza. Ela estava certa de que isso nunca acontecera com sua mãe. Mas o povo inglês não tinha a dignidade do espanhol, eles eram mais grosseiros.

Virou—se para Arthur, que tentava sorrir, mas ela viu que ele estava tremendo.

Finalmente, eles chegaram ao quarto. A cama estava sendo benta, com as cortinas abertas; Catarina sabia inglês o suficiente para reconhecer a palavra "fértil".

Ela não ousou olhar para Arthur, mas imaginou como ele estaria se sentindo.

O quarto era iluminado por várias velas, e a luz brilhava na tapeçaria escarlate, nas cortinas de seda e nos rostos dos que estavam reunidos no quarto.

O rei aproximou—se e puxou os dois para perto dele.

— Vocês são muito jovens, têm a vida toda diante de si. Ainda não estão prontos para o casamento, esta cerimônia será apenas um símbolo; quando tiverem idade suficiente, consumarão o ato do casamento.

Catarina viu o alívio estampado no rosto de Arthur, e teve vontade de chorar de alegria. Nem ela nem Arthur estavam mais com medo.

Eles foram levados para a cama, e as cortinas foram cerradas enquanto os atendentes tiravam—lhes as roupas; e mesmo quando não havia mais nada cobrindo aqueles corpos brancos nus e eles estavam ajoelhados lado a lado, não tiveram medo.

Rezaram para conseguir cumprir seu dever; rezaram como qualquer casal reza na sua noite de núpcias. Mas aquela não era uma noite de núpcias comum, pois o rei declarara que eles eram jovens demais para consumir o casamento.

Uma taça de vinho quente e doce foi servida aos dois, e eles tiveram ordem de beber. Depois, um atendente enrolou—os com um robe, e a cerimônia terminou.

O povo que se aglomerara em volta do quarto debandou; os serviçais de Catarina e Arthur — espanhóis e ingleses — permaneceram na antecâmara; a porta da câmara nupcial foi trancada e os noivos ficaram sozinhos.

— Não é preciso ter medo — disse Arthur.

— Eu ouvi a ordem que o rei nos deu — falou Catarina. Então ele beijou sua testa e disse:

— Dentro de algum tempo, eu serei seu marido de verdade.

— Dentro de algum tempo — repetiu Catarina.

Então ela deitou—se no leito nupcial, ainda vestida com o robe no qual fora enrolada. A cama era grande. Arthur deitou—se ao seu lado, também de robe.

— Eu estou muito cansada — falou Catarina. — A cerimônia foi muito barulhenta.

— Eu estou sempre cansado — disse Arthur.

— Boa noite, Arthur.

— Boa noite, Catarina.

Os dois estavam tão exaustos devido às cerimónias e aos seus temores que dormiram logo depois; de manhã, a noiva e o noivo virgens estavam prontos para continuar as celebrações do casamento.

## A TRAGÉDIA NO CASTELO DE LUDLOW

TODA A CIDADE DE LONDRES ESTAVA ansiosa para celebrar o casamento do príncipe de Gales com a infanta; o rei sabia bem que seu povo precisava de alguma alegria na vida, e que se tivesse permissão para celebrar o casamento de Arthur deixaria de pensar nos pesados impostos que o afligiam.

— Que eles se alegrem — disse o rei para Empson. — com uma fonte de vinho aqui e ali, ficarão satisfeitos. Que haja bastante pompa. Os nobres providenciarão isso.

Henrique estava pronto para dar sua própria contribuição, pois tinha grande desejo que seus súditos expressassem lealdade à nova dinastia Tudor. Não havia nada de que o povo mais gostasse do que um casamento real; e como quem estava se casando era o menino destinado a se tornar seu rei, o rei ordenou que as celebrações continuassem.

Catarina sentia—se um tanto confusa com tudo aquilo. Arthur estava cansado das celebrações, mas o jovem Henrique estava encantado. Margarida imaginava como seria quando o seu casamento fosse celebrado, e a pequena Maria ficava feliz toda vez que a deixavam presenciar as cerimónias.

A cerimónia mais importante de todas foi realizada em Westminster, para onde a família real se trasladou de barcaça. Depois da noite de núpcias, Catarina foi mandada para o castelo de Baynard, onde ficou sob a severa vigilância de Dona Elvira. O rei deixou bem claro para sua governanta que o casamento ainda não se consumara, e como Elvira considerava sua infanta ainda jovem demais para a consumação, estava determinada a respeitar os desejos do rei.

Portanto, a barcaça foi pegar a infanta e sua governanta e as belas damas de honra.

Catarina gostaria que suas damas não fossem tão lindas assim. É bem verdade que ela estava sempre magnificamente vestida, e que suas roupas eram mais lindas que as de suas damas; mas a beleza delas era tal que não havia necessidade de belas roupas para que todos as notassem.

O povo enfileirou—se ao longo das margens do rio para saudar a princesa quando ela seguiu para Westminster, e enquanto ela sorria e acenava para todos, esqueceu—se por algum tempo das saudades que sentia de sua família.

Ao descer da barcaça, Catarina viu que em frente ao palácio de Westminster tinha sido preparado um imenso pavilhão para as festividades. No lado sul, via—se um palanque coberto de tecidos de alto luxo com fios de ouro e vários outros menos luxuosos para os espectadores.

Catarina descobriu que era ali que se realizava ajusta, o torneio à lança entre cavaleiros, considerada a diversão perfeita, onde toda a nobreza inglesa se reunia.

Na celebração do casamento mais importante da Inglaterra, as grandes casas estavam determinadas a se enfrentar com o máximo de extravagância; quando os campeões entravam na arena, ouviamse suspiros maravilhados e fortes aplausos.

Catarina foi levada para o palanque entre os vivas do povo e sentou—se nas almofadas forradas de tecidos de ouro. Junto a ela estavam o rei, a rainha e toda a família real. Mas quem ocupava o lugar de honra era ela.

A infanta pensou como seus pais ficariam felizes se pudessem vê—la agora.

Ao seu lado estava Arthur, muito pálido e com um ar cansado, contrastando com Henrique, radiante e vendendo saúde. Ele tinha se sentado num tamborete aos pés da noiva, e apertava os joelhos com as mãos de uma forma ao mesmo tempo infantil e digna.

Margarida, por quem Catarina sentia uma grande admiração, estava sentada ao lado da mãe, e a infanta notou que ela não tirava os olhos do jovem Henrique. A pequena Maria balançava—se na

cadeira, muito excitada. Ninguém a reprimia, pois seus modos infantis eram apreciados pelo povo.

O rei estava satisfeito. Naqueles momentos, ele sentia-se à vontade. Estava sentado, com toda a pompa, com sua família em volta — dois príncipes e duas princesas — para lembrar aos nobres que pensassem em reivindicar o trono que as fundações de sua casa eram construídas com firmeza.

— Olhe — disse Henrique. — Meu tio Dorset está entrando.

Catarina viu o meio-irmão da rainha entrando na arena por baixo de uma tenda de tecido de ouro, suspensa por quatro cavaleiros. Sua figura na armadura brilhante era magnífica.

— E lá está meu tio Courtenay. Que cavalo é aquele que ele está montando? Parece mais um dragão!

Henrique olhou para Catarina, ansioso para ver o efeito daquelas cenas na infanta, mas a serenidade dela irritou-o.

— Garanto que a senhora não vê essas cenas na Espanha—disse ele.

— Na Espanha—disse Arthur — há a grande cerimónia de La Corrida.

— Garanto que não há cerimónias na Espanha que se comparem às nossas na Inglaterra — falou Henrique.

— Que bom Catarina não entender o que você fala, senão ela estranharia os seus modos — disse Arthur.

— Espero que ela aprenda inglês depressa, pois eu tenho muitas coisas para dizer a ela — declarou Henrique.

Catarina sorriu para o menino, cuja atenção estava voltada agora para a arena, onde lorde William Courtenay, casado com a irmã da rainha Elizabeth, entrava montado no seu dragão.

Catarina estava vendo pela primeira vez essas celebrações inglesas; achou tudo um pouco vulgar, um pouco simples, mas não pôde deixar de se maravilhar com o cuidado que tinham tido para criar esses símbolos; e o encanto que eles inspiravam era contagioso.

Depois veio o conde de Essex, cuja tenda tinha a forma de uma montanha gramada, com pedras, árvores, flores e ervas; no alto da

montanha, vinha sentada uma linda moça, com longos cabelos soltos.

Os espectadores aplaudiam ferozmente, mas muitos nobres presentes sussurraram que Essex era um tolo de apresentar sua riqueza diante dos olhos avaros do rei. Sua "montanha" era claramente muito cara, e os nobres não costumavam mais ostentar suas riquezas tão abertamente.

Catarina recostou—se na cadeira, no seu lugar de honra, e ficou observando ajusta. Ouviu os vivas do povo quando seus cavaleiros favoritos entravam na arena, mas sua atenção não estava fixada naqueles cujo domínio da lança dava tanto prazer a todos, e sim nos dois irmãos, Arthur e Henrique.

Os olhos de Henrique concentravam—se na arena, e suas bochechas estavam rubras. Era óbvio que ele tinha grande desejo de entrar naquela arena e apresentar—se como campeão. Já Arthur encolhia—se na sua cadeira dourada, mantendo os olhos fechados quando um dos combatentes era ameaçado de um desastre. Ele sabia que naquelas justas os cavaleiros podiam morrer de uma hora para a outra, e nunca conseguiu aceitar esses acidentes com serenidade.

Naquele dia não houve ferimentos sérios; Arthur ficou contente por estarem em novembro, pois em breve cairia a noite e eles passariam do palanque para o palácio, onde teriam de participar do banquete e de outros entretenimentos.

No centro da mesa, colocada num tablado elevado, o rei ocupou seu lugar; à sua esquerda, sentaram—se Catarina, a rainha e a veneranda mãe do rei, a condessa de Richmond, e à direita Arthur. Margarida e Maria sentaram—se ao lado da avó; junto a Arthur, em ordem hierárquica, sentava—se a nobreza da Inglaterra.

Tortas monumentais, grandes assados e pratos de carne e ave foram trazidos para o banquete; os menestréis começaram a tocar e todos passaram a comer e a beber.

Mas era preciso haver exhibições, e no espaço que se abriu diante da mesa do banquete começaram os espetáculos e as danças.

Catarina olhou para o navio, o castelo e a montanha que vinham entrando ao som dos gritos de admiração dos convidados. O navio, pintado em tons brilhantes, circulou pelo salão manobrado por

homens vestidos de marinheiros, falando em termos náuticos. No convés, havia duas figuras representando a Esperança e o Desejo, e ao lado delas apareceu uma bela mulher com roupas espanholas.

Henrique falou para Catarina, do outro lado da mesa:

— Está vendo? Tudo isso é em sua homenagem. A senhora é a esperança e o desejo da Inglaterra.

Foram palavras muito elogiosas. Compreendendo o que o seu cunhado queria dizer, Catarina agradeceu—lhe graciosamente o elogio com um sorriso para expressar seu grande prazer e apreciação.

Depois veio a montanha, e mais uma vez figuras alegóricas prestaram homenagem à jovem noiva.

A apresentação mais esplêndida foi o castelo, trazido para o salão por leões de ouro e prata; ouviram—se sussurros e risadas quando os animais apareceram, pois sabia—se que dentro da pele de cada leão havia dois homens — um na parte da frente e outro na parte traseira. Os espectadores tinham visto esses leões antes em outros espetáculos, mas ficaram observando a reação de Catarina, que devia estar pensando que animais estranhos eram aqueles.

Sentada no alto do castelo, outra linda mulher vestida de espanhola, também sendo cortejada pela Esperança e pelo Desejo.

Quando o navio, a montanha e o castelo juntaram—se no salão, os menestréis começaram a tocar; então lindas mulheres e belos homens saíram dos carros alegóricos e passaram a dançar no espaço vazio em frente à mesa do banquete.

Quando essa dança terminou, os dançarinos fizeram reverência à família real e saíram do salão debaixo de aplausos.

Antes de os convidados começarem a dançar, a noiva e o noivo, seguidos de outros membros da família real, deram os primeiros passos no salão.

Catarina e Arthur não dançaram juntos. Muitos dos que estavam presentes acharam que isso significava que o casamento ainda não fora consumado. Catarina escolheu sua dama e honra Maria de Rojas, e as duas dançaram uma dança muito majestosa, mais apropriada para a ocasião que aquelas danças conhecidas como *la volta*, com muitos passos e saltos.

Catarina dançou divinamente, pois se movia com graça e era uma figura atraente, embora a beleza de Maria de Rojas fosse muito superior.

Dois cavalheiros da mesa ficaram observando Maria enquanto ela dançava. Um era neto do conde de Derby, que a achou a mulher mais maravilhosa que tinha visto na vida; o outro era InigP Manrique, filho de Dona Elvira Manuel, que viajara com o grupo para a Inglaterra como um dos pajens de Catarina.

Maria tinha consciência dos olhares dos dois enquanto dançava, e deu um sorriso para o jovem inglês.

Mas embora a beleza de Maria chamasse a atenção, muitos olharam atentamente para a jovem infanta. O rei e a rainha ficaram encantados; ela era saudável, e o fato de ser ou não bonita não era de grande importância. A infanta era graciosa e jovem, e possivelmente seria atraente ao príncipe. Os dois achavam que quando chegasse o momento apropriado ela seria fértil.

Arthur observou— a com grande prazer; como ele não temia mais a consumação do casamento, estava ansioso para conquistar a amizade da esposa.

Henrique não tirava os olhos de Catarina. Quanto mais a olhava, maior era o seu ressentimento; embora o menino precoce gostasse dessas celebrações, não se sentia completamente feliz porque não era o centro das atrações. Podia ser ele o noivo! pensava. Podia ser ele o futuro rei da Inglaterra!

A dança terminou, e Catarina e Maria voltavam para seus lugares, debaixo de aplausos. Arthur então convidou sua tia, a princesa Cecília, a dançar uma dança séria e majestosa. Henrique, observando— os irritado, pensou que seu irmão só conseguiria dançar aquilo, pois alguma coisa mais agitada o deixaria com falta de ar. Mas aquela não era a forma de os ingleses dançarem. Quando eles dançavam, entregavam— se de corpo e alma, giravam e saltavam no salão, mostrando que estavam se divertindo. Ele dançaria assim quando chegasse a sua vez. Esperou impacientemente até a hora de dançar com sua irmã Margarida. Quando os dois chegaram ao centro do salão foram imediatamente ovacionados, e a seriedade do rosto de Henrique dissipou— se; fez uma reverência para os

espectadores e começou a dançar. Pediu que os menestrelis tocassem mais depressa, pois queria mais alegria. Seu rosto ficou afogueado quando ele e Margarida deram saltos e rodopiaram pelo salão; quando Margarida mostrava sinal de cansaço, Henrique a incentivava a esforçar—se um pouco mais.

Os convidados riam e aplaudiam; Henrique, com o suor escorrendo pelo rosto, tirou a capa e exagerou os pulos e os passos de dança, fazendo os convidados se divertirem.

Até mesmo o rei e a rainha riram, e quando a música parou e o jovem e vigoroso príncipe e sua irmã voltaram para a mesa, todos vieram—lhes dar os parabéns.

O jovem Henrique agradeceu as manifestações para ele e Margarida, mas seus olhos pousaram em Catarina. Ele sabia que seu pai desejava que seu primogénito fosse um pouco mais como ele.

Henrique percebeu que esperava que Catarina fizesse a mesma comparação entre ele e Arthur.

Dona Elvira Manuel, a mais dominadora das governantas, estava encantada com sua situação na Inglaterra, pois enquanto Catarina tivesse aposentos separados dos de Arthur, ela continuaria encarregada de tudo; sabia muito bem que quando a infanta se tornasse a verdadeira esposa de Arthur, ela não teria mais aquele mesmo poder.

Como governanta de uma noiva virgem ela era fantástica, pois a própria Catarina, por instrução da rainha Isabel, devia acatar todos os seus desejos.

Dona Elvira nunca se furtou a expressar suas opiniões, e era inevitável que outras pessoas ambiciosas de entourage espanhola a achassem intolerável e procurassem minar o seu poder.

Havia uma pessoa que tinha grande influência sobre Catarina, o padre Alessandro Geraldini, seu tutor durante muitos anos e agora seu capelão—chefe e confessor.

Desde que Geraldini chegou à Inglaterra tornou—se cada vez mais consciente da importância do seu papel; ser conselheiro e confidente da princesa de Gales era diferente de ser simplesmente tutor da infanta da Espanha. Catarina não só era a mulher mais importante da Inglaterra, depois da rainha, como era também mais importante para os esquemas

políticos de seus pais do que havia sido antes. E ele, Geraldini, era seu confessor. Não iria permitir que uma mulher de língua viperina o dominasse!

Pensou em todos os meios de destruí-la, e resolveu aconselhar-se com D. Pedro de Ayala confidencialmente.

O embaixador fechou as portas da ante-sala na qual eram realizadas as audiências, e pediu que Geraldini expusesse o seu problema.

O padre foi direto ao assunto.

— Dona Elvira Manuel está se tornando—se insuportável. Parece até que é ela a princesa de Gales.

— De que modo ela o ofendeu, meu amigo?

— Ela se comporta como se fosse encarregada da própria alma da infanta. E acontece que isso é dever meu.

Ayala assentiu. No fundo, ele se divertia; estava gostando de ver a luta entre a governanta dominadora e o padre ambicioso.

— Quanto mais cedo a infanta se livrar dessa supervisão, melhor — continuou Geraldini. — E quanto mais cedo esse casamento se consumir, mais contentes ficarão nosso soberanos.

— Estou vendo que o senhor é da confiança de Suas Majestades — disse Ayala sorrindo.

— Eu acho que conheço meu dever — disse Geraldini secamente.

— Suas Majestades precisam ser informados de que será perigoso para a política espanhola se esse casamento não se consumir.

— Por que a virgindade da infanta oferece tanto perigo? O padre ficou roxo.

— Não é... como devia ser.

— Eu passarei seus comentários para os nossos soberanos — disse Ayala.

Geraldini não ficou satisfeito e foi falar com Puebla. Como a maioria da comitiva da infanta, ele desprezava Puebla, que era em geral chamado pejorativamente de marrano, nome dado aos cristãos-novos. A Inquisição ensinara os espanhóis a se precaver contra os judeus convertidos ao cristianismo.

Os ingleses consideravam Puebla um avaro; embora eles tivessem de aceitar essa característica no seu rei, não a suportavam

em outras pessoas. Portanto, Geraldini teve menos cuidado em ofender Puebla que em ofender Ayala.

— Esse casamento deve ser consumado — disse ele de supetão.

— É nosso dever, como súditos de Suas Majestades católicas, providenciar para que essa situação insatisfatória não se prolongue.

Puebla fitou o padre com um olhar especulativo. Ele sabia da influência que ele exercia sobre Catarina

— Isso é desejo da infanta? — perguntou. Geraldini fez um movimento impaciente.

— A infanta é inocente, não expressa sua opinião. Como poderia expressar se não conhece nada sobre o assunto? Mas ela se mostra disposta a obedecer às ordens de seus pais.

Puebla ficou pensativo, imaginando como poderia ganhar as boas graças do rei inglês. Ele acreditava que viveria por muito tempo na Inglaterra, e que agradar ao rei desse país era tão importante — senão mais — quanto agradar aos soberanos espanhóis. Mas a consumação do casamento da infanta lhe parecia de pouca importância em comparação com a questão do seu dote.

Enquanto ouvia Geraldini, ele ficou imaginando o que poderia agradar ao rei da Inglaterra nesse sentido, sem desagradar aos soberanos espanhóis. O dote fora acertado por duzentas mil coroas — cem mil a serem pagas no dia do casamento, cinquenta mil dentro de seis meses, e mais cinquenta dentro de um ano. As pratas e jóias, que Catarina trouxera da Espanha e que faziam parte do pagamento, haviam sido avaliadas em trinta e cinco mil coroas. Isso era importante para Henrique, pois essas peças já estavam na Inglaterra. Quanto ao restante do dote, ele só tinha como garantia a palavra de Isabel e de Fernando. Henrique poderia ficar com as pratas e as jóias agora. As peças estavam na Inglaterra, portanto os protestos da Espanha seriam infrutíferos. Henrique já mostrara, quando viu a infanta antes do casamento, que na Inglaterra ele faria o que bem entendesse.

Na opinião de Puebla, a consumação do casamento não era tão importante quanto o dote da infanta.

— É sempre o rei da Inglaterra quem decide — disse ele.

— Então, acho que devíamos deixar claro que os soberanos da Espanha esperam que a consumação se faça sem mais demora.

Puebla levantou os ombros, e Geraldini viu que ele era indiferente ao assunto, da mesma forma que Ayala.

Mas o fato de o padre ter conversado com os dois embaixadores sobre isso foi levado ao conhecimento de Dona Elvira, e ela imediatamente percebeu que aquela intromissão era dirigida contra sua própria autoridade.

Dona Elvira não era mulher de considerar se estava ou não ofendendo os outros.

Pediou que Geraldini fosse vê-la, e quando ele chegou foi direto ao ataque.

— Ao que parece, padre Geraldini, o senhor resolveu esquecer que sou eu a encarregada dos assuntos da infanta.

— Eu não esqueci.

— Não? Mas parece estranho que o senhor saia por aí explicando que é desejo de Suas Majestades que o casamento da infanta seja consumado logo.

— Estranho, Dona Elvira? É uma questão de bom senso.

— O senhor é da confiança dos soberanos?

— Eu... eu sou o confessor da infanta, e como tal...

Dona Elvira apertou os olhos. E como tal, pensou ela, o senhor goza da confiança dela. Eu darei um jeito nisso.

— A rainha Isabel me encarregou dos problemas da filha dela, e até que me dispense dessa função, eu me mantereí nela. É para o bem de todos que o casamento ainda não tenha sido consumado. Nossa infanta é muito jovem e seu marido mais ainda. Eu lhe agradeço, padre, se o senhor não se meter em assuntos que não lhe dizem respeito.

Geraldini fez uma reverência para esconder o ódio dos seus olhos, mas Dona Elvira não tentou esconder o dela.

Os dois estavam em pé de guerra, e Dona Elvira só ficaria satisfeita quando o insolente padre fosse chamado de volta à Espanha.

Henrique entrou correndo nos aposentos do irmão, com os olhos brilhando de entusiasmo.

Arthur estava estirado num sofá, muito pálido.

— Está se sentindo mal, Arthur?—perguntou, sem esperar que o irmão respondesse. — Eu acabei de ver uma coisa estranha, irmão. Nosso pai mandou matar seu melhor falcão, só porque o falcão não teve medo de enfrentar uma águia.

— Verdade? — perguntou Arthur, com uma voz exausta.

— Foi mesmo. Nosso pai ordenou que os amestradores do falcão lhe cortassem a cabeça, e isso foi feito.

— Eu entendo por quê — falou Arthur. — Pela mesma razão que ele mandou matar os mastins.

— Eu também acho. Nosso pai falou: "Não é permitido a nenhum súdito atacar seu superior."

— Ah, nosso pai gosta dessas parábolas, não é?

— Mas o seu melhor falcão! E tudo porque o pássaro foi valente o suficiente para não mostrar medo de uma águia poderosa. Eu teria endeusado esse falcão. Teria orgulho dele. E o usaria a toda hora. Nunca mandaria cortar sua cabeça por um ato de bravura.

— Você não é o rei.

— Não, isso não é da minha conta. — Arthur notou a cara irritada do irmão.

— É uma pena. Você seria um rei muito melhor que eu, Henrique. Henrique não negava isso.

— Mas você é o mais velho. Eu vou ser encarregado da Igreja. E você já tem uma esposa.

Arthur corou. Ele tinha vergonha de ser marido e ao mesmo tempo não ser. Era constrangedor saber que havia muito falatório sobre a consumação do seu casamento. Ele sentia—se um tolo quando pensava nisso.

Henrique pensava justamente nisso agora. Seu rosto estava expressivo como sempre, e Arthur podia adivinhar seus pensamentos.

Henrique andou pelo quarto, imaginando ser o marido. Não estava pensando na questão da consumação do casamento agora.

— Você acha Catarina atraente? — perguntou ele.

— Ela é muito atraente — respondeu Arthur.

— E ela lhe dá muito prazer? Arthur corou.

— Na verdade, dá. Henrique rodou nos calcanhares e olhou para o irmão.

— Eu ouvi dizer que os espanhóis são um povo passional, mesmo com toda aquela solene dignidade.

— É verdade... é verdade — disse Arthur. Henrique sorriu.

— Dizem que você e ela não são marido e mulher de verdade. Arthur tossiu para esconder seu constrangimento, mas não negou a sugestão de Henrique.

Henrique começou a rir, mas de repente lembrou—se do falcão.

— Se eu fosse rei, acho que não mandaria enforcar meus valentes cães nem destruiria meu melhor falcão só para que meus súditos compreendessem que deviam me obedecer.

Henrique olhava para o futuro, e mais uma vez Arthur viu em que ele estava pensando. Eu estou parecendo tão doente assim? pensou. Mas ele sabia que estava, que possivelmente não sobreviveria, não deixaria filhos e Henrique subiria ao trono.

Estava na hora de Arthur voltar ao Principado de Gales, e começou—se a pensar se Catarina deveria ou não acompanhá—lo.

O rei estava hesitante. Arthur lhe parecia cada dia mais fraco.

Puebla fora falar com ele; tentando garantir a Henrique que ele, Puebla, na verdade servia ao rei da Inglaterra, embora fosse supostamente súdito dos soberanos da Espanha, sugeriu que o rei tornasse posse imediata das pratas e jóias de Catarina.

— É claro que essas peças serão suas no final do ano, mas por que Vossa Majestade não toma posse disso tudo já?

Henrique considerou o valor das pratas e jóias — cerca de trinta e cinco mil coroas, segundo a avaliação feita pelos ourives londrinos — e ao imaginar tamanha riqueza ficou tentado a tornar—se dono daquilo. Um ano era tempo demais para esperar. Muita coisa podia acontecer nesse meio—tempo, especialmente porque Arthur não era um rapaz forte. Mas depois que as pratas e jóias estivessem em seu poder, permaneceriam com ele.

Mandou então dizer ao tesoureiro de Catarina, D. Juan de Cuero, que as pratas e jóias lhe fossem entregues.

Mas D. Juan de Cuero recusou—se a fazer o que o rei mandava.

— Não! — disse ele ao mensageiro. — Eu sou encarregado dos bens da infanta, e me foi expressamente ordenado pelos reis da Espanha que as pratas e jóias ficassem em poder de sua filha até o pagamento da segunda metade do seu dote.

Henrique ficou irritado ao receber a resposta, mas como não tinha intenção de desagradar aos soberanos da Espanha naquele estágio, resolveu abandonar a ideia de pôr as mãos naquela riqueza antes da época combinada.

Puebla voltou ao rei com outra sugestão. Ele tinha decidido que seria vantagem para a Espanha se o casamento fosse consumado, e estava determinado a fazer tudo o que fosse possível para convencer Henrique disso.

Puebla tinha a confiança de Henrique. Mais de uma vez, ele havia mostrado ao rei da Inglaterra que sempre levava em conta as vantagens da Inglaterra, e agora queria dar uma sugestão.

— Se a infanta pudesse ser induzida a usar suas pratas e jóias, esses bens poderiam ser considerados de segunda mão, e Vossa Majestade poderia se negar a aceitá-los como parte do pagamento do dote. Fernando e Isabel teriam então de pagar trinta e cinco mil coroas à Vossa Majestade em vez de entregar as pratas e jóias — que permaneceriam na Inglaterra, e Vossa Majestade poderia apossar-se delas quando desejasse.

Isso pareceu uma boa ideia para o espírito engenhoso de Henrique. Mas ele fez uma observação.

— O tesoureiro da infanta mantém mão firme sobre esses bens, pois sabe que são parte do pagamento do dote. Ele nunca consentiria que a infanta os usasse.

Puebla ficou pensativo. Ele conhecia bem Isabel e Fernando, e estava convencido de que o fato de as pratas e jóias terem sido usadas por sua filha não alteraria

em nada o acerto deles sobre o dote. Eles precisavam muito de dinheiro para aceitar perder uma soma tão grande. Puebla não desejava trabalhar contra a Espanha e

a favor de Henrique, mas sim dar a Henrique a impressão de que estava fazendo isso.

Então ele disse:

— Se a infanta acompanhasse o príncipe de Gales eles poderiam formar uma pequena corte lá, e as pratas seriam usadas pelos dois. E a princesa iria querer usar suas

jóias em sua pequena corte.

O rei assentiu.

— A princesa de Gales acompanhará seu marido a Ludlow disse ele.

A viagem para o oeste foi muito agradável. Arthur parecia feliz por escapar das vistas do pai. Ele foi cavalgando à frente da caravana, e Catarina manteve—se perto, montada num selim de lado, apropriado para mulheres; quando se cansava de cavalgar, passava para a liteira puxada por dois cavalos.

O povo dos vilarejos saía às ruas para ovacionar o príncipe e a princesa, e ela ficava encantada de ver Arthur parar para falar com todos, sempre gentil, sempre

sorrindo, por mais cansado que estivesse — e em geral ele estava cansado.

Catarina ficou contente do rei ter enviado um conselho de homens para acompanhá—los, chefiado por Sír Richard Polé, pois assim Arthur não teria de tomar decisões

que lhe causassem ansiedade; ele viajava como representante do rei e podia sempre convocar os conselheiros se fosse necessário. Se as coisas não corressem conforme a vontade do rei, os culpados seriam Sir Richard e o conselho, e não Arthur.

Juntamente com Catarina, vinha sua própria comitiva, inclusive Dona Elvira Manuel e seu filho, D. Inigo Manrique, um de seus pajens. D. Inigo tentou cavalgar ao lado de Maria de Rojas, que fez o possível para manter—se ao lado de Catarina. Alessandra Geraldini também fazia parte do grupo, e a animosidade entre ele e Dona Elvira aumentou com o correr dos dias.

Muitos da entourage de Catarina que vieram com ela da Espanha haviam recebido ordens para voltar ao seu país; quando Catarina se preparava para a viagem ao País de Gales, sentiu—se desolada, pois teve de despedir—se do arcebispo de Santiago e de vários outros. Ela invejava aqueles que podiam voltar para a Espanha, e ficou imaginando o que estaria acontecendo

no Alcazar de Madri ou no grande Alhambra. Como ela ficaria feliz se pudesse entrar nos aposentos de sua mãe e jogar — se nos seus braços!

Eu nunca deixarei de ter saudades dela, pensou com tristeza, recostando — se na liteira.

Eles passaram uma noite na mansão real de Bewdley, em Worcestershire, e Arthur mostrou — lhe a capela onde seu casamento por procuração fora realizado.

— Puebla foi seu procurador — disse Arthur, franzindo o nariz. Catarina riu.

— Pelo menos o senhor me prefere a ele! — falou ela devagar em inglês, para mostrar a Arthur que estava fazendo progresso no aprendizado da língua.

— Eu não gosto dele — falou Arthur. — E gosto muito da senhora.

Quando voltavam para a mansão real e para seus aposentos separados, Catarina pensou como tinha sorte por ter um marido bom e gentil como Arthur.

— A senhora está sorrindo — disse Arthur — e parece mais feliz do que nos outros dias.

— Eu estava pensando que se minha mãe estivesse aqui conosco, eu estaria absolutamente feliz.

— Quando eu for rei, iremos visitar sua mãe, e ela virá nos visitar. A senhora a ama muito, não é? Sua voz fica diferente quando fala nela.

— Ela é a melhor mãe que se possa ter. E é a melhor rainha, mas... mas...

— Eu compreendo — disse Arthur, tocando no seu braço com carinho.

— Ela não foi bem compreendida — continuou Catarina. Eles a achavam fria e severa. Mas conosco, seus filhos, ela sempre foi gentil. Mas nenhum de nós, nem mesmo minha irmã Joana, teria coragem de desobedecer à minha mãe. Eu gostaria que ela não fosse tão perfeita, pois teria sido mais fácil eu me despedir dela.

Arthur estava pensando que dentro de um ano, ele seria um marido de verdade. Eles teriam filhos, e Catarina seria uma mãe tão boa quanto a rainha Isabel fora para ela.

Começou a ver o futuro com uma serenidade e prazer que raramente sentia.

E assim eles chegaram em Ludlow.

O Castelo ficava no alto de um morro, e suas torres cinzentas pareciam inexpugnáveis.

— Não há nenhuma outra vista melhor em toda a Inglaterra que desse castelo— disse Arthur.— Do lado norte, dá para ver Corve Dale, e do lado leste, a colina de Titterstone Clee. Lá embaixo, fica o vale do Teme, com as colinas de Stretton ao fundo. Eu tenho muito carinho por Ludlow. O castelo fica na fronteira do País de Gales, que eu sempre considereirei meu país.

Catarina concordou.

— O povo daqui gosta muito do senhor — disse.

— Eu não sou o Príncipe de Gales? E não se esqueça de que a senhora é a princesa. Eles vão amá—la também.

— Espero que sim — falou ela.

Catarina nunca se esqueceu das primeiras noites que passou no castelo de Ludlow. Nos grandes corredores havia fogos acesos e umas tochas brilhando nas paredes; quando ela se sentou ao lado de Arthur para receber os chefes de Gales que vinham ao castelo prestar homenagem ao seu príncipe, sentiu que estava mais longe de Alhambra do que nunca.

A infanta jamais vira homens tão selvagens como aqueles que vinham das montanhas galesas. Ela não compreendia a língua melodiosa deles; alguns pareciam bandidos das matas, outros vestiam roupas esquisitas, mas todos falavam como poetas e a divertiam tanto com aquela entonação doce e cantada, que ela chegou a ficar espantada.

O primeiro chefe de Gales, Rhys ap Thomas, veio prestar sua homenagem e jurar a Arthur que o aceitava como seu príncipe e que lutaria por ele sempre e onde fosse necessário.

Arthur ficou um pouco temeroso do chefe selvagem porque sabia que ele esperava demais, agora que havia um rei Tudor no trono. Talvez o homem ficasse um pouco desapontado. Talvez aquele rei Tudor fosse mais inglês que galês. Mas como ele mandara seu filho

fazer amizade com o povo de Gales, nas montanhas eles continuavam a esperar que um dia os Tudor se lembrassem de Gales.

com Rhys ap Thomas veio seu filho, Griffith ap Rhys, um belo jovem que, segundo seu pai, procurava serviço na comitiva do príncipe e da princesa de Gales; quando o pai mandou o menino ajoelhar—se e beijar as mãos de Arthur e Catarina, ele declarou a Arthur, em língua galesa, sua lealdade e vontade de servi—lo.

— Agora fale as outras línguas que você sabe — disse o pai com orgulho; e Griffith ap Rhys começou a falar numa língua que Catarina reconheceu ser francês.

Ela ficou encantada, pois teria uma pessoa com quem conversar ali. Respondeu a Griffith em francês, e para sua alegria ele compreendeu, e embora os sotaques e entonações dos dois fossem diferentes eles conseguiram conversar.

— Eu desejo que Griffith seja meu pajem — disse ela para Arthur, o que deixou o pai do jovem absolutamente encantado.

Ninguém teve dúvida de que o País de Gales estava contente com sua princesa.

Passaram-se semanas, que mais tarde pareceram um sonho para Catarina. Foi a época em que ela sentiu—se mais feliz desde que saíra da Espanha. Ela, Arthur e Griffith ap Rhys andavam juntos a cavalo; ela gostava de conversar em francês com o pajem e Arthur gostava de ouvi—los conversando. Eles eram como dois irmãos e uma irmã, descobrindo constantemente interesses em comum. Nas longas noites, ao pé do fogo e à luz das tochas, havia cantos e danças no grande salão; os que os observavam diziam que em breve o casamento seria consumado, pois o príncipe e a princesa estavam se apaixonando.

O casal sentava—se lado a lado, e Griffith sentava—se num tamborete a seus pés, tocando harpa e cantando canções locais; sua música favorita era uma canção sobre um grande rei Arthur que reinara na Bretanha.

Algum dia, diziam, haveria outro grande rei Arthur reinando na Inglaterra e no País de Gales, esse Arthur que agora se sentava no salão do palácio de Ludlow. Ele ainda era jovem, um pouco pálido e

com ar doentio, mas estava amadurecendo, tornando—se homem, e tinha uma linda e jovem princesa espanhola ao seu lado.

Março chegara, e a neve deu lugar à chuva. Durante dias, pairou uma névoa sobre os quartos ventosos do castelo; a umidade penetrava nos ossos de todos, e nem mesmo o fogo forte das lareiras conseguia afastar a névoa do castelo de Ludlow.

Catarina sentia saudade do tempo frio e das geadas, quando ela e Arthur podiam sair a cavalo. Ela não ousava sugerir que eles saíssem naquela chuva, pois Arthur começara a tossir com mais constância desde que chegara a Ludlow.

Um dia, Griffith ap Rhys irrompeu sem—cerimônia no castelo.

Os dois estavam sentados ao lado da lareira em um dos aposentos menores, acompanhados de vários membros do seu séquito.

Dona Elvira olhou séria para o jovem galês; estava prestes a repreendê—lo por ele ter esquecido o respeito devido ao príncipe e à princesa de Gales, quando Griffith falou:

— Eu tenho más notícias. O suor maligno chegou a Ludlow.

Um silêncio sepulcral tomou conta da sala. O suor maligno era considerado uma das maiores calamidades que poderiam cair sobre uma comunidade. A doença espalhava—se rapidamente e quase sempre matava, mas se o paciente sobrevivesse às primeiras vinte e quatro horas, em geral se recuperava.

Todos queriam fazer perguntas a Griffith. Ele disse que vários moradores da cidade tinham—se contagiado, e que ele próprio vira gente caindo pelas ruas, com tanta febre que não dava tempo de chegar em casa.

Quando isso foi explicado a Elvira, ela começou a dar ordens. O castelo devia ficar fechado para qualquer visita, como se estivesse em estado de sítio. De forma alguma, o suor maligno entraria no castelo de Ludlow enquanto a infanta da Espanha estivesse ali.

A notícia causou grande consternação a todos, e Catarina ficou ansiosa para saber mais detalhes sobre a doença. Griffith sentou—se ao lado dela e de Arthur e disse que o primeiro sintoma era uma febre, e que muitos morriam antes de começar a suar. Depois, suavam profusamente, e se conseguissem reagir tinham uma chance

de se recuperar; no suor, eles eliminavam as toxinas do corpo e ficavam curados.

Arthur ficou preocupado e disse a Catarina:

— Essa doença espalhou—se logo depois que meu pai subiu ao trono. Eu acho que há gente que vê isso como um mau presságio. É estranho que tenha se espalhado aqui em Ludlow logo agora que nós chegamos. Parece haver uma praga na nossa Casa.

— Não — disse Catarina com veemência —, essa doença pode aparecer em qualquer lugar.

— O suor maligno começou no exército que chegou a Milford Haven com meu pai.

Catarina tentou disfarçar sua preocupação, mas não foi fácil; naquela noite não houve cantoria no castelo de Ludlow.

A infanta acordou no meio da noite com uma sensação de queimação nas pernas; tentou gritar mas sua boca estava ressecada.

Ficou deitada ali, imóvel, pensando. "Então o suor maligno chegou ao castelo de Ludlow, e eu fui a primeira vítima. Mas se eu tiver de morrer, vou encontrar—me com minha irmã Isabel e meu irmão João, e acho que serei feliz."

Pensou também que sua mãe talvez não durasse muito neste mundo, e que se saísse da Terra para juntar—se a Isabel e a João, todos ficariam juntos.

Sentiu—se tonta, e esqueceu que estava naquele sinistro castelo de Ludlow. Sonhou que se encontrava no palácio de Alhambra, passeando por um dos pátios e enfiando os dedos quentes nas fontes de água fria; mas as fontes não eram frias, eram quentes como fogo, e ela percebeu que tinha posto os dedos nas fogueiras onde os hereges eram queimados, achando que era uma fonte.

Estava debatendo—se na cama quando Maria de Rojas veio darlhe boa—noite.

Maria deu uma olhada na sua senhora, ficou apavorada e saiu correndo para chamar Dona Elvira.

Catarina foi vítima da terrível doença. Durante todo o dia e toda a noite que se seguiu, Elvira ficou ao seu lado. Ordenou que trouxessem leite com vinho e bebidas de ervas caso a infanta precisasse beber, e maldisse aqueles que tinham contagiado o

castelo. Não pensou em nada mais a não ser na saúde da sua senhora.

Catarina tinha entrado no estágio do suor. Elvira ficou ao seu lado na cama, vendo se ela suava bastante para eliminar todas as toxinas. E ela estava suando.

— Os soberanos nunca me perdoarão — dizia Elvira aos prantos — por ter deixado sua filha contrair esta infecção. Ela precisa se recuperar. Ela não pode morrer... seu dote ainda nem foi pago, e sua virgindade continua intacta.

A energia de Dona Elvira impressionou a todos que entravam no quarto da doente.

Mandaram uma mensagem para Catarina, mas Elvira não deixou o mensageiro entrar.

Então o príncipe estava doente? E por acaso ele não sentia sempre alguma coisa? A infanta, que tinha ótima saúde, estava prostrada na cama com aquele miserável suor maligno!

Fazia vinte e quatro horas que Catarina caíra doente; estava sem forças e exausta mas continuava viva.

Dona Elvira fez uma infusão de ervas aromáticas, louro e zimbro que os médicos haviam recomendado; depois que Catarina bebeu aquilo, abriu os olhos e disse:

— Dona Elvira, peça à minha mãe que venha me ver.

— Vossa Alteza está na cama do palácio de Ludlow. Esteve muito doente, mas eu consegui fazer com que sua saúde voltasse ao normal.

Catarina fez um sinal com a cabeça.

— Agora me lembro — disse. Seus olhos encheram-se de lágrimas, o que não aconteceria se ela não estivesse tão enfraquecida. A infanta queria sua mãe mais que nunca. Ela sabia que se pudesse sentir a mão fria da mãe na sua testa, se pudesse ver aqueles olhos serenos olhando nos seus olhos e mandando que ela enfrentasse todas as provações enviadas por Deus, teria chorado de alegria; mas naquelas circunstâncias não pôde deixar de chorar de tristeza.

— O pior já passou — falou Elvira. — Agora Vossa Alteza vai melhorar. Eu cuidei de Vossa Alteza com minhas próprias mãos, e continuarei a fazer isso até conseguir curá-la de vez.

— Muito obrigada, Dona Elvira.

Elvira pegou a mão de Catarina e beijou — a.

— Sempre a seu serviço, minha querida infanta. Vossa Alteza não compreende isso?

— Compreendo — disse Catarina, fechando os olhos. Mas por mais que tentasse não conseguia parar de chorar.

"Se eu pudesse ver minha mãe pelo menos uma vez...", pensou. E virou a cabeça para que Dona Elvira não visse suas lágrimas.

— Minha mãe sabe que estou doente? — perguntou.

— Ela vai ter notícia da sua doença e da sua recuperação numa só carta.

— Que bom. Assim ela não ficará aflita. Se eu tivesse morrido ela teria ficado mortalmente triste. Minha mãe me ama muito. Nunca na vida eu serei amada por ninguém como fui por ela.

Agora suas lágrimas escorriam — lhe pelo rosto, e não adiantava controlá-las. Eram as lágrimas que deviam ter sido derramadas tempos atrás, e que ela conseguira conter com sua força de vontade. Agora estava fraca demais e chorava vergonhosamente.

— Minha mãe me ama muito, e nós estamos separadas. Nunca ninguém me amará como minha mãe me amou. Em toda a minha vida, nunca alguém me dará tanto amor quanto minha mãe me deu.

— Que bobagem é essa? — disse Elvira. — Vossa Alteza deve se cobrir bem para poder suar um pouco mais. Talvez ainda tenha de eliminar algumas toxinas. O que sua mãe diria se visse essas lágrimas tolas?

— Ela compreenderia — falou Catarina chorando. — Ela não compreendeu sempre?

Elvira cobriu — a. Estava chocada com as lágrimas da infanta.

A infanta está muito fraca, mas o pior já passou. Eu cuidei dela todo o tempo. A infanta tem razão quando diz que a rainha é louca por ela. Isabel me será eternamente grata por eu ter cuidado da sua filha durante toda a sua doença.

O castelo estava em silêncio quase total. Todos falavam baixinho. Griffith ap Rhys sentou — se com sua harpa nos joelhos, mas não tocou nada.

A morte pairava sobre o castelo de Ludlow. A doença atacara onde não podia ser combatida.

No aposento do príncipe de Gales, as velas foram acesas na ponta da cama e seus pajens mantiveram—se em vigília. O correio de Sir Richard Polé foi para Greenwich, a fim de dar a notícia ao rei e à rainha.

Em outro canto do castelo, Catarina, prostrada na cama, era a única pessoa que não sabia que naquele dia havia se tornado viúva.

# INTRIGA NA CASA DE DURHAM

ASSIM QUE a rainha Elizabeth recebeu a mensagem de que devia ir com urgência ao aposento do rei, olhou para a cara do mensageiro e viu que alguma tragédia terrível acontecera na sua Casa. E quando soube que o mensageiro tinha vindo de Ludlow, viu logo que o que temia havia tanto tempo finalmente acontecera. Elizabeth preparou — se para o pior.

Henrique estava de pé no meio do aposento; seu rosto geralmente pálido estava cinzento e seus olhos avermelhados. Ele ficou calado por um instante, e o olhar da rainha foi do rei para o frade, seu confessor.

— Meu filho? — perguntou a rainha. O frade fez que sim.

— Ele está... doente?

— Ele partiu para Deus, Vossa Majestade.

A rainha não deu uma palavra. Durante anos, soube que um dia ouviria essa terrível notícia. Seu medo começou quando Arthur era ainda um bebê fraquinho; ele quase não chorava e ficava parado no berço, não por estar satisfeito mas por ser fraco demais para fazer qualquer coisa. Finalmente ele se fora.

— Por favor, agora me deixe com a rainha. Nós choraremos nossa tristeza sozinhos — disse o rei.

Mesmo depois que o frade fechou a porta, eles não se moveram nem trocaram uma palavra.

De repente, o rei quebrou o silêncio.

— Foi um golpe duro. Elizabeth fez que sim.

— Ele nunca foi forte. Eu sempre tive medo disso. Agora finalmente aconteceu.

Ela levantou os olhos para o marido — aquele homem de rosto magro, vincos em volta da boca, olhos muito alertas e vivos — e sentiu grande pena dele. Sabia exatamente o que ele estava pensando no momento. O herdeiro do trono estava morto, e lhes restava só um filho homem. A nobreza não era confiável, estava sempre pronta a declarar que os Tudor não tinham direito legítimo

ao trono. Durante toda a vida, Elizabeth presenciou a luta pela conquista e manutenção de uma coroa. Era doloroso para ela ver que seu marido não estava pensando em Arthur como seu filho querido, mas como seu herdeiro.

Ele nunca saberia o que era amar, sentir uma dor aguda como a que ela sentia agora. Estaria com inveja por ele não estar sofrendo tanto quanto ela pela perda de Arthur? Não, mesmo nesse momento de amargura, ela teve pena do marido, pois ele nunca conheceria a alegria de amar.

— Por que Deus faz isso conosco? — disse Henrique de repente.  
— O frade disse que se nós recebemos bênçãos das mãos de Deus, devemos aceitar com paciência o sofrimento que Ele nos manda.

— É verdade — falou Elizabeth. Foi até a janela e ficou olhando o rio correndo pacificamente ao longo do palácio de Greenwich.

— Nós temos muito a agradecer.

— Mas ele era meu filho mais velho... meu herdeiro!

— Não se lamenta. Lembre que tem um dever a cumprir e que tem outros filhos.

— Mas a praga pode levar nossos outros filhos em poucas horas.

— Arthur era muito fraco para aguentar uma doença assim. Os outros são mais fortes. Sua mãe teve só um filho, e esse filho tornou-se rei. O senhor tem um príncipe saudável e duas princesas.

— Henrique é meu herdeiro agora — falou o rei.

Elizabeth saiu da janela e aproximou-se dele para confortá-lo.

— Henrique, nós não somos velhos. Talvez possamos ter mais filhos. Mais filhos homens.

O rei pareceu mais tranquilo. Colocou os braços em volta dela e disse num tom mais carinhoso que o normal.

— A senhora tem sido uma boa esposa para mim. É claro que teremos mais filhos.

Elizabeth fechou os olhos e tentou sorrir. Estava pensando nas noites futuras, dedicadas a conceber mais filhos. Ela ansiava por paz à noite. Estava cada vez mais consciente de que precisava descansar. Pensou nos meses exaustivos da gravidez, que precediam o nascimento.

Mas era dever da rainha esquecer o sofrimento, parar de chorar pelos filhos perdidos e pensar nos que iriam nascer.

Henrique pegou a mão da rainha e levou — a aos seus lábios frios.

— Nós teremos problemas com o dote de Catarina. Se Arthur tivesse vivido mais um ano, o dote seria pago integralmente, e talvez Arthur tivesse um filho com ela.

A rainha não disse nada, mas viu que o marido estava reprovando o filho frágil por ele ter morrido num momento inconveniente para os esquemas do pai.

Pobre Henrique! Ele não sabe nada sobre o amor! Sabe muito pouco sobre qualquer outra coisa que não a política e os melhores métodos de encher os cofres do tesouro.

Por que ela devia dizer pobre Henrique se ele não tinha consciência do sofrimento? Seria mais lógico dizer pobre Catarina, que naquele momento estava doente em Ludlow, com o dote pago pela metade, numa posição pouco segura. O que aconteceria com Catarina de Aragão agora? A rainha da Inglaterra faria todo o possível para ajudar aquela pobre criança, mas qual era o poder da rainha da Inglaterra?

O jovem Henrique ficou em frente ao espelho polido.

Ele recebera a notícia com um misto de sentimentos. Arthur... morto! Todos sabiam que isso não tardaria a acontecer, mas mesmo assim foi um choque quando lhe contaram.

Não ver nunca mais Arthur! Não poder mais mostrar sua superioridade a ele nem se pavonear diante do frágil irmão. Henrique sentiu — se um tanto entristecido.

Mas que grandes caminhos abriam — se à sua frente! Ser príncipe de Gales e não mais duque de York! Não era um título nada mau para quem fora destinado a tornar — se arcebispo de Cantuária e que seria, um dia, o rei da Inglaterra.

Rei da Inglaterra! Seus olhinhos brilharam de prazer e seu rosto ficou afogueado. Agora as homenagens que ele recebia viriam em dobro, os gritos do povo nas ruas seriam intensificados.

Ele não seria mais o príncipe Henrique; seria Henrique, príncipe de Gales, herdeiro do trono da Inglaterra.

Henrique VIII da Inglaterra! Não havia palavras mais doces que essas na língua inglesa.

Quando o príncipe pensou nessas palavras e em tudo o que elas significavam, parou de lamentar a morte do seu delicado irmão Arthur.

Numa liteira coberta de veludo preto, vestida com roupas pretas, Catarina viajou de Ludlow para Richmond. Como foi diferente essa viagem da outra que ela fizera com Arthur havia tão pouco tempo!

O tempo tinha mudado, mas Catarina nem notou a beleza da primavera inglesa. Só conseguia pensar no marido que acabara de perder, no marido que não tinha sido marido.

Depois teve um ligeiro lampejo de esperança ao lembrar—se do destino de sua irmã Isabel, tão semelhante ao seu próprio destino. Isabel foi para Portugal a fim de se casar com o herdeiro do trono, e logo depois do casamento ele morreu num acidente durante uma caçada. Em vista disso, Isabel voltou para a Espanha.

Agora, pensou Catarina, eles vão me mandar para casa. Eu vou ver minha mãe de novo.

Como ela podia estar completamente infeliz tendo essa perspectiva em vista? Catarina acreditava que nessa época, no ano seguinte, sua estada na Inglaterra pareceria um sonho distante. Ela caminharia pelos corredores do Alhambra, veria das suas janelas o pátio dos Leões, passaria pela Corte de Myrtles, e sua mãe estaria ao seu lado. A romã não seria mais um mero signo, estaria crescendo à sua volta nos jardins, desenhada nos escudos e nas janelas do palácio dos seus pais. O melhor de tudo é que sua mãe estaria ao seu lado. "Você cumpriu o seu dever", diria ela. "Foi para a Inglaterra sem se queixar. Agora, minha Catalina, ficará comigo para sempre."

Catarina de Aragão se tornaria de novo Catalina, a infanta, a amada filha da rainha.

Enquanto ela viajava para Richmond pensou com carinho em Arthur, que fora tão gentil com ela em vida e que na morte a livraria da sua servidão.

A rainha Elizabeth estava esperando para receber a jovem viúva.

Pobre criança! pensou. Deve estar desolada. Como estará se sentindo, sozinha numa terra estranha? Será que percebe como sua

posição mudou? Ela, a princesa de Gales, é agora uma mera princesa espanhola, casada apenas de nome. Se houvesse um herdeiro a caminho, as circunstâncias teriam mudado consideravelmente. Mas agora... qual era sua posição? Que tristeza as moças serem usadas assim por homens ambiciosos.

O rei foi aos aposentos da rainha e olhou—a com aquele olhar frio e indagador; ela sabia muito bem que ele procurava algum indício de gravidez nela.

— Creio que a infanta chegará a Richmond amanhã — disse a rainha.

O olhar especulativo do rei deu lugar a um olhar desconfiado.

— Eu vou mante—la comigo por algum tempo — continuou a rainha. — Foi tudo um grande choque para ela.

— Não seria prudente mante—la em Richmond — disse o rei depressa.

A rainha não respondeu, esperou as ordens do marido.

— Ela deve ser instalada com seu séquito fora da corte — declarou o rei.

— Eu achei que logo depois dessa sua provação...

O rei ficou surpreso, pois a rainha raramente questionava suas ordens.

— Esse estado de coisas é muito insatisfatório — disse o rei. Nosso filho morto poucos meses depois do casamento, um casamento que não chegou a se consumar, ou pelo menos é o que pensamos.

— O senhor tem alguma razão para suspeitar que o casamento tenha sido consumado? — perguntou a rainha com frieza.

O rei encolheu os ombros.

— Eu ordenei que não fosse, mas eles viajaram juntos para Gales, dois jovens que não se desagradavam. Não teria sido impossível os dois ficarem juntos... sozinhos.

— Se isso aconteceu — disse a rainha animada —, se Catarina estiver grávida...

— Ela estaria grávida do herdeiro do trono. E nosso filho Henrique não gostaria nada disso, posso apostar.

— Henrique! Ele às vezes se parece tanto com meu pai que não sei se devo me alegrar ou me preocupar.

— Agradeço a Deus por termos nosso filho Henrique, mas eu ainda não estou velho, tenho vários anos à minha frente... o tempo suficiente para Henrique crescer e subir ao trono. Mas, como a senhora diz, e se Catarina estiver grávida? Isso é possível, embora eu duvide que Arthur tivesse coragem de ir contra minhas ordens. Se ao menos ele tivesse vivido mais uns meses! Pode ter certeza de que nós teremos dificuldades com esses espanhóis.

— Eles aceitarão melhor suas exigências se tratarmos bem a filha deles.

— Eu a tratarei como exige sua dignidade. Ela ficará com a senhora em Richmond por uns dois dias para ter tempo de superar a tristeza. Depois, irá residir na casa em frente à igreja Twickenham. Viverá lá com sua própria comitiva. Lembre—se que a infanta não pode pretender nada de nós agora; seria melhor que ela ficasse fora da corte até negociarmos com seus pais o que será feito dela.

A rainha baixou a cabeça. Não adiantava pedir nada ao marido. Ela não poderia confortar aquela menina, tratá—la como trataria uma filha que estivesse sofrendo. O rei mandaria avisar aos soberanos da Espanha que a morte do príncipe de Gales havia colocado a filha deles numa posição delicada.

Catarina teve pena de não ficar na corte em Richmond, mas achou que seria só uma questão de espera; estava certa de que assim que seus pais recebessem a notícia da morte de Arthur, dariam ordem para que ela voltasse para casa. Mas levaria algum tempo para a notícia chegar à Espanha e para a ordem dos soberanos chegar à Inglaterra.

Teria sido agradável ficar na companhia de Henrique e Margarida. A própria Margarida precisava ser confortada, pois em breve partiria para a Escócia para se casar.

Mas isso não era possível. Depois de uma breve estada em Richmond, Catarina e seu séquito foram enviados para uma casa com torrinhos em frente à igreja; Dona Elvira tomou as providências necessárias para toda a comitiva.

Foi logo decidido que o palácio do bispo de Durham, situado em Strand, seria uma moradia mais adequada para a infanta, e lá foi ela para a casa de Durham.

Elvira ficou encantada com esse isolamento, pois longe da corte ficaria encarregada de toda a casa. Seu marido, D. Pedro Manrique, e seu filho, D. migo, tinham altos postos na comitiva, e Dona Elvira era ambiciosa. Tinha determinado que Maria de Rojas se tornaria noiva de Inigo, pois achava que seu dote seria muito bom.

Elvira pensava muito no seu irmão, D. Juan Manuel, cujos serviços aos soberanos não eram tão bem recompensados quanto deviam ser. Ela sabia que Isabel o considerava muito, e que ele devia ter recebido muito mais honras do que recebera. Elvira achava que era Fernando quem barrava seu caminho para o sucesso, pois estava sempre buscando favores para seus filhos ilegítimos; embora a rainha insistisse em agir da sua forma, Fernando era cheio de artimanhas e em geral saía ganhando.

Se não fosse pelo rei Fernando, pensou Elvira, Juan receberia o que lhe era devido.

Às vezes ela desejava estar na Espanha, pois tinha certeza de que conseguiria fazer Juan melhorar de vida com a mesma eficiência com que cuidava da situação de Inigo em Londres.

Mas no momento, Elvira sentia—se contente. A infanta estava a seu cargo, e como era agora viúva e estava numa situação difícil confiava nela. Isabel em breve mandaria instruções, e essas instruções chegariam por meio dela.

A vida na casa de Durham seguia os moldes do Alcazar Espanhol. Raramente ouvia—se a língua inglesa; os nobres ingleses que tinham pertencido à entourage do príncipe e da princesa de Gales desapareceram e foram substituídos por espanhóis. D. Pedro Manrique era mais uma vez o primeiro despenseiro da comitiva, D. Juan de Cuero, o tesoureiro, Alessandra Geraldini manteve—se como confessor da infanta, e D. Inigo era o chefe dos pajens. Elvira dirigia toda a casa, mas a animosidade que alimentava contra Geraldini não foi abrandada. Ao contrário, foi intensificada.

Puebla lembrava—se da forma insultuosa com que a governanta da infanta o tratava.

Ayala observava tudo com malícia, temendo que em breve fosse chamado de volta à Espanha e assim perdesse o que certamente se desencadearia numa situação bastante delicada.

Quando a caravana passou na direção de Púchmond, o povo parou para olhar.

"Espanhóis!", sussurraram. Eles conheciam esse povo estrangeiro, pois tinham visto muitos deles desde que a infanta chegara à Inglaterra.

Alguma coisa estava acontecendo. Talvez os cavaleiros que cavalgavam à frente tivessem vindo buscar a infanta viúva para levá-la de volta à Espanha.

A caravana seguia na direção do palácio onde o rei residia.

Hernan Duque de Estrada estava pensativo, e não notou como eles atraíam a atenção quando passavam. Ele tinha uma tarefa difícil a cumprir, que não lhe agradava nada;

e a dificuldade seria dupla devido ao seu pouco conhecimento da língua inglesa.

Ao seu lado, vinha o Dr. de Puebla, de quem ele não podia gostar. Como seria possível um nobre asturiano gostar de um marrano? Aquele sujeito devia ser inteligente—é claro que os soberanos pensavam assim — mas seu aspecto e suas maneiras eram repulsivas aos nobres espanhóis.

Ayala era diferente. Um nobre da cabeça aos pés, mas um tanto frívolo. Hernan Duque de Estrada não estava satisfeito com seus dois colegas.

— Lá está o palácio de Richmond — disse Ayala. Hernan Duque viu a linha de prédios, as torres salientes e as torrinhas simétricas. Ele, que viera direto do Alhambra, não se impressionou com a arquitetura do país; mas não lhe veio à cabeça que o belo prédio da Espanha com o qual comparava este palácio era uma obra—prima da arquitetura árabe, não da arquitetura espanhola.

— O rei passa muito tempo em Richmond — explicou Ayala.

— Ele gosta muito do palácio. Talvez porque goste de ficar perto do rio, pois Greenwich é outra residência favorita sua.

Puebla interrompeu:

— Então, nós teremos de obedecer—lhe sem questionamento.

— São ordens expressas dos soberanos — disse Hernan Duque.

— Parece estranho, pois nós que estamos aqui há tanto tempo compreendemos a situação muito melhor que qualquer outro espanhol — resmungou Puebla.

— Eu trouxe instruções de Suas Majestades. O senhor seria malvisto se não fizesse todo o possível para me ajudar a cumprir essas ordens.

Puebla sacudiu a cabeça.

— Eu não invejo sua tarefa. O senhor vai ver que o Tudor não é um homem com quem se negocia facilmente.

— Foi uma infelicidade a morte do príncipe ter ocorrido nesse período.

— Qual será sua primeira atitude? — perguntou Ayala. Hernan Duque olhou por cima do ombro.

— Vamos nos adiantar um pouco — disse Ayala. — Embora possamos conversar em segurança, pois os ingleses não conseguem aprender outras línguas, é melhor nos garantirmos. No fundo, eles acreditam que todos que não falam inglês são bárbaros e que os estrangeiros merecem ser considerados assim.

— Um povo insular. Tenho pena da nossa infanta — disse Duque.

— Por quê? O senhor não tem ordem de Suas Majestades de levá-la de volta à Espanha?

— Eu trouxe três documentos. O senhor viu o primeiro... que o obriga a me obedecer em todas as questões relativas a esse assunto. O segundo e o terceiro deverão ser vistos apenas pelo rei. Mas ele só verá o terceiro depois de ter digerido o segundo. Antes disso, nem saberá que existe ainda um outro documento.

— E o segundo? — perguntou Puebla.

— Exige a devolução das cem mil coroas que já foram pagas, a primeira parte do dote.

— O senhor pretende cortar o coração do rei? — perguntou Ayala.

— Ele não vai aceitar isso, tenho certeza.

— Aceitar? — gritou Ayala. — O rei gosta mais dessas cem mil coroas do que gostava do filho dele. O senhor não pode lhe causar

um segundo sofrimento agora, pois ele nem se recuperou do primeiro.

— Eu irei além. Exigirei os bens que o príncipe de Gales prometeu à sua esposa no dia do casamento.

— O rei nunca consentirá nisso.

— Então pedirei que a infanta volte para a Espanha.

— com o espólio — disse Ayala rindo. — Nada mau: o dote, um terço dos bens de Gales, Chester e Cornualha, e nossa infanta com a virgindade intacta. Uma aventura agradável para a infanta em rendosa para os soberanos. E o senhor acha mesmo que o rei da Inglaterra concordará com isso?

— Ele não gostará nada, eu sei disso — falou Duque. — Recusará a proposta, pois estou certo de que não pretende desistir desse dinheiro. Porém se não aceitar esses termos, cairá em desgraça com os soberanos da Espanha. É por isso que o segundo documento tem tanta importância.

— E o terceiro documento? — perguntou Puebla ansioso. Duque olhou mais uma vez por cima do ombro.

— O rei tem um outro filho — disse baixinho.

— Ah! — sussurrou Ayala.

— Perigoso! — interrompeu Puebla. — O príncipe Henrique é irmão dela por casamento. E não está escrito no terceiro livro da Bíblia que é proibido ao homem casar-se com a viúva do seu irmão?

— O Papa daria a dispensa. Ele deu a Manoel de Portugal para que ele se casasse com a infanta Maria depois da morte de sua irmã Isabel.

— Mas ela era irmã da sua falecida esposa.

— A situação é semelhante. O Papa não terá dificuldade de dar a dispensa necessária. E como dizem que o casamento deles não foi consumado, isso simplifica a questão.

— Seria bom o senhor ter certeza disso. É muito importante — disse Puebla.

Ayala olhou com desprezo para o judeu.

— Seu espírito de advogado exagera detalhes sem importância. Pode ficar certo de que se os soberanos desejarem a dispensa, eles a

terão. A Espanha é importante o suficiente para assegurar isso.

— De início, não direi nada sobre a sugestão de casamento. Desejo alarmar o rei exigindo a devolução do dote e a transferência dos bens que a infanta herdou através do casamento. Isso o deixará predisposto a concordar com um segundo casamento, que os soberanos desejam que ocorra.

— Eu pensei que a rainha fosse querer ter sua filha de volta falou Ayala.

— Ela deseja muito isso, mas o dever vem antes de seus desejos pessoais, como sempre. E há outra questão. Sua saúde piorou rapidamente nesses últimos meses. O senhor, que não a vê há muito tempo, mal a reconheceria. Não sei se Isabel de Castela ainda vai viver muito neste mundo. Ela sabe disso, e deseja ver sua filha mais nova bem—casada, com uma coroa em vista, antes de deixar esta vida.

— Ela não tem nada a temer. Henrique concordará com esse casamento — disse Ayala sorrindo. — É a saída para ele. Ele não deixaria que ninguém lhe tirasse cem mil coroas.

— A caravana chegou aos portões do palácio.

Com Puebla de um lado e Ayala de outro, Hernan Duque entrou a cavalo; logo depois, Puebla e Ayala apresentaram—no para o rei, que o conduziu a uma pequena câmara, onde eles poderiam discutir em particular o assunto do futuro da infanta.

No isolamento da casa de Durham, Catarina não tinha ideia de que o enviado de seus pais chegara à Inglaterra com documentos tão importantes para seu futuro.

Ela sentia—se em paz, pois estava certa de que em breve estaria se preparando para fazer a viagem de volta à Espanha. Nos seus aposentos, cujas janelas davam para o Tamisa, fantasiava que já estava na Espanha. Sentava—se ali com três damas de honra, todas muito queridas, e elas estavam bordando como fariam se estivessem no seu próprio país.

Fantasiava que a qualquer momento seria chamada para ir aos aposentos de sua mãe, e que se olhasse da janela não veria o rio de Londres com as barcaças e os barqueiros gritando uns com os outros

em inglês, e sim as distantes serras de Guadarrama ou as águas cristalinas do Darro.

Nesse meio—tempo, ela podia viver na casa de Durham como se estivesse no Alcazar Espanhol, esperando para ser levada de volta ao seu país.

Maria de Rojas tornara—se ainda mais bela nas últimas semanas. Estava apaixonada por um inglês. Francesca de Cárceres fingia bordar, mas detestava ficar sentada quieta e não gostava de trabalho de agulha; achava a vida na casa de Durham monótona, morta e sem alegria, e seu único consolo era acreditar que em breve elas estariam voltando para a Espanha. Maria de Salinas trabalhava em silêncio. Ela também estava feliz com a perspectiva de voltar em breve para seu país.

Francesca, que não sabia esconder seus pensamentos por muito tempo, falou de supetão:

— Maria de Rojas deseja conversar com Vossa Alteza. Maria de Rojas corou ligeiramente, e Maria de Salinas disse com seu modo calmo:

— Não hesite. Sua Alteza vai ajudar você, tenho certeza.

— O que foi? — perguntou Catarina. — Venha cá, Maria, conte o que houve.

— Ela está apaixonada — disse Francesca.

— Por D. Inigo? — perguntou Catarina. Maria de Rojas ficou roxa.

— Não!

— Ah, então é pelo inglês, não é? E ele também está apaixonado?

— Está sim, Alteza.

— E você deseja se casar com ele?

— Desejo, Alteza, e o avô dele quer que nos casemos.

— Você dependerá do consentimento do rei da Inglaterra e também da permissão dos meus pais — disse Catarina.

— Maria pensa que se Vossa Alteza escrevesse para o rei e a rainha da Espanha dizendo que o conde de Derby é um nobre inglês de alta categoria e que seu neto é digno dela, eles dariam o consentimento de imediato.

— E um dote também —? disse Catarina. — Pode deixar, Maria, que eu escreverei imediatamente para meus pais pedindo que eles façam o que for preciso.

— Vossa Alteza é muito boa para mim — murmurou Maria em tom de gratidão. — Mas eu precisarei do consentimento do rei da Inglaterra também.

— Isso será obtido facilmente — falou Francesca —, se a Condessa de Richmond for abordada primeiro. Sua opinião tem mais peso para o rei da Inglaterra que a opinião de qualquer outra pessoa.

— Você deve pedir ao seu noivo para cuidar do lado inglês disse Catarina. — O lado espanhol fica a meu cargo, escreverei para meus pais sem mais demora.

Maria de Rojas caiu de joelhos, pegou a mão de Catarina e beijou —a dramaticamente.

Francesca riu e Maria de Salinas deu um sorriso.

— Que coisa maravilhosa estar apaixonada! — gritou Francesca.

— Eu gostaria que isso acontecesse comigo também! Mas há outra coisa que eu ainda desejo mais que isso.

— O que é? — perguntou Catarina, embora sabendo qual seria a resposta.

— Voltar para casa, Alteza. Sair deste país e voltar para a Espanha.

— Ah, sim — suspirou Catarina. — Todas nós sentimos a mesma coisa, exceto Maria, que tem boas razões para desejar ficar aqui. Preparem minha escrivãzinha.

Vou escrever agora mesmo para meus pais pedindo—lhes o consentimento para esse casamento.

Maria de Rojas obedeceu prontamente, e as três damas de honra ficaram em volta de Catarina enquanto ela escrevia.

— Pronto! — disse Catarina. — Terminei. Assim que o mensageiro viajar para a Espanha, ele levará esta carta junto com os documentos mais importantes.

— Nada é mais importante que isto, Alteza — falou Maria de Rojas, beijando a carta.

— Quer dizer que quando voltarmos para a Espanha você ficará aqui — disse Catarina. — Vamos sentir sua falta, Maria.

— Vossa Alteza ficará tão feliz de voltar para casa, e as outras também, que se esquecerão de Maria de Rojas.

— E ela? — perguntou Francesca. — Estará tão contente com seu amado lorde inglês que dirá adeus à Espanha e adotará este país como seu para o resto da vida.

— Isso é o amor — disse Catarina sobriamente.

O Dr. Puebloa à casa de Durham, mas a infanta não tinha vontade de vê-lo; estava sempre disposta a ver Ayala, mas o pequeno marrano a irritava. Porém, como

sabia que ele era ridicularizado por toda a corte inglesa sentia pena dele.

Puebla tinha consciência disso, mas não se deixava perturbar muito; estava acostumado a ser ridicularizado, e sentia que manteria seu posto por mais tempo que D. Pedro de Ayala; ele era mais útil aos soberanos, e o rei da Inglaterra considerava-o um bom amigo, tanto quanto qualquer embaixador estrangeiro podia ser.

Seu instinto de advogado exigia que ele soubesse a verdade sobre o casamento da infanta. O fato de o casamento ter ou não sido consumado lhe parecia da máxima importância; caso não tivesse sido, a concessão da dispensa do Papa seria muito mais simples. Ele estava decidido a descobrir a verdade.

E quem seria mais indicado para lhe dizer isso que o confessor de Catarina? Foi por essa razão que Puebla foi à casa de Durham; não para ver Catarina ou Dona Elvira, mas para ver o confessor de Catarina, o padre Alessandra Geraldini.

Geraldini ficou encantado de ser procurado por Puebla. Como todos os outros, fingia que o desprezava mas sabia do seu poder; quando o embaixador veio vê-lo, sentiu que estava se tornando muito importante. Torquemada não tinha começado como confessor de uma rainha? E a que poder ele chegara! Ximenes de Cisneros era outro exemplo de um frade humilde que se tornara um grande

homem. Ximenes foi considerado o homem mais poderoso da Espanha na sua época — depois dos soberanos, naturalmente.

Portanto, Geraldini ficou orgulhoso de receber Puebla.

O esperto Puebla percebeu os sentimentos do padre e decidiu explorá-los.

— Eu gostaria da sua opinião a respeito de um assunto muito delicado — começou Puebla.

— Terei o maior prazer em ajudar.

— É sobre o casamento da infanta. Parece muito estranho que duas pessoas jovens se casem sem consumir o casamento.

Geraldini concordou.

— Como o rei proibiu a consumação, é quase certo que a infanta tenha mencionado ao seu confessor se ela e o marido desrespeitaram o desejo do rei.

Geraldini ficou desconfiado.

— O confessor é o único confidente a quem se pode contar o que é mantido em segredo para o resto do mundo, não é?

— Isso mesmo.

— Portanto, se alguém sabe o que aconteceu na noite do casamento da infanta esse alguém provavelmente é o senhor. — O padre não conseguia esconder o orgulho estampado nos seus olhos.

— Em nome dos nossos soberanos, eu lhe peço que me diga o que aconteceu naquela noite.

Geraldini hesitou. Ele sabia que se dissesse a verdade, isto é, que não sabia, perderia sua importância para Puebla, e isso ele não poderia suportar. Queria considerar—se o confidente da infanta, o homem destinado a tomar parte na política espanhola.

— Como o senhor vê — continuou Puebla, notando a hesitação do padre, — se o casamento» foi consumado e esse fato foi mantido em segredo, a bula de dispensa do Papa poderia ser invalidada. É necessário apresentar todos os fatos para Sua Santidade. Nós precisamos saber a verdade, e o senhor é o homem que pode nos dizer isso.

Sua posição peculiar o torna qualificado. E eu rogo que o senhor me diga qual é a verdade.

Geraldini fez mais uma curta pausa, depois falou.

— O casamento foi consumado. É provável que seja frutífero. Puebla saiu da casa de Durham a toda velocidade. Primeiro enviou uma carta para os soberanos, depois procurou os conselheiros do rei.

Era isso que ele esperava. Ele gostava de fatos claros. Se a infanta estivesse grávida do herdeiro da Inglaterra, não haveria mais dúvida quanto à sua posição no reinado de Henrique.

A crença de que o casamento não fora consumado era altamente perigosa. Era uma questão que daria margem a contínuas conjecturas.

Puebla estava muito feliz de anunciar que Arthur e Catarina tinham coabitado e que havia possibilidade de que aquela relação fosse frutífera.

Dona Elvira tirou da gaveta de sua escrivaninha uma carta que fora escondida lá às pressas.

O mensageiro estava a caminho da costa, com as cartas enviadas da Inglaterra para a Espanha.

— Esta não irá com as outras — disse a si mesma.

Depois que mostrasse a carta a seu filho Inigo, iria queimá-la na chama da vela, e lhe diria para ficar mais atento. Se ele tivesse se empenhado em fazer a corte a Maria de Rojas, ela não teria-se apaixonado pelo inglês.

Elvira gostaria de saber como o inglês conseguia encontrar-se com Maria de Rojas. É claro que havia traidores na comitiva espanhola. Mas ela, Dona Elvira Manuel, e só ela dava ordens naquela casa. Se suas ordens tivessem sido cumpridas, Maria de Rojas não teria tido oportunidade de se apaixonar pelo inglês.

A governanta suspeitava que três pessoas tentavam tirar seu poder na casa de Durham. A primeira, aquele padrezinho pernicioso que ultimamente andava com ar de importância; a segunda, D. Pedro Ayala, cujo cinismo e vida dissipada ela não aprovava; e a terceira, Puebla, desprezado por todos os que tinham sangue nobre.

Ela mandaria chamar Inigo e lhe mostraria a carta com a letra de Catarina, pedindo um dote para Maria de Rojas. Ele não devia permitir que ninguém passasse à sua frente.

Quando ia chamar um dos pajens, a porta se abriu e seu marido D. Pedro Manrique entrou, muito agitado. Avista disso, Dona Elvira esqueceu—se por um instante de Maria de Rojas e do seu caso amoroso.

— O que o está afligindo? — perguntou ao marido.

— Creio que a senhora não ouviu os boatos.

— Boatos? De que você está falando?

— Boatos sobre a infanta.

— Diga logo — exigiu Dona Elvira. Ela esperava do marido a mesma obediência que o resto da comitiva lhe prestava.

— Puebla disse aos membros do Conselho que o casamento foi consumado e que é possível que a infanta esteja grávida.

— O quê! — gritou Elvira, com o rosto vermelho de raiva. Isso é mentira! A infanta é tão virgem como era no dia em que nasceu.

— Eu também pensava assim. Mas Puebla declarou aos membros do Conselho o contrário. Além disso, escreveu para os soberanos contando os verdadeiros fatos.

— Preciso ver Puebla imediatamente. Mas primeiro... mande deter o mensageiro. É uma mentira o que está sendo enviado para a Espanha.

— vou despachar imediatamente um cavaleiro para alcançá—lo, mas talvez seja tarde demais. Mesmo assim, verei o que posso fazer.

— Vá depressa então! — ordenou Dona Elvira. — E mande Puebla vir—me ver imediatamente. Não posso deixar que essa mentira se espalhe.

Seu marido saiu apressado, e Dona Elvira ficou andando de um lado para o outro na sala.

Ela tinha certeza de que Catarina ainda era virgem; se não fosse, já teria sabido. Só na noite do casamento eles tinham ficado juntos, e os dois eram muito jovens, muito inexperientes... Além do mais, o rei lhes dera ordens expressas para que o casamento não fosse consumado.

Se aquele Puebla miserável estivesse dizendo a verdade, se Catarina estivesse mesmo grávida, ela não ficaria mais exilada na Casa de Durham; iria para a corte, e isso seria o fim do reinado de Dona Elvira.

— Ela é virgem — gritou Elvira. — É claro que é. Eu juro que é. Se for necessário, ela pode ser examinada.

O Dr. De Puebla foi falar com Dona Elvira e com o marido dela. Ficou um pouco preocupado com a fúria daquela mulher, pois ela era poderosa, e a rainha Isabel a respeitava muito.

— Eu quero saber por que o senhor ousou contar tamanha mentira aos membros do Conselho e escrever para os soberanos perguntou ela aos gritos.

— Que mentira?

O senhor declarou que o casamento da infanta foi consumado. Onde o senhor estava na noite do casamento, Dr. Puebla? Espiando por trás das cortinas do quarto?

— Eu ouvi dizer de fonte limpa que o casamento foi consumado, Dona Elvira.

— Que fonte limpa foi essa?

— O confessor da infanta.

— Geraldini! — disse ela, quase cuspiendo a palavra. — Aquele arrogante!

— Ele me garantiu que o casamento foi consumado, e que é possível que a infanta esteja grávida.

— Como ele ficou a par disso?

— Possivelmente, a infanta lhe confessou.

— Ele está mentindo. Um momento. Mande buscar Geraldini

— disse para o marido.

O padre chegou em poucos minutos. Estava meio pálido, como todos da comitiva que temiam a fúria de Dona Elvira.

— Então — gritou Elvira —, o senhor informou ao Dr. de Puebla que o casamento de nossa infanta com o príncipe de Gales foi consumado, e que a Inglaterra talvez tenha em breve um herdeiro.

Geraldini ficou em silêncio, com os olhos baixos.

— Responda! — gritou Elvira.

— Eu... eu na verdade acreditei que...

— O senhor na verdade acreditou! O senhor na verdade imaginou! Seu idiota! Como ousa se imiscuir em assuntos que não lhe dizem respeito? O senhor devia estar no mosteiro fazendo suas preces numa cela solitária. Gente como o senhor não tem lugar em

círculos da corte. Confesse que a infanta nunca lhe disse que o casamento dela foi consumado!

— Ela... ela não me disse, Dona Elvira.

— Mas o senhor ousou dizer ao Dr. de Puebla que sabia qtf e isso era verdade. "

— Eu acreditei...

— Eu sei! O senhor na verdade acreditou. O senhor não sabia de nada. Agora saia da minha frente antes que eu mande que o chicoteiem. Saia... depressa. Seu idiota! Seu patife!

Geraldini ficou aliviado de escapar dali.

Assim que ele saiu Elvira virou—se para Puebla. — O senhor viu o que esse intrometido fez. Se quiser saber alguma coisa sobre a infanta deve perguntar a mim. Agora há uma única coisa a ser feita. O senhor concorda que esse homem Geraldini o enganou?

— Concordo — disse Puebla.

— Então deve escrever imediatamente aos soberanos, dizendolhes que não é verdade o que escreveu no seu documento anterior. Se agir com rapidez, talvez consiga que sua primeira carta não chegue às mãos de Suas Majestades. Vamos rezar para que as marés nos favoreçam durante algumas horas. Vá imediatamente acertar esta questão.

Embora Puebla tivesse se ressentido do modo autoritário de Dona Elvira, tinha de admitir que devia fazer o que ela dissera. Ele próprio estava ansioso para corrigir seu erro.

Fez uma reverência e saiu imediatamente para cumprir seu dever.

Quando Elvira se viu sozinha com o marido, sentou—se à escrivaninha e começou a escrever. A carta era dirigida à rainha Isabel, e falava da mentira que o padre Alessandro Geraldini contara sobre a infanta. Aproveitava para falar também que a presença de D. Pedro de Ayala na Inglaterra não era mais necessária para o bem—estar da Espanha. com relação a Puebla, Elvira ficou em dúvida. Como ele admitira seu erro com humildade, talvez os soberanos ficassem mais mal servidos se enviassem outro embaixador para substituí—lo. Se ela se queixasse muito, poderia dar a impressão de

que estava com dificuldade de relacionamento com a comitiva. Conseguir livrar—se de Geraldini já seria uma grande vantagem.

Quando selava a carta lembrou—se da carta da infanta, que a deixara irritada antes de ouvir a história de Geraldini.

Pegou a carta e entregou— a ao marido.

— Leia isto — ordenou. Ele leu e disse:

— Mas você tinha decidido... Elvira cortou—o no meio da frase.

— Quero que Inigo leia isto também. Diga a ele para vir aqui imediatamente, mas primeiro despache minha correspondência para os soberanos. Eu gostaria que eles a recebessem antes da carta de Puebla.

D. Pedro Manrique obedeceu—lhe, como fazia desde que se casara com ela, e pouco depois voltou com o filho.

— Inigo, meu filho, eu não disse que achava que uma ligação com Maria de Rojas seria vantajosa para você?

— Disse, mãe.

— Então, talvez lhe interesse ler esta carta que a infanta escreveu para seus pais. É um pedido para que os soberanos consentam que Maria de Rojas se case com um inglês e lhe ofereçam um dote.

— Mas mãe, a senhora...

— Leia isto — disse Elvira irritada.

O jovem Inigo franziu a sobrancelha e sentiu que estava enrubescendo. Não por grande entusiasmo para se casar com Maria, mas por seu temor à ira da mãe; tudo indicava que ela o culparia, mas ele não entendia bem por quê.

— Terminou? — perguntou Elvira, arrancando a carta da mão do filho. — Nós não podemos permitir que outras pessoas se adiantem e ganhem prémios que nos pertencem debaixo do nosso nariz, não é?

— Não, mãe. Mas ela quer se casar com o inglês e está sendo apoiada pela infanta.

— Assim parece — disse Elvira pensativa. — Por enquanto, nós não faremos nada.

— Mas nesse meio—tempo, os soberanos poderão preparar o dote e dar seu consentimento.

— Por que, se ninguém lhes pediu nada?

— Mas a infanta pediu nesta carta — disse o marido. Elvira riu e queimou a carta na chama da vela.

## A MORTE DE ELIZABETH DE YORK

OS LONGOS DIAS da primavera e do verão passaram sem maiores novidades para Catarina. Ela vivia à espera de ordens para ser levada de volta à Espanha.

Mas as ordens chegaram apenas para outros, como o padre Alessandro Geraldini e D. Pedro de Ayala.

Dona Elvira explicou a Catarina que D. Pedro de Ayala voltara para a Espanha porque não era digno de representar seu país na Inglaterra; sua vida era excessivamente carnal para quem respondia como embaixador e bispo. Quanto a Geraldini, ele havia espalhado calúnias contra a própria infanta, e por isso ela pedira que fosse mandado de volta à Espanha.

— Sua Majestade declarou que ele não é digno de permanecer na sua comitiva. Eu agradeço a Deus por ter sabido dessa perfídia a tempo.

— O que ele disse de mim? — perguntou Catarina.

— Disse que Vossa Alteza estava grávida.

Catarina enrubesceu, e Elvira sentiu que se a infanta tivesse de ser examinada, seu pronunciamento seria comprovado.

— Eu pensei que minha mãe fosse mandar me buscar — disse Catarina queixosa.

Elvira sacudiu a cabeça.

— É quase certo que Vossa Alteza se casará mais uma vez na Inglaterra. Não se esqueça de que o rei tem um outro filho.

— Henrique! — falou Catarina baixinho, pensando no menino que a levava ao altar para entregá-la a Arthur.

— E por que não?

— Mas ele é um menino.

— Só um pouco mais moço que ssa Alteza. Quando ficar mais velho, isso não fará diferença nenhuma.

Henrique! Catarina ficou assustada e um pouco temerosa. Queria afastar—se de Elvira para pensar nessa perspectiva.

Naquela noite, não conseguiu dormir. Henrique estava presente em seus pensamentos, e ela não tinha certeza se isso lhe agradava ou se a assustava.

Esperou em vão ter mais notícias.

Era difícil saber o que estava acontecendo na Espanha. Ela ouvia apenas fragmentos de notícias aqui e ali. A guerra pela conquista de Nápoles, na qual seus pais estavam envolvidos contra o rei da França, não estava indo bem para eles. Talvez por isso, o rei da Inglaterra hesitasse com relação ao noivado dela com Henrique. com os soberanos em dificuldade, ele poderia negociar de forma mais vantajosa. O rei não se esquecera de que só metade do seu dote havia sido paga.

E os meses foram—se passando sem grandes novidades. Catarina viu que seu dinheiro não era suficiente nem para pagar seus serviços. E estava preocupada com o dote de Maria, pois não recebera nenhuma notícia sobre isso.

O rei da Inglaterra dizia que Catarina não tinha direito a um terço da propriedade do seu falecido marido, já que a segunda metade do seu dote não fora paga. Ela precisava de vestidos novos, mas não havia dinheiro para comprá—los. Pensou então em empenhar suas pratas e jóias, avaliadas em trinta e cinco mil coroas. Mas não ousava fazer isso porque esses bens tinham vindo da Espanha como parte do dote. Porém, o que mais poderia fazer para conseguir algum dinheiro?

Havia momentos em que Catarina sentia—se abandonada, pois não tinha permissão para ir à corte.

— Ela é uma viúva. Deve viver isolada por algum tempo — dizia o rei da Inglaterra.

Henrique tinha os olhos voltados para o Continente. Como parecia que os franceses iriam vencer os espanhóis, talvez fosse mais vantajoso seu filho casar—se com uma princesa da França ou da Casa de Maximiliano do que com uma princesa da Espanha.

Nesse meio—tempo, a filha de Isabel e Fernando vivia na Inglaterra como uma princesa sem um só centavo, esposa mas não

esposa, praticamente refém do bom comportamento dos seus pais.

Para o rei, o fato de Catarina encontrar—se na pobreza não lhe dizia respeito. Não se podia esperar que ele desse uma pensão a uma mulher cujo dote não fora pago.

Puebla foi conversar com Catarina, e sacudiu a cabeça com tristeza. Ele tampouco estava recebendo dinheiro da Espanha, mas por sorte tinha outras fontes de renda na Inglaterra.

— Suas Majestades estão usando tudo o que têm com a guerra, Alteza — disse ele. — Nós precisamos ter paciência, por força das circunstâncias.

Catarina às vezes chorava até dormir quando suas damas de honra saíam do quarto.

— Oh, mãe! — dizia aos soluços. — O que está acontecendo por aí? Por que a senhora não manda me buscar? Por que não me tira desta... prisão?

O Natal estava quase chegando. Fazia um ano inteiro que Catarina chegara à Inglaterra, se casara e ficara viúva; mas parecia que já estava prisioneira na casa de Durham havia muito tempo.

Ela não participaria das comemorações de Natal na corte de Richmond, pois era uma viúva de luto. Além disso, o rei da Inglaterra queria que os soberanos espanhóis soubessem que ele não prestava homenagens à filha deles porque metade do dote ainda lhe era devida, e que não estava muito interessado em fazer outra aliança com a Casa da Espanha.

Maria de Rosas estava descontente.

— Nenhuma notícia de casa?—perguntava a toda hora.—Que estranho a rainha não responder ao seu pedido sobre o meu casamento!

— Ela estava ansiosa, pois trancada na casa de Durham não tinha oportunidade de ver seu noivo. Ficava imaginando por onde ele andava e se ainda estava disposto a se casar com ela.

Francesca declarou que enlouqueceria se elas continuassem na Inglaterra por muito tempo; até mesmo a doce Maria de Salinas estava impaciente.

Mas os dias se passavam tão iguais uns aos outros que Catarina quase perdeu a noção do tempo; só sabia que a cada semana suas

dívidas com os membros da comitiva aumentavam, e que o Natal estava às portas e eles não tinham dinheiro nenhum para celebrações, presentes e nem mesmo para uma ceia.

Em novembro, a rainha Elizabeth foi à casa de Durham fazer uma visita a Catarina.

Catarina ficou chocada quando viu a rainha; ela mudara muito desde a última vez em que as duas se encontraram. Estava no final da gravidez e não parecia nada saudável.

A rainha quis ficar a sós com Catarina, e as duas sentaram-se perto da lareira.

— Eu fico muito aflita por ver você assim — disse a rainha. Vim dizer-lhe que me preocupo com sua situação e também trazer um pouco de comida para sua mesa. Eu sei como você deve estar se sentindo.

— Foi muita bondade sua — falou Catarina. A rainha pôs sua mão na mão da infanta.

— Não se esqueça de que você é minha filha.

— Eu acho que o rei não pensa assim de mim. Sinto muito que o meu dote não tenha sido pago. Tenho certeza de que meus pais já teriam pagado tudo se não estivessem envolvidos nessa guerra.

— Eu sei, minha querida. Guerras... há sempre guerras no mundo. Nós temos sorte na Inglaterra. Nosso rei não gosta de guerra, e eu fico feliz com isso. Já vi guerras demais na minha vida. Mas vamos falar de coisas mais agradáveis. Eu gostaria que você pudesse passar o Natal conosco na corte.

— Nós ficaremos bem aqui.

— Eu invejo essa calma da casa de Durham — disse a rainha.

— Quando vai nascer o bebê?

— Em fevereiro—disse a rainha, estremeando. — O mês mais frio do ano.

Catarina olhou para o rosto daquela mulher envelhecida e viu seu ar de resignação, mas não entendeu por quê.

— Espero que a senhora tenha um príncipe — disse Catarina.

— Reze para eu ter um bebê saudável. Já perdi dois filhos com poucos meses. É muito triste quando eles vivem um pouco e logo

depois morrem. Muito sofrimento... talvez este bebé sofra mais ainda.

— Mas a senhora tem três filhos bem saudáveis. Eu nunca vi ninguém tão resplandecente como Henrique.

— Henrique, Margarida e Maria... os três têm boa saúde, só que a vida me ensinou a não esperar demais. Mas eu não vim aqui falar de mim, e sim de você.

— De mim!

— Sim, de você. Eu imagino como deve estar se sentindo, vivendo quase como uma prisioneira num país estranho, enquanto fazem planos para o seu futuro. Eu compreendo, pois a minha vida também não foi fácil. Fui criada no meio de muita luta. Eu e meus irmãos menores fomos levados ao Santuário de Westminster pela minha mãe. Você deve ter ouvido falar que eles se perderam de nós... foram assassinados, tenho certeza disso. Vim dizer—lhe que você está em meus pensamentos porque eu também sofri muito.

— Nunca me esquecerei da sua bondade.

— Lembre—se de que o sofrimento não dura para sempre. Um dia você sairá desta prisão e será feliz de novo. Não se desespere. Foi isso que eu vim dizer—lhe.

— E enfrentou todo esse frio para me dizer isso?

— Talvez seja minha última oportunidade.

— Espero poder ir ver a senhora quando o bebé nascer. A rainha deu um sorriso com um ar muito triste.

— Não fique assim — gritou Catarina, tomada de um pânico súbito. Ela estava pensando na sua irmã Isabel, que voltara para a Espanha para ter o bebé, o pequeno Miguel que morreu antes de completar dois anos. Isabel teve uma premonição da sua morte.

Catarina achou que a rainha iria reprová—la por seu descontrole, mas Elizabeth de

York sabia o que acontecera com a jovem Isabel e via perfeitamente em que Catarina estava pensando.

Levantou—se e beijou Catarina na testa. Um beijo de despedida.

Era o dia da Festa das Candeias, e os frios ventos de fevereiro chicoteavam os muros do palácio da Torre de Londres, embora a rainha não notasse mais nada disso.

Ela estava na cama, contorcendo—se de dor e dizendo a si mesma: Tudo vai acabar em breve. Depois disso, caso eu viva, não vou mais ter filhos. Deus queira que este bebê seja um menino... podia bem ser um menino!

Depois ficou imaginando quantas rainhas tinham passado por aqueles aposentos reais e rezado para darem à luz um menino.

Têm de ser um menino, disse ela para si mesma, pois vai ser meu último filho.

Tentava livrar—se da premonição que a afligia desde que soube que estava grávida de novo. Se seu confinamento pudesse ter sido em outro lugar que não a Torre de Londres, ela estaria mais feliz. A rainha detestava esse lugar. Às vezes, quando estava sozinha à noite, tinha a impressão de ouvir as vozes de seus irmãos chamando— a, e ficava pensando se eles estavam em algum túmulo próximo dali.

Mas isso era sinal de fraqueza. Eduardo e Ricardo estavam mortos, ela tinha certeza disso. A forma como tinham morrido não fazia diferença para eles agora. Será

que voltariam para esta Terra tão cheia de problemas se pudessem? com que finalidade? Denunciar o tio como assassino? Travar uma batalha contra o marido da irmã

para reaver a coroa?

— Eduardo! Ricardo!—murmurou a rainha.—É verdade que seus corpos foram enterrados em algum lugar dentro das muralhas cinzentas destas torres?

Uma criança estava vindo ao mundo. A mãe não devia pensar em crianças que tinham sido mortas tanto tempo atrás, mesmo sendo seus próprios irmãos.

Pense em alguma coisa agradável, disse ela para si mesma. Pense nas suas damas de honra remando no rio com você, pense em Lewis Walter, seu barqueiro, e seus alegres ajudantes; pense nas festividades de Natal em Richmond com os menestréis e declamadores. A rainha sorriu ao lembrar—se do chefe dos menestréis, que era apelidado de marquês Lorydon. Que génio! Que capacidade de agradar! E pensou nos outros menestréis de menos talento, Janyn Marcourse e Richard Denouse. Lembrou—se do bobo da corte, Patch, que estava em grande forma no Natal anterior, e também de Goose, o bobo do jovem Henrique, cujas caretas a tinham divertido tanto.

O menino ficara contente porque Goose era brilhante, e estava quase tão divertido quanto o bobo do rei e da rainha.

Ele queria sempre estar adiante dos outros, pensou a rainha. Era uma boa qualidade para um rei.

Lembrou—se de uma bela dança apresentada por uma moça espanhola da casa de Durham. Ela lhe dera quatro xelins em agradecimento e quatro centavos por sua apresentação, e a moça ficou profundamente agradecida. Pobre menina, havia pouquíssimo luxo na casa de Durham.

O rosto da rainha crispou—se. Onde acabará tudo isso? perguntou a si mesma. Lembrou—se do seu filho Henrique, com os olhos brilhantes de orgulho porque seu bobo, Goose, podia equiparar—se aos bobos dos seus pais. E pensou na solidão da infanta em Durham.

O destino das princesas é quase sempre triste, pensou. E em seguida não houve mais tempo para qualquer reflexão.

A criança estava a ponto de nascer, e não restava nada à rainha senão sua agonia imediata.

O Sofrimento terminou, e a criança estava deitada no berço; uma menina fraquinha, mas que conseguira viver.

O rei aproximou—se do leito da esposa e tentou não demonstrar seu desapontamento pelo fato de ter mais uma filha.

— Agora temos um filho e três lindas meninas — disse ele. E ainda estamos moços.

A rainha prendeu a respiração de tanto medo. De novo não, pensou. Eu não aguentaria passar por isso mais uma vez.

— E, nós ainda somos moços — continuou o rei. Você tem apenas trinta e sete anos, e eu não completei quarenta e seis. Ainda temos muito tempo à nossa frente.

A rainha não respondeu, dizendo apenas:

— Henrique, vamos chamá—la Catarina.

O rei franziu o rosto, e a rainha acrescentou:

— Em homenagem à minha irmã.

— Que assim seja — falou ele. Era uma boa ideia homenagear a irmã de Elizabeth, Catarina, lady Courtenay, pois afinal ela era filha de um rei. Ele só não queria homenagear a infanta, pois Fernando e

Isabel achariam que ele estava favorecendo a filha deles, o que não seria nada aconselhável.

A negociação ligada à infanta continuava, e o rei queria que os soberanos espanhóis soubessem que eles é que lhe deviam favores agora. Ele não se esquecia daquela metade do dote que não havia sido paga.

Notando que a rainha parecia exausta, o rei pegou sua mão, beijou — a e disse:

— Descanse agora. A senhora precisa cuidar da sua saúde. Preciso mesmo, pensou a rainha. Eu sofri muito durante meses e tive uma menina. Tenho de dar mais filhos homens ao rei... mesmo que morra tentando.

Uma semana depois do parto, a rainha ficou muito doente. Quando suas damas de honra entraram no quarto e viram que ela estava com febre, mandaram um mensageiro aos aposentos do rei.

Henrique ficou surpreso e foi correndo para o quarto da esposa; ela parecia ter se recuperado bem do parto, e lhe tinha garantido até que no próximo ano lhe daria um filho homem.

Quando olhou para a rainha, ficou horrorizado e mandou chamar imediatamente o Dr. Hallyswurth, seu melhor médico; mas, infelizmente, no momento ele se encontrava fora da corte.

O rei esperou o dia inteiro pela chegada do Dr. Hallyswurth; embora os outros médicos tivessem dito que a febre da rainha era muito perigosa, ele acreditava que o Dr. Hallyswurth conseguiria salvar sua vida com algum remédio.

Assim que o médico recebeu a mensagem do rei, partiu para a corte, mas já estava escuro quando chegou aos portões da Torre, iluminados por tochas.

Foi levado imediatamente aos aposentos da rainha, porém quando pegou na mão de Elisabeth viu que ela mal respirava. Olhou — a com um ar pesaroso, e uns minutos depois a rainha afundou de vez a cabeça no travesseiro. A filha de Eduardo IV estava morta.

Henrique ficou desesperado. Ela tinha sido uma boa esposa. Ele não poderia ter encontrado outra melhor. Elisabeth tinha apenas trinta e sete anos. Aquele dia doloroso, 11 de fevereiro do ano de 1503, era o dia do seu aniversário.

— Vossa Majestade, não havia nada que eu pudesse fazer para salvar a rainha — murmurou o médico. — Sua morte foi causada por uma febre virulenta que muitas vezes se segue ao parto. Ela não teve força suficiente para lutar contra a febre.

O rei assentiu e disse:

— Agora me deixe sozinho com meu sofrimento.

Os sinos da igreja de São Paulo começaram a repicar, seguidos logo depois de outros que tocavam em homenagem aos mortos; em toda a cidade de Londres, os sinos anunciaram a morte da rainha.

Na capela da Torre, Elizabeth jazia em grande pompa. Seu corpo fora embrulhado em vários metros de linho e tratado com goma, bálsamo, ervas, cera e vinho doce; depois, colocado num caixão de madeira e coberto por uma mortalha de veludo preto com uma cruz branca no meio.

A rainha foi carregada até a câmara mortuária por quatro nobres. Sua irmã Catarina, o conde de Surrey e lady Elizabeth Stafford foram à frente do cortejo que seguia o caixão; depois de rezada a missa, o caixão permaneceu na câmara iluminada e o corpo foi velado por damas da corte e soldados.

A vigília durou a noite toda. Eles pensaram na vida e na morte da rainha. Não podiam esquecer—se daqueles meninos, irmãos dela, que tinham sido aprisionados naquela mesma Torre e nunca mais vistos por ninguém.

Onde estariam seus corpos agora? Os corpos daqueles dois meninos estariam escondidos debaixo de alguma pedra, debaixo de alguma escada, naquele mesmo local onde sua irmã estava sendo velada?

Uma semana após a morte da rainha Elizabeth, morria a meninazinha cujo nascimento custara a vida de sua mãe.

Foi um outro choque para o rei, mas ele não era homem de se lamentar por muito tempo. Seus pensamentos estavam longe no dia em que sua esposa foi levada ao túmulo.

Passados doze dias da morte de Elizabeth, e depois de rezada a missa, seu caixão foi levado para uma carruagem coberta de veludo preto. Sobre o caixão, foi colocada uma cadeira com a imagem da rainha em tamanho real, vestida com um manto majestoso e usando uma coroa no cabelo

solto. Em volta da cadeira, vinham ajoelhadas suas damas de honra, de cabeça baixa com ar de consternação. A carruagem, puxada por seis cavalos, saiu da Torre para Westminster.

O povo aglomerava—se nas ruas para ver o cortejo passar, e muitos falavam das boas obras da rainha morta.

Na procissão, eram carregadas bandeiras da Virgem Maria, da Assunção, da Saudação e da Natividade, para indicar que a rainha tinha morrido ao dar à luz sua filha.

O prefeito e os cidadãos de destaque, todos de luto, tomaram lugar na procissão; nas ruas Fenchurch e Cheapside, trinta e sete moças, uma para cada ano de vida da rainha, esperavam para saudar o cortejo funerário. Estavam vestidas de branco, indicando que eram virgens, e carregavam círios iluminados.

Quando o cortejo chegou a Westminster o caixão foi levado para a abadia, pronto para o enterro que se realizaria no dia seguinte.

O rei pediu que o deixassem sozinho nos seus aposentos. Estava desesperado, pois achava que não encontraria uma consorte que se comparasse àquela que acabara de perder. Ela tivera tudo para lhe dar — estirpe real, direito à coroa da Inglaterra, beleza, meiguice e fertilidade, até certo ponto.

Porém, havia pouco tempo na vida dos reis para o luto. Ele não era mais um jovem romântico. Romantismo era coisa da juventude, não de homens destinados a ser reis.

Henrique não pôde deixar de pensar no passado. Lembrou—se de que quando as tropas de Eduardo IV invadiram o castelo de Pembroke, ele, então um menino de cinco anos de idade, fora descoberto; não tinha ninguém para protegê—lo senão seu tutor, Philip ap Hoell. Henrique lembrou—se do medo que sentiu quando ouviu os soldados subindo as escadas; ele sabia que seu tio, Jasper Tudor, conde de Pembroke, tinha fugido e o deixado à mercê dos inimigos.

Sir William Herbert estava a cargo das operações e levou consigo sua esposa; quando ela viu aquele menino desamparado disse aos homens que não ousassem tratá—lo como prisioneiro; tomou—o nos braços e lhe fez festinha como se ele fosse um gato. Aquela foi a experiência mais estranha que Henrique teve na época. Philip ap

Hoell teria morrido por ele, embora o relacionamento dos dois nunca tivesse sido bom.

Henrique lembrou—se da sua vida com os Herbert. Sir William tornara—se conde de Pembroke, título tirado do seu tio Jasper Tudor e passado a ele por serviços prestados ao seu rei.

Era estranho morar numa grande família; eram três filhos e seis filhas na família Herbert, e uma delas era Maud. Houve muitas guerras durante sua infância — a eterna rivalidade entre York e Lancaster — e quando a vitória de Lancaster trouxe de volta o condado e o castelo de Pembroke a Jasper Tudor, Henrique saiu da casa dos Herbert para viver com seu tio de novo.

Ele lembrou—se do dia em que ouviu dizer que Maud se casara com o conde de Northumberland. Embora tivesse se sentido profundamente triste, não se deixou deseseperar.

Considerou seu relacionamento com Maud e disse a si mesmo que embora a amasse muito, amava também os outros Herbert; se o casamento com Maud lhe fora negado, ele poderia tornar—se membro daquela querida família casando—se com a irmã de Maud, Katherine.

E então o destino mudou. Um casamento mais glorioso estava à sua espera. Por que um Tudor (esperança da Casa de Lancaster) não se casava com a filha do rei, unindo em harmonia as rosas vermelhas às brancas?

Foi então que Henrique começou a conhecer—se, a ver que não era e nunca fora um menino romântico. Quis ele se casar com Maud para se tornar membro de uma família que sempre lhe parecera ideal, que o acolhera e na qual tinha sido feliz? Talvez, pois achou que Katherine poderia tomar o lugar de Maud.

Mas o casamento com Elizabeth era glorioso demais para ser ignorado, e ele aceitou abrir mão de se tornar membro dessa família ideal em troca de uma coroa.

Ávida nunca foi fácil. Ele passou por muitos momentos de grande apreensão, momentos em que parecia que sua meta nunca seria alcançada. E enquanto esperava por Elizabeth, conheceu Katherine Lee, a filha de um de seus atendentes; a doce e gentil

Katherine, que o amara tanto que se prontificou a renunciar ao seu amor para que ele se casasse com a filha de um rei.

Henrique era um homem frio. Tinha sido fiel a Eíizabeth, embora Katherine Lee fosse uma de suas damas de honra. Ele a via com frequência, mas nunca demonstrou que ela significasse mais para ele que qualquer outra mulher do palácio.

Agora Elizabeth estava morta, deixando—o com três filhos. Apenas três! Era imperativo que ele tivesse mais filhos.

Quarenta e seis anos! Ele ainda não estava velho. Aos quarenta e seis anos, um homem ainda pode ter filhos

Mas não havia muito tempo a perder. Ele precisava encontrar uma esposa rapidamente. Pensou nas cansativas negociações e no tempo. E no precioso tempo que estaria perdendo.

Então, teve uma ideia súbita. Havia uma princesa na Inglaterra, jovem, agradável e com bastante saúde para ter filhos.

Quanto tempo poderia ser poupado! Tempo em geral significava dinheiro, portanto era quase tão necessário poupá—lo quanto poupar dinheiro.

Por que não? Ela ficaria satisfeita e seus pais também. Aquele seminoivado com um príncipe de onze anos não se comparava a um casamento com um rei no poder.

Sua decisão estava tomada; sua próxima noiva seria Catarina de Aragão. O casamento deveria ser arranjado o mais depressa possível, para que o casal tivesse mais filhos para a Inglaterra.

No dia seguinte, a rainha da Inglaterra foi enterrada, mas o rei não pensava mais nela, e sim na infanta que vivia em Durham e que deveria tomar o lugar da sua falecida esposa.

## **MÁS NOTICIAS DA ESPANHA**

CATARINA FICOU HORRORIZADA. Sentou—se com suas damas de honra, olhando para o bordado que tinha nas mãos, tentando em vão parecer calma. Elas tentaram confortá—la.

— O rei não vai viver muito tempo — disse a incorrigível Francesca. — Já está velho.

— Ele pode viver ainda mais vinte anos — falou Maria de Rojas.  
— Nada disso! Já notou como ele está cada vez mais pálido? Dizem que ele sente muita dor quando anda.

— É reumatismo, uma doença muito comum na Inglaterra disse Maria de Salinas.

— O rei é um homem frio — falou Francesca.

— Quieta, não vê que está incomodando a infanta? — disse Maria de Salinas. — Sem dúvida, ele será um bom marido. Pelo menos foi fiel à falecida rainha.

Francesca ficou arrepiada.

— Ui! Eu preferiria que esse homem me fosse infiel do que me desse muita atenção.

— Não posso acreditar que minha mãe concorde com um casamento assim — disse Catarina ansiosa.— Eu só me caso se ela concordar.

Maria de Salinas olhou com um ar triste para sua senhora. Não havia dúvida de que a rainha Isabel amava sua filha e de que ficaria feliz se ela voltasse para casa, mas certamente dana sua bênção a um casamento que considerasse vantajoso para a Espanha. Pobre infanta! Uma viúva virgem preservada para um homem idoso, cujo reumatismo o deixava irritado; um homem frio e severo, que só a desejava porque queria manter mão firme sobre seu dote e porque acreditava

que ela poderia lhe dar filhos.

Não vinha nenhuma notícia da Espanha. Catarina esperava, cada dia mais tensa e aflita.

Os negócios de seus pais deviam estar em terrível desordem para eles se esquecerem assim da filha. Se ao menos eles mandassem buscála! Se ela pudesse voltar para a Espanha, nem se preocuparia com os mares traiçoeiros que teria de atravessar. Ficaria absolutamente feliz.

Seria impossível alguém sentir—se tão desesperada para voltar para casa quanto ela estava agora.

Maria de Rojas continuava impaciente. Por que os soberanos não enviavam seu consentimento para o casamento dela? Por que não tinham feito nenhuma menção ao seu dote?

Catarina escreveu de novo porque achou que talvez a primeira carta não tivesse sido entregue à sua mãe, mas mesmo assim não teve resposta.

Francesca queixava—se das suas tristezas e Maria estava melancólica. Só Maria de Salinas e Inez de Venegas as acalmavam e repreendiam. Elas estavam infelizes, mas e a infanta? Para ela era tudo muito pior. Imaginem se tivesse de se submeter à vontade do velho rei da Inglaterra?

Finalmente, veio notícia da Espanha. Catarina viu os mensageiros chegarem com os despachos e mandou—os entrar imediatamente.

Sua mãe escrevia com o mesmo carinho de sempre, e só de ver aquela letra querida, Catarina sentiu mais vontade ainda de voltar para casa.

Isabel não queria que sua filha se casasse com o rei da Inglaterra, mas com o jovem príncipe de Gales. Estava escrevendo para o rei sugerindo que ele procurasse outra noiva.

Catarina ficou aliviada, como se tivesse sido salva de um destino terrível.

A menos que algum arranjo satisfatório fosse feito para o futuro de Catarina na Inglaterra, escrevia Isabel, ela exigia que sua filha voltasse para a Espanha.

Isso deixou Catarina tonta de felicidade, e quando suas damas de honra vieram vê—la, ela estava sentada ao lado da mesa, sorrindo com a carta na mão.

— Não me casarei com ele — anunciou.

Então, todas esqueceram o formalismo que deviam à infanta e voaram para abraçá—la e beijá—la.

Finalmente, Maria de Rojas perguntou:

— Ela mandou seu consentimento para o meu casamento?

— Infelizmente, minha mãe não fez menção a isso — falou Catarina.

Henrique ficou sentado por um longo tempo ouvindo Puebla relatar as instruções que recebera da Espanha. Ele entendeu nas entrelinhas que os soberanos não o queriam para genro. Fernando e Isabel tinham muito prazer que sua filha se tornasse rainha da Inglaterra, mas ele era velho demais e ela jovem demais para se

casarem; certamente, ele não viveria muitos anos mais e, quando morresse, ela seria meramente a rainha viúva, e não participaria dos negócios de Estado. Além do mais, mesmo como rainha,

ela não teria poder, pois Henrique não era homem de permitir que uma jovem esposa compartilhasse suas ideias.

Isabel foi bem enfática na sua recusa àquele casamento.

— Sua Majestade sugere que seria melhor a infanta voltar para a Espanha — disse Puebla ao rei.

Aquilo era uma arbitrariedade. Henrique não tinha a menor intenção de mandar a infanta de volta à Espanha. Fazendo— a viver em semi—isolamento na Inglaterra, ele mantinha algum poder sobre os soberanos. Queria o resto do dote, e estava determinado a consegui—lo.

— Há assuntos que não são resolvidos em uma hora — disse o rei, de forma evasiva.

— Sua Majestade lembrou que a rainha de Nápoles, agora viúva, seria uma esposa apropriada para Vossa Majestade.

— A rainha de Nápoles! — Os olhos de Henrique apertaram—se. Não era uma ideia a ser ignorada. Esse casamento lhe daria um lugar de destaque na Europa; se a viúva fosse jovem e bonita e com possibilidade de ter filhos, seria um bom partido. E Henrique, consciente de sua idade, estava ansioso para se casar de novo.

Portanto, decidiu enviar um embaixador a Nápoles imediatamente.

Mas fazia pouco tempo que sua esposa tinha morrido, e ele não queria parecer ansioso demais.

Puebla sussurrou para ele:

— A infanta poderia escrever uma carta para a rainha de Nápoles, para lhe ser entregue pessoalmente. Assim, o mensageiro teria oportunidade de ver a rainha de perto.

Henrique olhou animado para o espanhol, que sempre lhe parecera um bom amigo. Era uma excelente ideia.

— Diga à infanta para escrever logo essa carta. E o senhor deve procurar um mensageiro em quem eu possa confiar. Quero saber se ela é gorda ou magra, se seus dentes são brancos ou pretos e se seu hálito é doce ou ácido.

— Se Vossa Majestade deixar o assunto a meu cargo, eu lhe darei uma perfeita descrição da rainha de Nápoles. E Vossa Majestade não deve esquecer que os soberanos esperam um noivado oficial da infanta com o príncipe de Gales.

— O príncipe de Gales é um dos solteiros mais cobiçados do mundo.

— Portanto, Vossa Majestade, um bom partido para a infanta da Espanha.

Henrique olhou—o com um ar severo.

— As guerras na Europa parecem estar sendo mais favoráveis aos franceses que aos espanhóis. Talvez seja melhor mandar a infanta de volta à Espanha.

Puebla sacudiu a cabeça.

— Se ela voltar, os soberanos esperam que Vossa Majestade devolva as cem mil coroas que lhe foram pagas como metade do dote.

— Eu não vejo razão para isso.

— Se não as devolver, os soberanos espanhóis se tornarão inimigos muito poderosos de Vossa Majestade. Quais são seus amigos na Europa? Vossa Majestade confia nos franceses? E quem na Europa confia em Maximiliano?

Henrique ficou em silêncio por um instante, e percebeu a grande sabedoria do conselho de Puebla.

— Vou considerar o assunto — disse ele.

Puebla ficou eufórico. Sabia que ganhara aquela partida. Em breve, estaria escrevendo para os soberanos dizendo que conseguira arranjar o noivado oficial da filha deles com o príncipe de Gales.

O Príncipe Henrique entrou no palácio, vindo acelerado da quadra de ténis. com ele, estavam seus atendentes, meninos da sua idade e homens mais velhos, todos prontos a lhe dizer que nunca haviam visto ninguém jogar ténis tão bem.

O príncipe não se cansava desses elogios, e embora soubesse que aquilo tudo era bajulação não se importava. Era uma boa bajulação, pois significava que eles compreendiam o seu poder.

Todo dia quando acordava, ainda de madrugada, lembrava que era agora o filho único de seu pai e que um dia teria uma coroa na

cabeça.

Era mais que justo que ele usasse a coroa. Afinal, ele não era um palmo mais alto que a maioria dos seus amigos? Mesmo que não soubessem que ele era o herdeiro do rei, teriam—no escolhido em qualquer grupo como um líder nato.

Em breve, ele seria coroado rei. Seu pai não era um homem jovem. E como tinha envelhecido depois da morte da rainha! Vivia com dores reumáticas e às vezes tinha de andar encurvado. Estava ficando cada vez mais irritadiço, e Henrique sabia que muita gente ansiava pelo dia em que houvesse um novo rei no trono — um rei jovem, alegre e extravagante, tudo aquilo que o rei velho não era.

Ele não tinha pena do pai, pois como nunca sentira uma dor na vida não podia imaginar o que fosse dor. As deficiências físicas dos outros só lhe interessavam porque destacavam ainda mais seu belo físico e sua saúde estupenda.

A vida era boa. Sempre fora boa. Mas enquanto Arthur estava vivo, ele se ressentia de não ser o primogénito.

Agora, Henrique dirigia—se aos aposentos da sua irmã Margarida. Encontrou—a com os olhos vermelhos de tanto chorar. Pobre Margarida! Nem parecia a irmã mais velha e dominadora de sempre. Henrique teve uma certa pena dela. Iria sentir sua falta.

— Então, amanhã você estará nos deixando. Será estranho não ver mais você por aqui — disse ele.

Margarida pôs os braços em volta dele e abraçou—o com força.

— Escócia! — disse ela lamuriosa. — Ouvi dizer que é muito frio lá. Os castelos têm correntes de ar.

— Têm correntes de ar aqui também — falou Henrique.

— Mas lá venta em dobro. Será que vou gostar do meu marido, e será que ele vai gostar de mim?

— Você vai mandar nele, não tenho a menor dúvida.

— Ouvi dizer que ele tem uma vida irregular, com muitas amantes.

Henrique riu.

— Ele é um rei, ainda que seja rei da Escócia. Portanto, pode ter as amantes que desejar.

— Mas não terá mais nenhuma depois que se casar comigo gritou Margarida com raiva.

— Tenho certeza de que você vai dar um jeito nisso. Agora só vai me restar uma irmã aqui. E Maria é ainda uma criancinha.

— Cuide sempre bem dela, Henrique. Maria é impulsiva, e vai precisar dos seus cuidados.

— Ela será minha súdita, e eu cuidarei de todos os meus súditos.

— Você ainda não é rei, Henrique.

— Não, ainda não — disse ele pensativo.

— Eu gostaria que a infanta estivesse aqui conosco. É triste pensar nela sozinha em Durham, afastada de nós. Eu gostaria de ter tido uma irmã da minha idade com quem pudesse conversar. Nós teríamos muita coisa para discutir.

— Ela não poderia falar muita coisa sobre sua vida de casadadisse Henrique. — Ao que parece, nosso irmão não chegou a conhecer a esposa. Que casamento estranho foi aquele!

— Pobre Catarina! Eu sofro por ela. Ela deve ter—se sentido como eu me sinto agora. Sair de casa... para viver num país estranho...

— Duvido que o seu James seja tão delicado como nosso irmão Arthur.

— Pode ser que ele seja mais como meu irmão Henrique. Henrique olhou para a irmã com os olhos apertados.

— Dizem que Catarina vai ser sua noiva — falou Margarida.

— Eu também ouvi dizer isso.

Ele estava sorrindo, e Margarida pensou: ele precisa ter tudo. Como os outros se casam, ele tem de se casar também. Já está pensando com prazer na sua noiva.

— Em que você está pensando? — perguntou Henrique.

— Se você é assim aos doze anos, como será quando tiver dezoito?

Henrique deu uma risada.

— Muito mais alto. Eu serei o rei mais alto que a Inglaterra já teve. Chegarei a mais de um metro e oitenta. Serei mais alto que todos os meus súditos. Eu serei reconhecido em todo lugar aonde for como o rei da Inglaterra.

— Você continua o mesmo — disse Margarida.

— Como assim?

— Começa todas as frase com eu.

— E por quê, não? Eu não serei um dia o rei?

Henrique estava rindo, mas ao mesmo tempo tinha um ar sério. Margarida sentiu—se triste de novo. Gostaria de não ter de partir para a Escócia, gostaria de ficar em Londres e ver o irmão subir ao trono.

Puebla deu a notícia para Catarina. Estava completamente encantado. Parecia que o difícil trabalho que vinha fazendo durante meses fora finalmente recompensado.

Na sua opinião, havia só uma saída para a situação difícil da infanta: seu casamento com o herdeiro da Inglaterra.

— Vossa Alteza, eu consegui finalmente que o rei concordasse em aceitar seu noivado com o príncipe de Gales.

Catarina já havia considerado muitas vezes essa possibilidade, mas agora que a hora chegara percebeu o quanto isso a perturbava.

A esperança de voltar para casa teria de ser abandonada. Ela lembrou—se também que fora esposa do irmão do jovem Henrique, e sentia que o parentesco entre os dois era próximo demais. Além disso, ela já tinha dezoito anos, e ele apenas doze. Essa disparidade de idades não era grande demais?

Mas seriam essas as verdadeiras razões para sua preocupação? Ou será que ela estava com certo medo daquele príncipe arrogante e exuberante?

— Quando será a cerimónia? — perguntou ela.

— O noivado será oficializado em breve na casa do bispo de Salisbury.

Catarina disse rapidamente:

— Mas eu fui esposa do irmão dele. Nosso parentesco é próximo demais.

— O Papa não se negará a conceder a bula da dispensa. Catarina percebeu que não havia saída quando se despediu de Puebla e foi para seus aposentos. Queria pensar naquilo sozinha, não queria falar ainda no assunto nem com suas damas de honra.

Escapara do pai e caíra no filho. Estava certa da repugnância que sentia pelo rei, mas seus sentimentos com relação a Henrique eram mais difíceis de ser analisados. O menino a fascinava, como parecia fascinar a todos, mas era prosa demais, arrogante demais.

Ele é ainda um menino, disse a si mesma, e eu já sou uma mulher.

Então lhe veio um imenso desejo de fugir, e foi impulsivamente até a escrivaninha para escrever uma carta. Dessa vez, escreveria para seu pai, pois sua mãe não precisava ser convencida a apoiá-la; se conseguisse comovê-lo, se conseguisse fazer com que ele pedisse à sua mãe para chamá-la de volta à Espanha, Isabel cederia imediatamente.

Como era difícil expressar esses vagos temores. Ela nunca soubera expressar suas emoções, talvez por ter sido sempre ensinada a conter—se tanto.

As palavras no papel pareciam frias, destituídas de qualquer sentimento.

— Eu não tenho inclinação para um segundo casamento na Inglaterra...

Catarina ficou olhando aquelas palavras por um longo tempo. O que importava sua inclinação? Ela podia quase ouvir sua mãe falando, com sua voz gentil, porém firme: "Você se esqueceu, minha querida, que é dever das filhas da Espanha abrir mão dos seus próprios desejos em favor do país?"

De que adiantava dizer aquilo? Não havia nada a ser feito. Ela teria de ser forte, teria de resignar—se ao seu destino. Teria de aceitar serenamente o papel que lhe haviam reservado.

Continuou sua carta.

"Eu peço que o senhor não considere minhas preferências ou conveniência, e aja como achar melhor em todos os sentidos."

Selou a carta com firmeza, e quando suas damas de honra entraram ela ainda estava sentada com a carta na mão.

Virou—se para as damas e falou como se estivesse acordando de um sonho.

— Eu nunca mais voltarei à Espanha, nunca mais verei minha mãe.

O quente sol do mês de junho batia nas paredes da casa do bispo, em Fleet Street.

Catarina de Aragão estava ao lado de Henrique, o príncipe de Gales, para se tornar oficialmente sua noiva.

Durante a cerimônia, ela pensava: é irrevogável. Quando este menino tiver quinze anos, eu terei mais de vinte. Um casamento nesses termos poderá ser feliz?

Henrique examinou sua noiva e percebeu que ela não estava entusiasmada com a perspectiva do casamento. Ficou assombrado, e o assombro transformou-se rapidamente em raiva. Como ela ousava não estar encantada com a perspectiva de se casar com ele, o mais belo, mais popular e mais talentoso de todos os príncipes! Certamente, qualquer mulher ficaria encantada com essa perspectiva.

Pensou em umas moças que via na corte, que eram uma constante provocação; estavam sempre dispostas a lhe agradar e ficavam felizes quando ele as notava. John Skelton divertia-se com essas aventuras, e dizia que eram aventuras próprias de um príncipe viril. E aquela mulher ao seu lado, que não era nenhuma beleza, que fora esposa do seu irmão, ousava ter dúvida sobre seu futuro casamento!

Olhou—a com frieza, e quando pegou sua mão, não a apertou de forma calorosa. Seus olhos pareciam feitos de aço; tinham perdido aquele tom azul escuro e passado a um azul da cor do mar quando ameaçado por uma tempestade.

Henrique estava aborrecido de ter de continuar aquela celebração de noivado. Queria tirar sua mão da dela e dizer: "A senhora não tem vontade de se casar comigo, mas fique sabendo que isto não me afeta. Há muitas princesas no mundo que a considerariam uma felizarda, mas como a senhora não vê essas vantagens, vamos anular o noivado."

Mas lá estava seu pai, sério, pálido, com aquele ar de dor estampado no rosto; enquanto seu pai vivesse, o príncipe Henrique seria apenas príncipe de Gales, não o rei da Inglaterra. Era duplamente humilhante perceber que não ousava ir contra as ordens do seu pai.

Quanto ao rei, ele via esse noivado com satisfação. Ficaria com as cem mil coroas que já recebera como primeiro pagamento do dote de Catarina e mais cem mil a serem pagas quando ela se casasse de novo. Nesse meio—tempo, ela não receberia o terço dos bens de Gales, Chester e Cornualha a que tinha direito por seu casamento com Arthur; só receberia essa soma depois que se casasse com Henrique.

Isso era muito satisfatório, pensou o rei. Catarina permaneceria na Inglaterra, ele ficaria com a primeira metade do seu dote, ela não receberia os bens que lhe eram devidos, e o noivado seria uma mera promessa de que ela se casaria com o herdeiro da Inglaterra. Caso ele mudasse de ideia antes de o príncipe completar quinze anos, não seria a primeira vez que um príncipe e uma princesa teriam ficado noivos sem chegar a se casar.

Sim, muito satisfatório. Ele poderia ficar com o que já tinha, estabelecer uma trégua com os soberanos da Espanha e manter aquele casamento de molho por alguns anos.

Agora só estava esperando as notícias de Nápoles. Seu próprio casamento era mais urgente que o do seu filho.

Ao saírem para a Fleet Street, em pleno sol de junho, o rei estava satisfeito, o príncipe irritado e a princesa apreensiva.

Agora que Catarina estava oficialmente noiva do príncipe de Gales, não podia mais viver reclusa em Durham, e sua vida ficou mais interessante.

As damas de honra ficaram encantadas com a reviravolta dos acontecimentos, pois agora podiam ir ocasionalmente à corte. Começaram a examinar seu guarda—roupa e constataram que seus vestidos estavam velhos e fora de moda.

Catarina ficou preocupada com sua falta de dinheiro. Seus pais tinham escrito dizendo que não podiam mandar—lhe nada; precisavam de tudo o que tivessem para prosseguir com a guerra, e as manobras militares não iam bem para a Espanha. Ela teria de contar com a boa—vontade do seu sogro.

Era constrangedor ter de pedir ajuda a um avaro. Mas não poder pagar seus empregados era ainda pior.

Agora que Catarina era noiva oficial do seu filho, o rei não podia mais permitir que ela vivesse na penúria, e depois de muito resmungar resolveu dar—lhe uma pensão. Foi um alívio para a infanta, mas aquele dinheiro era destinado a manter a casa toda e a pagar dívidas, que já tinham aumentado muito, e acabava rapidamente; embora a situação estivesse consideravelmente melhor, ainda reinava uma certa pobreza em Durham.

Dona Elvira foi a única a ressentir—se da mudança. Estava enciumada com o poder da infanta e ansiosa para resolver o casamento de Maria de Rojas com seu filho Inigo.

Foi muito bom ela ter interceptado as cartas de Catarina pedindo o consentimento dos soberanos e um dote para o casamento de Maria com o neto do conde de Derby, mas o casamento de Maria com Inigo ainda não tinha sido arranjado.

Ela dera carta branca para seu filho se movimentar pela casa. Inigo a toda hora procurava a companhia das damas de honra, especialmente a de Maria de Rojas, mas não era muito popular entre elas. Hernan Duque queixou—se de suas maneiras insolentes.

Elvira ficou enfurecida, e prontamente escreveu para Isabel declarando que se continuasse responsável pela comitiva da infanta, não queria nenhuma interferência

dos embaixadores e dos enviados de Suas Altezas.

Isabel, que confiava plenamente em Elvira como governanta de sua filha, escreveu repreendendo Hernan Duque; Elvira ficou aliviada, e tornou—se mais dominadora que nunca.

Catarina estava ficando cansada da atitude autoritária de Elvira. Ela não era mais uma criança, e achava que já era tempo de cuidar sozinha da sua casa. Começou mandando Juan de Cuero entregarlhe algumas de suas pratas e jóias, que foram empenhadas para pagar os salários dos serviços.

Quando Elvira soube disso protestou, mas Catarina estava determinada a fazer as coisas a seu modo.

— As jóias e pratas são minhas, e eu faço com elas o que bem entender.

— Mas são parte do dote a ser entregue ao seu marido.

— Eu usarei isso em vez dos bens que me são devidos por parte de meu falecido marido — falou Catarina. — Só precisarei dessas jóias e das pratas depois que me casar com o príncipe de Gales. Então receberei uma quantia semelhante à que tive de renunciar e poderei resgatar tudo que foi empenhado.

Dona Elvira não podia acreditar que sua influência sobre Catarina estivesse diminuindo, e não aceitava ser derrotada em nenhum sentido.

Continuou a gerir a casa, determinada como sempre, sem perceber que Catarina estava crescendo.

Catarina encontrou Maria de Rojas num estado de total desânimo.

— O que aconteceu, Maria?

Maria contou que se encontrara com o namorado na corte e que ele estava menos ardente que de costume.

— E podia ser de outra forma? Nós esperamos todo esse tempo, mas sua mãe ignorou os pedidos que Vossa Alteza fez por mim.

— Eu acho isso muito estranho — falou Catarina. — Minha mãe não é de ignorar uma questão assim; ela veria claramente que era seu dever cuidar do bem — estar das minhas damas de honra.

Ficou pensando no assunto, e lembrou que Inigo estava interessado em Maria e que Dona Elvira aprovava a escolha do filho. Se não aprovasse, ele não ousaria mostrar seu interesse diante da mãe.

— Vou escrever mais uma vez para minha mãe, e dessa vez mandarei a carta por um mensageiro secreto, não pelos canais habituais. De repente me ocorreu, Maria, que alguma coisa, ou alguém, impediu que essas cartas chegassem às mãos de minha mãe.

Maria levantou a cabeça e olhou séria para sua senhora. Seus olhos denotavam que ela tinha entendido o que a infanta dissera nas entrelinhas.

A Carta foi escrita, e o mensageiro secreto foi encontrado. Uns dias depois de ele ter partido — sem dar ainda tempo para uma resposta — Catarina, sentada ao lado da janela, viu um outro mensageiro chegando com despachos da Espanha.

Fazia seis meses do seu noivado oficial com Henrique na casa do bispo de Salisbury, na Fleet Street, e agora que já se habituara à ideia

de se casar com o jovem príncipe, tinha entrado em bons termos com a vida. A pequena ajuda que sua nova posição havia trazido ao seu padrão de vida foi bem—vinda, e seus dias se tornaram bem mais toleráveis.

Catarina já falava inglês com bastante fluência, acostumara—se ao país adotado e começava até a gostar dali.

Notícias da Espanha sempre faziam seu coração pular de esperança e receio, e aquela mensagem devia ser muito importante. O mensageiro tinha pulado da sela apressadamente, e entrara sem olhar para o cavaliário que pegou o cavalo.

Catarina desceu para encontrá—lo, antes que ele subisse para entregar a correspondência. Tinha decidido que as cartas agora iriam diretamente para ela, sem passar pelas mãos de Dona Elvira.

Quando ela chegou no corredor, Dona Elvira já estava lá. O mensageiro tinha um ar aflito, e quando ela viu que Dona Elvira começara a chorar, foi tomada de terrível angústia.

— O que aconteceu? — perguntou.

O mensageiro abriu a boca como se estivesse tentando falar, mas não emitiu som algum. Dona Elvira segurava um lenço junto ao rosto.

— Diga... depressa! — gritou Catarina.

Foi Dona Elvira quem falou. Baixou o lenço, e Catarina viu que seu rosto estava molhado de lágrimas, e que não eram lágrimas fingidas.

— Alteza... Oh, querida Alteza... foi a maior calamidade que poderia cair sobre nós. O que vou poder dizer... sabendo como Vossa Alteza irá se sentir? Por que tinha de ser eu a dar esta notícia?

Catarina ouviu—se perguntando baixinho:

— Foi... minha mãe?

Dona Elvira não respondeu, e ela viu logo que estava certa. Era de fato uma calamidade.

— Ela piorou? Minha mãe já vem doente há algum tempo. Se não estivesse doente... a vida teria sido diferente. Ela nunca teria permitido...

Catarina falava sem parar... para não ouvir a notícia que tanto temia ouvir.

Dona Elvira controlou—se e disse:

— Alteza, venha aos seus aposentos para que eu possa prestarlhe meus cuidados.

— Minha mãe... Ela está.... — perguntou Catarina.

Que a rainha descanse na paz do Senhor! — murmurou

Elvira. — Ela era uma santa. Vai haver muita alegria no céu.

- Então ela morreu?—perguntou Catarina, como se fosse uma criança pedindo que lhe dissessem que não. Que lhe dissessem que sua mãe estava doente... mas que iria recuperar—se. O que eu vou fazer se ela não estiver mais lá? Ela sempre esteve lá... mesmo estando longe de mim. Como poderei viver sabendo que ela se foi... que está morta?

— Sua mãe morreu em paz— disse Dona Elvira. — Lembrouse de Vossa Alteza até o fim. A última coisa que fez foi conseguir a bula de dispensa, pois sabia que o parentesco próximo de Arthur com Henrique poderia impedir o casamento. Ficou contente de saber que seu futuro estava garantido e então... fez seu testamento e esperou a morte na cama.

Catarina tentou afastar—se, mas Elvira permaneceu ao seu lado.

— Por favor, quero ficar sozinha — disse Catarina.

Elvira não insistiu, e Catarina foi para seu quarto. Deitou—se na cama e puxou as cortinas para sentir—se fechada com sua dor.

"Ela se foi", disse para si mesma. "Eu perdi minha amiga mais querida. Ninguém irá jamais substituir minha mãe. Oh, meu Deus, como vou aguentar ficar num mundo onde ela não mais existe?"

Depois achou que tinha ouvido aquela voz censurando—a, uma voz séria porém bondosa, serena e compreensiva como sempre.

— Quando seu tempo chegar, minha filha, você também irá descansar. Até então, precisa enfrentar as tribulações que Deus lhe mandar. Enfrente tudo com nobreza, Catalina, minha querida, pois seria isso que eu gostaria que você fizesse.

— Eu farei tudo o que a senhora quiser de mim — disse Catarina.

Depois fechou os olhos e começou a rezar, rezar para ter coragem de enfrentar tudo o que a vida lhe reservasse, coragem de viver num mundo onde não mais vivia Isabel de Castela.

# MARIA DE ROJAS

O rei da Inglaterra estava furioso. Seu enviado voltara de Nápoles informando que a rainha de Nápoles era gordinha e atraente, tinha belos olhos e um hálito doce.

Mas Henrique não ligou para isso, pois descobrira que a rainha de Nápoles não tinha direito nenhum à coroa; nada mais era que uma pensionista de Fernando.

Ele fora enganado. Os soberanos tinham tentado atraí-lo para aquele casamento. Ele perdera um tempo precioso, e estava tão longe de ter filhos quanto estava quando sua esposa morreu.

Fernando não era um rei confiável. Não havia um estadista mais cheio de artimanhas em toda a Europa.

Além disso, qual era a posição dele depois da morte de Isabel? Todos sabiam que quem tinha direito ao trono de Castela era Isabel. E o que era Aragão comparado a Castela? Embora o casamento dos soberanos tivesse unido a Espanha, os castelhanos não estavam preparados para receber Fernando como seu rei depois da morte de Isabel.

A filha de Isabel, Joana, fora declarada herdeira de Castela, o que significava que seu marido Filipe era o rei. Filipe estava em posição semelhante à que Fernando ocupara com Isabel. E Fernando? Ele passara a ser simplesmente rei de Aragão... título muito diferente de rei da Espanha.

Fernando era astuto e pouco confiável. Não se sentira muito preocupado com sua filha na Inglaterra. Toda a preocupação com ela partia de Isabel.

Havia outra questão que perturbava o rei da Inglaterra. Ele assinara um tratado com os soberanos espanhóis para que os marinheiros ingleses tivessem liberdade de entrar e negociar nos portos da Espanha, nos mesmos termos que os espanhóis. Henrique acabara de saber por certos mercadores e marinheiros que esse acordo não fora respeitado; muitos dos que tinham ido a Sevilha de

boa—fé depararam—se com restrições de comércio, e por estarem desavisados haviam sofrido grandes perdas.

— Então é assim que Fernando de Aragão mantém suas promessas! — falou Henrique.

Mandou chamar Puebla e exigiu uma explicação.

Puebla não tinha explicação a dar, estava perplexo. Disse que escreveria imediatamente para Fernando, e que os ingleses seriam ressarcidos.

E assim fez, mas Fernando não estava em posição de ressarcir perda nenhuma. Sua autoridade em Castela era instável e ele estava muito preocupado com a ascensão ao trono de sua filha Joana, pois temia o mau—caráter do marido dela.

— E aqui estou eu, dando uma pensão para a filha de Fernando

— disse o rei enraivecido. — vou parar imediatamente com isso.

Seus olhos estavam especulativos. A filha do rei de Aragão seria um partido assim tão bom? Seria digna de se casar com um dos homens mais desejados da Europa?

Maximiliano podia não ser confiável, mas Fernando tampouco era; e da forma como os acontecimentos se desenrolavam, parecia que muito em breve os Habsburgos seriam a família mais influente da Europa. O jovem Carlos, filho de Joana e Filipe, seria herdeiro não só de Isabel e Fernando como dos domínios do seu avô paterno. Certamente, o melhor partido da Europa era o pequeno Carlos.

Sua tia Margarida, filha de Maximiliano, casara—se com o herdeiro de Fernando e Isabel —João, que morrera poucos meses depois do casamento—e depois se tornara viúva de novo com a morte do duque de Savóia.

Henrique começou a considerar uma aliança com os Habsburgos casando—se com Margarida, uma mulher atraente e rica. Mais tarde, o jovem Carlos poderia casar—se com sua filha Maria, e Eleonora, filha de Joana e Filipe, com o príncipe de Gales. Isabel de Castela estava morta, e Fernando não tinha mais a mesma importância: era agora o mero rei de Aragão, que provavelmente entraria em conflito com seu genro Filipe e sua filha Joana quando eles fossem reivindicar a coroa de Castela!

Henrique decidiu—se. Mandou chamar um certo Dr. Savage, homem em cuja habilidade ele confiava.

— Quero que o senhor se prepare para ir à corte de Bruxelas — disse Henrique. — D. Pedro de Ayala é o embaixador espanhol naquela corte, e acho que me tem em boa conta, pois nós nos tornamos amigos durante sua estada na Inglaterra como embaixador. Quero que o senhor faça saber ao arquiduque Filipe que eu desejo sua amizade. Quanto à arquiduquesa, agora rainha de Castela, é só o senhor ganhar as boas graças do seu marido que também ganhará as boas graças dela. Ayala o ajudará, tenho certeza disso.

Depois Henrique expôs ao Dr. Savage seus planos para uma aliança entre sua família e os Habsburgos.

— Proceda com a máxima urgência, pois embora meu filho e minha filha possam esperar por seus parceiros, eu não tenho muito tempo pela frente. Se o senhor fizer bem o seu trabalho, não tenho dúvida de que em breve a duquesa Margarida estará a caminho da Inglaterra.

O Dr. Savage declarou seu desejo de servir ao rei de todas as formas possíveis.

Ele se prepararia para viajar para Bruxelas imediatamente.

Como mudara a vida em Durham!

A presença de Catarina não era mais exigida na corte, e ela não recebia mais dinheiro do rei; a pobreza e a monotonia estavam de volta.

As damas de honra reclamavam e estavam perdendo a esperança de um dia voltarem para a Espanha. Usavam broches de ouro para prender os rasgões dos seus vestidos, e sua alimentação consistia em peixe velho e no que pudesse ser comprado a baixos preços nos mercados de rua. O único consolo era ver essa comida servida em pratos de ouro e prata.

Catarina raramente via o príncipe de quem estava supostamente noiva, e ouvia boatos de que ele se casaria com a sobrinha dela, Eleonora. A vida estava ainda pior do que nos tempos anteriores, quando ela podia pelo menos escrever para sua mãe.

Em desespero, escreveu para Fernando.

"Rogo ao senhor que se lembre que tem uma filha. Pelo amor de Deus, me ajude. Eu não tenho dinheiro para comprar nem as roupas de baixo de que preciso. Tive de vender algumas jóias para comprar um vestido. Eu comprei apenas dois vestidos desde que saí da Espanha, pois vinha usando os que trouxe em meu enxoval. Mas agora me resta muito pouco dinheiro, e não sei o que vai ser de mim e de meus serviçais se alguém não nos ajudar."

Fernando ignorou as súplicas de Catarina. Eleja tinha problemas demais para poder pensar nas roupas de baixo de sua filha.

E as semanas se passaram.

O Dr. Savage fez poucos progressos em Bruxelas, basicamente por circunstâncias que Henrique desconhecia. Desde a morte de Isabel, haviam surgido certas facções determinadas a expulsar Fernando de Castela; e na corte de Bruxelas, havia duas facções opostas da Espanha, uma a favor de Fernando e outra a favor de Filipe, seu genro. O chefe da facção a favor de Filipe era Juan Manuel, irmão de Dona Elvira, que trabalhara para os soberanos quando a rainha Isabel estava viva porque a admirava muito. Mas ela nunca admirara Fernando, e depois da morte da rainha resolveu forçar o irmão a sair de Castela apoiando Filipe. Os partidários de Fernando eram seu embaixador em Bruxelas, D. Gutierre Gomez de Fuensalida e D. Pedro de Ayala. Ayala, a quem o Dr. Savage se apresentou, certamente não faria uma aproximação dele com Filipe, pois uma aliança entre Filipe e a Inglaterra seria prejudicial a Fernando.

Portanto, embora Ayala tivesse recebido o Dr. Savage com protestos de amizade, trabalhava secretamente para evitar que o enviado da Inglaterra se aproximasse de Filipe. As negociações foram retardadas, o que irritou sobremodo o rei da Inglaterra, que não conhecia as particularidades da política da corte de Bruxelas.

Essa demora não ajudou em nada a situação de sua nora; à medida que seu reumatismo se tornava mais doloroso, ele ficava mais irascível que nunca, e absolutamente indiferente às dificuldades enfrentadas por Catarina.

A infanta passou a empenhar cada vez mais jóias, e sabia que, quando chegasse a hora dessas jóias serem avaliadas e entregues ao

rei como parte de seu dote, estariam reduzidíssimas. Mas o que ela podia fazer? Seus empregados tinham pelo menos de comer, pois já não recebiam pagamento nenhum havia meses.

Todas as suas damas de honra estavam ficando irritadas. Um dia Catarina encontrou Maria de Rojas soluçando tanto que não conseguia entender o que tinha acontecido.

Aos poucos, a triste história foi sendo contada por Maria.

— Eu fui informada de que ele casou—se com outra.

— Minha pobre Maria! — disse Catarina, procurando confortar a infeliz dama de honra. — Mas como ele não conseguiu manter—se fiel, certamente viria a ser um mau marido.

— Ele esperou demais — disse Maria chorando.—Sua família insistiu no casamento, pois todos acharam que nós nunca teríamos o consentimento dos soberanos e que eu não receberia dote nenhum. Só metade do seu próprio dote foi paga, e veja em que pobreza seu pai nos deixa viver!

Catarina suspirou.

— Às vezes não sei o que vai ser de todas nós — disse ela. Maria continuou a chorar.

Alguns dias depois, Dona Elvira mandou chamar Maria de Rojas.

Maria, que andava desinteressada de tudo desde que soube do casamento do seu amor, não ficou apreensiva como normalmente ficaria se fosse chamada à presença da temida governanta. Nada lhe importava. Dona Elvira podia fazer o que quisesse, disse ela para Maria de Salinas, podia puni—la de qualquer forma. Nada mais poderia magoá—la agora.

Ao lado de Dona Elvira, estava seu filho Inigo, que olhou sem jeito para Maria quando ela entrou.

Maria ignorou—o.

— Ah, Maria, tenho boas notícias para a senhora — disse a governanta sorrindo.

Maria levantou os olhos frios para Elvira, mas não perguntou o que era.

— Pobre menina! Se o príncipe de Gales não tivesse morrido, todas as damas de honra da infanta teriam encontrado óimos

partidos. A senhora deve se sentir muito ansiosa com relação ao seu futuro.

Maria continuou em silêncio.

— Mas será muito feliz se aceitar se casar com meu filho. O pai dele e eu concordamos com o casamento, portanto não vejo razão para demora.

Então Maria falou, sem tomar conhecimento do que Dona Elvira lhe pudesse fazer.

— Eu não desejo me casar com seu filho — disse.

— O quê! — gritou Dona Elvira. — Sabe o que está dizendo?

— Sei perfeitamente o que estou dizendo. Estou falando sério. Eu queria me casar com outro homem, mas as coisas saíram errado. Agora não quero me casar com mais ninguém.

— A senhora queria se casar! — disse Elvira aos gritos. — A senhora persuadiu a infanta a pedir aos soberanos que lhe dessem seu consentimento e um dote para esse casamento. E o que aconteceu? Conseguiu o consentimento? E o dote?

Elvira estava sorrindo de uma forma tão maldosa, que Maria de repente compreendeu tudo. As cartas que eram despachadas para o soberanos não passavam por suas mãos? Catarina devia ter percebido isso, pois a última carta que escreveu — certamente na mesma hora em que Isabel estava morrendo

— Seria entregue a um mensageiro secreto, ou seja, não passaria pelas mãos de Elvira.

Maria viu então que aquela mulher acabara com suas esperanças de felicidade, e teve tanto ódio dela que não fez nenhum esforço para controlar suas emoções.

— Então foi a senhora quem fez tudo isso. Eles me teriam dado o consentimento e o dote. Eu estaria casada a uma hora dessas, mas a senhora... a senhora...

— Eu acho que esta não pode ser Maria de Rojas, dama de honra da infanta. Deve ser alguma cigana atrevida que se parece com ela — disse Dona Elvira.

Inigo olhava para Maria com um olhar de súplica, como que implorando para que ela se acalmasse. Como que perguntando, "A

senhora esqueceu que ela é minha mãe, a quem todos devem obedecer?".

Maria olhou—o com desprezo e gritou com raiva:

— Como a senhora pôde fazer isso, sua bruxa? Eu detesto a senhora. Detesto a senhora, e nunca me casarei com esse seu filho idiota.

Dona Elvira, absolutamente chocada, segurou Maria pelos ombros e forçou— a a ajoelhar— se; depois puxou seus cabelos pretos e compridos, jogando sua cabeça para trás.

— Sua bobinha insolente — murmurou. —vou mostrar—lhe o que acontece com quem ousa me desafiar. —Virou—se para Inigo e disse: — Não fique aí olhando. Venha me ajudar. Chame os empregados. Diga a eles para virem aqui imediatamente.

Sacudiu Maria, cujos soluços não a comoviam, e quando os empregados chegaram gritou:

— Levem esta menina para a ante—sala e deixem—na trancada lá até eu decidir o que fazer com ela.

Eles carregaram Maria, aos prantos, e Elvira disse para o filho, com a boca firme e os olhos brilhando:

— Não tenha medo. A menina será sua esposa. Eu sei como fazê—la obedecer.

Inigo tremia de pena de ver Maria ser tão maltratada. Tinha certeza de que ela seria sua esposa, pois sua mãe dissera isso, e tudo que Dona Elvira decretava acontecia.

Catarina ficou muito perturbada com o que aconteceu com Maria de Rojas. Dona Elvira deixou—a trancada, longe das outras damas de honra, e todas sabiam que ela estava determinada a forçá—la a aceitar Inigo como esposo.

Catarina considerou o assunto, e perguntou a si mesma por que permitia que sua comitiva fosse dominada assim por Dona Elvira. Por acaso não era ela a figura mais importante da casa?

Lembrou—se do dia em que fora afastada de sua mãe. Podia quase ouvir aquela voz firme aconselhando— a:

— Obedeça a Dona Elvira em tudo, minha querida. Ela é uma mulher forte e sensata. Às vezes pode parecer dura, mas tudo o que

faz é para o seu bem. Lembre sempre que eu confio nela e que a escolhi para sua governanta.

Por isso, Catarina sempre procurara obedecer—lhe; sempre que ficava tentada a ir contra ela lembrava—se das palavras de sua mãe. Mas dessa vez, Elvira agira de má—fé, não deixando que o pedido de Catarina em favor de Maria chegasse às mãos de Isabel!

Catarina pediu que Elvira fosse aos seus aposentos. Assim que Elvira entrou a infanta viu, pela expressão de sua boca, que ela estava determinada a travar uma batalha feroz para fazer com que Maria se casasse com seu filho.

— A senhora tirou minha dama de honra do meu serviço começou Catarina.

— Sim, Alteza, porque ela se comportou de maneira indigna, uma maneira que sua mãe desaprovava fortemente.

Isso era verdade. Se Maria tivesse soluçado, chorado e declarado seu ódio por Elvira, como Catarina ouviu dizer que ela fizera, Isabel certamente a teria desaprovado.

— Dona Elvira, eu escrevi umas cartas para minha mãe que, creio, nunca foram recebidas.

— Tempestades no mar — murmurou Elvira. — A toda hora algumas cartas se perdem. Quando eu quero enviar notícias importantes envio por dois mensageiros diferentes.

Vossa Alteza tomou essa precaução?

Catarina olhou para sua governanta com um ar de desafio.

— Eu acredito que essas cartas nunca saíram desta casa.

— Isso é uma acusação, Alteza.

— Foi esta a minha intenção.

— Sua mãe encarregou—me de cuidar da sua comitiva, Alteza. Eu nunca me esqueço disso. Quando acredito que tenho de tomar medidas enérgicas a respeito de algum assunto, eu tomo.

— Mesmo que tenha de destruir cartas que foram escritas para minha mãe?

— Mesmo assim, Alteza.

— Então a senhora havia decidido que Maria devia casar—se com Inigo, e não com o homem que ela própria escolhera.

— Isso mesmo, Alteza. Ela queria se casar com um inglês. Há muitos assuntos que não chegam ao seu conhecimento, Alteza. E deve ser mesmo assim. Sua mãe me deu instruções para eu me precaver contra espiões. Eu não podia confiar no inglês. Que excelente oportunidade ele teria se fosse casado com uma de suas damas de honra!

— Mas não era um caso de espionagem. Eles se amavam...

— Ele a amava tanto que acabou se casando com outra... pouco tempo depois de ter lhe feito protestos de fidelidade.

— Eles foram separados.

— E esse grande amor não pôde aguentar uma pequena ausência? Não, Alteza, confie na sua governanta como sua mãe confiava. Lembre sempre que foi nossa querida rainha que me colocou neste cargo de confiança. Ela está nos olhando do céu agora, pois é claro que uma santa como ela tem de estar no céu, não é? Vossa Alteza não a está sentindo? Ela está implorando que eu me mantenha firme, e implorando que Vossa Alteza compreenda que tudo que eu faço é para o seu bem.

Qualquer menção à sua mãe deixava Catarina sem ação. Dizer ou ouvir seu nome trazia de volta tão claramente a imagem daquela presença querida, que ela não conseguia sentir nada mais que uma profunda perda.

Dona Elvira viu as lágrimas nos olhos de Catarina, e aproveitou a oportunidade.

— Eu vou levá-la aos seus aposentos. Vossa Alteza deve descansar, ainda não se recuperou do terrível choque com a morte da rainha. E qual de nós se recuperou? Não se desespere com o caso amoroso de uma frívola dama de honra. Confie em mim... como ela sempre desejou que Vossa Alteza confiasse.

Catarina deixou-se levar para seus aposentos e ficou na cama pensando na sua mãe.

Mas à medida que controlava sua tristeza, desconfiava cada vez mais de Dona Elvira; embora não houvesse nada que ela pudesse fazer agora para devolver o homem que Maria amava, resolveu que daquele momento em diante iria comandar com mão mais firme sua própria casa.

— Inigo arranhou a porta. Maria ouviu — o mas não lhe deu atenção.  
— Maria — sussurrou ele.  
— Vá embora. ...  
— Eu vou depois que falar com a senhora.  
— Eu não quero ver o senhor.  
— Mas a senhora pode me ouvir por trás da porta. Maria não disse nada.

— Eu sei que está me ouvindo. Eu vim dizer que sinto muito. Maria continuou em silêncio.

— Minha mãe está determinada a nos casar. Sempre esteve. Não adianta lutar contra ela, Maria. A senhora me odeia tanto assim?

— Vá embora — disse ela finalmente.

— Eu serei sempre bom para a senhora. Farei com que me ame e a senhora esquecerá o que minha mãe lhe fez.

— Eu nunca esquecerei o que ela me fez.

— Quer continuar trancada aqui?

— Eu não me importo com o que me acontecer. — Importa sim, Maria. Quando se casar comigo, vou levá-la de volta à Espanha. Responda só a uma pergunta: a senhora quer voltar para a Espanha ou não?

— Para a Espanha! — As palavras escaparam de sua boca. Ela pensou no seu país, pensou em ser jovem de novo. Se tinha de esquecer seu grande amor que lhe fora infiel, seria melhor esquecê-lo na Espanha.

— Ah, a senhora não me engana. É isso o que mais deseja. Se aceitar se casar comigo, Maria, eu a levo para a Espanha assim que puder.

Maria ficou em silêncio.

— Está me ouvindo, Maria? Eu quero agradecer a senhora. Farei qualquer coisa que me pedir.

Inigo foi embora, mas voltou logo depois e várias outras vezes; depois de alguns dias, Maria começou a desejar que ele voltasse sempre.

Ele era sempre gentil, estava sempre pronto a lhe agradecer.

Maria viu que podia rir de novo, e disse:

— O senhor não se parece muito com sua mãe, Don Inigo Manrique.

Ele riu, e daquele momento em diante a relação dos dois mudou. Uns dias depois, Maria voltou a conviver com as outras damas de honra.

Estava submissa e entristecida.

— Eu concordei em ficar noiva de D. Inigo Manrique — disse a elas.

## O PROTESTO DO PRÍNCIPE DE GALES

O PRÍNCIPE DE GALES aproximava—se do seu décimo quarto aniversário, e estava determinado a celebrar a ocasião com toda a pompa devida à sua posição.

Queria mascaradas e paradas como nunca tinha havido no reino do seu pai. Quatorze anos era uma idade em que se deixava de ser criança e se passava a ser homem.

Eleja era mais alto que a maioria dos homens e tinha a força de dois. Dizia—se muitas vezes que ele seria um gigante dourado. Henrique gostava de ouvir isso.

O príncipe recusou—se a tomar aulas, e ordenou que John Skelton planejasse uma mascarada.

— Minha mascarada favorita é quando uns homens de máscara aparecem na justa e pedem licença para tomar parte do torneio. Um deles, mais alto que os outros e nitidamente nobre, apesar do seu disfarce, desafia o campeão.

— E vence o campeão — sussurrou Skelton.

— Isso mesmo, e depois se ouve um grito: "Ele é um deus, pois nenhum homem na Terra pode vencer um campeão". Então as senhoras aparecem e há uma dança...

— E só a mulher mais linda tem o direito de tirar a máscara do herói mascarado — diz Skelton.

— Isso, e quando a máscara é tirada...

— O deus é Sua Majestade o príncipe de Gales! Fanfarras.. diz Skelton.

— Ora, mas foi exatamente isso que eu planejei — fala Henrique surpreso.

— Será que nossas cabeças funcionam em uníssono, Majestade?

— Parece que sim.

— Mas nós já tivemos essas apresentações antes, e eu acho que o herói sem máscara já fez sua estreia. Eu não vejo razão para ele aparecer de novo... e de novo e de novo.

Henrique nunca tinha certeza se Skelton estava rindo dele, mas como o admirava e achava que tinha muito a aprender com aquele homem, preferia achar que não, e invariavelmente ria com ele.

— Quatorze anos. Mais um ano e eu ficarei noivo.

— Um ano passará voando na vida de Vossa Alteza Real.

— É mesmo, meu bom John. E você já ouviu falar que agora vou me casar com Margarida d'Angoulême? Dizem que ela é muito bonita.

— Todas as damas bem—nascidas são consideradas bonitas falou John.

— Não é verdade, embora suas jóias e roupas em geral as tornem bonitas.

— Eu não falei no que elas têm, mas no que se considera que são. O príncipe ficou pensativo, depois disse:

— Dizem que Margarida adora o irmão, Francisco; dizem que ele é um homem bonito e ótimo em esportes, que ninguém se equipara a ele em toda a França e que se um dia subir ao trono será um grande rei.

— Então há dois exemplos de perfeição, um na Inglaterra e outro na França.

O príncipe levantou—se.

— Eu acho que ele não é tão alto quanto eu, e é moreno.

— Um pouco menos perfeito — murmurou Skelton.

— E eu serei rei um dia, não resta dúvida. Mas Francisco só subirá ao trono se o velho Luiz não tiver filhos. Ele deve viver preocupadíssimo.

— Ora, meu príncipe, não é fácil homens velhos terem filhos.

Mas o futuro dele depende disso! A mãe e o irmão chamamno de César. Espero que Margarida venha logo para a Inglaterra.

— Vossa Majestade terá de lhe ensinar muita coisa; e ela terá de aprender que há um príncipe mais belo, mais forte e mais

semelhante a Deus que o irmão dela.

O príncipe não respondeu. Seus olhos estavam puxados e a boca apertada, uma característica sua. Que rei ele será! pensou Skelton. Seus ministros terão de fazer todas as suas vontades se não quiserem ter problemas. Nosso deus dourado será um déspota, e cabeças irão certamente rolar como se fossem bolas de ténis.

Henrique estava pensando em Margarida. Ela precisava vir logo. Ele insistiria em se casar com ela. Muitas noivas lhe haviam sido oferecidas, e as ofertas foram rejeitadas. Ele queria Margarida. Ela era bonita; embora Skelton dissesse que todas as damas bem-nascidas eram bonitas, ele não acreditava nisso. Bastava olhar para Catarina de Aragão com suas roupas desbotadas, seu rosto pálido e ar de luto. Ainda bem que Margarida é quem fora escolhida para ele e não Catarina.

Enquanto ele estava sentado ali com Skelton, chegou um mensageiro, dizendo que o rei desejava ver seu filho sem mais demora.

O príncipe obedeceu às ordens do pai imediatamente. Skelton disse a si mesmo que só uma pessoa conseguia baixar o orgulho do grande príncipe — seu pai real. Quando ele não existisse mais, Henrique seria um rei orgulhosíssimo.

Assim que o príncipe chegou, o rei fez um sinal com a mão para seus atendentes, indicando que desejava ficar sozinho com seu filho.

Olhou para Henrique com um ar sério. A saúde do jovem Henrique não podia lhe dar maior satisfação, mas o rei se preocupava com seus gostos extravagantes. Precisaria ter uma conversa séria com ele no futuro próximo; queria que o menino visse como seu pai construía com cuidado um tesouro. Seria terrível se a riqueza do país e dos Tudor fosse consumida com espetáculos inúteis.

Mas ele não chamara o menino para falar de suas extravagâncias.

Isso ficaria para depois. Havia um assunto mais urgente a ser considerado.

— Meu filho, um dia você se casará, e esse dia não está longe.

— Eu ouvi dizer, senhor, que está sendo sugerida uma nova noiva para mim. Gostei do que ouvi dizer sobre Margarida.

— Sim, Margarida — disse o rei. — Lembra—se de que quando tinha treze anos você ficou oficialmente noivo de outra moça na casa do bispo de Salisbury?

— Lembro—me muito bem, era um dia quente. O povo me saudou quando eu entrei na Fleet Street!

— Isso mesmo — falou o rei abruptamente. — Nós todos sabemos que o povo o aplaude aonde quer que você vá. Catarina de Aragão não é mais o mesmo partido que era naquela época. As circunstâncias mudaram. Depois que a mãe dela morreu, a posição do pai mudou. Eu não confio nele. Estou certo de que mesmo que ela se casasse com você, seria difícil receber o restante do seu dote. Em outras palavras, não vejo mais com bons olhos seu casamento com Catarina.

— Não, senhor, eu... O rei levantou a mão.

— Nós não discutiremos seus desejos, pois não chegou ainda o momento para isso.

O rosto de Henrique ficou vermelho, e ele esteve prestes a protestar, mas então lembrou que estava falando com o rei. E com um rei não se discutia. Tentou controlar a raiva, mas sua boca estava apertada e os olhos faiscavam.

— Conforme o combinado na casa do bispo de Salisbury um ano atrás, quando você completar quinze anos, se casará com Catarina. Ou seja, dentro de um ano. Mas eu quero que você faça um protesto formal. O arcebispo Warham o espera aqui no palácio. Você deverá protestar solenemente que não deseja se casar com Catarina de Aragão.

— Mas... — começou Henrique.

— Faça o que estou mandando, meu filho. O arcebispo está esperando para conversar com você.

Todo o egoísmo do príncipe subiu à tona em protesto; não no que dizia respeito ao casamento com Catarina, mas contra a ingerência do pai nos seus assuntos pessoais.

O jovem Henrique sabia que os casamentos reais eram em geral arranjados, mas ele não era um príncipe comum. Já tinha idade suficiente para opinar sobre seus assuntos pessoais.

Se ele fosse contra o casamento com Catarina por vontade própria, tudo bem. Mas ser obrigado a fazer um protesto ofendia seu

amor—próprio, que era extremamente sensível.

Seu pai disse textualmente o que ele teria de falar: "Meu noivado foi contratado quando eu tinha menos idade. Eu próprio não fui consultado sobre o assunto. Não ratificarei esse contrato quando chegar a hora, portanto ele será considerado nulo."

— Eu gostaria de um tempo para pensar no assunto — falou Henrique ousadamente.

— Chega, faça o que estou mandando. Vamos... repita as palavras que terá de dizer ao arcebispo.

Por um instante, Henrique olhou para o pai com um olhar de raiva. Mas ele sabia que teria de obedecer. Tinha apenas quatorze anos de idade, e aquele homem, com o rosto marcado pelo sofrimento, era o rei. Murmurou as palavras que deveria repetir.

— Mais uma vez — ordenou seu pai.

Que humilhação! Por que eu tenho de fazer isso? perguntou a si mesmo. Então veio—lhe à cabeça uma ideia matreira. As coisas não seriam sempre como eram agora. Um dia ele seria rei, e o homem que agora o comandava não seria nada mais que um cadáver em decomposição. O que importavam as palavras? Quando o jovem príncipe Henrique fosse o rei Henrique, faria as coisas a seu modo; se desejasse se casar com Catarina de

Aragão, ninguém o impediria de realizar seu desejo.

Repetiu as palavras com um ar de desagrado.

— Vamos. Tenho certeza de que Warham já chegou ao palácio.

Então, no andar térreo do palácio de Richmond, o jovem Henrique fez o protesto formal contra seu casamento com Catarina de Aragão, com as palavras ditadas pelo rei.

Palavras, pensou Henrique quando voltava para seus aposentos. Ele nunca permitiria que umas poucas palavras interferissem nos seus desejos.

Depois disso, passou a pensar com mais frequência em Catarina de Aragão. Lembrou como ela era quando ele a levava para o palácio depois da cerimônia do casamento dela com Arthur.

Seu pai havia decidido que ele não se casaria mais com a infanta, porém seu próprio pai quis um dia casar—se com ela. Catarina estava agora fora de alcance. Representava um desafio. Tornara—se

de repente mais atraente que Margarida, que estava tão encantada com o próprio irmão que o considerava o menino mais lindo do mundo.

## A TRAIÇÃO DE DONA ELVIRA

DONA ELVIRA ESTAVA numa conferência secreta com o marido, D. Pedro Manrique. Falava depressa e baixo, pois não queria que suas palavras fossem ouvidas por outra pessoa que não ele.

— Juan está certo disso. Se esse encontro puder ser arranjado, Fernando receberá a lição que merece.

D. Pedro alarmou-se. Era bem verdade que sua esposa fazia as coisas a seu modo, mas a política doméstica da comitiva da infanta era muito diferente da política da Europa. Ela estava mais confiante que nunca, desde que conseguira fazer o noivado de Inigo com Maria de Rojas. Mas D. Pedro gostaria que ela deixasse essas intrigas a cargo do seu irmão.

O grande objetivo de Elvira era levar o poder às famílias Manrique e Manuel. Portanto, ela se manteria firme por trás do irmão, D. Juan Manuel, o líder da facção de Castela em Bruxelas, cujo objetivo era destronar Fernando e apoiar Filipe.

— Ele está pedindo sua ajuda nessa questão? — perguntou D. Pedro.

Elvira concordou com orgulho.

— Por que não? Eu tenho uma posição importante aqui na Inglaterra. Posso fazer muita coisa.

— O que a senhora propõe? Está pensando em consultar Puebla?

— Aquele idiota! É claro que não! Este assunto ficará exclusivamente a meu cargo.

— Mas como pretende arranjar um encontro entre Henrique e Filipe? E qual seria a reação de Fernando?

— Eu acho que não temos de nos preocupar com a reação de Fernando. Ele está ficando velho, é como um leão sem dentes. Está compreendendo agora o quanto devia a Isabel. Seus dias no poder estão contados. Depois que eu arranjar esse encontro...

— Elvira, cuidado.

— Oh, que bobagem, Pedro. O senhor é tímido demais. Se fosse pelo senhor, Inigo ainda estaria procurando uma noiva.

— Eu só estou pedindo para a senhora tomar cuidado.

— O senhor não confia em mim para fazer isso?

— A senhora é inteligente e esperta, mas as coisas de política são perigosas. Diga o que está pretendendo fazer.

Elvira olhou para o marido com um sorriso de desdém.

— Não, só vou dizer depois. O senhor é tímido demais, meu querido Pedro. Mas não tenha medo, saberei exatamente como cuidar deste assunto.

As damas de honra de Catarina ajudavam—na a trocar de roupa quando Elvira entrou.

— Essa foi a melhor roupa que encontraram para Sua Alteza?

— perguntou, olhando para a saia dura de brocado remendada em vários pontos.

— É a roupa menos velha de Sua Alteza—disse Inez de Venegas. Elvira estalou a língua e falou baixinho, como que para si mesma:

— Uma boa manobra... uma boa manobra...

Depois que as damas pentearam o cabelo de Catarina, a governanta fez um gesto com a mão conhecido de todas, mandando—as embora como se fossem galinhas.

Quando as duas ficaram sozinhas, Elvira falou:

— Isso me mortifica, Alteza. Fico pensando no que sua mãe diria se a visse passando por tudo isso aqui na Inglaterra.

— Ela sabia da minha situação mesmo antes de morrer, mas não podia fazer nada. Se pudesse, teria feito.

— Uma infanta da Espanha andar com roupas tão surradas! Acho que isso não pode continuar assim.

— Faz tanto tempo que ando assim que já estou até acostumada. .

— Agora há uma nova rainha na Espanha. O que será que ela diria se visse sua irmã neste estado?

— Ah... Joana! — murmurou Catarina, pensando naquela sua irmã instável que ria e chorava com a maior facilidade. — É estranho pensar nela como rainha no lugar da nossa mãe.

— Vossa Alteza gostaria de vê—la de novo?

Catarina não respondeu. Ver Joana! Seria a melhor coisa da sua vida, depois de ver sua mãe.

— Não é impossível arranjar um encontro com ela — falou Elvira, observando a infanta de perto.

Catarina virou—se para ela.

— Mas como?

— Vossa Alteza podia escrever—lhe manifestando seu desejo de estar com ela. Não esqueça que ela é a rainha agora. Podia dizer que está com saudade de casa, que está louca para ver um membro da sua família. Tenho certeza de que ela também ficaria ansiosa para ver Vossa Alteza.

— Está dizendo que eu poderia sair da Inglaterra...?

— Por que não? Sua irmã e seu cunhado poderiam ir até a costa para se encontrar com Vossa Alteza, e o rei da Inglaterra poderia acompanhar Vossa Alteza; assim, ele teria oportunidade de conhecer a nova rainha e o marido dela.

— Dona Elvira, a senhora realmente acha que...?

Ela é ainda uma criança, pensou Elvira. Como é inocente! Como se deixa enganar com facilidade!

Elvira afastou—se um pouco, como que para esconder a emoção da qual se envergonhava por denotar fraqueza.

— Acho que vale a pena tentar. Por que Vossa Alteza não pode escrever para sua irmã sugerindo um encontro? Que mal há nisso?

— Não vejo mal nenhum. Eu adoraria saber notícias de Joana.

— Então escreva; a carta será enviada a Bruxelas por um mensageiro especial, que só voltará depois que tiver a resposta da sua irmã.

Catarina levantou—se e foi para a escrivaninha. Seus dedos tremiam de entusiasmo quando ela pegou na pena.

Catarina olhou para a carta que tinha escrito e lembrou—se de Joana.

Como era maravilhoso quando elas estavam juntas, trocando experiências e divertindo—se com a brincadeira "Você se lembra?" Parecia, naquele momento, que ela estava de volta àqueles dias de sua infância.

Nós devíamos ficar juntas, pensou Catarina; somos tão poucas agora!

Joana escreveu para a irmã dizendo que ficaria encantada em vê-la, que não havia nada no mundo que ela mais quisesse no momento. Por que os dois grupos não se encontravam no meio do caminho?

O rei Henrique e Catarina cruzariam o Canal por Calais e iriam até Saint—Omer, a apenas oito léguas de distância, onde Joana e seu marido Filipe os estariam esperando.

Catarina mostrou a carta a Dona Elvira, que ficou felicíssima. Juan conseguiu que a desequilibrada Joana respondesse à carta exatamente como ele queria, e sua estratégia deu mais certo do que Elvira esperava.

Agora só faltava persuadir o rei a colaborar com o plano. Elvira achava que isso não seria difícil, pois Henrique precisava desesperadamente de uma noiva e desejava ligar—se aos Habsburgos. Ele sentia que estava envelhecendo, e embora uma viagem por mar não fosse muito confortável, ele não era homem de pensar mais em seu conforto que na diplomacia. É claro que ele aceitaria o convite de bom grado.

Elvira estava radiante. Ia conseguir para seu irmão o encontro tão desejado de Henrique com Filipe, que funcionaria contra Fernando e a facção aragonesa.

— Vossa Alteza devia escrever imediatamente para o rei e mostrar a ele este convite da sua irmã — disse a governanta. Se fizer isso agora, eu própria darei ordem

para que o mensageiro leve a carta a Richmond o mais depressa possível.

— Vou escrever já. Diga a Alonso de Esquivei para ficar a postos. Ele cavalga mais depressa que qualquer outro, e eu mal posso esperar pela resposta do rei. Pode deixar que eu mesma levo a carta a ele assim que acabar de escrever; quero alertá—lo de que a carta não deve ser entregue a ninguém senão ao próprio rei.

Elvira assentiu, satisfeita, e foi dizer ao mensageiro que se preparasse.

Catarina escreveu para o rei com todo o cuidado e selou a carta, e quando estava descendo pelo pátio deparou-se com o Dr. de Puebla.

Sentia-se tão feliz que não pôde resistir a contar seus planos para o embaixador, da forma mais infantil possível.

— Eu recebi um convite da minha irmã. Ela convidou a mim... e ao rei. . para nos encontrarmos com ela. Estou encarregada de passar o convite para o rei.

Puebla encostou-se na parede para não perder o equilíbrio, pois compreendeu imediatamente o que aquilo queria dizer. Catarina não iria sozinha, iria num grupo real chefiado pelo rei. Os inimigos de Fernando vinham tramando esse encontro havia tempo. Era uma traição direta ao pai de Catarina.

Ele pegou a carta da mão da infanta; ela não ofereceu resistência, mas logo depois falou:

— Passe a minha carta de volta.

O embaixador continuou a apertar a carta nas mãos.

— Alteza — começou ele —, isto pode ser uma questão política...

Catarina perdeu sua calma habitual. Pensou nos meses de solidão, monotonia, pobreza e humilhação. Ela não confiava em Puebla e não gostava dele, muito mais porque Elvira não perdia oportunidade para envenená-la contra aquele homem. Arrancou a carta da mão de Puebla e passou na sua frente.

Seus deveres de embaixador tinham-no habituado a pensar depressa. Puebla viu logo que Elvira estava por trás desse plano, pois sabia que seu irmão, Juan Manuel, trabalhava em Bruxelas para o partido de Castela contra Aragão.

Não adiantava seguir Catarina. Olhando apressadamente por uma janela viu o mensageiro selando o cavalo para a viagem. Só lhe restavam poucos minutos para agir. Correu para os aposentos de Elvira, e no meio do caminho encontrou-a voltando do pátio.

— Isto é traição — gritou Puebla —, traição contra nosso mestre soberano.

Elvira foi apanhada de surpresa.

— Se a infanta deseja ver sua irmã, por que devemos impedi-la?

— Esse encontro foi arranjado por instigação do seu irmão, que é um traidor de Fernando. Nós somos súditos de Fernando. Seu irmão é um traidor, e a senhora sabe muito bem disso. Se esse convite for enviado ao rei, não terei alternativa senão pôr Fernando a par da sua traição. Uma coisa é seu irmão tramar contra o rei de Aragão em Bruxelas, outra é a senhora fazer isto aqui na comitiva da filha dele. Ele pode mandá-la de volta à Espanha, e certamente fará isso. Acho que seu destino não seria muito feliz se isso acontecesse.

— Eu não compreendo... — disse Elvira tentando manter-se calma, mas dava para ver que ela estava tremendo. O sucesso do seu plano dependia inteiramente da sua aparente inocência. O encontro que ela tinha arranjado devia parecer ter sido planejado por Catarina e Joana. Ela compreendia o perigo que estaria correndo se Fernando fosse informado da sua participação nisso.

— Não temos tempo a perder — disse Puebla. — Em menos de cinco minutos, Esquivei estará a caminho de Richmond.

Dona Elvira tomou uma rápida decisão.

— Eu descerei imediatamente para dizer que ele não deve levar a carta para o rei.

Puebla, que suava de tanto nervoso e aflição, relaxou um pouco.

Elvira entendeu o risco que ela e sua família corriam. Precisava pensar não só no seu futuro, como no futuro de todos eles. Ela não queria que soubessem que Juan Manuel tinha parte naquilo. Embora Fernando estivesse enfraquecido com a morte de Isabel, ainda tinha poder na Espanha; talvez ficasse como regente de Joana e Filipe quando eles fossem visitar seus outros domínios.

Elvira sabia muito bem que estava planejando um jogo perigoso.

Desceu para o pátio, e Puebla ficou espiando pela janela. Catarina entregara a carta para o mensageiro, dizendo que ele fosse a Richmond a toda pressa, e entrara em casa.

Isso facilitou a tarefa de Elvira. Puebla viu que ela tirava a carta da mão do mensageiro, e notou a surpresa dele quando seu cavalo foi mandado de volta para o estábulo.

O embaixador deu um suspiro de alívio. Aquele possível encontro da infanta teria produzido uma catástrofe. Sentiu-se

exausto, e pensou em voltar imediatamente para seus alojamentos em Strand para descansar.

Estou muito velho para esses sustos, disse a si mesmo.

Quando saiu de Durham, o empregado, que estava à sua espera, veio encontrá-lo e achou seu mestre muito abatido.

Puebla voltou a caminhar, mas antes disse a ele:

— Espere aqui. Se o senhor vir D. Alonso de Esquivei passar a cavalo às pressas para Richmond, vá encontrar-se comigo no mesmo instante.

Depois dessa providência, foi direto para seu alojamento. Ele não confiava em Elvira. Sempre soube que aquela mulher enviava relatórios contrários a ele para Isabel, e sem dúvida enviava agora para Fernando também. Tinha um vago pressentimento de que ela poderia tentar incriminá-lo, já que ele descobrira suas más intenções.

Puebla estava certo.

Logo depois de chegar ao seu alojamento, o empregado entrou arfando, e disse que o mensageiro seguira às pressas para Richmond assim que Puebla saiu de Durham.

Puebla ficou horrorizado. Ele devia ter previsto isso.

O mal já fora feito. O rei estava sendo convidado para encontrar-se com Filipe e Joana; se aceitasse, meses de diplomacia estariam arruinados.

Ele não podia evitar que a carta de Catarina chegasse às mãos do rei, mas podia pelo menos avisar Catarina da cilada em que ela caía.

Depois avisaria o rei sobre o caráter pouco confiável do arquiduque Filipe.

Puebla voltou no mesmo instante a Durham, e entrou sem-cerimônia nos aposentos da infanta.

Catarina estava conversando com umas damas de honra, e ele gaguejou que precisava falar urgentemente com ela a sós; a infanta ficou tão chocada com o desespero do embaixador que concordou em aceitar seu pedido.

Assim que eles ficaram sozinhos, Puebla disse:

— Vossa Alteza foi vítima de um plano contra seu pai. — E explicou que durante meses a facção castelhana de Bruxelas tramava

para conseguir um encontro de Henrique da Inglaterra com o cunhado da infanta, Filipe.

— Vossa Alteza deve compreender que seu cunhado não é amigo do seu pai. Sua intenção é tirar todo o poder que seu pai tem em Castela e deixá-lo exclusivamente com o reino de Aragão. Vossa Alteza sabe como sua mãe ficaria desesperada se soubesse o que está acontecendo. No seu testamento, ela pediu que na ausência ou incapacidade de sua filha Joana, seu esposo fosse o único regente de Castela até a maioridade do seu neto Carlos. Filipe está determinado a aumentar a discórdia e a desconfiança entre seu pai e o rei da Inglaterra. Ele tentará fazer um pacto com ele contra seu pai. O irmão de Dona Elvira, D. Juan Manuel, é o líder do plano, e foi por isso que ela sugeriu que Vossa Alteza solicitasse esse encontro.

Catarina olhou para o embaixador em pânico. Lembrou que Dona Elvira insistira para que ela escrevesse para Joana. Então, ela e a irmã estavam sendo usadas pelos inimigos de seu pai! Catarina pensou na mãe, que estivera sempre firme ao lado do marido. Como ela teria ficado chocada e horrorizada se soubesse que suas filhas estavam tramando com os inimigos dele.

Tremendo, disse para Puebla:

— Eu acredito no que o senhor me contou. Vejo que fui um brinquedo na mão deles. O que posso fazer agora?

Puebla sacudiu a cabeça com tristeza, pois percebia que não havia nada que pudesse ser feito. O rei receberia a carta de sua nora com a carta de Joana anexa. Estava inteiramente nas mãos dele aceitar ou não o convite.

— Pelo menos, Vossa Alteza sabe agora como sua governanta é maquiavélica. com sua permissão, vou me retirar. Irei a toda pressa a Richmond tentar usar minha influência com o rei para evitar esse encontro.

Henrique estudava as cartas de Catarina e de Joana.

Ir até Saint—Omer para encontrar a herdeira de Isabel e o marido dela! Ele poderia fazer planos para as alianças que tanto desejava. Filipe teria o apoio do pai, Maximiliano, e se eles pudessem chegar a um acordo, talvez sua noiva fosse para a Inglaterra em breve. A filha de Maximiliano era uma mulher bela e jovem, embora duplamente

viúva... Eles poderiam ter filhos. Henrique estava ansioso para conseguir uma noiva para si e aquelas alianças para sua família. Carlos, o herdeiro dos Habsburgos e de Isabel e Fernando, seria o monarca mais rico de toda a Europa quando chegasse à maioridade. A pequena Maria seria uma boa noiva para ele. E Eleonora, a filha de Filipe e Joana, seria uma boa noiva para o jovem Henrique. Tudo isso podia ser arranjado se ele se encontrasse com Filipe e Joana.

Eles pediriam alguma coisa em troca; possivelmente promessas de ajuda contra Fernando, pois devia haver problemas em Castela entre Fernando e Filipe. Era fácil fazer promessas.

Um encontro seria uma boa ideia, mas uma ideia muito cara. O rei não podia viajar para o exterior de forma modesta pois daria impressão de pobreza, o que não era nada bom. Além do mais, ele não gostava de viajar; estava ficando velho, e suas pernas amanheciam tão endurecidas que mal dava para colocar os pés no chão. Por outro lado, aquelas alianças eram importantíssimas para sua família.

Puebla foi anunciado, e quando se apresentou ao rei estava nitidamente desesperado.

— O senhor parece perturbado — falou Henrique. Puebla, sentindo que a situação era perigosa demais para subterfúgios, explicou em detalhes como Dona Elvira usara Catarina para sugerir esse encontro.

— Bem, os meios são tão importantes assim?

— Vossa Majestade, a situação da Espanha está instável... muito instável. Há tanta traição envolvida que é difícil saber quem é amigo e quem é inimigo. Existem duas facções opostas em Bruxelas. Como Vossa Majestade poderá saber quem planejou esse encontro? Seus amigos? Seus inimigos? O rei se torna vulnerável quando deixa seu próprio país. Filipe não é nada confiável, ele joga dos dois lados e não mantém suas promessas quando acha que não deve. Vossa Majestade não deveria levar a sério essa sugestão de convite.

O rei ficou pensativo. Havia espionagem e contra-espionagem em todos os países, mas a situação da Espanha naquela época era certamente perigosa.

Ele sabia que Filipe era considerado um jovem dado a prazeres e de grande ambição política; Fernando era um trapaceiro, mas pelo menos ele e Fernando eram do mesmo tipo.

— Vou considerar esta questão — disse o rei, deixando Puebla um pouco mais aliviado.

Ele não acreditava que Henrique se animasse a fazer essa viagem. Achou—o bastante receoso. Atravessar o Canal podia ser perigoso, e se ele se molhasse um pouco certamente seu reumatismo pioraria.

Henrique achou que um encontro planejado por mulheres talvez não fosse muito aconselhável naquela época. E se Filipe não tivesse vontade de vê—lo? E se acabasse sendo uma mera reunião entre Catarina e Joana? Ele estremeceu ao pensar nas despesas que uma viagem dessas acarretaria; e pior seria se fosse um dinheiro desperdiçado.

— Vou pensar bem sobre isso — disse.

Catarina ficou sentada ao lado da janela dos seus aposentos em Durham, olhando para fora. Puebla tinha ido a Richmond e devia estar agora com o rei.

Ela estava chocada. Não conseguia tirar da cabeça a lembrança do rosto de sua mãe. Isabel ficava felicíssima quanto tinha a família toda à sua volta. Catarina lembrou—se das ocasiões em que todos se sentavam com ela, as meninas fazendo trabalhos de agulha e João lendo em voz alta; quando seu pai também fazia parte do grupo, sua mãe assumia aquela sua expressão de contentamento e serenidade.

Agora eles estavam espalhados. Seu irmão João e sua irmã Isabel tinham morrido, Maria era rainha de Portugal, Joana esposa de Filipe, e ela estava na Inglaterra. E ali ela acabara se envolvendo numa trama contra seu pai.

Seu horror passou a uma raiva profunda. Ela esqueceu que seu pai nunca a amara da mesma forma que sua mãe e que ficara contente de mandá—la para a Inglaterra. Pensou nele só como o pai que criara um grupo familiar e fizera a felicidade de sua mãe. Fernando era seu pai. Sua mãe sempre a lembrava disso. Havia ocasiões em que a própria Isabel se submetia a ele, e nessas horas, lembrava aos filhos que Fernando era o pai deles. Nessas horas ela

esquecia que era a rainha de Castela e que ele era apenas o rei de Aragão. No que dizia respeito à família, Fernando era o chefe.

E ela caíra na armadilha de Dona Elvira e acabara conspirando contra seu pai!

Catarina levantou—se. Se estivesse diante de um espelho, teria percebido a mudança que se produzira nela. Estava de cabeça erguida, e apesar do vestido velho, continuava a ser uma princesa com sua própria comitiva. Deixara de ser uma viúva esquecida e voltara a ser a filha de Isabel de Castela.

Chamou uma de suas damas e disse:

— Diga a Dona Elvira que eu desejo vê—la imediatamente.

A dama de honra ficou espantada com seu tom peremptório, mas Catarina não percebeu isso. Estava pensando nas palavras que diria a Dona Elvira.

Elvira entrou, fez a ligeira reverência habitual, e ao olhar para o rosto da infanta viu a mudança que se operara nela.

— Eu mandei chamá—la para dizer que compreendo muito bem por que a senhora me persuadiu a escrever para minha irmã.

— Eu sabia que Vossa Alteza desejava ver sua irmã e tive pena de vê—la vivendo aqui como vive...

— Por favor, fique em silêncio — disse Catarina num tom frio. — Eu sei que seu irmão, D. Juan Manuel, está tramando contra meu pai em Bruxelas, e que persuadiu a senhora a ajudá—lo aqui na casa de Durham.

— Alteza...

— Por favor não me interrompa. Não esqueça com quem está falando.

Elvira ficou pasma. Nunca Catarina se dirigira a ela daquela maneira. Ela sabia que Puebla a entregara para Catarina, mas mesmo assim achava que poderia continuar a dar as ordens em Durham.

— Eu não desejo ter comigo na Inglaterra serviçais em quem eu não posso confiar.

— O que Vossa Alteza está dizendo... ?—perguntou Elvira com sua voz autoritária.

— Estou dizendo que a senhora está dispensada.

— Vossa Alteza... está me dispensando! Mas foi sua mãe quem me nomeou!

Foi um erro. Elvira percebeu isso assim que terminou a frase. Catarina estava ainda mais pálida, mas seus olhos brilharam de raiva.

— Se minha mãe soubesse que a senhora iria tramar contra meu pai, a senhora teria passado esses últimos anos por trás das grades.

É onde a senhora deveria estar.

Mas eu serei complacente. Prepare—se para sair da casa de Durham e da Inglaterra imediatamente.

— Isso é impossível!

— Será possível. Eu não vou mandá—la de volta para meu pai com uma explicação da sua conduta. Vou poupá—la disso. Mas como a senhora está tão ansiosa para ajudar seu irmão em Bruxelas, pode ir para lá.

Elvira tentou assumir sua antiga truculência, mas não conseguiu,

— Pode ir agora—disse Catarina. — Prepare—se o mais depressa possível, pois eu não desejo vê—la nem um dia a mais nesta casa.

Elvira sabia que não adiantava protestar. Se ela tentasse usar de autoridade, Catarina exporia sua participação nos esquemas do seu irmão.

Era difícil para uma mulher orgulhosa aceitar tal derrota.

Ela fez uma reverência, e sem mais palavra deixou a infanta.

Catarina tremia, mas sentiu—se exultante.

Por muito tempo ela havia sido mais prisioneira de Dona Elvira do que da casa de Durham. Agora estava livre.

# JOANA NA INGLATERRA

CATARINA COMEÇOU a pensar em quem ela poderia confiar; além da raiva que sentiu de Dona Elvira, ficou chocada com sua má —fé.

Maria de Rojas andava altamente melancólica. O outro casamento que fora planejado para ela também não se realizaria, pois Inigo partira para a Espanha com a mãe.

A comitiva estava livre da tirania de Dona Elvira, mas a pobreza continuava.

Catarina mandou chamar Puebla, que foi ter com ela incontinenti. O embaixador envelhecera a olhos vistos em poucas semanas, depois do susto que levou com a traição de Dona Elvira.

Sentindo—se agora independente, Catarina falou num tom que denotava coragem.

— Esta situação não pode continuar. Eu preciso de meios para sustentar minha comitiva. Afinal, sou nora do rei da Inglaterra. Acho que o senhor, como embaixador do meu pai, devia tomar alguma providência sobre isso.

Puebla abriu as mãos para mostrar sua incapacidade de ajudar.

— O senhor devia falar energicamente com o rei. Devia dizer a ele que é uma vergonha para o seu nome deixar que eu viva deste modo.

— Vou fazer o possível, Alteza — disse Puebla.

Saiu dos aposentos da infanta sem saber o que fazer para ajudá-la, mas concordou que ela não podia continuar a viver naquela pobreza.

Pediu uma audiência com o rei.

Henrique ainda estava examinando a possibilidade de encontrarse com Filipe e Joana. Talvez na primavera ou no verão... pensou, pois a perspectiva de umidade nos seus ossos o alarmava. Seria desastroso se ele ficasse completamente aleijado. Parecia ridículo ainda não ter conseguido uma noiva, mas não era fácil para

ele, um rei, encontrar uma parceira à sua altura. Uma rainha tinha de ter muitas qualificações.

Henrique olhou para Puebla com um ar sério, mas ouviu quieto a reivindicação de Catarina.

— É verdade que a casa de Durham exige uma manutenção muito alta—disse ele num tom grave. — Estou com pena da infanta, e vou ajudá—la.

O rosto de Puebla brilhou de prazer.

— Ela terá de sair de lá e vir para a corte. Tenho certeza de que viverá com mais conforto quando não tiver de fazer face às despesas que uma casa tão grande acarreta.

Puebla agradeceu ao rei, mas quando voltava para Durham ficou em dúvida sobre a reação da infanta a essa notícia. Ele sabia que com uma pensão adequada e sem Dona

Elvira, a vida naquela casa podia ser bem agradável, e era essa pensão que Catarina estava esperando; se ela fosse para a corte estaria sob uma supervisão tão rígida quanto a praticada por sua ex—governanta.

Puebla tinha razão. Catarina não ficou nada contente com a notícia.

Olhou com um ar de desprezo para aquele homem malvestido... o embaixador do seu país, supostamente o maior país do mundo! Como ela podia querer ser tratada com respeito, como podia manter sua dignidade se o representante do seu pai na Inglaterra era aquele marrano!

— Estou vendo que minha posição não melhorou quase nada — disse com frieza. — Às vezes me pergunto se o senhor se empenha mais pelo rei da Inglaterra ou pelo rei da Espanha.

Puebla ficou profundamente magoado. A infanta não entendia as filigranas da política de Estado. Não imaginava como eram perigosas e difíceis as manobras que ele precisava fazer continuamente.

Parecia que seu destino na vida era ser mal—interpretado, ser desprezado por aqueles a quem ele servia.

Quando Puebla a deixou, Catarina ficou pensando. Dona Elvira estaria realmente espionando para ajudar o irmão, ou Puebla, com

sua esperteza diabólica, criara aquela situação para fazer com que ela fosse mandada embora? O rei da Inglaterra estaria por trás daquele esquema? Ele queria fechar a casa de Durham e levá-la para a corte para que todos ficassem a par de sua pobreza e da indignidade de sua posição? Em quem ela devia confiar?

As notícias da Espanha deixaram Catarina chocada.

Seu pai estava pensando em casar—se de novo.

Ela ficou tão perturbada que se trancou no quarto e disse às damas de honra que desejava ficar sozinha. Ela sabia que os reis se casavam depressa quando perdiam suas rainhas, pois tinham necessidade constante de ter herdeiros. Mas naquele caso era diferente. Havia alguém para ocupar o lugar de Isabel de Castela, e, na opinião de Catarina, um novo casamento seria um sacrilégio.

Sobretudo, porque seu pai pretendia casar—se com uma moça de dezoito anos.

Todos diziam que ela era muito bonita, o que deixou Catarina ainda mais magoada. Ficou pensando no seu pai acariciando a bela mocinha, e imaginou sua mãe olhando tudo aquilo lá do Céu com tristeza.

Bobagem! disse para si mesma. É um casamento político.

Era verdade que Fernando estava ansioso para fazer aliança com o rei francês, Luís XII. A situação estava mudada. Os franceses haviam sido expulsos de Nápoles, pois um sucesso fácil demais os tornara descuidados; Fernando, por sua vez, tinha Gonsalvo Cordova o Grande Capitão, para lutar por ele.

Nas presentes circunstâncias, Luís XII estava contente com o problema entre Fernando e o genro Filipe. Filipe, ou seu filho Carlos seria o homem mais poderoso da Europa. Os domínios de Maximiliano iriam—lhe pertencer, inclusive a Áustria, Flandres e a Borgonha; além disso, da parte de Joana viriam as coroas unidas da Espanha e também todas as colónias de além—mar.

Na opinião de Luís, a aliança com Fernando parecia aconselhável, embora sua filha tivesse sido prometida ao jovem Carlos.

Luís apresentou suas condições. Ele abriria mão de Nápoles, que seria dada como dote à jovem noiva. Germaine de Foix era filha de

Jean de Foix, visconde de Narbonne; a falecida mãe do visconde era Leonora, rainha de Navarra, meia—irmã de Fernando, que envenenara sua irmã Blanche para ficar com a coroa de Navarra. O visconde se casara com uma das irmãs de Luís XII, portanto Germaine não só era parente de Luís como de Fernando.

Fernando também concordou em pagar a Luís um milhão de ducados de ouro ao longo dos dez anos seguintes para compensá—lo de suas perdas na campanha de Nápoles.

Foi essa a notícia que Catarina recebeu, e que lhe pareceu um insulto a Isabel. Não era só o fato de seu pai colocar uma jovem no lugar de sua mãe. Ela percebeu que aquele casamento poderia destruir a política pela qual Isabel se batera durante todo o seu reinado: a unidade da Espanha. Um dos seus grandes prazeres ao casar—se com Fernando foi unir Castela a Aragão; e quando esses dois reinos expulsaram os mouros do reinado de Granada, eles unificaram toda a Espanha. Mas se esse casamento fosse frutífero, se Germaine tivesse um filho de Fernando, o filho poderia ser o herdeiro de Aragão, enquanto Joana e seus herdeiros—ela já tinha filhos homens—ficariam com Castela. Assim, com sua ação egoísta — talvez para ter uma mulher jovem e bonita, ou mais provavelmente para ficar com o título não muito relevante de rei de Nápoles — Fernando mostrava uma indiferença aos desejos que Isabel alimentara durante toda a vida.

Esse tratado entre Fernando e Luís já tinha sido assinado em Blois.

Catarina, que não era mais uma criança, que não ignorava mais a política de Estado e a imensa ganância e orgulho de homens e mulheres ambiciosos, chorou por sua mãe.

Era Janeiro, um mês soturno e cheio de tempestades na costa; o vento soprava no Tamisa e nem as grandes fogueiras vindas do castelo de Windsor conseguiam afastar o frio. Catarina estava sentada em volta da lareira com algumas de suas damas de honra. Estavam todas melancólicas, e volta e meia falavam do seu desejo de voltar para a Espanha.

Francesca de Cárceres, impulsiva e incapaz de controlar a língua, queixou—se de vários membros da comitiva de Catarina. Primeiro, de Puebla, e depois, de Juan de Cuero. Como estavam todos em ótimos termos com o rei da Inglaterra, declarou ela, o desejo deles era ficar na ilha até serem devorados pelo reumatismo.

Maria de Rojas vivia triste. Da mesma forma que chorara pelo inglês, chorava agora por Ifiigo Manrique.

Catarina mexia no seu estoque de pratas e jóias, sempre pensando no que aconteceria quando chegasse a hora do restante delas ser avaliado.

Ela não teve mais notícias da Espanha. Fernando raramente tinha tempo de escrever para a filha; estava sempre muito ocupado, pensou ela com amargura, fazendo planos para o casamento dele que iria ocorrer em breve.

De repente, ouviu—se um tropel de cavalos e gritos do lado de fora, e Francesca correu para a janela.

— Há muita agitação lá embaixo — disse ela. — Deve ser uma notícia muito importante.

— Notícia de casa? — perguntou Catarina.

— Não — falou Francesca, quando as outras foram para a janela.  
— O mensageiro não é espanhol.

Catarina, que tinha se levantado, sentou—se desanimada.

— Faz tempo que não temos notícias da Espanha... notícias que gostaríamos de ouvir.

As outras damas saíram da janela e Maria de Salinas disse:

— As coisas têm de mudar logo. Eu não aguento mais. Talvez quando houver um novo rei...

— Ele vai se casar com Sua Alteza? — gritou Francesca. Catarina sacudiu a cabeça.

— Não, está prometido para Margarida de Angoulême.

— Oh, mas ele foi prometido para várias — disse Francesca.

— Isto acontece com muitas de nós — falou Maria de Rojas com amargura.

Catarina manteve—se em silêncio; estava pensando no príncipe de Gales, a quem via só ocasionalmente. Sua posição era estranha, pois ela não sabia se ainda estava noiva dele ou não. O noivado

oficial fora celebrado na casa do bispo de Salisbury, mas depois disso ela ouviu boatos de várias outras noivas escolhidas para ele.

Henrique estava crescendo depressa, e aparentava muito mais idade do que na realidade tinha. Quando eles estavam juntos, Catarina notava que ele a olhava pensativo, o que era um pouco aflitivo. O que seria da sua vida quando o velho rei morresse e Henrique VIII se tornasse rei da Inglaterra?

Alguém estava na porta pedindo para ver a infanta, e Inez de Venegas entrou de supetão dando a notícia, nitidamente excitada.

— Alteza—gaguejou ela. — Há muita agitação lá embaixo. Uns navios naufragaram devido à tempestade e os náufragos estão procurando refúgio aqui na Inglaterra.

Francesca disse impaciente:

— Com esse tempo, isso não é nenhuma surpresa.

— Mas esses navios são de Sua Alteza a rainha de Castela. Catarina levantou—se bruscamente. A coloração do seu rosto passou do pálido para o escarlate.

— Joana... minha irmã... na Inglaterra!

Alteza ela está aqui... procurando refúgio da tempestade. Sua frota naufragou quando ia de Flandres para a Espanha, e ela, o marido e seu

séquito...

Catarina passou as mãos no peito para sentir o coração pulando de felicidade.

Joana aqui... na Inglaterra!

Fazia anos que não se sentia tão feliz com uma notícia.

Joana, rainha de Castela, estava finalmente feliz. Encontrava—se com o marido num navio que rumava para Castela, e enquanto eles estivessem navegando ele não poderia lhe escapar.

Estava visivelmente perturbada. Foi para o convés, com o rosto voltado para o vento e o cabelo solto esvoaçando. Suas damas olharam para ela aflitas, depois disfarçadamente; Filipe, dependendo do seu humor, ora falava com ela com desprezo ora com uma afeição irónica.

Ele era um homem de humores variáveis; mudava de planos dia a dia, como mudava de amantes. Se tivesse um lugar menos

proeminente na política mundial, isso não teria grande importância; mas com a posição que ocupava, estava tornando—se famoso por sua inconseqüência, coisa perigosa para um filho de Maximiliano. Não havia governante na Europa que não visse isso com maus olhos. Mas Filipe sabia que era um dos homens mais importantes da Europa em razão da sua posição, e gostava disso. Gostava do poder, fosse na política ou nos seus casos com mulheres.

Foi para o convés ficar ao lado da esposa. Ela parecia maluca, pensou ele exultante. Caso ela não lhe prestasse obediência completa, ele a poria em reclusão. Não seria mentira se dissesse: "Preciso manter minha esposa em um local seguro. Infelizmente ela é uma louca."

Mas havia momentos em que era necessário dizer: Oh, não, ela não é louca. Um pouco impulsiva, um pouco histérica, mas isso não é loucura."

E esse momento chegara, o momento de reivindicar a coroa de Castela. O povo da Espanha nunca aceitaria o filho de Maximiliano como seu governante, mas aceitaria o marido da filha da rainha Isabel, Joana, agora a rainha de Castela.

Joana olhou para ele com aquele olhar suave e terno, que às vezes o divertia e às vezes o enojava.

Como ele era bonito! pensou ela. O vento dera mais colorido ao seu rosto, que já era bastante rosado; os cabelos compridos e dourados caíam—lhe nos ombros, suas feições pareciam as feições de um deus grego, e os olhos azuis brilhavam de saúde e alegria de viver. Filipe não era alto nem baixo; era magro e movia—se com graciosidade. O título de Filipe, o Belo, pelo qual era conhecido, não lhe fora dado por mera adulação.

— O vento está aumentando — disse Joana sem pensar, como se quisesse, na verdade, dizer o que sempre lhe vinha à cabeça quando estava perto de Filipe — implorar que ele ficasse ao seu lado todas as horas do dia e da noite, pois era a única forma de ela se sentir feliz.

Filipe virou—se subitamente e agarrou—a pelo pulso. Joana sentiu dor, mas não se importava quando era tratada com crueldade. Ficava mais feliz quando ele punha as mãos nela, mesmo que de

forma brutal, do que quando ele voltava sua afeição ou raiva para as outras.

— Estou prevendo problemas com seu pai, aquela raposa velha e matreira.

Joana ficou tensa. Afinal, ela era filha de Isabel, e Isabel ensinara os filhos a defender seus pais a todo custo. Mesmo na selvagem Joana, com todo o desejo que ela sentia por esse marido cruel, a influência da grande Isabel ainda persistia.

— Eu não tenho dúvida de que ele vai ficar contente de nos ver — disse ela.

— Contente? vou dizer—lhe uma coisa, minha querida esposa, ele gostaria que nós dois naufragássemos no mar. Gostaria de ficar com a guarda do nosso filho Carlos e governar Castela e Aragão como regente do menino. É esse o desejo de Fernando, e nós estamos no seu caminho.

Isso não é possível. Ele é meu pai. Ele me ama.

Filipe deu uma risada.

— Esse é um raciocínio feminino idiota. Seu pai nunca amou nada a não ser coroas e ducados.

— Filipe, quando chegarmos a Castela, não me afaste do senhor. Deixe—me ficar ao seu lado.

Ele pôs a bela cabeça de lado e sorriu para a esposa com um ar sardónico.

— Isso vai depender da minha querida senhora. Nos não podemos mostrar uma louca para o povo de Castela.

— Filipe, eu não sou louca... eu não sou louca... quando o senhor é bom para mim. Se fosse carinhoso comigo, se não tivesse outras mulheres...

— Ah, isso é pedir demais — disse ele com desprezo. Depois começou arir e colocou obraço em volta dos ombros dela. Imediatamente, Joana aninhou—se nele, enfiando os dedos febris no seu gibão. Filipe olhou—a enojado, afastou—se e ficou olhando para a água. — Desta vez, a senhora me obedecerá. Não vai haver outro caso Conchillos, não é? Joana começou a trem.

— Já se esqueceu daquele caso?—perguntou Filipe. — Esqueceu que quando seu pai tentou tornar—se regente de Castela, a senhora

foi persuadida por aquele traidor,

Conchillos, a assinar uma carta aprovando os atos de seu pai?

Eu assinei porque o senhor não estava comigo, não se importava com o que acontecia comigo. Passava o tempo todo com aquela mulher flamenga...

— Então a senhora se tornou uma traidora por ciúmes. Disse a si mesma que apoiaria seu pai, mesmo que isso significasse uma inimizade com seu próprio marido.

— Não é verdade, Filipe. Se o senhor tivesse pedido, eu nunca teria assinado aquela carta. Teria feito qualquer coisa que o senhor me pedisse.

— Mas a senhora sabia que, ao assinar aquela carta, estava agindo contra meus desejos, e mesmo assim colocou—se do lado do seu pai. Achou que se vingaria de mim porque eu preferia outra mulher. Olhe para sua figura, minha rainha, e depois pergunte a si mesma por que eu preferia passar minhas noites com outra mulher.

— O senhor é cruel, muito cruel...

Filipe agarrou—a pelo braço, e mais uma vez ela sentiu dor. No dia seguinte, seu braço estaria marcado, e ela beijaria aquelas marcas feitas pelos dedos dele. Ele podia ser cruel, desde que nunca a deixasse.

— Estou pedindo que a senhora se lembre do que aconteceu — disse Filipe baixinho. — Conchillos foi posto no calabouço e eu não soube mais dele. Mas foi uma pena justa para um homem que se interpôs entre um marido e sua esposa, não foi? Quanto à minha querida rainha, minha pérfida Joana, nós sabemos o que lhe aconteceu. Ela foi confinada, e eu disse a todos: "Minha pobre esposa está tendo delírios. Ela herdou a loucura da sua avó, a velha dama de Arevalo. Tenho muita pena de ser obrigado a afastá—la do mundo por um tempo." Lembre—se de que agora está livre de novo. Poderá ser uma mulher sã por algum tempo. Poderá ir a Castela reivindicar seu trono. Mas cuidado para não vir a ser afastada do mundo de novo.

— O senhor me usa de uma forma brutal.

— Lembre—se de que eu a avisei — murmurou ele. Enquanto se afastava, Joana ficou olhando para o marido com um olhar

apaixonado. Como seu andar era bonito! Ele parecia um deus caído de algum céu pagão na Terra. Ela bem gostaria de controlar seu desejo por ele, mas não conseguia; era um desejo que engolfava todas as suas emoções, toda a sua razão. Joana abriria mão de seu orgulho, sua dignidade, sua decência—valores que sua mãe lhe dizia serem a herança de uma princesa da Espanha — por uma breve hora de êxtase com Filipe.

Pairava um ar de desastre a bordo. Quando eles entraram no Canal da Mancha, houve uma calmaria estranha no mar e no céu durante quase uma hora; de repente, começou a soprar um vento forte o céu escureceu e uma forte tempestade caiu sobre eles.

Joana saiu da cabine. O vento fazia voar suas roupas e seus cabelos, mas ela ria sem medo. Não havia ninguém a bordo que temesse menos a morte que a rainha de Castela.

— Nós morreremos juntos — gritou. — Filipe não poderá me deixar agora. Vou morrer ao seu lado, vou pôr meus braços em volta dele, e enfrentaremos a morte juntos... juntos para sempre.

Duas de suas damas foram buscá-la no convés, achando que ela estava tendo um ataque de loucura. Era compreensível. Todos a bordo estavam apavorados, com medo de não conseguirem chegar a Castela.

— Seria bom Vossa Alteza vir fazer suas preces — disseram. Joana virou—se com os olhos esbugalhados.

— Eu já rezei muito, e minhas preces raramente foram ouvidas. Rezei pelo amor, que me foi negado. Por que rezarei agora pela minha vida?

As mulheres entreolharam—se. Não havia dúvida de que ela estava próxima da loucura, pareciam dizer. Uma delas sussurrou:

— Se sua mãe estivesse aqui, gostaria que Vossa Alteza rezasse. Joana ficou em silêncio, pensando na rainha Isabel.

— Preciso fazer o que ela gostaria que eu fizesse — murmurou, como se falasse para si mesma. Depois gritou: — Venham me ajudar a vestir minha roupa mais rica, depois tragam—me uma bolsa cheia de moedas de ouro.

— Seu vestido mais rico, Alteza? — gaguejou uma das mulheres.

— Foi isso que eu disse. Meu vestido mais rico e uma bolsa cheia de moedas de ouro para eu prender de lado. Quando meu corpo for atirado numa costa distante, não quero que digam "Essa mulher morreu no mar", e sim "Essa mulher é uma rainha!". Minha mãe gostaria disso. Deixarei um bilhete dizendo que o ouro é destinado ao meu enterro... o enterro de uma rainha. Por que estão paradas aí?

Não temos tempo a perder. Mal podemos ouvir nossas vozes nessa tempestade. Mal podemos ficar de pé aqui. Meu vestido... a bolsa... Joana ria com selvageria quando as damas saíram para atender suas ordens.

Vestindo uma roupa de cerimonial e uma bolsa presa na cintura, Joana foi cambaleando até a cabine do marido. Mal reconheceu Filipe, o Belo; com o rosto pálido e uma voz de pânico, ele gritava ordens, enquanto seus atendentes ajudavam—no a inflar um colete salva—vidas de couro. Onde tinha ido parar o arrogante herdeiro de Maximiliano? Seu cabelo louro estava emaranhado, seus olhos azuis denotavam fadiga, e sua boca linda e arrogante mostrava medo.

— Esta coisa aqui é segura?—perguntou aos gritos. — Amarrem o colete no meu corpo. Não temos muito tempo. A qualquer minuto...

Enquanto ele falava, ouviu—se um grito súbito de "Fogo!" e uma luz ameaçadora começou a piscar na escuridão.

Joana, muito serena, vestida com suas belas roupas, disse numa voz mais calma que de hábito:

— O navio está pegando fogo.

— Pegando fogo! — gritou Filipe. — Apaguem o fogo. Apaguem o fogo. O que será de nós?

D. Juan Manuel, que acompanhava a comitiva real à Espanha, disse com calma:

— Tudo o que podemos fazer está sendo feito, Alteza.

— Onde estão os outros navios? Estão por perto?

— Alteza, os outros navios perderam—se de nós. Foram espalhados pela tempestade.

— Então, o que podemos fazer? Estamos perdidos. Ninguém respondeu, e quando Filipe se virou viu Joana ao seu lado. Os dois pareciam estar se medindo naquele momento. Ela, com sua roupa linda e a bolsa amarrada na cintura, esperando calmamente a morte.

Ele, apavorado, com o colete de couro inflado que seus atendentes juravam que o faria flutuar mesmo no mar violento.

Joana riu na cara dele.

— Nós estamos juntos agora, Felipe. O senhor não vai poder me deixar.

Jogou—se aos seus pés e abraçou seus joelhos.

— Vou me prender ao senhor. vou me prender tão junto que a morte não poderá nos separar.

Filipe manteve—se em silêncio, olhando para ela; para quem visse a cena, parecia que ele se consolava com aquele abraço.

Joana foi ficando cada vez mais terna e mais calma, como se percebesse que tinha de ser forte agora, pois ele estava morto de medo.

— Ora, Filipe, quem foi que já ouviu falar de um rei que tenha se afogado? Nunca rei algum morreu afogado — disse ela.

Filipe fechou os olhos, apavorado com a ideia do desastre iminente. Passou a mão no colete de couro, onde vinham pintadas em letras garrafais as palavras "O Rei, D. Filipe". Ele que fora sempre tão cheio de vitalidade, nunca pensara na morte. Não tinha nem trinta anos de idade, e a vida lhe dera muita coisa. Joana, de saúde mental fraca, é quem era levada para caminhos estranhos, Joana, a que sofria profundamente, era quem podia olhar a morte de frente, com um sorriso quase acolhedor.

Ouviu a voz da esposa gritando no meio do tumulto:

— Estou com fome. Não é hora de comer? Tragam—me alguma coisa de comer.

Um dos homens foi cumprir suas ordens, e ela permaneceu sorrindo, com os braços trémulos em volta dos joelhos do marido.

O fogo estava agora sob controle, graças aos esforços sobre—humanos da tripulação. O navio adernava muito, e quando o dia clareou, eles viram que estavam próximos da costa.

Filipe gritou de alívio, mandando—os ir para terra firme o mais rápido possível.

D. Juan Manuel estava ao seu lado.

— Estamos na costa da Inglaterra. Se descermos lá, ficaremos nas mãos do Tudor.

— E o que mais podemos fazer? — disse Filipe. — O Tudor será mais temível que um túmulo no fundo do mar?

D. Juan admitiu que enquanto o navio não fosse reparado, eles teriam pouca possibilidade de chegar à Espanha.

Filipe estendeu os braços. A visão da terra restaurara seu bom humor; na sua arrogância de jovem, ele se sentia capaz de manipular o rei Tudor. Só a morte o aterrorizava.

— Nós iremos para a costa a toda pressa — disse ele. Finalmente, na baía rasa de Melcombe Regis, chegou o navio avariado levando Joana e Filipe. Havia gente na costa até a altura de Falmouth observando a frota de navios em dificuldade, mas ninguém sabia ao certo se eram navios amigos ou inimigos.

Via-se uma multidão nas praias, todos munidos de arcos, flechas e ferramentas rurais. Quando Joana e Filipe chegaram à baía de Melcombe Regis, homens e mulheres ingleses acenaram—lhes com insegurança.

A tripulação do navio juntou-se no convés, e a multidão achou que os estrangeiros tinham vindo atacá—los, pois não conseguiam entender seus pedidos de ajuda.

Então um rapaz, obviamente um nobre, abriu caminho para chegar ao cais e gritou para a tripulação em francês:

— Quem são vocês? Por que estão aqui?

— Estávamos transportando o arquiduque e a duquesa da Áustria, rei e rainha de Castela, com destino à Espanha, mas naufragamos na sua costa.

Foi o suficiente. Um homem forte, de cara avermelhada, aproximou-se do rapaz que falara em francês com a tripulação do navio.

— Diga—lhes que aceitem minha hospitalidade. Eles podem desembarcar e descansar na minha casa enquanto eu informo Sua Majestade da chegada deles.

Assim, Filipe e Joana desembarcaram na Inglaterra, e enquanto eram recebidos com grande hospitalidade na mansão de Sir John Trenchard em Melcombe Regis, perto de Weymouth, mensageiros galopavam até a corte para informar o rei da chegada do casal real.

Que maravilha pisar em terra firme, e como foi generosa a recepção de Sir John Trenchard ao casal espanhol!

Joana e Filipe conheceram o conforto de uma mansão inglesa. Labaredas subiam em enormes lareiras abertas; grandes peças de carne com o osso viravam nos espetos, e da cozinha vinha um cheiro delicioso de massas assando.

Filipe ficou contente de poder relaxar, e tão encantado de estar em terra firme que durante uns dias foi gentil com Joana, que foi tomada de felicidade.

Vieram notícias de que os outros navios da frota haviam—se refugiado ao longo da costa até Falmouth. Alguns podiam ser reparados, e em pouco tempo poderiam navegar de novo.

Eram notícias confortantes. Quando a tempestade diminuiu, o tempo ficou mais ameno, e o mar acalmou tanto que D. Juan Manuel ficou ansioso para prosseguir viagem.

Mas Sir John Trenchard indignou—se ao ouvir isso.

Declarou que não permitiria tal absurdo, que não seria privado da honra de cuidar um pouco mais de seus distintos hóspedes. Seu rei nunca o perdoaria se ele os deixasse ir embora. Pareceria uma grosseria de sua parte.

D. Juan Manuel compreendeu.

— Ele está esperando instruções de Henrique — disse a Filipe.

— Duvido que o rei da Inglaterra permita que Vossa Alteza saia daqui antes de se encontrar com ele.

— Não vejo razão nenhuma para não nos encontrarmos — falou Filipe. — Mas se eu desejasse muito ir, ninguém me deteria.

— Talvez o rei da Inglaterra. Talvez um exército esteja se aproximando para deter Vossa Alteza.

— Por que ele faria isso?

— Porque Vossa Alteza está no país dele, e na Inglaterra o rei é todo—poderoso. Seria melhor Vossa Alteza permanecer aqui por algum tempo como hóspede do que como prisioneiro.

— Eu gostaria de ver minha irmã Catalina — disse Joana. — Que estranho! Há pouco tempo, ela mostrou vontade de arranjar um encontro entre nós, e a tempestade acabou arranizando tudo.

Filipe olhou para a esposa, que andava num período de lucidez. A perigosa experiência no mar a acalmara, mas deixara os outros nervosos. Ninguém imaginava que a semente da loucura houvesse se implantado nela.

— Então teremos de desfrutar a hospitalidade inglesa por mais algum tempo — falou Filipe. — Eu não temo um encontro com o rei da Inglaterra. Aliás, há muita coisa que eu gostaria de discutir com ele.

Juan Manuel baixou os olhos. Havia momentos em que ele tinha medo do seu mestre e em outros momentos temia por ele.

Filipe sabia da apreensão de Juan Manuel, e isso o divertia. Mostraria a todos os seus súditos que ele, e somente ele, tomaria decisões políticas. Ao ver a rainha de Castela bastante normal, Filipe decidiu que quando se encontrasse com Henrique iria se apresentar com seus próprios títulos. Seria o arquiduque Filipe, herdeiro de Maximiliano, não o consorte da rainha de Castela, embora fosse sobre Castela que ele desejasse discutir. Tentaria ganhar o apoio de Henrique contra Fernando; e como Joana, na sua súbita volta à lucidez, pudesse lembrar que Fernando era seu pai, seria melhor que ele se encontrasse com o rei da Inglaterra sem ela.

As notícias de Henrique chegaram depressa a Melcombe Regis. Ele não permitiria que seus hóspedes deixassem a Inglaterra antes de se encontrarem com ele. Estava encantado de ter visitantes tão ilustres, e enviava uma escolta para levá-los a Windsor, onde ele e o príncipe de Gales estariam esperando para recebê-los.

Filipe ficou maravilhado quando viu a escolta fantástica que fora enviada para levá-lo a Windsor, mas D. Juan Manuel e seus conselheiros mais sérios ficaram apreensivos. Eles sabiam que era inútil pedir que seu teimoso mestre se acautelasse; na verdade, se lhe pedisse isso, ele teria menos cuidado que nunca.

Joana foi ter com o marido, que olhava pela janela os cavalos brilhantemente ajaezados lá embaixo.

— E ainda se tem coragem de dizer que Henrique é um homem mesquinho! — falou Filipe.

— Ele tratou minha irmã com grande mesquinharia — disse Joana.

Filipe estava contente. O rei da Inglaterra era mesquinho com a filha de Fernando, mas desejava homenagear o filho de Maximiliano.

Só então se lembrou de que parte daquelas homenagens era para a outra filha de Fernando, sua esposa, a rainha de Castela.

— Estou ansiosa para fazer essa viagem — disse Joana. — Será agradável ver o país onde Catalina vive. E que maravilha estar com ela no final da viagem! Minha pobre Catalina, suas cartas eram quase sempre muito tristes.

— Joana, estou muito preocupado com o seu conforto—falou Filipe.

Um sorriso de felicidade passou pelos lábios de Joana, e ela olhou —o ardentemente.

— Oh, Filipe, não precisa ter medo por mim. Eu só preciso estar com o senhor para me sentir feliz.

Filipe tirou gentilmente os dedos dela pousados no seu braço.

— Eu preciso viajar a toda pressa para Windsor. A senhora vai depois, num ritmo mais lento.

— Quer dizer... que o senhor irá sem mim! — disse ela, com voz estridente.

— Eu não deixaria que a senhora corresse os riscos de uma viagem rápida. Será melhor viajar devagar e com dignidade.

— Por que, por quê? — gritou Joana. — Eu enfrentei os perigos do mar com o senhor. Que perigos pode haver na estrada? O senhor não se livrará assim de mim. Eu sei muito bem por que quer fugir de mim. É por causa daquela mulher...

— Silêncio — disse Filipe secamente. — A senhora me irrita com seus eternos ciúmes.

— Então não me dê razão para ter ciúmes.

— Eu morreria de tédio, a meu ver uma morte mais cansativa que a morte por afogamento.

— O senhor é muito cruel — disse Joana num tom patético.

— A senhora fará o que eu disser.

— Por quê? Eu não sou a rainha? Castela é minha, nunca será sua.

— Então a senhora está se vangloriando de novo dos títulos que trouxe para mim, não é? E eu não pago muito caro por eles? Não tenho de aguentar a senhora o tempo todo?

— Felipe, eu vou com o senhor.

— A senhora fará o que eu disser. Ou será que precisarei mandar confiná-la de novo?

— O senhor não pode fazer isso.

— Não posso? Eu já fiz isso antes, por que não posso fazer de novo? Todos sabem que a senhora é louca, e nem mesmo a senhora faz segredo disso. Eu irei na frente, e a senhora viajará uns dias depois, na mesma estrada, com toda a calma. É uma coisa tão sofrida assim?

— É sempre sofrido não estar com o senhor. Filipe apertou as bochechas da esposa.

— Se fizer como eu digo, prometo ser um marido amoroso hoje à noite.

— Filipe.... — disse ela, sem conseguir esconder a satisfação.

— Só se prometer se despedir de mim com calma amanhã.

— Isso é suborno, e não é a primeira vez que acontece. O senhor me concede uma coisa à qual eu tenho direito, e exige sempre um preço por isso.

Filipe riu. Tinha certeza do poder que exercia sobre a esposa. Ele passaria sua última noite em Melcombe Regis com ela, e de manhã sairia para encontrar—se com o rei da Inglaterra em Windsor.

Windsor pareceu agradável a Catarina naquele dia de inverno. Ela estava contente de ter deixado Durham para viver na corte. Seria maravilhoso ver Joana de novo, fazer confidências a ela, recordar os velhos tempos e explicar as dificuldades de sua posição ali na Inglaterra.

Catarina estava na janela com as damas de honra, esperando os primeiros sinais da cavalgada que traria o casal real.

— Nem sei se reconhecerei minha irmã — murmurou ela. Joana deve ter mudado muito desde a última vez em que a vi.

— Faz tempo que ela foi para Flandres — falou Maria de Salinas. Catarina lembrou—se daquele dia, quase dez anos antes, em que Joana partira para Flandres. Lembrou—se da tristeza de Isabel, que a

acompanhou até Laredo e quando voltou soube que sua mãe estava morrendo no castelo de Arevalo.

Fazia muito tempo. Qual seria a semelhança de Joana, rainha de Castela, com aquela menina instável e espirituosa que fora para Flandres, a fim de se casar com Filipe, o Belo?

Catarina olhou para as damas de honra, que deviam estar pensando nas histórias estranhas que ouviam sobre sua irmã — que ela mandara cortar os cabelos longos e dourados de uma das amantes do marido; que se considerava uma prisioneira em Medina dei Campo, e um dia fugira dos seus aposentos e ficara do lado de fora a noite toda só com sua roupa de dormir, numa noite gelada. Boatos constrangedores da conduta de Joana chegavam a toda hora de Flandres.

Quando eu vir minha irmã, pensou Catarina, ela me falará da sua vida; eu tentarei confortá-la, e ela me confortará.

Quando as fanfarras das trombetas anunciaram a chegada da cavalgata, e o rei da Inglaterra e o príncipe de Gales desceram para o pátio a fim de receber os convidados, Catarina viu o belo Filipe, mas nem sinal de sua irmã.

Ficou na janela observando as saudações entre os reis. Certamente Joana devia estar por perto. Ela chegara à Inglaterra com Filipe. Por que não estava com ele agora?

Em breve, ela própria deveria descer e saudar os convidados do rei, mas teria de esperar até ser chamada; havia muita gente na corte mais importante que ela.

Catarina ficou observando seu cunhado. Ele era mesmo um belo homem. Tinha um ar muito arrogante, como se estivesse determinado a equiparar-se ao rei da Inglaterra. Quando Henrique VII o cumprimentou, pareceu muito mais velho e doente que de hábito.

E ali estava também o príncipe de Gales, o príncipe dourado, mais alto e mais arrogante que Filipe, mais certo que ele de seu direito ao centro das atenções.

Catarina não conseguia olhar para o príncipe de Gales sem se perturbar; mesmo naquela hora, esqueceu-se temporariamente de

Joana, e ficou pensando se mais tarde aquele rapaz seria ou não seu marido.

Suas damas de honra murmuraram juntas.

— Que estranho! O que terá acontecido com a rainha de Castela?

Foram dias movimentados em Windsor para Filipe e seus seguidores, e ele estava determinado a desfrutar aquela maravilhosa hospitalidade. Ele tinha grande prazer em mostrar sua habilidade na caça e no ataque ao falcão nas florestas de Windsor, e também de cavalgar pelas ruas do vilarejo de Windsor e ver as mulheres olhando—o das janelas ou na rua quando ele passava, dando aqueles sorrisos que ele estava habituado a receber delas. Gostava de sentar—se na sala de refeições à direita do rei e experimentar os variados pratos ingleses, ouvir os menestréis, assistir à alimentação dos ursos, cavalos e mastins.

O que Filipe não sabia é que o rei da Inglaterra só oferecia essas diversões maravilhosas quando esperava tirar algum proveito disso.

Foram dias gloriosos, e Filipe não demonstrou pressa alguma de voltar para a Espanha. Conheceu sua cunhada, a pobre Catarina, que parecia ser maltratada por aquele astuto e velho Tudor. A menina era sem graça, muito melancólica e sem a alegria que ele gostava de ver nas mulheres. Vestia—se mal, em comparação com as outras damas da corte. Em suma, não se interessou muito por ela.

Nas raras ocasiões em que os dois se encontraram, ela insistiu em perguntar sobre Joana. Por que Joana não estava com ele? Por que eles não tinham viajado juntos?

— Eu vim a toda pressa a pedido expresso do rei, e não quis sujeitar Joana a uma viagem tão cansativa — disse ele.

— Ela não teria preferido viajar com o senhor?

— Eu tenho bastante ascendência sobre ela. Preciso pensar na sua saúde.

Catarina não acreditou, e continuou ansiosa para se encontrar com a irmã.

Nesse meio—tempo, o rei fazia progressos com Filipe.

Vivia na Borgonha, sob a proteção de Maximiliano, um primo do conde de Warwick, o homem que fora executado por Henrique por ter tentado destroná—lo; esse primo, que chamava a si próprio de

duque de Suffolk, era Edmund de Ia Polé, e enquanto ele vivesse, Henrique não se sentiria inteiramente seguro. Sua grande meta era eliminar todos os que pretendiam seu trono, e ele nunca sabia se Edmund de Ia Polé aportaria de uma hora para outra na Inglaterra para tentar destroná-lo. Henrique lembrava-se dos seus próprios dias de exílio, quando vivia à espera de um momento oportuno para conquistar o trono para si próprio.

Lidava com Filipe de forma sutil, e Filipe não percebia sutilezas. Era muito mais fácil para o rei da Inglaterra lidar com aquele rapaz arrogante do que negociar com seus ministros, muito mais espertos que ele.

Henrique sabia que Filipe queria sua ajuda contra Fernando, seu inimigo de longa data.

A visita de Filipe estava sendo muito estimulante, e sempre que o reumatismo permitia, Henrique lhe fazia companhia.

Estava ansioso para assinar um tratado comercial com Flandres e conseguiu, com grande vantagem para a Inglaterra.

Conseguir a expulsão de Edmund de Ia Polé foi mais difícil; Henrique usou de toda sua astúcia e sutileza, dizendo a Filipe que ele era um prisioneiro na Inglaterra — prisioneiro do mau tempo.

Embora Filipe sentisse uma ameaça velada nessas palavras, não via como poderia deixar a Inglaterra se o rei não permitisse.

Ficou decidido que Edmund de Ia Polé seria entregue ao rei, que agradeceu à tempestade por ter jogado aquele rapaz incauto na costa da Inglaterra.

— Hoje é um dia muito feliz para mim — falou. — Nós já fizemos dois acordos. Um acordo comercial entre nossos países, e a entrega do traidor, de Ia Polé. Foi uma felicidade o senhor ter vindo nos visitar.

Uma felicidade para a Inglaterra, pensou Juan Manuel; ele ansiava para que os navios que estavam sendo reparados em Weymouth pudessem navegar novamente, para que Filipe não tivesse tempo de fazer muito mais concessões ao seu astuto hospedeiro.

— E faremos um acordo ainda melhor — continuou o rei da Inglaterra. — A filosofia da nossa Casa é a de que casar é melhor do

que guerrear. Se eu puder me casar com sua irmã Margarida serei um homem feliz.

— Não há ninguém com quem eu prefira vê-la casada — falou Filipe.

— E o imperador?

— Meu pai e eu temos a mesma opinião sobre isso.

— Um casamento rápido me agradaria muito.

— Então teremos um casamento rápido — falou Filipe, sem mencionar que sua irmã protestara veementemente contra o casamento dela com o velho rei da Inglaterra; como fora casada duas vezes, enviudara duas vezes e era agora duquesa de Savóia, não poderia ser forçada a se casar com quem não a atraísse.

É claro que ele não diria nada disso ao homem que o estava hospedando e que, de certa forma, o tratava como prisioneiro.

Discutir o casamento de Maria, a filha do rei, com Carlos não foi uma tarefa difícil. Caso esse casamento ocorresse no futuro, Filipe estaria a milhas de distância da Inglaterra. Porém o casamento do príncipe de Gales com a filha de Filipe, Eleonora, não era uma possibilidade tão longínqua. Era muito agradável discutir esse assunto, embora Henrique estivesse pisando em terreno perigoso; afinal, ele estava falando do casamento da filha de Joana com o filho de Henrique, que já fora prometido para Catarina, a irmã de Joana.

Ainda bem que Joana não tinha voz ativa nesses assuntos.

Nos seus aposentos no castelo, Catarina estava sendo preparada por suas damas de honra para a festa no grande salão.

Elas suspiravam de tristeza por não terem roupas novas para usar, e o próprio vestido de Catarina estava todo remendado.

— Nós vamos fazer uma má figura — disse Francesca chorosa.

— O arquiduque terá vergonha de nós.

— Talvez ele tenha pena de nós — falou Maria de Salinas.

— Eu acho que aquele homem nunca terá pena de ninguém comentou Maria de Rojas.

Catarina prestou atenção àqueles comentários. Pobre Joana, pensou. Como era estranho ela não estar lá com todos!

As damas de honra começaram a enfeitá-la com suas jóias.

— Este broche vai cobrir a parte puída do corpete—disse Maria de Salinas.

Era um absurdo usar um rubi grande para cobrir um corpete surrado. Mas minha vida tem sido um absurdo desde que eu vim para a Inglaterra, pensou Catarina.

— Será que o príncipe de Gales vai dançar? — perguntou Francesca. — E com quem?

Catarina sentiu que todas olhavam para ela, e tentou não mostrar seu constrangimento; o mais estranho de tudo era não saber se ainda era noiva do príncipe de Gales. Em breve, ele completaria quinze anos e poderia se casar.

Se esse dia passar e eu continuar viúva, pensou Catarina, saberei que Henrique não está destinado a mim.

A princesa Maria entrou no quarto com seu alaúde, instrumento que aprendera a tocar com maestria.

— Eu espero poder tocar hoje à noite para a comitiva estrangeira.

Como os Tudor estavam ansiosos para chamar a atenção dos estrangeiros, pensou Catarina.

Maria era uma menina bonita, já com dez anos agora, voluntariosa e desobediente, mas tão fascinante que até mesmo o rosto sério do rei se suavizava quando ele olhava para ela; só se irritava com a filha quando seu reumatismo estava especialmente doloroso.

— Eles certamente lhe pedirão para tocar — falou Catarina.

— Espero poder tocar quando Henrique estiver dançando.

— É só pedir permissão para isso.

— Eu vou pedir — disse Maria. — A senhora sabia que vamos voltar para Richmond no dia onze?

— Não. Ninguém me disse nada.

— A senhora vai voltar comigo. São ordens do meu pai. Catarina ficou desapontada. Todo dia ela esperava pela chegada

de Joana. Já era dia oito, e se ela partisse no dia onze, teria só mais três dias para esperar pela irmã; mesmo que ela chegasse agora, as duas ficariam juntas muito pouco tempo.

Catarina não disse nada. Era inútil protestar. Pelo menos, ela aprendera isso.

Enquanto isso, rezava para que sua irmã viesse logo. Depois começou a imaginar por que Joana não estava com a comitiva e por que não tinha autoridade nenhuma, mesmo sendo a rainha de Castela. Joana tomara o lugar de sua mãe, e ninguém ousaria dizer a Isabel o que ela devia fazer, nem mesmo Fernando.

Naquele dia, havia festa no grande salão, e Catarina dançou com suas damas de honra. Todas se divertiram muito, especialmente Francesca. Depois disso, pensou Catarina, elas vão ficar ainda mais ansiosas para voltar para a Espanha.

Maria tocou alaúde, e seu pai ficou observando—a com orgulho; o príncipe Henrique dançou animadamente e foi muito aplaudido. Quando voltou para seu lugar olhou para Catarina para ver se ela o aplaudia tanto quanto os outros.

O jovem Henrique parecia satisfeito, e Catarina notou ao longo da noite que ele não tirava os olhos dela, com um ar curioso e pensativo.

Em que estaria pensando? Mas logo depois esqueceu—se de Henrique e voltou a pensar em Joana. Qual é o mistério da vida da minha irmã? Ela está sendo afastada de mim propositalmente?

No dia dez de fevereiro, na véspera de Catarina partir do castelo com a princesa Maria, Joana chegou a Windsor.

Entrou no castelo carregada na sua liteira, e Catarina foi recebê-la.

Ficou alarmada ao ver a irmã. Aquela seria Joana, a menina alegre, alegre até demais, que saíra da Espanha para se casar com o homem que agora a obcecava? Seu cabelo perdera o brilho, e os olhos grandes denotavam melancolia; parecia que toda a sua vitalidade havia desaparecido.

Joana foi recebida com grande pompa. Primeiro, o rei da Inglaterra beijou sua mão, depois o príncipe de Gales saudou—a com uma reverência.

— Vossa Majestade fez falta nas nossas festividades — disse Henrique.

Joana não compreendeu o que ele disse, mas sorriu graciosamente.

Depois, Catarina ficou face a face com a irmã. Ajoelhou—se diante dela, sem se esquecer de que estava na presença da rainha de Castela.

As duas irmãs olharam—se e ambas ficaram perplexas com o que viram. A irmãzinha de Joana tornara—se uma mulher trágica, como ela própria.

— Joana... como estou feliz de ver você! — disse Catarina baixinho.

— Minha irmã! Você não é mais uma criança.

— Sou uma viúva agora, Joana.

— Minha pobre e doce irmã!

Isso foi tudo. Havia outros para saudarem a rainha, havia outras formalidades a serem consideradas; mas durante todo o cerimonial, Catarina notou que os olhos da irmã seguiam ardentemente a figura desembaraçada de Felipe. Que tortura deve ser amar um homem como Joana o ama! pensou ela.

Elas teriam muito pouco tempo para ficar juntas. Catarina desconfiou de que a chegada de sua irmã apenas um dia antes de sua partida para Richmond fora planejada; dessa forma, as duas mal teriam tempo de se ver.

Finalmente, quando elas se juntaram, Catarina teve plena consciência da rápida passagem do tempo. Sua vontade era deter as horas. Havia tanta coisa a ser dita, tantas perguntas a serem feitas que ela não conseguia conciliar as ideias, com medo de não ter tempo suficiente para tudo.

Joana não ajudou em nada; sentou—se em silêncio como se estivesse longe do castelo de Windsor.

— Joana por que você está tão infeliz? — gritou Catarina desesperada. — Seu marido tem boa saúde e você é apaixonada por ele. Você é a rainha de Castela. Está infeliz porque só pôde ser a rainha de Castela depois que nossa mãe morreu?

— Ele só me ama porque eu sou a rainha de Castela — disse Joana, com uma voz lenta e melancólica. Depois riu com selvageria, e Catarina ficou preocupada com aquela risada. — Se eu não fosse a rainha de Castela, me atiraria na rua para que eu esmolasse o meu pão para o dia seguinte.

- Oh, Joana, afinal ele não é um monstro. Ela sorriu.
- Ele é um monstro, sim.... o monstro mais lindo e mais fino do mundo.
- Você ama muito seu marido, Joana.
- Ele é a minha vida. Sem ele prefiro morrer. Não há nada no mundo para mim.... senão ele.
- Joana, nossa mãe não deixaria você falar assim, nem pensar nessas coisas. Você é uma rainha como ela era. A rainha Isabel desejaria que você amasse Castela e trabalhasse por Castela, como ela fez. Ela nos amava muito e amava nosso pai, mas amava Castela em primeiro lugar.
- Filipe também será assim. Ele vai amar Castela.
- Ele não é o dono de Castela, como nosso pai tampouco era. Você sabe que foi sempre nossa mãe quem governou, sem se esquecer por um só instante que ela era a rainha.
- O problema são as mulheres — disse Joana com um suspiro.
- Como eu detesto as mulheres. Especialmente as mulheres de cabelos dourados... seios grandes e cadeiras largas. São assim as mulheres de Flandres, Catarina. Eu as odeio! Tenho vontade de matar todas, de atirá—las nas mãos dos soldados... os soldados mais vis possíveis... e dizer que elas são as verdadeiras inimigas da rainha de Castela.
- Nosso pai nem sempre foi fiel à nossa mãe. Isso a deixava muito infeliz, mas não interferia com a afeição que lhe tinha.
- Nossa mãe! O que ela sabia sobre o amor?
- Sabia muito sobre o amor. Lembra—se do cuidado que tinha conosco? Eu acredito que ela tenha sofrido mais do que eu quando tive de vir para a Inglaterra.
- Amor! — gritou Joana. — O que você sabe sobre o amor? Estou me referindo ao amor que eu sinto por Filipe. Ninguém jamais amou como eu. —Joana levantou—se e começou a bater com a mão no duro corpete bordado. —Você não pode entender, Catarina. Você nunca conheceu o amor. Nunca conheceu Filipe.
- Então, por que está tão infeliz?
- Então não sabe? Pensei que o mundo inteiro soubesse. Por causa dessas outras. Elas estão sempre por aí. Quantas mulheres

foram para a cama com meu marido desde que ele chegou à Inglaterra? Você sabe? É claro que não. Até ele deve ter esquecido.

— Joana, você está se desesperando.

— Eu vivo em contínuo desespero... a não ser quando ele está comigo. Ele diz que cumpre seu dever, que está sempre me engravidando. Fico mais feliz quando não estou grávida, mas ele vive me lembrando que eu devo engravidar mais.

Catarina cobriu o rosto com as mãos.

— Oh, Joana, por favor, não fale assim.

— Como eu posso falar? Ele veio para cá na minha frente. Sabe por quê? Porque queria se divertir com uma porção de mulheres. Eu detesto as mulheres... detesto... detesto... detesto as mulheres.

Joana ficou se balançando para a frente e para trás, e Catarina teve medo que seus gritos fossem ouvidos nos aposentos próximos ao seu.

Tentou acalmar a irmã e pôs os braços à sua volta; ela imediatamente prendeu—se a Catarina, e as duas ficaram balançando—se juntas.

— Joana, você está muito agitada. Não quer se deitar um pouco? Eu fico sentada, conversando ao seu lado.

Joana manteve—se em silêncio por um instante, depois gritou:

— Quero. Pode me levar.

Catarina pegou a irmã pelo braço e levou—a para seu quarto de dormir. Algumas de suas damas a esperavam, e Catarina percebeu que estavam preparadas para qualquer coisa que acontecesse.

— A rainha deseja descansar — disse Catarina. — Podem ir embora. Eu cuidarei dela.

As damas retiraram—se, e Catarina percebeu que o humor de Joana mudara de novo. Agora ela estava afundada em profunda melancolia.

— Vamos, deite—se aqui. Sua viagem deve ter sido muito cansativa — falou Catarina.

Joana não respondeu, mas deitou—se e cobriu—se com a colcha bordada.

Catarina sentou—se ao seu lado e procurou a mão branca, cheia de anéis. Ela estendeu a mão, mas não respondeu àquele ato de

ternura.

— Nós temos muita coisa a nos dizer — comentou Catarina.

— Você me conta seus problemas que eu contarei os meus. Oh, Joana, agora que vi você notei como tenho sido infeliz na Inglaterra. Imagine minha posição aqui. Eu não sou bem aceita. Quando nossa mãe estava viva eu queria muito voltar para a Espanha, mas agora que ela se foi não sei se ainda quero. Eu não compreendo o rei da Inglaterra. Seus planos mudam abruptamente; um casamento é planejado num dia e esquecido no dia seguinte. Você precisa ver como eu fiquei pobre. Olhe este meu vestido...

Levantou—se e esticou a saia, mas Joana nem olhou para ela.

Catarina continuou:

— Minha única esperança é me casar com o príncipe de Gales. Se isso acontecer, pelo menos me concederão o respeito devido à minha posição. Mas será que vai haver esse casamento? Ele é muito mais moço que eu, e dizem que vai se casar com Margarida de Angoulême; mas ouvi dizer que o rei já arranjou outra coisa com o seu marido.

À menção do nome de Filipe um ligeiro sorriso passou pelos lábios de Joana.

— Dizem que meu marido é o homem mais bonito do mundo, e não estão mentindo.

— Ele é bonito mesmo, mas seria melhor que fosse um bom homem — disse Catarina rapidamente.— Enquanto você está aqui, Joana, não pode fazer nada para aliviar minha pobreza? Se falasse com o rei Henrique...

A porta abriu—se, e Filipe entrou no quarto, rindo, com o rosto afogueado.

— Onde está minha esposa? — gritou. — Onde está minha rainha?

Catarina ficou surpresa com a mudança que se operou em Joana. Ela pulou da cama, sem nenhum sinal de melancolia.

— Estou aqui, Filipe. Estou aqui.

Sem—cerimônia, atirou—se nos seus braços. Catarina ficou sem jeito de ver sua irmã agarrada àquele homem; ele não a abraçou, e ficou olhando para ela por trás da cabeça de Joana.

- Estou vendo que a senhora tem uma visita nobre — disse.
- É Catalina... minha irmã menor.
- Eu estou atrapalhando. Faz muito tempo que as senhoras não se vêem, é melhor eu deixar as duas sozinhas.
- Filipe, oh, Filipe... não vá embora. Faz tanto tempo que não ficamos juntos! Filipe, fique comigo...

## CATARINA A VIÚVA VIRGEM

Catarina levantou — se. Não podia aguentar mais.

— Peço licença para me retirar — disse para a irmã.

Mas Joana não olhava para ela; estava arfando de desejo, completamente alheia à presença da irmã.

Filipe sorriu com sarcasmo, e Catarina viu que ele não estava satisfeito. Estaria mostrando como a rainha de Castela se tornara abjeta com a necessidade que sentia de ficar junto dele? Estaria dizendo que o atual rei de Castela seria muito diferente do anterior? Fernando tinha sido um homem forte, mas sua esposa era ainda mais forte. Joana nunca seria outra Isabel de Castela.

Catarina saiu rapidamente e foi para seus aposentos. O que seria feito dela? perguntou a si mesma. O que seria feito de todas elas?

E assim foi o encontro que ela tanto desejava. Não haveria tempo para outros encontros, pois ela teria de deixar Windsor no dia seguinte e seguir para Richmond. Não havia concessões para Catarina por parte do rei da Inglaterra, como não havia para Joana, rainha de Castela, por parte do seu marido cruel e desatencioso, Filipe, o Belo.

Ela nem ouviu o que eu lhe disse, pensou Catarina. Esqueceu por completo da minha existência no momento em que ele entrou no quarto.

Havia pouca coisa a fazer na corte de Richmond, a não ser bordar com as damas de honra e ouvir seus lamentos por não poderem voltar para a Espanha. A princesa Maria estava sempre com ela. Sentavase aos seus pés tocando alaúde e ouvia seus instrutivos comentários, pois a própria Catarina era uma exímia tocadora de alaúde. Às vezes, as duas cantavam juntas antigas canções da Espanha, mas em geral cantavam canções inglesas.

— Suas músicas são muito tristes — queixava — se Maria.

— Elas parecem tristes porque estou cantando numa terra estranha.

Maria mal a ouvia, pois vivia absorta com seus problemas; mas Catarina gostava da companhia daquela criança linda e alegre, a favorita de todos da corte.

Ela não via o rei nem o príncipe desde que saíra de Windsor; sabia que a frota de navios espanhóis estava sendo reorganizada e preparada para a viagem de volta à

Espanha. Quando chegasse a primavera, eles navegariam novamente.

Eu nunca mais verei Joana, pensou Catarina. E se visse, o que teríamos a nos dizer?

Em abril, Filipe e Joana embarcaram em Weymouth e rumaram para a Espanha num mar calmo.

Catarina lembrou—se das suas esperanças quando Dona Elvira lhe sugerira um encontro com Joana. Como a realidade tinha sido diferente!

Ela sabia, como sempre soubera, que estava sozinha, e que seu futuro não pertencia ao seu próprio povo, e sim aos governantes ingleses.

## O ENCONTRO DE FILIPE COM FERNANDO

Fernando teve notícia de que seu genro aportara em Corunna. Eram notícias inquietantes, pois Fernando tinha boas razões para desconfiar de Filipe; a intenção de seu genro era tirá-lo de Castela, subir ao trono e reduzi-lo a nada mais que um rei monarca de Aragão.

Mas ele lutaria contra isso com unhas e dentes.

Fernando não era um homem velho. Sentia—se mais moço do que nunca, possivelmente por ter uma nova esposa, sua bela Germaine.

Mas nem todos viram Germaine com bons olhos quando ela chegou a Duenas, perto de Valladolid, pois trinta e sete anos antes, Fernando entrara em sigilo nessa cidade, vindo de Aragão, para se casar com Isabel.

Havia muita gente em Castela que considerava Isabel uma santa, e quando Fernando pensou em substituí-la houve um protesto

geral; e substituí—la por uma jovem bonita lhes parecia um duplo sacrilégio, sobretudo porque se a união fosse frutífera talvez a Espanha acabasse dividida em dois reinos.

Fernando começou a perceber que devia muito da sua popularidade a Isabel. E como era um homem de grande ambição, interrompeu sua lua—de—mel de seis semanas com a bela Germaine para encontrar—se com Filipe; mediria forças com aquele rapaz impulsivo usando de toda sua experiência e astúcia.

Havia um homem na Espanha, Ximenes, que Fernando considerava o estadista mais brilhante do país, embora lhe tivesse uma profunda antipatia. Em tempos passados, Ximenes fora nomeado arcebispo de Toledo e primaz da Espanha por Isabel, contra sua vontade. Mas em vista da difícil situação em que se encontrava, Fernando resolveu chamá—lo à sua presença.

Quando o recebeu, interpretou o ar de desdém naquele rosto ascético como uma desaprovação ao seu casamento. Ximenes mostrava claramente sua profunda indignação, mas Fernando manteve a calma, pois aprendera a controlar seu humor no que se referia à política.

— O senhor soube da novidade, arcebispo?—perguntou, quando o arcebispo o saudou com seu ar de superioridade, como se quisesse dizer que era ele o governante.

— Soube, Alteza.

— E então?

— É uma situação muito delicada. O encontro de Vossa Alteza com o arquiduque deverá ser pacífico.

— E ele concordará com isso?

— Se for prudente, concordará.

— Filipe é jovem, arcebispo. Prudência e juventude raramente se combinam.

— Prudência e idade também raramente se combinam — falou o arcebispo.

Aquela alusão ao seu casamento fez o sangue de Fernando ferver. Ele havia dito muitas vezes a Isabel que ela deveria mandar aquele sujeito insolente de volta à sua cela de ermitão. Mas ele era,

inegavelmente, muito útil e muito esperto, e estava sempre pronto a dedicar essa utilidade e esperteza para o bem da Espanha.

— O que o senhor pensa que podemos fazer a esse respeito? perguntou Fernando diretamente.

O arcebispo ficou em silêncio um instante, depois disse:

— Como marido da Rainha Proprietária, Filipe tem mais direito à regência que Vossa Alteza. Mas como Vossa Alteza é um governante de grande experiência e ele um jovem mais voltado para a vida do que para um governo sério, talvez os Grandes da Espanha prefiram Vossa Alteza na regência.

— E o senhor apoiaria minha reivindicação ao trono?

— Vossa Alteza tem mais possibilidade de fazer o bem à Espanha, por essa razão eu lhe daria meu apoio.

Fernando ficou aliviado. Muita coisa dependia do arcebispo. Felizmente Filipe era famoso por seu comportamento licencioso, o que Ximenes jamais aceitaria.

— Filipe está agora na Galícia — disse Fernando. — Ainda vai levar um tempo para chegar aqui, mas muitos dos Grandes da Espanha estão se preparando para recebê-lo.

Ximenes assentiu.

— Eu acho que o recente casamento de Vossa Alteza não foi bem recebido por muitos súditos da rainha.

— Ela não gostaria que eu permanecesse sozinho.

— Uma das maiores conquistas dela foi a união de Castela e Aragão sob uma mesma coroa.

Fernando franziu as sobrancelhas, e precisou se controlar ao máximo para não dizer àquele insolente que não se envolvesse com seus problemas. Mas aquilo era problema dele. Ximenes era o primaz da Espanha e não esquecia seus deveres, mesmo que isso incomodasse alguém. Um homem assim lutaria com prazer para defender sua opinião.

Ele não deixa de ser admirável, pensou Fernando. Não busca honrarias para si mesmo, pensa apenas na Espanha; e como acredita que eu serei um regente melhor do que

Filipe irá me apoiar.

— Vossa Alteza deve se encontrar o mais breve possível com seu genro.

— Eu devo atravessar de chapéu na mão o país que governei para implorar uma audiência com esse jovem, que só tem direito de estar no trono por ser casado com minha filha?

Ximenes ficou um instante em silêncio, depois disse:

— Eu próprio posso ser seu emissário. Posso arranjar esse encontro.

Fernando examinou aquele homem macérrimo, vestindo sob protesto as roupas eclesiásticas ordenadas pelo Papa; debaixo daquela batina, ele estaria certamente usando uma camisa de tecido grosseiro e a túnica dos franciscanos. Aquele homem inspirava respeito a qualquer um, até mesmo a Filipe, o Belo.

Fernando sabia que podia entregar o caso nas mãos dele, e sentiu —se aliviado. Isabel estava certa quando insistira em nomear Ximenes para o alto posto de arcebispo de Toledo, embora Fernando tivesse manifestado desejo de que seu filho ilegítimo fosse nomeado.

Depois da morte de Isabel, Fernando via a toda hora que ela estava quase sempre certa.

No vilarejo de Sanabria, na fronteira com Leão e Galícia, Fernando encontrou —se com o genro. Filipe chegou à frente de uma grande tropa bem armada, mas Fernando levou apenas duzentos de seus cortesãos montados em mulas. Do lado direito de Filipe, vinha Juan Manuel, e do lado direito de Fernando, Ximenes.

O encontro seria realizado numa igreja, onde Filipe entrou acompanhado de Juan Manuel, e Fernando, de Ximenes.

Depois de examinar Filipe por algum tempo, Ximenes achou —o menos desprezível do que imaginara. Ele não era um mero galanteador e hedonista, era também ambicioso. A cabeça daquele jovem extraordinariamente belo era vazia, e ele não aprendera a se concentrar num único assunto; e como era herdeiro de Maximiliano, fora mimado durante toda a vida. Mas ele tinha qualidades, pensou Ximenes, que poderiam ser moldadas por alguém como ele próprio; no dia em que o rapaz percebesse que sua sensualidade não lhe daria tanta satisfação a vida inteira, poderia transformar —se num governante de peso.

Quanto a Fernando, ele e Ximenes nunca tinham sido amigos. Era à rainha que ele servira, no posto mais alto da Espanha, desde que ela o tirara da sua cela de ermitão. Embora Ximenes não tivesse procurado essas honrarias — pelo menos era o que dizia a si mesmo — fazia tudo que estava ao seu alcance para merecê-las. O bemestar da Espanha era de máxima importância. Ele daria sua vida pela Espanha, e agora apoiava Fernando para ver se conseguia evitar uma guerra civil entre os dois monarcas.

Ximenes não gostava de Juan Manuel, um criador de encrencas e um aproveitador. Sua presença iria atrapalhar o andamento da questão, pois via-se claramente que Filipe confiava nele.

O arcebispo virou-se para Juan Manuel e disse:

— Suas Altezas desejam se falar em particular. Vamos nos retirar por um instante.

Pegou-o pelo braço, e os dois saíram da igreja.

Juan Manuel ficou impressionado com a personalidade daquele homem estranho, a quem ele obedecera sem pestanejar. Quando estavam fora da igreja, Ximenes disse:

— Alguém devia ficar de guarda na porta para que Suas Altezas não sejam interrompidos. Como eclesiástico, eu assumirei esta tarefa. O senhor pode voltar para seu exército; assim que sua presença for exigida, eu o mandarei chamar.

Juan Manuel hesitou, mas quando olhou dentro daqueles olhos fundos e graves, sentiu que estava diante de um homem santificado, e não ousou desobedecer. Ximenes voltou para a igreja e postou-se ao lado de Filipe e Fernando.

Fernando perguntou por que sua filha não tinha vindo para o encontro, pois na verdade o trono de Castela era dela, e Filipe explicou que sua esposa, infelizmente, nem sempre estava equilibrada emocionalmente. Em algumas ocasiões, ficava bastante lúcida, mas em outras tinha de ficar reclusa.

Fernando aceitou a explicação. Interessava a ele, tanto quanto a Filipe, que Joana nem sempre estivesse lúcida. Seu estado de desequilíbrio era usado por seu marido e por seu pai conforme as necessidades deles.

Em breve, ficou claro que as vantagens estavam do lado de Filipe, e que ele não pretendia abrir mão delas. Joana era a rainha de Castela, e seu filho, Carlos, o herdeiro das coroas de Castela e Aragão. Portanto, como marido de Joana e pai do herdeiro, ele tinha todo o direito de governar Castela como regente.

Ximenes sabia que não havia nada que Fernando pudesse fazer a respeito. Ele deveria assinar os documentos passando toda a soberania de Castela para Filipe e Joana; o que lhe restaria seriam o grande controle das forças militares e as rendas que Isabel lhe deixara em testamento.

Assim, no vilarejo de Sanabria, Fernando perdeu tudo o que pretendia manter. Passou a ser apenas rei de Aragão, e Filipe o regente de Castela. Parecia que as províncias estavam mais uma vez divididas, e que o sonho de Isabel de uma Espanha unida corria o risco de ser destruído.

Ximenes constatou que aquele era o único caminho a seguir. Não aceitar esse acordo significaria uma guerra civil na Espanha, coisa fora de cogitação. Portanto, decidiu que era seu dever ligar-se a Filipe, e como não confiasse nele teria de orientá-lo. Além do mais, na qualidade de arcebispo de Toledo, seu lugar era com o governante de Castela. Mas sabendo que Isabel teria se entristecido com aquela cena na igreja, determinou-se a cuidar também dos interesses de Fernando.

Quando os três deixaram a igreja, a expressão de Fernando estava enigmática. Mas ele não parecia um homem ambicioso que acabara de entregar um reino.

# A MISTERIOSA MORTE DE FILIPE

FILIPE ESTAVA TRIUNFANTE. Iria para Valadolid e seria proclamado governante de Castela por todos. Joana seria enclausurada. Ele se cansara da paixão e possessividade

da esposa, e Fernando tinha renunciado a Castela. Então, por que hesitar em tomar o trono, já que Joana não era um obstáculo? Por que não se livrar logo dela condenando— a à reclusão, como haviam feito anteriormente com sua avó?

Em geral, Filipe agia por impulso; portanto, reuniu imediatamente os nobres mais influentes de Castela e lhes disse que estava muito preocupado com o estado mental de sua esposa.

— Tenho pensado muito nisso, como os senhores devem imaginar, e no meu entender os interesses da rainha poderiam ser mais bem cuidados se ela fosse enclausurada. Meu maior desejo é fazer o que for melhor para a rainha, por isso peço que todos assinem uma declaração de que ela deve ser confinada.

Houve silêncio entre os nobres. Eles não esqueciam que a rainha era filha da grande Isabel; aquele rapaz só tinha direito à coroa por ser marido de Joana e pai de Carlos, o menino que se tornaria rei quando a mãe morresse.

Talvez eles estivessem sendo tapeados por homens espertos. Como podiam ter certeza de que Joana estava louca?

O almirante de Castela, primo de Fernando, falou pelos que estavam em dúvida.

— Ao que parece, embora se saiba que a rainha às vezes fica Perturbada, há quem declare que ela continua lúcida; nós não podemos esquecer que ela é a verdadeira

rainha de Castela e herdeira de Isabel. Antes de tomar essas medidas drásticas, eu gostaria de ter uma entrevista com a rainha.

Filipe sentiu—se num impasse. Ele não desejava que Joana se encontrasse com aqueles homens. Como poderia saber o que ela lhes diria? Ele poderia ameaçá—la ou suborná—la dizendo que lhe faria

companhia à noite, como fizera outras vezes, mas Joana estava ficando desconfiada. Ela podia ser louca, mas era também muito esPerta. Achava que ele tinha planos de confiná-la, e lutaria contra isso com todas as suas forças.

Filipe não pôde recusar o pedido do almirante de ver a rainha.

Joana levantou os olhos pesados para o almirante e viu que ele a olhava com bondade; tentava dizer que era seu primo e que não queria ver Castela governada por um homem que só era ligado à Espanha por seu casamento com ela.

— O senhor tem visto meu pai ultimamente? — perguntou Joana à distância.

— Tenho, Alteza. Aliás, eu estive com ele ontem em Tudela. Fernando está agora a caminho de Aragão.

— É estranho eu não ter visto meu pai. Faz anos que eu não o vejo; sou sua filha, e não o vi.

— É estranho e triste, Alteza.

Os olhos de Joana tinham uma expressão altamente melancólica.

— Parece que muita coisa estranha anda acontecendo à minha volta disse ela tristemente. — Eu ficaria muito feliz se tivesse visto meu pai, embora ele tenha uma nova esposa agora e eu não possa entender como teve coragem de substituir minha mãe. Mas eu gostaria muito de ter estado com ele.

Que Deus o guarde sempre.

— Nós de Castela desejamos ver Vossa Alteza governar ao lado do seu marido.

Ela assentiu.

— Este é o desejo de todos nós. Vossa Alteza é a herdeira de nossa grande rainha Isabel. Era desejo dela que Vossa Alteza governasse Castela com seu marido. Mas, como sua filha, nossa rainha é Vossa Alteza.

À menção do nome de sua mãe, a expressão de Joana abrandouse um pouco.

— Era desejo dela. Aqui em Castela tenho mais recordações do passado do que em Flandres. Era desejo dela, não era? E é verdade que eu sou a rainha de Castela, não é?

— É verdade, Alteza — respondeu o almirante.

Quando o almirante deixou— a, foi ter com seus amigos e deu sua opinião.

— Ela me pareceu bastante lúcida. Devemos nos resguardar dos homens ambiciosos.

Joana percebeu tudo certa manhã, quando acordou sozinha depois de uma noite mal dormida.

Ele quer se livrar de mim, pensou. Está planejando me enclausurar.

Onde seu marido passara a noite? Certamente, com uma de suas mulheres. Ele não considerava seus sentimentos, queria vê—la longe dali. Não porque ela o atrapalhasse a ter outras mulheres, mas porque era detentora da coroa que ele cobiçava. Filipe não desejava ser um mero consorte, queria reinar sozinho.

Joana não renunciaria à sua coroa. Era a única posse que a tornava desejada por seu marido.

Seus olhos opacos e melancólicos criaram um brilho em vista de seu objetivo. Ela mostraria ao marido que estava pronta a lutar, que não era tão idiota quanto ele pensava.

Filipe entrou no quarto, todo sorrisos.

Pretendia fazer uma entrada triunfal em Valladolid e não ousava ir sem Joana. O povo não confiava nele, queria ver sua rainha. Eles não acreditariam se ele dissesse que a rainha estava louca, queriam julgar por si mesmos.

Ah, Filipe, pensou Joana, o senhor pode ser o dono da rainha de Castela, mas ainda não é o dono de Castela.

Filipe pegou a mão dela e beijou— a. Como ele sabia ser gentil e charmoso! Joana teve vontade de jogar—se em seus braços, mas conseguiu se controlar pensando no castelo

de Arevalo, onde sua avó vivera seus dias mais tenebrosos.

Teve vontade de gritar "Para mim não! Eu sou a rainha de Castela e não vou permitir que o senhor me enclausure".

— Está pronta para a cerimónia? — perguntou Filipe.

— Pronta e determinada a acompanhar o senhor.

— Estou contente de ouvir isto.

— Está, Filipe? Pensei que quisesse ir sozinho. ..

— Mas de onde surgiu essa sua ideia?

Joana sorriu sem dizer nada, e a suavidade do seu sorriso deixou —o alarmado. Será que estava perdendo o controle sobre ela?

— Eu pensei que no seu estado...

— Mas eu estou grávida só de três meses. Isso não é nada, Filipe. Ele mal conseguia olhar para Joana de tanta aflição. Agora que desejava que Joana mostrasse sua loucura, ela estava sob perfeito controle. Não se atirou para ele, como de hábito, e parecia quase indiferente. Certamente, aquele almirante de Castela andara enfiando coisas na sua cabeça. Ele teria de se precaver bem em assuntos que diziam respeito a Joana.

Pôs os braços em volta dela e puxou —a para junto do peito.

— Estou preocupado com a sua saúde.— Ao sentir o corpo dela estremecer ligeiramente, deu um pequeno sorriso de triunfo. Seu antigo poder ainda se mantinha. Ela lutava loucamente para resistir, mas Filipe estava determinado a vencer a batalha.

— Eu aprecio muito sua preocupação, ainda mais porque isso é uma raridade.

— Ora, Joana, a senhora sabe como eu a quero.

— Eu não sabia. Talvez sua forma de mostrar isso seja muito estranha.

— A senhora se permitiu ter ciúmes... sem necessidade.

— Foi mesmo uma bobagem da minha parte. Agora que estou em Castela, lembro —me das coisas que minha mãe me ensinou. Ouvi dizer que o senhor tem duas bandeiras. Gostaria de vê —las.

— Elas lhe serão entregues — disse Filipe, escondendo seu desapontamento. Essa nova calma, essa sanidade óbvia, era mais preocupante do que a loucura, mas ele tentaria tudo para que Joana fosse confinada; se ela se mantivesse assim, ele acabaria numa posição semelhante à de Fernando com Isabel. E isso era coisa inaceitável para Filipe, o Belo.

Mas, por enquanto, era preciso agir com cautela.

As bandeiras foram entregues a Joana, e ela examinou —as.

— Mas olhando essas bandeiras pode —se pensar que há dois governantes em Castela, e há só um, ou seja, a rainha.

— A senhora esqueceu que eu sou o seu marido? — perguntou Filipe exasperado.

— Antes era o senhor quem esquecia isso. O senhor tanto é meu marido que vive comigo como consorte. Mas há só um governante em Castela.

O que ele podia dizer? Estava rodeado de homens fortes, prontos a apoiar a rainha contra ele. Filipe não acreditara que aquela situação pudesse ser possível; mas quando eles chegaram a Valladolid, Joana apresentou-se como a rainha de Castela, e seu companheiro apareceu como um simples consorte.

Montada no seu cavalo branco, vestida com o manto de pele de marta da realeza, ela encantou o povo de Valladolid. Eles lembraram que ela era a própria filha de Isabel, e deram vivas à sua rainha.

Filipe não estava satisfeito. De Cortes declarara seu apoio à rainha Joana e dissera que só aceitava Filipe como seu consorte. Filipe bufava de raiva.

— A rainha está louca! — gritou. — Ela não é nada como a mãe. Às vezes, não sei qual é a loucura maior, se da rainha ou do povo que insiste em tê-la à frente do seu reinado.

O almirante de Castela manteve-se firme.

— Eu e muitos outros não permitiremos jamais que ela sofra essa iniquidade — disse ele. — Nós nunca permitiremos que nossa rainha seja enclausurada nem que outros reinem em seu lugar.

Quando Filipe viu que era inútil esperar ajuda dos nobres castelhanos, virou-se para seus próprios partidários; o principal deles era Juan Manuel, que sabia que com Filipe no trono muitos lucros lhe cairiam nas mãos. Estava sempre ao seu lado, e garantiu que com o tempo ele conseguiria sua meta — Joana seria confinada à força, e o campo ficaria livre.

Filipe era muito generoso com aqueles que considerava serem seus amigos, e distribuía-lhes rendas que deveriam ser usadas para a manutenção do Estado. Juan Manuel, de sua máxima confiança, tornava-se mais rico a cada semana e era muito ganancioso; estava do lado de Filipe porque achava que Fernando lhe havia negado honrarias no passado, e que agora era sua oportunidade de fazer bastante dinheiro.

Juan Manuel desejava ardentemente o alcazar de Segóvia, que estava nas mãos do marquês e da marquesa de Moya — a marquesa

era Beatriz de Bobadilla, que fora a maior amiga de Isabel. Filipe decidiu que o alcazar seria dado a Juan Manuel em recompensa à sua fidelidade, e ordenou que o marquês e a marquesa deixassem o palácio imediatamente.

A ordem foi entregue diretamente à valente Beatriz de Bobadilla, que protestou dizendo que o alcazar só poderia ser passado a uma pessoa, a filha de Isabel, rainha de Castela.

Ao ouvir isso, Filipe enfureceu—se; enviou tropas para tomar o alcazar e preparou—se para segui—las juntamente com Joana.

A resistência de Joana começava a diminuir. O esforço para manter—se calma era demais para ela. Se conseguisse superar sua apaixonada necessidade de Filipe, teria continuado calma, mas ele estava sempre lá, sempre provocando—a, dizendo que compreendia que ela precisava dele, e com isso divertia—se a valer. Tentava fazer com que ela se mostrasse histérica diante dos nobres de Castela que a haviam considerado mentalmente saudável. Joana percebia tudo isso, mas nem sempre conseguia reagir. E quando ele a ironizava, tinha ímpeto de jogar—se nos seus braços, como fizera em outras ocasiões, e implorar que ele fosse um marido bom e fiel.

— Filipe, por que o senhor está tão aflito para tomar o alcazar de Segóvia?

— Porque aquela mulher insolente negou—se a entregá—lo.

— Ela é uma mulher formidável, que dava conselhos até para minha mãe. Lembro—me da marquesa desde a minha infância.

— Ela verá que não toleraremos sua insolência.

— Mas ela foi uma boa amiga. Não seria melhor deixá—la em paz em respeito à memória da minha mãe?

— Eu não deixo em paz ninguém que me insulte.

Sua boca ficou apertada, e aquele medo recente lhe voltou.

— Por que quer o alcazar de Segóvia? Filipe não respondeu.

— Eu sei por quê — gritou Joana. — Porque quer me manter prisioneira lá. Segóvia será para mim o que Arevalo foi para minha avó. O senhor quer me confinar lá... quer me afastar do mundo. Quer fazer com que acreditem que eu estou louca.

Filipe continuou calado. Joana ficou histérica.

— Eu não irei mais adiante de forma nenhuma. Não vou ser trancafiada pelo senhor. Eu não estou louca. Sou a rainha. O senhor deseja tirar a coroa de mim, mas não conseguirá.

Filipe deu um puxão na rédea do cavalo dela; Joana deu—lhe um tapa, e ele soltou uma de suas gargalhadas demoníacas.

Joana ficou alarmadíssima, certa de sua premonição. Seu marido iria aprisioná—la em Segóvia e anunciar ao mundo inteiro que ela não era mais capaz de conviver com pessoas normais.

Desceu do cavalo e deitou—se no chão.

— Eu não darei nem mais um passo na direção de Segóvia anunciou.

A cavalgata parou, e Filipe sentiu—se exultante. Certamente, haveria uma daquelas cenas, que acabaria convencendo os presentes da loucura da rainha.

— Suba no cavalo — disse com calma. — Estão todos esperando pela senhora em Segóvia.

Joana sentiu uma grande ameaça por trás de suas palavras e ficou se contorcendo no chão, em pânico.

Filipe pulou do cavalo e baixou—se, fingindo ser um marido carinhoso.

— Joana — disse ele num tom audível —, por favor, suba no cavalo. Quer que todos digam que a senhora está maluca?

Joana olhou dentro dos seus olhos e teve medo; mas mesmo assim, sentiu que seu grande pavor não era tanto ser afastada do mundo, mas ser afastada dele.

Levantou—se obedientemente e subiu no cavalo, depois virouse e gritou para o grupo que os seguia:—Eu não entrarei em Segóvia porque vocês planejam me trancar lá no alcazar.

Saiu galopando pelo campo, sem destino; recusava—se a seguir para Segóvia e a voltar para casa.

A noite estava chegando e Joana continuava a galopar a esmo pelo campo em volta de Segóvia, determinada a não entrar na cidade.

Será que alguém ainda tem dúvida da loucura dela? pensou Filipe.

Nada podia agradar—lhe mais.

Com essa conduta, a rainha de Castela não poderia ser considerada lúcida.

As tropas de Filipe tiraram Beatriz de Bobadilla de Segóvia, e o alcazar foi entregue a Juan Manuel.

O povo de Castela não gostou de ver um estrangeiro no meio deles, tirando seus castelos e suas rendas para distribuí-los entre os amigos. Em breve, diziam, todas as fortalezas de Castela estarão nas mãos dos partidários de Filipe e a antiga nobreza castelhana não terá mais poder na sua própria terra.

Diante do terror demonstrado por Joana de entrar em Segóvia, Filipe decidiu seguir para Burgos, onde ele, Joana e seu séquito hospedaram-se no palácio do condestável de Castela, pertencente à família Enriquez, aparentada de Fernando.

Em vista da estranha conduta da rainha a caminho de Segóvia, Filipe achou-se no direito de manter um guarda na porta dos seus aposentos para vigiá-la.

Quando a esposa do condestável, que hospedava o grupo, expressou-se contra o tratamento dado à rainha, Filipe ordenou que ela deixasse o castelo.

Isso pareceu o máximo da arrogância, e a onda de protesto contra o consorte da rainha intensificou-se; mas Filipe não só ignorou a opinião pública como ele e Juan Manuel riram dos castelhanos. Ele tinha as tropas para reforçar seus desejos. Não havia dúvida que em pouco tempo, Joana seria finalmente internada, e ele seria aceito como verdadeiro rei.

— Nesse meio-tempo, vamos celebrar nossas vitórias, meu querido Juan — disse Filipe. — O alcazar de Segóvia está nas nossas mãos, e agora podemos dizer o mesmo deste palácio de Burgos. Assim que nos livrarmos daquela mulher insolente, o palácio será nosso. Não acha que isso merece uma comemoração?

— É claro que merece, Alteza — concordou Juan.

— Então providencie um banquete e um baile; quero mostrar a esses espanhóis que os flamengos os vencem em todos os esportes.

— Tudo bem, Alteza.

Enquanto eles conversavam, um pajem veio dizer que um enviado de Fernando havia chegado a Burgos com uns despachos.

— Mande—o vir me procurar — disse Filipe. Quando o pajem saiu, ele sorriu para Juan Manuel.

— Não imagino que despachos esse meu sogro esteja me enviando.

— Não há nada a temer da parte dele. O velho leão está sem dentes. Ele vai ver como é diferente ser apenas rei de Aragão e não de toda a Espanha.

— Minha sogra manteve o marido no seu lugar. Ela deve ter sido uma mulher muito forte.

Juan Manuel ficou sério por um instante. Ao lembrar—se da grande rainha Isabel, não pôde deixar de pensar no que ela diria se soubesse que ele se tornara um traidor.

Mas logo depois mudou de ideia. Pensando bem, se a rainha pudesse voltar à vida, ficaria tão entristecida com a conduta do marido que não teria tempo de pensar na sua traição.

Filipe era seu grande senhor agora, e era dos seus interesses que ele devia cuidar.

— Será interessante ver que despachos esse sujeito trouxe para mim. Se o senhor esperar um pouco, nós dois poderemos examiná-los juntos.

Um instante depois, o pajem voltou com o enviado de Fernando.

— D. Luis Ferrer — anunciou.

O enviado fez uma reverência diante do homem que estava certo de que, em breve, seria o único governante de Castela.

As celebrações foram magníficas. Juan Manuel tentava agradar ao máximo a seu novo senhor; queria mostrar sua gratidão por todas as vantagens que teve desde que começara a servir—lhe, e queria que Filipe soubesse que ele continuaria a servir—lhe da melhor forma possível. Joana teve permissão para participar das celebrações.

— Não seria boa política a essa altura afastá—la completamente — disse Juan Manuel. — É melhor esperarmos que outras fortalezas caiam em nossas mãos.

— Tenha certeza de que haverá outras tão importantes quanto Segóvia e Burgos — disse Filipe.

— Ela que mostre ao seu povo como é louca. Assim ninguém poderá reclamar.

Filipe concordou, mas tinha resolvido afastar Joana do mundo o mais breve possível, como a avó dela fora afastada nos seus últimos anos de vida.

Joana assistiu às festividades. Em alguns dias parecia bastante alegre e, em outros, tinha uma expressão altamente melancólica. Em certas ocasiões recebia as homenagens com calma e, em outras, fechava—se nos seus aposentos sem querer ver ninguém.

Mandou chamar o enviado de seu pai, Luis Ferrer, e lhe pediu notícias de casa; perguntou se Fernando falava muito nela e como estava transcorrendo a vida do pai com a nova esposa.

Luis Ferrer estava ansioso para conversar com Joana sobre Fernando, e Juan Manuel teve medo de que ele resolvesse arranjar um encontro entre pai e filha, o que certamente seria perigoso para Filipe.

— Precisamos vigiar esse Luis Ferrer — disse. — Tenho a impressão de que ele não veio aqui com boas intenções.

O auge das celebrações estava planejado para um dia quente de setembro. Seria servido um banquete mais sofisticado do que os anteriores, e depois haveria jogos de salão; Filipe era ótimo nesses jogos e queria mostrar aos castelhanos a habilidade superior dos flamengos em todas as áreas.

Joana compareceu ao banquete. Poucas vezes, ela vira o marido tão alegre, e achou—o mais bonito que todos os presentes; comparados a ele, homens e mulheres pareciam feios e sem graça.

Ao seu lado na mesa, estava Luis Ferrer; Joana ficou contente com isso, pois sabia que Filipe não gostava de vê—los juntos. Enquanto ela estivesse com Ferrer, pelo menos Filipe estaria pensando nela.

Assim que o banquete terminou, começaram os jogos de salão. Filipe foi um verdadeiro sucesso, vencendo todos os seus adversários. Mas havia a possibilidade de seus adversários terem deixado que ele vencesse, pensou Joana. Apesar dessa dúvida, ela achou os jogos belíssimos e sentiu—se feliz de ver o marido orgulhoso qual uma criança com suas vitórias.

Filipe estava com o rosto afogueado quando o jogo terminou, e pediu um copo d'água. Ninguém soube dizer mais tarde quem lhe

havia dado a água, mas todos viram que ele bebeu tudo de um só gole.

Durante as danças que se seguiram, várias pessoas notaram que ele parecia um pouco cansado. Mas, afinal de contas, os jogos de salão haviam sido extenuantes.

Quando Joana se retirou naquela noite, teve esperança de que o marido fosse dormir com ela, mas no fundo não acreditava nisso, dentro de quatro meses ela teria outro filho, portanto ele só iria ao seu quarto se desejasse apaziguá-la, o que vinha fazendo ultimamente.

Deitada na cama, Joana começou a pensar na tristeza da sua vida, e a se perguntar se não havia uma maldição na Casa da Espanha. Ela tinha ouvido umas histórias na época da morte de sua irmã. Seu irmão, João, morrera também, e seu herdeiro nascera morto; sua irmã, Isabel, morrera de parto, e a criança a seguira para o túmulo. Maria talvez estivesse bem em Portugal, mas Catalina não estava nada feliz na Inglaterra. E ela própria era mais infeliz que qualquer uma delas.

Pensou com tristeza nas desgraças que Catalina contara da sua vida na Inglaterra.

"E eu nem ouvi" sussurrou para si mesma. "Só pensava nas minhas próprias desgraças, pois tenho certeza que são maiores que as dela. Que pior tragédia poderia ocorrer a uma mulher que ter um marido que ela adora a ponto de enlouquecer, e que esse marido não só a ignora como está planejando declarar sua loucura para poder afastá-la do mundo?"

Houve ruídos estranhos no palácio naquela noite. Joana ouviu passos e vozes sussurrantes.

- Eu devo acordar a rainha?
- Ela saberia logo.
- Ela gostaria de ficar com ele.

Joana levantou-se da cama e enrolou-se num robe.

— Quem está aí? Quem está sussurrando aí? — perguntou. Uma das mulheres entrou com um ar assustado.

- Os médicos mandaram avisar, Alteza... — começou uma delas.
- Médicos! Avisar o quê? — gritou Joana.

— Que Sua Alteza está com febre alta e delirando. Eles estão lhe fazendo uma sangria agora. Vossa Alteza deseja ficar ao seu lado?

Joana não parou para responder, e voou para os aposentos do marido.

Filipe estava na cama com os cabelos louros molhados de suor; seus belos olhos azuis olharam vagamente para ela. Ele murmurou alguma coisa, mas suas palavras eram ininteligíveis.

Joana ajoelhou—se ao lado da cama e gritou:

— Filipe, meu amor, o que aconteceu?

Os lábios de Filipe mexeram—se, mas seus olhos petrificados estavam perdidos no espaço.

— Ele não está me reconhecendo — disse ela para os médicos.

— O que quer dizer isso? O que aconteceu?

— Foi um calafrio, Alteza. Sem dúvida, Sua Alteza sentiu muito calor durante o jogo de salão e bebeu água fria demais. Isso pode produzir uma febre.

— Uma febre! Então é uma febre. O que os senhores estão fazendo por ele?

— Nós fizemos uma sangria, Alteza, mas a febre persiste.

— Então façam outra sangria. Não fiquem aí parados. Salvem a vida do meu marido. Ele não pode morrer.

Os médicos deram um sorriso compreensivo.

— Vossa Alteza está preocupada demais. Ele teve uma ligeira febre. Em breve estará participando de outros jogos de salão para deleitar seus súditos.

— Ele é jovem e saudável. Vai se recuperar— disse Joana. Ela agora estava calma e sentia—se exultante. Dessa vez, era ele

quem estava à sua mercê. Não deixaria que ninguém cuidasse do seu marido, faria tudo sozinha. Agora que ele estava doente, ela era verdadeiramente a rainha de Castela e dona do seu palácio. Dali por diante, somente ela daria as ordens e todos, sem exceção, teriam de obedecer—lhe.

Durante o resto da noite, Joana manteve—se ao lado do marido, e de manhã ele parecia um pouco melhor. Abriu os olhos e reconheceu—

— a.  
— O que houve? — perguntou.

— O senhor teve um pouco de febre — respondeu, pondo a mão fria na sua testa. — Eu fiquei sentada aqui ao seu lado desde que me chamaram, e continuarei ao seu lado até o senhor se recuperar bem.

Filipe não protestou. Ficou olhando para Joana com um ar de desproteção, sem aquela arrogância que lhe era peculiar, e com o rosto muito pálido. Joana sentiu uma imensa ternura pelo marido, e disse para si mesma: "Como eu amo este homem! Mais que tudo no mundo. Mais que meus filhos, mais que meu próprio orgulho."

Filipe sabia o que ela estava pensando; mesmo nessas condições, fraco como estava, exercia grande poder sobre ela.

— Vou ficar aqui até o senhor se recuperar. Não permitirei que nenhuma outra mulher entre neste quarto.

Filipe deu um ligeiro sorriso, e lembrou-se dos primeiros tempos do relacionamento deles, quando ele a achava mais desejável do que achava agora.

Tentou levantar-se, mas estava fraco demais; ao mexer-se na cama, fez uma careta de dor.

— Está doendo aqui do lado — disse. Quando ele se afundou na cama, Joana viu gotas de suor escorrendo-lhe pela testa e por aquele lindo nariz.

— Vou chamar os médicos — disse ela. —vou mandar buscar o Dr. Parra, o melhor médico do país.

— Estou me sentindo seguro... com a senhora — falou Filipe, retorcendo os lábios.

— Ah, Filipe, o senhor tem muitos inimigos, mas não precisa ter medo enquanto eu estiver aqui.

Ele pareceu confortado, e ela ficou exultante. Filipe sente-se bem por eu estar com ele, pensou. Minha presença o conforta. Ele sabe que vou protegê-lo, por isso vai me amar durante algum tempo.

— O senhor não acha que estou louca agora, não é? — perguntou Joana, com um sorriso um tanto irónico.

Tocou na mão dele, inerte sobre a coberta, e ele lhe deu um aperto de mão muito fraco.

Joana pensou: Quando o senhor estiver forte e bem, voltará a caçoar de mim. Tentará convencer os outros de que eu estou louca.

Tentará me isolar do mundo porque deseja governar a Espanha sozinho. Mas agora... precisa de mim e me ama, só um pouquinho.

Joana estava sorrindo. Sim, ele acabara com todo o orgulho dela. Ele a amava só para ficar com sua coroa e agora a amava porque se sentia seguro na sua presença.

Mas eu o amo com todas as minhas forças, por isso não me importa por que razão ele me ama.

Joana levantou—se e mandou chamar o Dr. Parra imediatamente.

Ninguém podia chegar perto de Filipe. Ela própria cuidaria dele. Proibiria que qualquer outra mulher entrasse no seu quarto. Era ela quem dava as ordens agora. Afinal, ela não era a rainha de Castela?

O Dr. Parra levou quatro dias para chegar a Burgos, e àquela altura, a febre de Filipe aumentara muito. Ele não tinha mais noção de onde estava nem de quem o atendia. Havia dias em que não dava uma só palavra, e de repente falava coisas sem sentido.

Joana permaneceu no quarto dele, determinada a não deixar ninguém cuidar do seu marido. Ele não comia nada, mas às vezes bebia alguma coisa, sempre servido por ela.

Ninguém podia parecer mais calma que Joana naqueles dias. Sem manifestar qualquer indício de histeria, ela tomava as providências com grande eficiência e rezava para que Filipe se recuperasse.

Mas depois de sete dias de febre, ele piorou rapidamente; o Dr. Parra ordenou que aplicassem ventosas nos seus ombros e lhe dessem purgativos. As instruções foram seguidas à risca, mas o paciente não reagiu.

Filipe entrara numa letargia da qual era impossível tirá-lo; de vez em quando, dava um gemido e punha a mão do lado, indicando que sentia dor.

Na manhã de 25 de setembro daquele ano de 1506, apareceram umas manchas pretas no seu corpo. Os médicos ficaram perplexos, e muita gente no palácio suspeitou que havia alguma coisa na água que Filipe bebera naquele dia depois do jogo, para aliviar o calor que sentia.

Todos cochichavam pelos cantos, tentando lembrar quem lhe dera a água, mas ninguém podia ter certeza. Talvez ele soubesse, mas estava fraco demais para falar.

Filipe tinha muitos inimigos e o maior deles era Fernando, que fora forçado a renunciar aos seus direitos em Castela. Fernando estava longe, mas homens como ele não agiam pessoalmente, contratavam outros para fazer o serviço em seu lugar.

Foi lembrado que bem pouco tempo antes de Filipe cair doente, o enviado de Fernando, Luís Ferrer, chegara a Burgos. Mas não valia a pena falar muito sobre isso, pois se Filipe morresse e Joana fosse considerada louca, Fernando se tornaria indubitavelmente o regente de Castela.

Só em segredo, as pessoas se perguntavam quem havia envenenado Filipe, o Belo. Em público, dizia-se que ele estava passando mal com uma febre alta.

Filipe estava morto. Joana não podia acreditar. Os médicos tinham dito isso, mas não era possível.

Ele era muito jovem e vigoroso, com apenas vinte e oito anos de idade. Não era possível.

Os médicos a rodearam, disseram que sentiam muito, mas ela não ouvia nada; via apenas seu marido, não como ele estava agora, absolutamente inerte na cama, mas jovem, bonito, irónico, cheio de vida.

Filipe não está morto, dizia a si mesma. Eu nunca acreditarei nisso. Nunca o deixarei. Ele ficará comigo para sempre.

Depois pensou: eu posso ficar com ele agora. Posso mandar todos embora. Sou a governante de Castela, e ninguém tentará tirar a coroa de mim.

Todos choravam e diziam que estavam sofrendo com ela. Que gente mais tola! Como se pudessem sofrer como ela estava sofrendo!

Joana parecia uma rainha agora, sem qualquer sinal de loucura. Estava mais calma que todos eles.

— Filipe será levado para o salão e será velado lá com grande pompa — disse ela. — Enrolem-no com seu manto de arminho e ponham-lhe um barrete com jóias. Ele ficará bonito na morte como foi em vida.

Eles obedeceram. Enrolaram o corpo de Filipe no manto de arminho forrado de um rico brocado, colocaram um barrete de jóias na sua cabeça e uma cruz de brilhantes no seu peito. Puseram o

corpo num carro fúnebre coberto com um tecido de ouro, levaram—no para o salão e lá sentaram—no num trono, como se ele ainda estivesse vivo. Depois acenderam as velas e os frades rezaram a missa de réquiem no salão dos mortos.

Joana ficou aos seus pés abraçando suas pernas, e lá permaneceu a noite toda.

Quando o corpo foi embalsamado e colocado no caixão, ela recusou—se a deixar que o levassem.

— Eu nunca mais o deixarei — falou aos prantos. — Em vida ele me deixou várias vezes, mas na morte não me deixará nunca.

A loucura parecia ter—se instalado nela de novo.

Joana foi carregada para o quarto, e as luzes foram apagadas. Ela estava exausta, pois fazia dias que não dormia nem comia nada. Só conseguiram tirá—la de perto do caixão de Filipe porque ela estava fraca demais. Durante vários dias, ficou sentada naquele quarto escuro, recusando—se a comer, a mudar de roupa, a falar.

— Está claro que ela foi tomada pela loucura — disseram todos os seus empregados.

Enquanto ela permanecia trancada no quarto, o caixão foi levado do salão do palácio de Burgos para o convento de Miraflores; quando ela soube disso, saiu do quarto escuro.

Joana voltou a parecer uma rainha e preparou—se a toda pressa para seguir o caixão; deu ordens para que lhe fizessem trajes de luto semelhantes aos hábitos das freiras, pois ela se afastaria para sempre do mundo já que Filipe não estava mais ali.

Quando chegou à igreja e viu que o caixão já havia sido colocado numa cripta funerária, deu ordem para que o retirassem imediatamente da cripta.

Ela não toleraria desobediências, e lembrou a todos que era a rainha de Castela e que esperava ser obedecida. O caixão foi rapidamente retirado da cripta.

— Retirem a mortalha que cobre seus pés e sua cabeça. Eu quero vê—lo de novo — disse ela aos gritos.

Quando ele estava descoberto, beijou aqueles lábios mortos várias vezes e encostou os pés dele no seu peito.

— Vossa Alteza está se torturando — murmurou uma das suas damas de honra.

— O que me resta senão a tortura, se ele não está mais comigo? Eu prefiro tê-lo assim do que não tê-lo de forma alguma.

Joana não conseguia desprender-se do corpo do marido; ficou ali, beijando-o e embalando-o, como gostaria de ter feito quando ele estava vivo.

Só saiu depois de dar ordens expressas para o caixão não ser fechado. Disse que voltaria no dia seguinte e nos próximos dias; enquanto o caixão permanecesse naquele

lugar, ela voltaria para beijar o marido e segurar seu corpo morto nos braços.

E assim fez. Vinha todos os dias do palácio de Burgos e ficava ao lado do caixão; olhava para aquela figura morta com uma profunda melancolia ou agarrava-o nos braços numa paixão frenética.

— É verdade — disseram aqueles que a observavam. — Ela está louca... Está mais que comprovado.

## CATARINA, A EMBAIXADORA

DEPOIS DO SEU ENCONTRO com Joana, Catarina constatou que não podia esperar nenhuma ajuda da sua própria gente. O pai dela estava imerso nos próprios problemas, e não tinha agora melhores condições de mandar a outra metade do dote do que tinha quando Isabel estava viva. Quanto a Joana, ela estava absolutamente obcecada pelo marido.

Chegara o mês em que Catarina saberia qual seria seu destino na Inglaterra.

Suas damas de honra conversavam sobre aquele importante dia e ela as ouvia, sem reprová-las. Sabia que se não falassem na sua frente, fariam pelas costas.

- Ele vai completar quinze anos no dia vinte e nove.
- Deste mês e deste ano.
- Então veremos o que vai acontecer.

— Quando eles se casarem, nossa situação vai mudar muito. Não seria maravilhoso usar um vestido novo?

Catarina interrompeu a conversa.

— Vocês são tolas de esperar por isso. O príncipe me foi prometido, mas isso já faz muito tempo. Ainda não perceberam que se eu fosse me casar com ele já teria sido avisada há muito tempo? Haveria certamente grandes preparações para o casamento do príncipe de Gales.

— Talvez o casamento venha a ser anunciado—disse Francesca.

— Talvez estejam esperando para anunciar no próprio dia em que ele completar quinze anos.

Catarina sacudiu a cabeça.

— Por acaso, o rei da Inglaterra me trata como sua futura nora?

— Não, mas depois que anunciarem seu casamento tratará.

— Vocês estão vivendo de sonhos — disse Catarina.

Olhou para aquelas moças que tinham sido tão alegres e agora estavam cheias de frustração e desapontamento.

Sabia que seu noivado com Henrique seria esquecido, como acontecia com vários outros noivados, e que o décimo quinto aniversário dele passaria sem qualquer referência ao planejado casamento.

Catarina percebeu o desespero das suas damas, e mandou chamar o Dr. Puebla.

Puebla chegou, e, ao vê-lo, Catarina estremeceu de repulsa. Suas roupas estavam gastas e seu ar era de eterna súplica, provavelmente por ter de viver se desculpando com Henrique por Fernando e com Catarina por sua incapacidade de melhorar a vida dela. Ele agora estava muito doente e praticamente aleijado; não conseguia mais percorrer a pé ou a cavalo a distância de seus humildes alojamentos em Strand até a corte, por isso viajava de liteira. Tinha uma dor constante proveniente da gota, e como não recebia mais dinheiro nenhum de Fernando, era obrigado a viver com o pouco que ganhava com suas causas legais. Esses ganhos eram baixos, pois como os ingleses não gostavam de entregar seus casos a um espanhol, ele contava apenas com os clientes espanhóis que viviam na Inglaterra. Puebla jantava fora quando podia, e quando não podia

alimentava—se da forma mais frugal possível. Vivía de forma ainda mais precária que Catarina e suas damas de honra.

Embora Puebla fosse a imagem da infelicidade, ele irritava Catarina; apesar de sua natureza serena e compassiva, aquele judeuzinho, embaixador do seu pai numa corte na qual ela precisava de grande ajuda, exasperava— a sobremaneira. Catarina chegou a pensar que se seu pai mandasse um homem mais digno para representá—lo e para trabalhar para ela, sua posição na Inglaterra não seria tão deplorável como vinha sendo nos últimos anos.

— Dr. de Puebla — disse Catarina, quando ele foi beijar sua mão — o senhor percebeu que o príncipe de Gales já fez quinze anos e não se falou nada sobre o casamento que foi proposto entre nós dois?

— Eu nunca esperei que fosse haver casamento, Alteza.

— E o que o senhor fez sobre isso?

Puebla esticou as mãos, como costumava fazer sempre para mostrar sua incapacidade de agir.

— Alteza, não há nada que eu possa fazer.

— Nada! O senhor não está aqui para cuidar dos interesses do meu pai e dos meus próprios interesses?

— Se eu pudesse persuadir o rei da Inglaterra a realizar esse casamento, pode estar certa de que teria feito isso há muito tempo, Alteza.

Catarina afastou—se para não soltar as palavras amargas que lhe vieram aos lábios, mas ao ver aquele homem doente sentiu—se envergonhada de descontar sua frustração nele.

— E nada acontecerá jamais? — perguntou. — Como o senhor acha que estou vivendo?

— Sei que é muito difícil para Vossa Alteza. É difícil para mim também. Acredite ou não, eu tenho vivido em grande pobreza.

— As coisas continuam as mesmas. Não há saída. Se eu pudesse voltar para a Espanha...

Parou no meio da frase, pois acabara de fazer uma descoberta. Ela não queria mais voltar para a Espanha, já que suas razões para voltar não existiam mais. Ela sempre quis muito ver sua mãe, mas Isabel não vivia mais na Espanha. Teria tanta vontade assim de ver seu pai? Nunca tinha havido grande ternura entre eles; a afeição dele

pelos filhos fora sempre ligada à esperança do que eles poderiam lhe dar. Maria estava em Portugal, e Joana tornara-se uma estranha para ela. Será que ela queria voltar para a Espanha para estar com Joana e o marido dela, para presenciar aquela relação tempestuosa? Será que queria ver aquele belo galanteador levando sua irmã cada vez mais à loucura?

A Espanha não lhe oferecia mais nada. E a Inglaterra? Nada, afora a fantástica perspectiva de casar-se com o príncipe de Gales.

Catarina percebeu naquele momento que se não se casasse com ele, permaneceria a vida inteira fora da Espanha como uma indesejada numa terra estranha.

Ela precisava de um diplomata brilhante para avivar aquele casamento, e só o que tinha era aquele judeu velho que sofria de gota.

— Alteza, eu fiz tudo que pude. Acredite em mim, eu não poupei esforços... — disse o pobre Puebla.

Catarina sacudiu a cabeça e murmurou:

— Talvez o senhor tenha se esforçado, mas eu não gosto da forma como as coisas estão correndo. Pode se retirar agora. Caso saiba de alguma mudança no espírito do rei, rogo que venha me ver, pois eu estou aflita.

Ao sair da sala, Puebla ficou surpreso por ver que tinha o rosto molhado de lágrimas.

Eu me acabei, e todo esse trabalho deu em nada, disse a si mesmo. Vivo sentindo dores e não posso mais me divertir nem divertir ninguém. Não tenho mais utilidade alguma. É por isso que os velhos choram.

Quando ficou sozinha, Catarina escreveu para o pai, dizendo que seu embaixador na Inglaterra não podia mais trabalhar para o seu bem nem para o bem da Espanha. Implorou que ele levasse esse fato em consideração e nomeasse um novo embaixador para a corte do rei Tudor, pelo bem da Espanha e de sua filha, que estava vivendo quase na miséria.

Catarina esperou ansiosamente notícias do seu pai. Cada dia parecia pior que o outro naquele verão. As damas de honra não

tentavam mais esconder sua insatisfação e viviam loucas para voltar para a Espanha.

Havia brigas permanentes na casa, e Catarina quase desejou que Dona Elvira estivesse lá para manter a ordem. Francesca era mais inquieta que as outras; parecia ter prazer em acusar todos os membros da comitiva de fazerem intrigas para forçá-las a ficar Inglaterra. E não havia pecado maior aos seus olhos.

O fato é que elas precisavam se casar, pensou Catarina. Se Arthur estivesse vivo, todas teriam maridos bons e ricos agora.

Todo mês, Catarina precisava lançar mão de mais jóias e pratas para fazer face às despesas. Sentia-se culpada quando vendia ou empenhava essas peças, mas o que podia fazer? Suas contas tinham de ser pagas, e essa era a única forma de pagá-las.

Finalmente, chegaram notícias da Espanha; quando ela leu sobre a morte de Filipe, não pôde deixar de se alegrar.

Ele era inimigo do meu pai, disse a si mesma, tirou—o de Castela e teria tirado a coroa de Joana. Ela está infelicíssima agora, mas foi bom Filipe ter morrido.

Imaginou a alegria secreta de Fernando, pois se Joana fosse considerada incapaz de reinar, certamente ele voltaria para Castela como regente.

Percebeu o que isso significaria. Fernando aumentaria sua influência na Europa, e a maneira pela qual o rei da Inglaterra a tratava dependia da maior ou menor influência do seu pai.

Aquela súbita e misteriosa morte do seu belo cunhado poderia ser considerada uma boa notícia? Ela esperava que sim.

Seu pai enviou—lhe uma carta em resposta ao seu pedido de um novo embaixador da Espanha na Inglaterra.

"Você poderia ser minha embaixadora" escreveu Fernando. "Esteve anos na corte inglesa, conhece os hábitos dos nobres e fala inglês. Mais tarde, mandarei um novo embaixador, mas por enquanto pode considerar—se minha embaixadora. Fale com Puebla, ele é um homem inteligente, bem mais do que você pensa. Deixe que ele a oriente. Puebla tem trabalhado bem pela Espanha e espero que continue assim."

Quando Catarina acabou de ler, seu rosto estava vermelho; fazia muito tempo que ela não se sentia tão animada. Agora teria um interesse na vida, teria mais poder, tentaria servir a seu pai fielmente e, ao mesmo, tempo sentir—se mais feliz. Mas como conseguiria se sentir mais feliz? Havia só uma resposta: casando—se com o príncipe de Gales.

O rei da Inglaterra solicitou a presença de Catarina. Ela foi aos seus aposentos com grande esperança, imaginando que notícias ele lhe daria.

Henrique estava sozinho e recebeu—a com grande gentileza, como se a considerasse mais importante agora do que da última vez em que a vira.

Depois de ser cumprimentada formalmente, Catarina teve permissão para se sentar; o rei, segurando o rosto entre as mãos, disse:

— Tenho um assunto que acho que posso deixar nas suas mãos com mais tranquilidade do que nas mãos de qualquer outro.

— Bondade de Vossa Majestade — disse Catarina. Henrique assentiu e esticou o lábio inferior para a frente, com uma expressão mais agradável que de costume.

— Eu nunca me esquecerei do dia em que sua irmã, a rainha de Castela, chegou a Windsor. Quanta graça, quanto charme!

Catarina ficou intrigada. Ela tampouco se esquecia daquele dia, mas notara mais melancolia em Joana do que graça e charme.

— Eu não me esqueci mais dela desde aquele dia — falou o rei.

— Como a senhora agora atua como embaixadora do seu pai, vou encarregá—la desse assunto. Quero que diga ao seu pai que desejo me casar com a rainha de Castela.

Catarina prendeu a respiração, atônita. Joana... esposa do rei da Inglaterra! Ela, que adorava aquele belo marido, um galanteador de cabelos dourados, tornar—se esposa daquele homem idoso, de ar duro e frio e temperamento instável! Impossível!

Mas seria mesmo impossível? Os casamentos reais eram incongruentes. Se o rei se casasse com Joana, ela seria rainha da Inglaterra. E certamente a irmã da rainha da Inglaterra não poderia

ser humilhada! Certamente poderia viver de uma forma digna de seu parentesco com a rainha.

Que alegria se sua própria irmã viesse morar na Inglaterra!

Seus pensamentos rápidos foram interrompidos bruscamente. Mas casar—se com o rei! Catarina lembrou—se dos próprios sentimentos quando foi aventada a possibilidade de o rei pedi—la em casamento.

Ela estremeceu de repulsa, e agora estava encantada com a ideia de Joana tomar o lugar que ela desprezara.

Mas aquele casamento não era possível. Joana estava louca. Catarina começava a acreditar que não havia mais dúvida sobre isso depois dos boatos que ouvira a respeito do estranho comportamento de sua irmã.

O rei a observava. Ela teria de aprender a esconder suas emoções. Esperava não ter mostrado seu asco diante daquela ideia.

Henrique parecia não ter notado e sorria com um ar ingênuo, como um camponês sorriria com a perspectiva de arranjar uma noiva. Era como se estivesse apaixonado por Joana. Oh, não, não! Henrique VII nunca se apaixonaria... a não ser por uma coroa. Aquela era a resposta. Ele estava apaixonado pela coroa de Castela.

Ela precisava ser esperta. Não podia dizer que achava que esse casamento não seria bem aceito porque ele era um homem idoso e sua irmã uma louca.

Se ouvisse os planos dele, se o apoiasse, talvez fosse recompensada de alguma forma. Catarina não era mais aquela menina tola. Era uma mulher que sofrera dificuldades e profundas humilhações, e pouca coisa poderia fazê—la sofrer mais.

Então disse calmamente ao rei:

— Eu informarei meu pai do seu desejo.

Henrique assentiu, ainda com aquele sorriso que assentava tão mal nas suas feições duras.

— A senhora deve escrever para sua irmã contando—lhe as delícias da corte inglesa. Diga que eu sempre fui um marido fiel à minha primeira rainha e que serei fiel de novo à segunda. Espero que advogue bem minha causa; e quem seria melhor advogada que a própria irmã da rainha de Castela?

- Catarina, no papel de embaixadora, preparou-se para apoiar aquele casal incongruente — Henrique Tudor, rei da Inglaterra, e Joana, rainha de Castela, que já era conhecida como Joana, a Louca.

# A ESTRANHEZA DE JOANA

QUANDO FOI SOLICITADO a Joana que expusesse sua opinião a respeito de um casamento com Henrique Tudor, ela deu de ombros e imediatamente tirou a ideia da cabeça.

Sua única preocupação era manter Filipe com ela depois de morto.

Ficava sentada horas sozinha no seu quarto escuro, vestida com roupas semelhantes aos hábitos das freiras, com um grande capuz que escondia quase todo o seu rosto.

E ficava dizendo a si mesma: "Mulheres... Não quero mulheres perto de mim. Elas tentarão tirar Filipe de mim. Sempre foi assim. Elas sempre o perseguiram, aonde quer que ele fosse. Filipe não conseguia escapar, mesmo que quisesse... mas é claro que ele não queria. Agora ninguém irá tirá-lo de mim."

Às vezes, os serviçais ouviam sua gargalhada selvagem, mas nunca ouviam soluços. Joana não derramara uma só lágrima desde a morte de Filipe; quando entrava em melancolia, ficava sentada em silêncio durante horas.

Não comia quase nada, e seu corpo ficou mirrado debaixo daquelas roupas soltas. Mas havia momentos em que queria ouvir música, a única coisa que a acalmava. Mandava buscar os menestréis, e eles tocavam no quarto escuro até ela se cansar e pedir que saíssem.

Não havia mais nenhuma mulher a seu serviço, a não ser uma lavadeira.

"E mesmo ela deve ser vigiada", dizia Joana para si mesma.

Mandou seus empregados verem o que a lavadeira estava fazendo, e ordenou que a levassem à sua presença.

— Lave as roupas aqui, para eu não perder você de vista — disse aos gritos.

Uma banheira com água foi levada para os aposentos reais, e a assustada lavadeira começou a lavar as roupas sob os olhares

desconfiados da rainha.

Não era de surpreender que os boatos sobre sua loucura se espalhassem.

Joana estava prestes a ser mãe de novo, e às vezes falava disso.

— Dentro de pouco tempo, o bebê estará aqui — dizia, pondo as mãos no corpo para sentir seus movimentos. — Filipe gostava de ver sua família crescer. Espero poder lhe dizer em breve que temos outro filho homem.

Havia ocasiões em que certas figuras de importância vinham implorar que ela se interessasse pelos assuntos de Estado, e lembravam — lhe que ela era a rainha de Castela.

Mas Joana sacudia a cabeça.

— Eu não farei outra coisa até morrer senão rezar pela alma do meu marido e guardar seu corpo morto. Não tenho tempo para mais nada.

Eles sacudiam a cabeça e ficavam esperando a volta de Fernando.

O ano passou e chegou o mês de dezembro. Em janeiro, o bebê nasceria, e os que acreditavam na sua melhora diziam a si mesmos que com a chegada da criança ela deixaria de lado aquela obsessão com o corpo do marido morto.

Era uma fria manhã de dezembro quando Joana foi assistir à missa no convento de Cartuja, onde estava o corpo de Filipe. Em breve, ela não poderia mais fazer aquele curto percurso do palácio até Cartuja, pois já estava pesada demais. Depois do ritual de beijar os lábios do marido e abraçar seu pés, ela anunciou subitamente:

— Era desejo do meu marido ser enterrado em Granada. Eleja se demorou muito tempo aqui. vou levá-lo para Granada. Preparem — se para partir imediatamente.

— Mas nós estamos no inverno. Vossa Alteza não pode cruzar as estepes de Castela nessa época do ano — disseram — lhe.

Joana levantou — se com os olhos injetados.

— Era seu desejo ir para Granada, e é meu desejo levá-lo para lá. — com a chegada da primavera...

— Agora. Nós partiremos hoje — disse a rainha de Castela. Era uma loucura sua pensar em cruzar as terras ermas e nevadas entre Burgos e Granada naquele frio de inverno, no oitavo mês de gravidez!

Os monges fizeram tudo para dissuadi-la, mas Joana ficou irritada e lembrou-lhes que ela era sua rainha.

— Nós não ficaremos mais aqui. Este lugar é indigno dele. Preparem-se imediatamente, já disse.

— Mas o mau tempo, Alteza...

— Ele não sentirá o mau tempo. Filipe nunca apreciou o calor. Gostava de estar ao ar livre. Os ventos frios o revigoravam, como dizia. — De repente ela gritou: — Por que estão hesitantes? Não ousem me desobedecer, senão sofrerão péssimas consequências. Preparem-se imediatamente. Vamos levá-lo para Granada hoje mesmo.

Pelas terras planas procissão percorria o caminho lentamente. O vento penetrava nas roupas dos bispos, dos rapazes do coro, dos homens da igreja e dos serviçais. A única pessoa que não sentia frio era a rainha, que com suas roupas de freira ia carregada na liteira por aquele terreno árido.

Não havia ninguém na comitiva que não esperasse que o bebé nascesse antes da data prevista, em janeiro. Todos rezavam para que alguma coisa pusesse fim àquela viagem alucinada.

Ao lado da liteira, coberto com um manto de veludo, vinha o carro funerário para que a rainha não o perdesse de vista. Enquanto eles caminhavam, os rapazes do coro entoavam os cantos fúnebres.

Ao entardecer, a rainha permitia, com hesitação, que o cortejo parasse numa estalagem ou num mosteiro, onde o caixão era aberto para que ela se atirasse sobre o corpo morto e beijasse repetidas vezes aqueles lábios inertes.

Os que participavam desse ritual perguntavam-se quanto tempo mais teriam de ficar à mercê dos caprichos daquela mulher louca.

Certa noite, o caixão foi carregado para um lugar que imaginaram ser um mosteiro. Logo que entraram no prédio, o caixão foi aberto e começou a cerimónia macabra à luz de tochas.

De súbito, apareceram três figuras.

— Nós viemos passar a noite aqui com a rainha — disse um dos bispos.

— Eu prepararei tudo para receber Sua Alteza — foi a resposta. Mas ao ouvir aquela voz fina e musical, Joana deu um pulo e seus olhos brilharam de raiva.

— É uma mulher! — gritou. — Venha cá, mulher. Não...não. Fique onde está. Eu irei até aí. Não quero nenhuma mulher aproximando —se do meu marido.

— Eu sou a abadessa, Alteza — disse a mulher. Joana gritou para os bispos.

— Como ousaram me trazer aqui! Este lugar está cheio de mulheres. Vocês sabem que não permitirei que mulher alguma chegue perto dele.

— Alteza, elas são freiras...

— Freiras são mulheres — replicou Joana. — Eu não confio nas mulheres. Fechem o caixão. Vamos prosseguir viagem.

— Alteza, a noite está fria e escura.

— Fechem o caixão! — disse, virando—se para a abadessa. — E a senhora... volte para sua cela. Não ouse pôr os pés para fora até que eu vá embora. Nenhuma mulher poderá se aproximar dele, já disse.

A abadessa fez uma reverência e retirou—se, dando graças a Deus por aquela rainha louca não ser sua hóspede.

O caixão foi fechado, e a procissão afastou—se do convento para encontrar um mosteiro próximo onde pudesse se abrigar.

Assim, a lúgubre viagem continuou numa lentidão exaustiva.

Foi um grande alívio quando eles chegaram ao vilarejo de Torquemada, pois as dores de Joana estavam começando, e ela própria viu que seria impossível prosseguir viagem. Eles tinham avançado menos de cinquenta quilômetros durante três semanas.

O caixão foi colocado onde ela pudesse ter certeza de que nenhuma mulher se aproximaria. No dia 14 de janeiro daquele ano de 1507 o bebê nasceu.

Era uma menina e foi chamada de Catalina em homenagem à irmã de Joana e de quem volta e meia ela se lembrava com remorso. Ela era infeliz como eu, pensou, e eu não parei para ouvir suas lamúrias.

Joana ficou deitada com a filha nos braços, num silêncio melancólico, vigiando o que restara do seu marido alegre e

desalmado.

Na Inglaterra, Henrique esperava impaciente notícias de sua proposta de casamento a Joana.

Mandou chamar Puebla, e o velho doente foi carregado até Richmond na sua liteira.

— Não recebi notícia alguma da Espanha com relação à minha proposta— disse o rei.— Tenho a impressão de que a proposta não foi bem— vinda,

— Nada seria mais bem— vindo à Espanha que um casamento de Vossa Majestade com a rainha Joana.

— Então por que não tivemos nenhuma notícia ainda?

— Meu senhor ainda está em Nápoles, e anda muito ocupado.

— E a própria rainha de Castela?

— Ela ficou viúva há pouco tempo, e acabou de ter mais uma filha... Essas palavras aumentaram a impaciência de Henrique. Aquela mulher dera à luz vários filhos. Se viesse a se casar com ele, sem dúvida, lhe daria muitos filhos homens. Ela já tinha dois meninos saudáveis e não passara ainda dos vinte e oito anos; poderia vir a ter mais. Já dera prova da sua fertilidade. Seu marido não a engravidara antes de morrer? E diziam que a maior parte da sua atenção era dada a outras mulheres.

Puebla, habituado ao mau humor de Henrique, lembrou—lhe que Joana era considerada uma mulher desequilibrada.

— Eu a vi aqui na Inglaterra e fiquei impressionado com seu charme e beleza — disse o rei. — Não notei nela qualquer sinal de insanidade mental. Mas... mesmo que a rainha de Castela fosse perturbada, eu não consideraria isso um obstáculo ao casamento, pois ela provou que sua saúde mental não interfere com sua capacidade de procriar.

— Eu repetirei ao meu senhor as palavras de Vossa Majestade. Henrique fez que sim, e um ricto de dor passou—lhe pelo rosto quando ele se levantou da cadeira.

— Há ainda um pequeno assunto do qual eu gostaria de tratar — continuou o rei. — Sua Alteza o rei Fernando talvez volte à posição que ocupou imediatamente após a morte da rainha Isabel. Deverá voltar ao poder como regente de Castela e governante da Espanha, caso sua filha seja mesmo incapaz de assumir seu lugar no trono. Como ele não fez esforço nenhum para pagar o restante do dote da

sua filha, quero que o senhor lhe escreva dizendo que se ele não pagar essa dívida antiga, eu só terei um caminho a seguir. Serei obrigado a romper o noivado de Catarina com o príncipe de Gales.

Puebla ficou animado. Isso indicava que aquele casamento ainda era possível. Os termos de Henrique eram o recebimento do resto do dote, que não fora pago depois da morte de Arthur, e o casamento com Joana.

Joana não se recuperou depressa do parto da filha Catalina. A comitiva que a acompanhara na trilha de cinquenta quilômetros a partir de Burgos esperava que quando ela se restabelecesse, concentrasse sua atenção na criança, e abrisse mão daquele projeto louco de levar o corpo do marido para Granada.

Certo dia, quando Joana estava deitada em seus aposentos, com o berço da filha ao seu lado e o caixão no quarto para que ela pudesse olhar para o marido a qualquer hora do dia ou da noite, um dos seus empregados veio dizer—lhe que um frade, que soubera que ela estava em Torquemada, tinha vindo de longe vê—la e trazia notícias importantes.

Joana não se interessava por notícia nenhuma, mas concordou em ver o frade; quando o homem apareceu, ela olhou—o com um ar melancólico e absolutamente indiferente.

O homem estava sujo da viagem, com os olhos injetados. Ao fazer a reverência diante da rainha, seus olhos fixaram—se no caixão; Joana, que o observava, perdeu a apatia e foi tomada de excitação.

— Alteza, eu tive uma visão — gritou o frade.

— De quem? O frade indicou o caixão.

— Eu vi seu marido levantar—se dali, brilhante e bonito. Joana sentou—se na cama para poder ver o rosto do frade com mais clareza.

— Ele levantou—se dos mortos! — murmurou Joana.

— Sim, Alteza. Jogou fora a mortalha e apareceu inteiro e bem, e houve grande alegria à volta.

— O senhor sonhou com isso?

— Eu tive uma visão, Alteza. Estava jejuando havia dias, rezando de joelhos em absoluta reclusão, e tive essa visão. Ele saiu do caixão e foi para a rua. Eu o vi claramente nessas ruas... e vi que foi em Torquemada que o consorte da rainha se levantara dos mortos.

— Em Torquemada! — gritou Joana, apertando as mãos em êxtase. — Então foi por vontade divina que saímos de Burgos... e que fomos forçados a parar em Torquemada. Oh, glória a Deus e a todos os Seus santos. Aqui em Torquemada meu Filipe se levantará dos mortos.

— Eu vim a toda pressa dizer isso à Vossa Alteza.

— Eu lhe agradeço de todo meu coração. O senhor será bem recompensado.

O frade fechou os olhos e fez uma reverência com a cabeça.

O vilarejo de Torquemada entrou em excitação. Todos esperavam o milagre. Em frente à casa onde Joana estava hospedada, juntou-se uma multidão vinda dos vilarejos vizinhos para assistir ao milagre.

Joana mudou completamente. Sua melancolia transformou-se em alegria — não uma alegria histérica, mas um contentamento sereno. Ela estava certa de que o frade era um santo e que Filipe voltaria à vida.

Manteve vigília ao lado do caixão, determinada a ser a primeira a lhe dar as boas-vindas à vida. Filipe saberia então que ela ficara ao seu lado, e se sentiria mais feliz de acordar dos mortos perto dela que em alguma cripta funerária lúgubre. Se ele precisasse de uma prova do seu amor, não haveria prova melhor que essa.

O frade saiu de Torquemada muito bem recompensado, mas os visitantes continuaram a chegar. O verão estava quente e o vilarejo não tinha capacidade de abrigar tanta gente. Quando as casas ficaram repletas, muitos foram forçados a dormir nas ruas e nos campos.

No calor da tarde, um dos visitantes desmaiou subitamente e ficou ali gemendo, com febre alta. Morreu logo depois, e naquele mesmo dia mais três pessoas morreram da mesma forma. No dia seguinte, as multidões à volta de Torquemada perceberam que alguém os havia contaminado com aquela peste e ficaram apavoradas.

Joana recebeu a notícia de que havia uma peste em Torquemada.

— Alteza, devemos nos preparar para sair daqui o quanto antes — disse um dos bispos.

— Sair! — gritou ela. — Mas é aqui que meu Filipe voltará à vida.

— A cada hora de atraso, Vossa Alteza estará pondo em risco sua vida e a vida do bebé.

— Nossa fé está sendo testada — disse ela. — Se eu sair de Torquemada agora não haverá milagre algum.

Vários esforços foram feitos para convencer Joana, mas ela se manteve irredutível.

A peste espalhou—se por Torquemada, mas Joana continuou onde estava, com a filha recém—nascida e os restos do seu marido, esperando um milagre.

Joana permaneceu em Torquemada o verão todo. A peste abrandou com o final do calor, e ela continuou ao lado do caixão esperando um milagre.

Havia ocasiões em que acreditava que Filipe se levantara dos mortos, e seus criados a ouviam murmurar palavras afetuosas ou, aos gritos, acusá—lo por suas infidelidades. A comitiva que ficou no vilarejo de Torquemada era estranha: a rainha de Castela, vivendo humildemente sem nenhuma mulher perto a não ser uma lavadeira; uma princesa que sobrevivia, apesar daquelas condições adversas; e um corpo no caixão, que era regularmente beijado e abraçado.

Finalmente, houve um dia de grande alegria em Torquemada. Todos daquela comitiva lúgubre ficaram sabendo logo que os longos dias de espera haviam chegado ao fim.

Fernando chegara a Valença. Agora haveria alguma lei e ordem em Castela.

— Preciso encontrar—me com meu pai — declarou Joana. — Ele espera isso de mim.

Ou ela esquecera a profecia do frade ou perdera a esperança de a profecia realizar—se, pois preparou—se para partir sentindo—se bastante aliviada.

Disse que não queria ver o sol. Ela era uma viúva, e sua vida seria dali por diante vivida no escuro. Viajaria só à noite e à luz de tochas, e para onde fosse, seu marido iria com ela.

Os que se preocupavam com a rainha tentaram em vão dissuadi—la, mas qualquer oposição à sua vontade deixava—a extremamente enraivecida. Ela seria obedecida. Queria que todos

soubessem que embora fosse a viúva mais infeliz do mundo, era a rainha deles e esperava obediência.

Portanto, mais uma vez o cortejo prosseguiu. Ao lado da rainha, ia o carro fúnebre, como sempre. Eles viajavam à luz de tochas, locomovendo—se lentamente. Os rapazes do coro iam cantando as canções funerárias e Joana, a cavalo ou na liteira, viajava sempre num silêncio melancólico.

Foi em Tbrtoles que Fernando e sua filha se encontraram.

Quando Fernando a viu, ficou horrorizado. Fazia anos que os dois não se falavam, mas o tempo não era a causa dessa mudança tão grande. Era quase impossível acreditar que aquela mulher triste, de olhos melancólicos, nos quais se via toda a sua loucura, fosse aquela filha alegre que vivia chocando a mãe com suas selvagerias.

Joana também se comoveu ao ver o pai. No primeiro momento daquele encontro lembrou—se dos dias da sua infância, quando ela, o irmão, as irmãs, ele e sua mãe viviam juntos.

Pôs—se de joelhos e agarrou as mãos de Fernando; atónito com aquela demonstração de emoção, ele ajoelhou—se também e colocou os braços à volta da filha com grande ternura.

— Minha filha, minha filha, o que aconteceu para você ficar assim? — murmurou.

— Oh, meu pai, eu sofri como pouca gente sofre. Perdi tudo o que eu amava.

— Você tem seus filhos. Eles podem dar—lhe muito conforto.

— Eles são filhos de Filipe também, mas quando ele morreu o sol apagou—se da minha vida. Agora só há trevas para mim, vivo numa perpétua noite.

Fernando levantou—se e sua emoção esvaiu—se. Se Joana estivesse realmente louca como parecia, seria fácil. Ele podia agora ter certeza de que se tornaria o regente da Espanha.

— Eu vou cuidar de você — disse. Joana não percebeu o brilho dos seus olhos nem o sentido oculto de suas palavras.

— É uma alegria para mim você ter voltado — disse ela. Tirou o capuz da cabeça da filha e beijou sua testa.

Ela está louca mesmo, pensou. Não há mais dúvida nenhuma disso. Eu serei o regente de Castela até Carlos chegar à maioridade!

Terei muitos anos de poder à minha frente.

— Nós não podemos ficar aqui em Tortoles — disse Fernando.

— Precisamos ir para um lugar onde possamos viver e discutir os assuntos de Estado com conforto.

Joana não fez objeção, e ele ficou encantado de ver que ela parecia pronta a concordar com tudo o que ele dissesse. Mas logo depois, descobriu como sua filha era teimosa.

— Eu só viajo à noite — disse Joana. Fernando ficou pasmo.

— Viaja à noite! Mas como é possível? A viagem fica quatro vezes mais demorada assim!

— Talvez, mas eu não tenho pressa. Não quero ver o sol nem a luz do dia. Minha vida de agora em diante será vivida no escuro.

— Certamente, nós não podemos viajar à noite. Você tem de acabar com essa bobagem.

Ao sentir a obstinação de Joana, lembrou-se de que ela era filha de Isabel.

Conflitos semelhantes vieram à sua cabeça. Lembrou-se de que, em geral, sua vontade entrava em conflito com a vontade de Isabel, e que Isabel invariavelmente vencia porque era a rainha de Castela, e ele o consorte. Agora ali estava a filha de Isabel, lembrando-lhe que era a rainha de Castela, e ele era apenas seu pai.

Resolveu que Castela inteira teria de saber que Joana estava sofrendo de insanidade periódica, e que não se podia contar com ela. Para que o país fosse governado satisfatoriamente, deveria ter um regente, e Joana teria de passar o resto da vida em reclusão.

Que ela viajasse à noite. Que carregasse o caixão do marido e mexesse no corpo dele à vontade. Tudo isso faria com que o povo compreendesse que sua rainha estava de fato absolutamente louca.

Fernando viajava de dia e Joana à noite; quando ela percebeu que eles rumavam para Burgos — a cidade de suas lembranças mais pungentes, pois foi lá que Filipe morrera — recusou-se a prosseguir viagem.

Parou em Arcos e passou a residir lá. Sua comitiva protestou que ela escolhera o lugar mais insalubre da Espanha, mas tudo em vão. Ela respondeu que não se importava com o clima. Não sentia mais o frio, agora só sentia tristeza.

Fernando não protestou. Ele podia esperar.

A própria Joana estava ajudando—o a convencer o povo de que sua rainha estava louca; ele não teria mais nada a temer. com grande entusiasmo, começou a pôr em ordem os assuntos de Estado.

Leu os despachos de Puebla e achou que ele estava mesmo ficando velho. Enviaria um novo embaixador para a Inglaterra e tentaria, mais uma vez, concretizar o casamento de sua filha mais moça com o príncipe de Gales.

# FUENSALIDA NA CORTE DO REI

ERA UM DIA TRISTE de fevereiro, e uma névoa fria envolvia o campo. O elegante estrangeiro detestou aquele clima, e seu séquito, acostumado ao seu temperamento colérico e ao seu hábito de dizer o que pensava, fez votos para que o tempo melhorasse antes que chegassem a Londres.

Como já fazia alguns dias que viajavam desde que aportaram na Inglaterra, resolveram descansar à noite numa estalagem quando estavam a poucos quilómetros da capital. A chegada dos estrangeiros causou uma certa excitação local; todos sabiam que o grupo se dirigia para a corte do rei, e até mesmo os empregados da estalagem se perguntavam se o príncipe de Gales iria finalmente se casar com a viúva do seu irmão, ou se o rei tinha arranjado uma noiva espanhola.

Não era o primeiro grupo de espanhóis que eles viam, mas aquele homem nobre, nitidamente o membro mais importante do grupo, parecia um cavalheiro muito suscetível. Queixava—se a toda hora, e embora fosse orgulhoso demais para falar com gente mais humilde, todos perceberam sua impertinência.

Porém D. Gutierre Gomez de Fuensalida não estava com tanto mau humor assim. Embora reclamasse do clima horrível e do desconforto da viagem, estava certo de que conseguiria sair—se bem na missão que havia sido entregue àquele idiota do Puebla havia anos; se sua atuação agradasse ao seu senhor, ele teria grandes recompensas e honrarias.

Que absurdo permitir que um homem como Puebla lidasse com assuntos tão delicados!, dizia para si mesmo. Um judeu sem tradição! A diplomacia devia ser entregue apenas a membros da nobreza.

D. Gutierre era um homem vaidosíssimo. Pertencente a uma família antiga e muito rica, de linhagem nobre, ele não estava no serviço diplomático do seu país por dinheiro, e sim por glória. Saíra recentemente da corte de Filipe, o Belo, e antes disso representara

Fernando na corte de Maximiliano. Tinha consciência das intrigas de traidores como Juan Manuel e nunca se desviara da causa de Fernando. Agora, com a morte de Filipe e o reconhecimento praticamente universal da loucura de Joana, chegara a hora de Gutierre Gomez de Fuensalida; ele seria recompensado por sua fidelidade, e Fernando lhe ficaria eternamente grato se o casamento da sua filha com o príncipe de Gales fosse finalmente resolvido.

Enquanto ele pensava nisso, um hóspede chegou à estalagem, seguido de alguns empregados, pedindo que um dos serviçais de Fuensalida o levasse ao seu senhor.

— Eu vim de Londres com o propósito de cumprimentar D. Gutierre Gomez de Fuensalida, e terei o maior prazer em escoltá-lo até a capital.

Gutierre, encantado de saber que um fino cavalheiro queria vê-lo, embora fosse isso que ele esperasse, ordenou que o visitante fosse levado à sua presença imediatamente.

— Eu sou o Dr. Nicholas West, bispo de Ely. Ouvi dizer que o senhor havia chegado e vim escoltá-lo até os círculos da corte, sob ordem expressa de Sua Majestade, o rei.

— Muito prazer em conhecê-lo — falou Fuensalida.

O dono da estalagem, um pouco nervoso com tantos hóspedes distintos, providenciou uma sala especial para servir bebidas aos dois cavalheiros.

Depois de falarem dos perigos das viagens marítimas e do clima da Inglaterra, passaram ao propósito real daquele encontro.

— A saúde do rei anda muito abalada ultimamente e piora bastante no inverno. Ele está sob constante tratamento médico — explicou o Dr. West.

— Qual é o problema de Sua Majestade?

— Ele sente dores pelo corpo inteiro há anos, e suas pernas estão rígidas a tal ponto que ele mal consegue pôr os pés no chão. Essas dores são mais severas nos meses de inverno, mas neste ano ele está sofrendo mais. Teve crises de reumatismo e de tosse e ficou acamado durante várias semanas. Os médicos não querem que ele fique muito tempo com seus ministros, e há dias em que imploram que ele não os veja.

— Eu compreendo — disse Gutierre. — É possível que eu não seja recebido de imediato, não é?

— É bem possível.

— Terei então de esperar até que ele solicite minha presença. Nesse meio—tempo, visitarei a infanta, que deve estar ansiosa por notícias do pai dela.

— É sobre isso que eu vim avisá—lo. Segundo a etiqueta da corte, os embaixadores não devem visitar ninguém da casa real antes de serem recebidos pelo rei.

— Verdade? Isto vai dificultar um pouco minha posição... a menos que o rei me receba o mais rápido possível.

— Pode ficar tranquilo que assim que a saúde de Sua Majestade melhorar, ele o receberá. Está aflito para saber notícias do seu amigo e irmão, o rei Fernando.

— O rei da Inglaterra não pode estar mais aflito por essas negociações que o meu senhor.

— O senhor já tem ideia de onde vai se hospedar?

— Pensei em ficar um tempo na casa de Francesco Grimaldi, o agente de Londres do banco genovês, como o senhor deve saber.

Dr. West assentiu, compreendendo o que aquilo queria dizer. Não havia dúvida de que Fernando estava agora se preparando para pagar o restante do dote de Catarina, e que Grimaldi seria chamado para conduzir a negociação.

— Não posso pensar numa hospedagem mais satisfatória que essa — disse.

A conversa continuou num tom agradável; o novo embaixador espanhol foi informado de vários assuntos da corte, inclusive da popularidade e charme do príncipe de Gales, que se tornava mais importante para o povo à medida que seu pai piorava de saúde.

Os olhos do embaixador espanhol brilharam de prazer.

Não havia dúvida de que seu principal objetivo ao vir para Londres era arranjar o casamento da filha do seu senhor com o príncipe de Gales.

Francesco Grimaldi ficou encantado de receber o embaixador espanhol. Grimaldi tinha já uma certa idade, mas vivia bem e gostava de alegria e de vida agitada. Era um astuto homem de negócios e construía uma fortuna considerável; portanto, podia receber D. Gutierre Gomez de Fuensalida de forma condigna.

Comida e vinhos excelentes eram servidos na mesa de Grimaldi, e a conversa de Gutierre não era das mais discretas.

Então o dote que criara tantos problemas para a infanta seria finalmente pago? Há quantos anos ela chegara à Inglaterra para se casar com o príncipe herdeiro? Talvez, quase sete. Que vida triste aquela pobre dama levava desde a morte do príncipe Arthur!

Gutierre achava Grimaldi não só divertido como útil, pois conhecia as bisbilhotices da corte que não apareciam nos documentos de Estado.

Não via razão de mudar de acomodações, já que se sentia perfeitamente confortável na casa de Grimaldi, que além de tudo era próxima da corte.

No dia em que Gutierre chegou à casa do banqueiro, um jovem foi procurá-lo, anunciando-se humildemente como filho do Dr. Puebla. O antigo embaixador desculpava-se por não poder visitá-lo, pois estava acamado com uma crise de gota.

Gutierre olhou de nariz em pé para aquele rapaz humilde, filho de um pai humilde. Estava ansioso para mostrar àquela gente que ele, cavaleiro—mor da Ordem de Membrilla, descendente de uma família antiga, estava determinado a não ouvir conversas de emergentes de origem humilde e marranos.

— Diga a seu pai que sinto muito e que lhe desejo uma rápida recuperação — disse friamente.

— Meu pai terá prazer que o senhor o visite, assim que lhe for conveniente. Pediu que eu lhe dissesse que o assunto que motivou sua vinda à Inglaterra é muito complexo; como os ingleses são extremamente astutos, ele gostaria de pôr o senhor a par de todos os detalhes assim que for possível.

Gutierre balançou a cabeça e murmurou que pensaria no caso.

Por enquanto não marcaria hora para visitar o antigo embaixador, e o jovem foi forçado a retirar—se um tanto confuso.

Depois que o filho de Puebla saiu, Gutierre deixou sua raiva explodir.

Será que esse judeu pensa que pode me ensinar as maneiras da corte? perguntou a si mesmo. Ele mostraria ao Dr. Puebla — e ao seu

senhor, Fernando — que os únicos embaixadores dignos do nome eram os de sangue azul.

Catarina ficou feliz ao saber que o embaixador de seu pai estava na Inglaterra e sentiu—se otimista. Os negócios de Fernando estavam tornando—se prósperos de novo, e ela sabia que as perspectivas do seu próprio futuro flutuavam conforme a ascensão e queda do poder de seu pai.

Chorou amargamente quando soube da estranha conduta de Joana, que se recusava a separar—se do corpo do marido. Embora estivesse habituada a ouvir a rainha de Castela ser chamada de rainha louca, Catarina tentava arranjar o casamento dela com o rei, conforme o desejo dele. Se sua irmã fosse para a Inglaterra, poderia ser cuidada por ela, e não poderia levar o corpo do marido para lá. Se ela fosse persuadida a enterrar Filipe, possivelmente recuperaria a sanidade mental.

Catarina estava consciente de que em razão da loucura de Joana, Fernando tinha agora mais poder na Espanha; apesar de estar sendo tratada com mais respeito devido à ascensão de seu pai, ela não podia deixar de pensar com tristeza que sua situação melhorara em virtude da desgraça da irmã.

Estava ansiosa para conhecer Gutierre Gomez de Fuensalida, e mais ansiosa ainda para dispensar os serviços de Puebla.

Suas damas de honra, especialmente Francesca de Cárceres, queixavam—se continuamente daquele homenzinho. Diziam que era por inépcia dele que elas continuavam vivendo daquela forma insatisfatória; os anos se passavam, elas ficavam mais velhas, e ninguém se preocupava em lhes arranjar casamentos.

Francesca era a mais amarga de todas, pois tinha grande necessidade de alegria. Maria de Salinas e Inez de Venegas estavam resignadas à sua sorte, e talvez sofressem mais pela infanta que por elas próprias.

Catarina não perdeu tempo em dizer que um novo embaixador chegara à Inglaterra.

Francesca ficou maravilhada.

— D. Gutierre Gomez de Fuensalida é um verdadeiro cavaleiro!  
— gritou. — Ele saberá lidar com seu sogro, Alteza.

— Eu acho que meu sogro não vê diferença entre lidar com nobres ou com judeus. Sua grande preocupação é o pagamento do meu dote.

— Vou informar o novo embaixador da nossa triste situação declarou Francesca. — Alguma coisa terá de ser feita por nós antes que fiquemos velhas demais para nos casar.

Pobre Francesca! Como ela ansiava por um casamento! Àquela altura já poderia ser mãe de vários filhos!

— Eu estou um pouco ansiosa — disse Catarina. — Nem imagino o que poderá acontecer quando minhas pratas e jóias forem avaliadas. A avaliação será muito mais baixa do que quando eu cheguei à Inglaterra, e essas peças faziam parte do meu dote.

— Mas o que Vossa Alteza podia fazer se não havia outra forma de arranjar dinheiro? — perguntou Maria de Salinas.

— Eu acredito às vezes que os reis e os embaixadores acham que uma princesa e suas damas de honra não têm necessidade de comer. A princesa é uma mera figura a ser usada quando o Estado precisa dela. Ela pode se casar, pode ter filhos. Mas não tem necessidade de comer.

Maria de Salinas assustou-se com a amargura na voz de Catarina. Felizmente elas tinham agora um novo embaixador; talvez ele conseguisse um fim feliz para as negociações que se estendiam há tantos anos.

Henrique recebeu o embaixador da Espanha sentado junto da lareira, enrolado em um longo manto.

— Meu caro embaixador, minha saúde anda muito precária disse Henrique, com uma voz mais calorosa que de costume. — Não posso me mover com facilidade, e o senhor terá de sentar-se ao meu lado para dar notícias do meu querido irmão, o rei de Aragão.

— Meu senhor manda lembranças à Vossa Majestade — disse Fuensalida, fazendo uma reverência graciosa.

— Por favor, sente-se — disse Henrique. E com olhos alertas, avaliou o caráter do novo embaixador. Ali estava um dos Grandes da Espanha, um homem que se tinha em alta estima. Isso não lhe desagradava.

Fuensalida sentou-se, e Henrique disse:

— Eu sei que o senhor veio me ver a respeito de dois assuntos importantes que muito me interessam e que são motivo de grande felicidade: casamentos. É bem melhor os reis se unirem através de alianças que de guerras. Que notícia o senhor traz de Joana?

— Não há nenhum outro rei com quem Fernando teria mais prazer em ver sua filha casada.

— Então por que a demora... por que a demora?

— O problema é a estranheza da rainha de Castela. Henrique franziu a testa.

— Eu ouvi falar dessa estranheza, mas que diferença isso faz? Recentemente, ela teve uma linda filha, e é também mãe de filhos homens. Eu não poderia pedir mais de uma esposa do que isso.

— Dizem que a rainha de Castela está louca.

— Louca! Ora! Ela é fértil. Nós na Inglaterra não faríamos objeção a uma pequena insanidade de uma rainha desde que ela fosse fértil, como já expliquei.

— Então as negociações devem prosseguir.

— E rapidamente — disse o rei. — O senhor está me vendo aqui...

Fuensalida interrompeu — o no meio da frase.

— Vossa Majestade não é mais um jovem. Precisa casar — se rapidamente para ainda ter tempo de gerar filhos.

O rei ficou perplexo. Ninguém jamais ousara lhe dizer que talvez ele não ficasse muito mais tempo neste mundo. E aquele estranho dizia isso com a maior tranquilidade. Henrique ficou enraivecido, sobretudo porque sabia que aquela declaração era verdadeira. Talvez tivessem dito a Joana que ele era um velho, e que estava aflito para se casar logo porque precisava ter um filho antes que fosse chamado para o túmulo.

Aquele embaixador era certamente o homem mais sem tato que Fernando podia ter — lhe enviado.

— Há uma outra questão de grande importância para nós dois

— continuou Fuensalida, sem levar em conta os sentimentos do rei.

— O casamento da infanta com o príncipe de Gales.

Que impertinência! pensou Henrique. Ousar mudar de assunto! Onde estão as maneiras deste embaixador? Ou será que ele pensa que um nobre espanhol tem mais importância que o rei da Inglaterra?

Mas como Henrique não mostrava sua raiva quando lidava com diplomatas, disse calmamente:

— Eu tenho grande consideração pela filha do rei de Aragão. Acho—a graciosa, charmosa e bonita. É uma pena ela ter de viver numa condição tão incerta.

— Vossa Majestade se lembra que houve uma promessa de casamento entre ela e o príncipe de Gales?

— Não me esqueci e não vejo razão para esse casamento não ser realizado, desde que certas questões possam ser combinadas amigavelmente entre mim e o meu amigo, o rei de Aragão.

— É precisamente por isso que eu estou aqui com Vossa Majestade.

— Verdade?

Mais uma vez, Henrique escondeu a raiva que sentia. Não era o casamento de Catarina com o príncipe de Gales que ele tinha interesse em discutir, mas seu próprio casamento com Joana.

— Eu me lembro perfeitamente bem que eles ficaram oficialmente noivos, e não sou homem de quebrar minhas promessas. Gostaria de dizer que o príncipe de Gales teve várias ofertas... várias ofertas brilhantes de casamento.

— É difícil, Majestade, um casamento mais brilhante que com uma filha da Espanha.

Que homem insolente! pensou Henrique. Ele mostraria a Fernando que fora um erro enviar um homem desses para a Inglaterra. O Dr. Puebla era melhor embaixador; um homem sem arrogância, que certamente percebia que a melhor forma de servir à Espanha era não entrar em conflito com aqueles com quem seu senhor desejava fazer amizade.

— Estou exausto — disse o rei. — Meus médicos não querem que eu me desgaste. O senhor será recebido por meus conselheiros para apresentar os termos do rei de Aragão. — Fechou os olhos, e Gutierre Gomez de Fuensalida foi dispensado.

Os Conselheiros não foram nada receptivos. Fuensalida não sabia que o rei havia declarado ao Conselho que não gostara do novo embaixador, e que eles não deviam lhe fazer concessões.

Fuensalida, por sua vez, achou que alguns membros do Conselho não eram suficientemente nobres para lidar com ele em igualdade de condições, e estranhou o rei não estar presente na entrevista.

O bispo de Winchester—um dos conselheiros, juntamente com o bispo de Ely e o conde de Surrey — não foi nada sutil ao falar do delicado assunto do dote de Catarina; quis saber exatamente como o dinheiro seria pago.

— Como combinado previamente — disse Fuensalida. — Serão pagas sessenta e cinco mil coroas em dinheiro e o resto em pratas e jóias.

— O senhor trouxe as pratas e as jóias? — perguntou um dos membros do Conselho.

— Os senhores sabem perfeitamente bem que a infanta trouxe suas pratas e jóias quando chegou a este país.

— Isso foi há muito tempo, no ano de 1501 — disse Surrey.

— O senhor não sabia que essas pratas e jóias destinavam—se ao seu dote?

— Como assim, se a infanta vem usando todo o tempo suas jóias e pratas? — perguntou Winchester.

— E dispondo dessas peças também, conforme fui informado — acrescentou Surrey.

O bispo de Ely falou num tom irónico.

— Através do casameto, a propriedade da esposa passa a ser propriedade do marido. Portanto, as jóias da infanta deviam ter passado para o príncipe Arthur e, conseqüentemente, para o rei.

— D. Gutierre Gomez de Fuensalida pretende pagar ao rei o restante do dote da infanta com as jóias e pratas dele próprio? inquiriu Ely.

— Isso é monstruoso! — gritou Fuensalida, que não sabia controlar seu humor.

Winchester ficou contente, pois sabia que a melhor forma de vencer os espanhóis era fazê—los perder a calma.

— Essa propriedade do rei vem sendo usada há anos pela infanta — continuou ele. — As jóias e pratas que deviam estar nos cofres do rei encontram-se agora com os mercadores da Lombard Street!

— Isso é uma vergonha! — gritou Fuensalida. — Vocês trataram a infanta como uma mendiga. Como ousam se comportar assim com uma filha da Espanha?

— Cujo dote nunca foi pago integralmente — disse Winchester.

— Eu não ouvirei mais insolências! — disse Fuensalida, saindo da câmara do Conselho para alegria dos ingleses.

# NA CASA DE GRIMALDI

FRANCESCA DE CÁRCERES estava determinada a agir. Alguma coisa tinha de ser feita para que as negociações do casamento da infanta com o príncipe de Gales chegassem a uma conclusão satisfatória.

Até o casamento da infanta, nenhuma de suas damas de honra teria permissão para se casar.

Com o correr dos anos, pensou Francesca, nós seremos umas solteironas enrugadas que não irão interessar a ninguém, mesmo que tenhamos bons dotes.

Francesca não era de esperar por oportunidades; batalhava para conseguir o que queria.

Quando conheceu D. Gutierre Gomez de Fuensalida viu que ele era um nobre cavaleiro, coisa que Puebla nunca poderia ser. Como ela sempre desconfiara que Puebla trabalhava para o rei da Inglaterra e não para Fernando, tinha esperança de que um dia ele fosse chamado de volta à Espanha. Mas por alguma razão, Fernando confiava nele, e o velho embaixador foi ficando na Inglaterra. Porém, estava agora tão doente que não teria mais nenhuma utilidade para a Espanha. Como era característico de Fernando, certamente o velho doente seria mantido na Inglaterra, trabalhando para a Espanha sem receber nenhum salário.

Considerando tudo isso, Francesca depositou sua esperança em Fuensalida.

Decidiu falar com ele em particular, o que não seria nada fácil já que ele nunca ia à corte sozinho; além do mais, era impossível uma dama de honra conversar em particular com alguém sem chamar muita atenção.

Havia muita liberdade agora na entourage de Catarina, e Francesca planejou sair às escondidas para fazer uma visita ao embaixador, que continuava hospedado na casa do banqueiro Francesco Grimaldi.

Enrolou—se numa capa, cobriu quase todo o rosto com o capuz e saiu. Quando chegou à casa do banqueiro foi levada a uma sala, e o empregado foi saber se o embaixador espanhol estava nos seus aposentos.

Enquanto esperava, ficou examinando as ricas decorações das paredes e a bela mobília da sala. Impressionou—se com a imponência da casa. Talvez Francesca tenha achado tudo imponente demais em comparação com a pobreza em que ela e as damas de honra da infanta estavam vivendo nos últimos anos.

A atividade bancária deve ser muito rentável, pensou; os banqueiros vivem em condições mais vantajosas que muitos príncipes e princesas.

Uns minutos depois, apareceu na sala um homem gorducho, com uma fina jaqueta de veludo de mangas exageradamente longas e um cinturão bordado. Ele usava jóias no pescoço e nos dedos, dando a impressão de elegância e riqueza; sua corpulência e seu ar de bem—estar geral mostravam que ele vivia com grande conforto. Seus olhos castanhos tinham uma expressão muito amistosa.

O homem baixou a cabeça e beijou a mão de Francesca mais demoradamente do que a corte exigia, o que não desagradou a ela.

— Estou feliz de tê—la na minha casa. Infelizmente, D. Gutierre Gomez de Fuensalida não está no momento, mas se eu puder ajudar em alguma coisa, ficarei muito honrado.

— É muita bondade sua — falou Francesca, apresentando—se.

— É uma felicidade para a minha casa receber a visita de uma dama de honra da infanta. Muito mais, quando é uma belíssima dama — disse o banqueiro.

— O senhor é muito gentil. Podia fazer o favor de informar a D. Gutierre Gomez de Fuensalida que eu vim aqui? Foi imprudência minha não ter avisado que viria.

— Por favor, não se vá tão cedo. Eu não posso dizer a que horas ele volta, mas é possível que esteja aqui dentro de uma hora. Se eu puder distraí—la de alguma forma durante esse tempo, ficarei muito feliz.

— Talvez eu possa esperar um pouco — disse Francesca, sentindo—se gratificada ao ver o olhar de prazer no rosto do banqueiro.

— Eu gostaria de lhe oferecer um refresco — disse ele.

Francesca hesitou, pois tudo aquilo era muito pouco convencional. Mas já que ela era conhecida como a mais aventureira das damas de honra da infanta, achou que divertiria as outras quando chegasse em casa contando suas aventuras na casa do banqueiro genovês. Portanto, não resistiu à tentação e sentou-se. Grimaldi chamou um empregado e mandou-o trazer os refrescos.

Meia hora depois, Francesca ainda estava com o banqueiro, divertindo-o com suas histórias da vida na corte e divertindo-se com as histórias do mundo dele. Quando expressou sua admiração pelos belos móveis da casa, ele insistiu em lhe mostrar umas peças mais elaboradas ainda. E assim foi mostrando a casa toda com muito orgulho, aliás um orgulho mais que justificável.

Como Fuensalida demorou a chegar, Francesca resolveu ir embora. Grimaldi queria levá-la em casa mas ela não permitiu.

— Alguém pode nos ver, e sem dúvida eu seria severamente repreendida.

— Como a senhora é travessa! — disse Grimaldi encantado.

— É preciso ter sempre muito cuidado — falou Francesca. Eu sei que há pessoas que são muito rígidas.

— Nunca vou deixar de abençoar o dia em que a senhora veio ver D. Gutierrez Gomez de Fuensalida; agradeço por ele não ter voltado, pois só assim pude aproveitar sua companhia com exclusividade.

— Os banqueiros são sempre galantes desse jeito? — perguntou Francesca com ironia.

— Nem mesmo os banqueiros podem deixar de apreciar uma beleza tão arrebatadora — disse ele.

Francesca achou aquele encontro muito agradável. Quando os dois se despediram, os lábios dele demoraram-se ainda mais na mão dela. Eu estou tão pouco habituada a essas atenções, disse ela para si mesma, que mesmo não vindo de um nobre são bastante atraentes.

— Se a senhora quiser me dar esta honra outra vez, eu terei o maior prazer em recebê-la.

Francesca não respondeu, mas deu um sorriso provocativo.

Voltou depressa para o palácio, imaginando como contaria sua pequena aventura para as amigas; talvez imitasse a voz do banqueiro fazendo—lhe elogios fantásticos. Como elas ririam! Nenhuma delas tivera uma aventura igual.

Mas de repente decidiu não dizer nada. E se ela fosse proibida de visitar o banqueiro de novo? Não que pretendesse ir, mas se por acaso tivesse vontade e fosse proibida, ficaria muito irritada.

Não, por enquanto, seu encontro com Francesco Grimaldi seria mantido em segredo.

Quando Catarina ouviu falar que Fuensalida brigara com os conselheiros, ficou preocupada e pediu que Puebla fosse vê—la imediatamente.

O velho mandou buscar sua liteira; no caminho para o palácio ficou pensando que aquela seria uma de suas últimas viagens, pois tinha consciência de que seu fim estava chegando. Era triste ter trabalhado tanto e não ter conseguido promover o casamento do príncipe de Gales com a infanta; agora que Fernando enviara um novo embaixador, sua posição estava ainda pior.

Puebla não esperava agradecimentos, pois nunca fora apreciado na vida. Ele era um judeu de nascença e se tornara cristão. Portanto, tinha de se habituar a injustiças. Era sorte sua não estar na Espanha, pois se cometesse alguma pequena indiscrição poderia ser levado ao tribunal da Inquisição e acusado de heresia.

Pelo menos vou morrer na cama, pensou Puebla, mas a recompensa pelos meus serviços será fadada ao esquecimento e à ingratidão.

Quando entrou se arrastando com dificuldade no aposento da infanta, ela teve pena dele.

— O senhor está muito doente! — disse Catarina.

— Estou ficando velho, Alteza — murmurou ele. Catarina pediu uma cadeira e lhe deu permissão para sentar—se na sua presença, o que o comoveu. Depois foi direto ao ponto.

— Eu sempre tive esperança de que meu dote fosse pago e que eu pudesse reivindicar a concretização do meu acordo de casamento. Mas parece que a coisa não é bem assim. Quando vim para cá, foi declarado que minhas pratas e jóias faziam parte do meu dote, mas

D. Gutierre Gomez de Fuensalida me informou que o rei não aceitará isso.

— Ele terá de aceitar — disse Puebla. — Isso faz parte do acordo de casamento.

— Eu sei, mas D. Gutierre disse que o Conselho se recusa a admitir isso.

— Então, eles terão de ser forçados a admitir. Talvez D. Gutierre tenha ofendido o Conselho com seu temperamento forte e suas maneiras esnobes. Ele esqueceu-se de que está na Inglaterra; não conseguirá solucionar problema nenhum ofendendo aqueles a quem deveria aplacar.

— O senhor acha que eles podem ser forçados a aceitar minhas pratas e jóias?

— Tenho certeza que sim. Mas imagino que esses seus pertences estejam bem reduzidos.

— Eu precisei arranjar algum dinheiro para viver, e empenhei ou vendi uma quantia considerável de jóias e pratas.

— Alteza, se seu pai completar o que falta do total, estou certo de que poderemos chegar a um acordo com o rei.

— Então o senhor precisa explicar isso a Fuensalida.

— Eu explicarei. Vossa Alteza não deve temer nada. O rei deseja chegar a um acordo. Está ansioso para casar seu sobrinho Carlos com a princesa Maria e mais ansioso ainda para se casar com sua irmã, a rainha Joana. Eu acredito que com uma pequena diplomacia conseguiremos acertar tudo isso amigavelmente.

— Então, peço que o senhor se encontre com Fuensalida o mais depressa possível. Estou preocupada com a sua saúde, Dr. Puebla. Vou mandar meu médico examiná-lo em casa. O senhor está precisando de cuidados médicos.

— É muita bondade sua, Alteza — murmurou Puebla.

Ele teria de se resignar, pois sabia que Fuensalida era a última pessoa indicada para lidar com aquela delicada situação, que demandava muito tato e argúcia. Sabia que quando o médico de Catarina o examinasse diria para ele não sair mais da cama, e isso para ele correspondia a uma sentença de morte.

Catarina estava frustrada. Tinha consciência de que o rei não gostara do embaixador espanhol, pois dava uma desculpa atrás da outra para não lhe conceder entrevistas.

Puebla — que poderia ter feito algum progresso a respeito do acordo de casamento, agora que Fernando parecia realmente interessado nos problemas da filha — estava circunscrito à sua cama. Fuensalida compreendeu tarde demais como aquele homenzinho lhe poderia ter sido útil.

O assunto arrastou—se como sempre. Henrique começava a ver que não conseguiria se casar com Joana, e foi ficando irritado com Fernando. Ele estava cada dia mais difícil de lidar, pois vivia com dores agudas e sua calma característica o desertara. Sua pele estava amarela, e ele perdia peso rapidamente. Havia dias em que não via ninguém a não ser seus médicos.

Catarina afligia—se tanto com a solução de seus próprios problemas que não notou a mudança em uma de suas damas de honra. Francesca parecia ter rejuvenescido, e andava agora com belas roupas e jóias. É bem verdade que não ostentava isso diante dos olhos das outras, mas certo dia em que Maria de Rojas perguntou sobre um belo anel de rubi que ela estava usando, Francesca deu de ombros e murmurou, "Você nunca tinha visto este anel?", e mudou de assunto rapidamente.

Ela era a única da comitiva da infanta que não se sentia deprimida com o andamento das coisas; saía todo dia e ficava ausente durante várias horas.

Fuensalida estava se indispondo com vários membros da comitiva da infanta. Havia brigado com Puebla muitas vezes, e só a humildade e o desejo do velho embaixador de solucionar a complexa questão do dote de Catarina tornava possível a associação dos dois. Seu principal inimigo na comitiva era frei Diego Fernandez, o confessor de Catarina, que tinha especial influência sobre ela devido à sua posição. Fuensalida achava o frade arrogante, e dizia que ele não lhe demonstrava respeito suficiente; ameaçou escrever para Fernando, dizendo que Fernandez era incompetente e perigoso, e que a infanta confiava demais nele.

Catarina ficou desesperada ao perceber que sempre que precisava de um apoio maior, seus problemas eram esquecidos por brigas dentro da sua própria comitiva.

Certo dia, Fernandez veio falar com ela, absolutamente indignado. Ele escapara por pouco. Fuensalida tentara mandar prendê—lo e deportá—lo para a Espanha.

Catarina ficou irritada, mas não podia fazer nada. Puebla estava à beira da morte, e ela se recriminava por não ter percebido a tempo suas qualidades. Só agora, comparando—o com Fuensalida, é que percebia como aquele homem tinha sido admirável. Catarina não podia pedir que seu pai mandasse Fuensalida voltar para a Espanha. A situação era complexa demais, e até que um novo embaixador chegasse muita coisa poderia acontecer.

Então passou a rezar com fervor para que sua má sorte mudasse e para que em breve seus problemas fossem solucionados.

Que felicidade dar uma fugida até a casa do banqueiro genovês! pensava Francesca. Como aquele homem era alegre, e como ficava encantado de Francesca de Cárceres dar—lhe a honra de visitá—lo. Era bem verdade que ela vinha de uma família nobre e que ele era um mero banqueiro, mas vivia de forma extravagante e com todo o conforto!

Ela já perdera a conta de quantas vezes tinha ido à casa dele pretensamente para visitar o embaixador; suas visitas eram planejadas para as horas em que Fuensalida não estivesse em casa.

Francesca pretendia implorar ao embaixador que ele fizesse alguma coisa pelas damas de honra de Catarina, que arranjasse casamento para elas, mas nunca teve oportunidade de lhe falar sobre isso.

Havia muita coisa interessante para ver naquela casa, e o banqueiro se deliciava em mostrar—lhe tudo. Bastava ela admirar uma peça que ele lhe implorava para aceitá—la. Era o homem mais generoso do mundo!

Por todos esses motivos, era divertido dar uma fugida até a casa dele embrulhada na capa.

Certo dia, o banqueiro estava à sua espera, com um ar mais sério que de costume; como em geral ele não era nada sério, Francesca

ficou imaginado o que teria acontecido.

Os dois estavam tomando vinho com aqueles bolinhos excelentes, que seus cozinheiros faziam especialmente para ela, quando, de repente, Grimaldi disse:

— Que estranho eu ser Francesco e você Francesca. Parece mais um laço entre nós.

— É estranho mesmo — disse ela sorrindo. Depois ele ficou ainda mais sério e falou:

— Até quando poderemos continuar com isso?

— Está se referindo às minhas visitas? Oh, até que a corte se mude ou até que descubram minhas saídas e me proibam de vir aqui.

— E você não viria... se fosse proibida?

— Talvez eu ficasse tentada a desobedecer. Grimaldi inclinou-se sobre a mesa e pegou na mão dela.

— Francesca, você gostaria de se tornar dona desta casa?

Ela ficou pálida ao perceber a enormidade do que ele sugeria. Casar-se... com ele! Mas seu casamento teria de ser aprovado pela infanta, pela rainha de Castela ou por Fernando, e pelo rei da Inglaterra.

Será que aquele homem não compreendia que ela não era uma costureirinha ou outra pessoa qualquer para tomar uma decisão apressada assim?

— Minha sugestão lhe causa repulsa? — perguntou ele aflito.

— Não... não! — disse Francesca categoricamente. Estava pensando como sua vida era monótona antes daquelas visitas, e como seria ainda mais monótona se ela fosse obrigada a abrir mão disso.

— Para pessoas da minha posição, os casamentos são arranjados. Eu nunca teria permissão para me casar com o senhor.

— A senhora vive esquecida naquele palácio — argumentou Grimaldi. — A quem deve lealdade? Quanto a mim, eu não sou súdito do rei da Inglaterra. Se desejar me casar, eu me caso. Se a senhora decidisse não voltar para o palácio, eu chamaria um padre aqui para nos casar e colocaria todas as minhas posses e a minha pessoa a seu serviço. Francesca, apesar de a senhora ser jovem,

bonita e de estirpe nobre, é uma prisioneira; e o único desses atributos que poderá reter é sua estirpe. Francesca, não permita que a enterrem em vida. Case—se comigo. Eu amo a senhora. Nós não temos sido felizes juntos? Eu farei a senhora feliz para o resto da vida.

Francesca levantou—se tremendo.

Precisava ir embora imediatamente. Precisava ficar sozinha para pensar. Estava apavorada de cometer alguma indiscrição que compromettesse toda a sua vida futura.

— A senhora está com medo agora — disse ele num tom carinhoso. — Não cometa um erro. Não é de mim que deve ter medo, Francesca. A senhora nunca teria medo de mim. A senhora é corajosa e aventureira, não foi feita para ficar presa num palácio. Fique comigo, Francesca, e eu lhe darei liberdade.

— Eu preciso ir embora — disse Francesca. Grimaldi não tentou detê—la.

— Vai pensar no que eu disse?

— Não posso deixar de pensar nisso — falou. Grimaldi pegou o rosto dela nas mãos e beijou sua testa com ternura. Francesca sabia que perderia muito se não o visse de novo. Mas o que ela podia fazer?

# JOANA EM TORDESILHAS

JOANA, NA CIDADE DE ARCOS, não tinha noção das negociações sobre seu possível casamento com o rei da Inglaterra. Ela se estabelecera naquele clima insalubre, mas não sentia os ventos frios que penetravam no palácio. Sua pequena Catalina tornara—se uma menina linda e alegre, pronta para aceitar a estranheza da mãe. Joana tinha insistido para que seu filho Fernando fosse morar com ela e seu desejo foi atendido. Mas o pequeno Fernando, com quase seis anos de idade, não se adaptou à comitiva de sua mãe. Não gostava de ver aquele caixão exposto permanentemente, nem de ver o rosto do pai morto ou sua mãe mexendo naquele corpo.

Joana andava pelo palácio em andrajos e não se sentava à mesa para comer; comia com o prato no chão, como se fosse um gato ou um cachorro. Ela nunca se lavava, e não havia outra empregada na casa a não ser a velha lavadeira.

Às vezes, os menestréis vinham tocar música nos seus aposentos, outras vezes o silêncio era quase contínuo.

O jovem Fernando ficou muito feliz quando seu avô foi a Arcos e levou—o embora, apesar de sua mãe ter gritado tanto que teve de ser agarrada pelos empregados. Fernando amava o avô, pois ele o valorizava muito.

— Nós dois nos chamamos Fernando — disse Fernando um dia para o neto. O menino ficou tão encantado que decidiu ser exatamente como o avô quando crescesse.

Joana poderia ter continuado a viver assim em Arcos, mas com a rebelião que tornou conta de Andaluzia, Fernando teve medo de que os rebeldes estivessem planejando usá—la como símbolo. Em vista disso, decidiu levá—la para o isolado castelo de Tordesilhas, onde seria mais fácil mante—la reclusa.

Foi um dia ao palácio dos Arcos e dirigiu—se imediatamente para a sala onde a filha estava sentada, olhando para o caixão do marido. Seu cabelo, que não era penteado havia meses, escorria—lhe pelo

rosto desfigurado; suas mãos e seu rosto estavam imundos e as roupas caíam—lhe em trapos pelo corpo magro.

Fernando olhou para ela horrorizado. De fato, não era preciso fingir que Joana estava louca.

Não restava dúvida de que ela devia ser mandada para Tordesilhas. Fernando sabia que vinha sendo arquitetado um plano para destituí—lo e colocar o jovem Carlos no trono; como Carlos tinha apenas nove anos, esse plano favoreceria certos homens ambiciosos que ansiavam pelo poder. Mas Fernando estava determinado a manter a regência nas mãos, e não ficaria sossegado enquanto não prendesse Joana num palácio onde ela pudesse ser bem guardada.

— Minha filha—disse ele, sem coragem de tocá—la. Uma mendiga ou uma cigana provavelmente lhe causaria menos asco. — Estou preocupado com você.

Joana não olhou para o pai.

— Da última vez em que estive aqui, você se zangou comigo, mas precisa compreender que o povo precisa ver o pequeno Fernando. O que eu fiz foi para o seu bem.

Joana continuou imóvel. Embora tivesse ficado enraivecida com o pai por ter levado seu filho, uns dias depois se esquecera completamente dele. Não havia espaço naquele espírito doente para nada mais que aquele homem morto no caixão.

Fernando continuou.

— Este lugar é muito insalubre. Você não pode continuar a viver nesta... sordidez. Vou insistir para você sair daqui. O castelo de Tordesilhas está pronto para recebê—la. É um lugar digno de você e o clima é bom. Lá poderá recuperar sua saúde. De repente, Joana voltou ávida.

— Eu não vou. Quero ficar aqui. O senhor não pode me forçar a ir. Eu sou a rainha de Castela.

Fernando respondeu com calma.

— Este lugar está rodeado de soldados meus. Se você não for por livre e espontânea vontade, serei obrigado a usar de força. Prepare—se para partir imediatamente.

— Então eu serei sua prisioneira! — disse ela.

— Os soldados estão aqui para guardá-la. Tudo o que estou fazendo é para o seu bem.

— O senhor está tentando tirar meu marido de mim — disse Joana aos gritos.

— Tirar o caixão de você? Não há razão para você não continuar a chorar por seu marido em Tordesilhas, como faz em Arcos.

Joana ficou calada por um instante, depois disse:

— Preciso de tempo para me preparar.

— Um dia. É o suficiente para você se lavar, pentear o cabelo e vestir uma roupa decente.

— Eu nunca viajo de dia.

— Então viajaremos à noite.

Joana ficou calada, mas assentiu com um movimento de cabeça.

Na noite seguinte, eles saíram de Arcos. Ela se lavara, penteara o cabelo emaranhado e vestira uma roupa apropriada para sua posição; colocou a pequena Catalina ao seu lado na liteira e foi seguida pelo seu séquito; como de hábito, ao lado da liteira ia o carro funerário puxado por quatro cavalos, para que a rainha não perdesse o corpo do marido de vista.

Eles viajaram duas noites, e quando o terceiro dia começou a raiar chegaram à ponte velha que cruzava o Douro. Joana parou para olhar o castelo, que mais parecia uma fortaleza. Do outro lado do castelo, havia o convento de Santa Clara, e ela permitiu que o caixão fosse colocado nos claustros do convento. Das janelas de seus aposentos, podia olhar direto para o caixão, e passava a maior parte dos dias vigiando seu morto. Toda noite saía do castelo e ia até o convento para abraçar o corpo de Filipe, o Belo.

E assim se passaram longos anos de luto; cada dia, Joana ficava um pouco mais estranha, um pouco mais desligada do mundo. Só em um ponto ela era constante — no seu amor pelo belo galanteador, o grande responsável pela sua loucura.

# O REI HENRIQUE VIII

CATARINA PERDERA toda a esperança. Seus problemas estavam na mais completa desordem. Fuensalida brigara abertamente com Henrique, e quando voltou à corte lhe disseram que o rei não desejava mais vê-lo.

Orgulhoso, arrogante e despido de tato, tentou forçar sua entrada e viu-se tratado indignamente pelos guardas, que o agarraram e o levaram para fora dos recintos do palácio.

Nunca antes, um embaixador fora submetido a tal vergonha, o que indicava claramente que Henrique não tinha respeito nenhum pelas sugestões de Fernando. Na verdade, dizia com orgulho que iria casar a princesa Maria com Carlos sem a ajuda da Espanha.

Catarina estava conversando com as damas de honra quando soube da morte de Puebla. Percebeu que a morte do velho embaixador era uma das maiores desgraças que podiam lhe acontecer, pois agora não havia ninguém trabalhando por sua causa na Inglaterra, a não ser o incompetente Fuensalida.

— Esse foi mais um golpe para nós — disse ela.

— E o que vai nos acontecer? — perguntou Maria de Salinas.

— Sem dúvida, seremos mandadas de volta para a Espanha disse Maria de Rojas esperançosa.

Catarina não fez comentários. Ela sabia que a última coisa que queria era voltar para a Espanha. Voltaria humilhada, como a infanta que fora rejeitada, a viúva que permanecia virgem. Será que em alguma época uma princesa da Espanha fora tão infeliz quanto ela? Ela só tinha uma saída digna: casar—se com o príncipe de Gales.

Mas isso era impossível, pois o rei mostrara claramente que não permitiria esse casamento. Mas sempre que ela via o príncipe, ele lhe sorria gentilmente, deixando-a confortada, pois sua importância aumentava dia a dia, senão hora a hora.

Num dado momento, Catarina notou que Francesca não estava com as outras.

- Onde está Francesca? — perguntou.
- Eu não a vi, Alteza — respondeu Maria de Salinas.
- Ela anda se ausentando muito ultimamente — falou Catarina.
- Para onde vai quando não está conosco?

Ninguém respondeu, o que era estranho; Francesca sempre falava muito sobre seus assuntos pessoais e às vezes até demais.

— Vou perguntar quando ela voltar — disse Catarina. Depois, as damas começaram a falar sobre o que aconteceria quando Fernando soubesse que seu embaixador não era mais recebido no palácio.

Nada aconteceria, pensou Catarina com amargura. Olhando para trás, viu que desde a morte de Arthur sua posição mudara muito pouco. Talvez ela continuasse a viver na penúria, passando necessidades, para o resto da vida.

— Alteza! — era Maria de Rojas, com a voz tremendo de excitação. Catarina estava afastada das suas damas de honra porque queria ficar sozinha; não aguentava mais aquelas conversas, que ora versavam sobre grandes esperanças de mudanças impossíveis ora sobre a saudade da terra natal.

A infanta olhou para Maria, ansiosa para saber o que acontecera para mudar seu humor tão de repente.

— Esta carta foi entregue no palácio. É para Vossa Alteza.

— É a letra de Francesca — disse Catarina, pegando a carta da mão de Maria de Rojas.

— Francesca!

O coração da infanta começou a bater forte quando ela abriu a carta; leu rapidamente as palavras sem entender bem, depois leu tudo de novo. Francesca se casara com Francesco Grimaldi, o banqueiro de Génova.

— É... impossível! — disse Catarina, prendendo a respiração.

Maria estava ao seu lado; esquecendo toda a formalidade e a disciplina, olhou por cima do ombro de Catarina e leu as palavras que a noiva recém-casada escrevera.

— Francesca... casada! com um banqueiro! Como ela pôde fazer isso? Casar — se com um banqueiro! O que sua família irá dizer? O que Vossa Alteza irá fazer?

— Deve ser uma brincadeira — murmurou Catarina.

Mas ambas sabiam que não era brincadeira, e o horror de Maria transformou—se por um instante em inveja.

— Pelo menos ela está casada—murmurou. Seus lábios tremiam e seu olhar estava frenético; parecia uma prisioneira que acabara de saber que sua companheira fugira, mas que ela teria de permanecer presa.

— Então é para lá que ela tem ido — disse Catarina. — É o homem com quem Fuensalida mora. Como uma Cárceres teve coragem de renunciar à sua nobreza para se casar com um banqueiro!

Maria falava consigo mesma. "Talvez ela tenha se apaixonado por ele. Mas é mais provável que tenha se casado porque esse homem é muito rico, e nós estamos muito pobres. Francesca nunca teve uma proposta de casamento desde que estamos aqui... e talvez tenha pensado que nunca teria."

Catarina controlou—se, lembrando—se da sua dignidade.

— Agora me deixe sozinha. Se ela quis se afastar, não faremos nenhuma tentativa para trazê—la de volta. Ela escolheu seu próprio caminho.

— Vossa Alteza vai permitir isso? Catarina sorriu com amargura.

— Não culpe Francesca, Maria. Eu me lembro que quando vim para a Inglaterra vocês todas estavam ansiosas para vir comigo. Parecia um futuro glorioso, não é? Mas as coisas correram de forma muito diferente! Francesca fugiu... só isso. Como você rugiria, Maria, se lhe aparecesse uma oportunidade.

Vá agora contar a novidade para as outras. Estou certa de que todas terão inveja de Francesca.

Maria saiu, e Catarina releu a carta. Francesca dizia que estava feliz, que se casara com o homem da sua escolha. Cada linha mostrava sua excitação. Francesca conseguira fugir.

Catarina sentiu naquele momento que havia chegado ao auge da desesperança. A alegre Francesca enfrentara a rejeição dos reis e uma família nobre e poderosa para escapar da vida monótona à qual fora forçada a viver com a filha de Fernando e Isabel.

Era mês de abril. As bétulas e os salgueiros estavam floridos, as alsinas davam um realce prateado às sebes verdes e os campos

estavam coalhados de prímulas amarelas.

Henrique VII morria no palácio de Richmond, e nas ruas o povo se alegrava. O velho reino estava acabando e um novo começaria em breve. Ninguém lembrava mais que o rei havia levado a paz à Inglaterra. A maioria estranhava o horror que ele tinha à guerra, um horror que não se devia à miséria que a guerra causava, mas ao desperdício de dinheiro e de vidas que poderiam ser usadas para tornar o país próspero. Henrique não gastava dinheiro em abundância em festividades para o prazer do povo; só patrocinava cerimónias ricas quando sentia necessidade de mostrar o poder da Inglaterra a outros governantes.

Para o povo ele era um rei avaro, de aparência insignificante, que puniria seus súditos com pesados impostos e que mostrava pouca afeição até mesmo à sua própria família. Ninguém lembrava que desde de 1485, quando ele subiu ao trono, até aquele ano de 1509, o país vivera em paz, e que onde antes havia falência agora fora criado um rico tesouro. Ninguém lembrava que ele havia sido o primeiro rei a viver dentro de seu orçamento, e que havia construído as fundações para uma Inglaterra mais poderosa. Todos diziam: "O velho avaro está morrendo. O velho Henrique está acabando, chegou a vez do jovem Henrique." E quando pensavam no príncipe alegre e dourado, diziam: "A Inglaterra será feliz."

A excitação aumentava em toda a corte. Os cortesãos juntavam—se em pequenos grupos esperando ouvir as palavras "O rei está morto".

Todos pareciam concordar que o jovem Henrique devia se casar imediatamente. Um príncipe como ele precisava de uma rainha. Quem seria ela?

Alguns eram a favor de uma aliança com a França. Que fosse Margarida de Angoulême, diziam. Outros acreditavam que uma aliança com os Habsburgos seria mais vantajosa. Que fosse Eleonora, filha de Joana e Filipe. Ela seria jovem demais para o príncipe dourado? O duque Alberto da Baviera tinha uma filha. Maximiliano ficaria encantado de patrocinar esse casamento.

Não houve menção ao nome de Catarina de Aragão, que tornara —se noiva oficial do príncipe de Gales anos antes.

Fuensalida foi visitar Catarina com um ar extremamente melancólico. Ele não tinha acesso ao palácio, e era um aliado inútil. Disse à infanta que estava tomando providências para que suas pratas e jóias fossem enviadas secretamente à Espanha.

Ele não poderia ter dito com mais clareza que o jogo acabara e que eles haviam sido vencidos.

O príncipe de Gales esperou nos seus aposentos. Em breve ouviria o estampido, e o povo o aclamaria como seu rei. Todos, inclusive ele, esperavam por esse dia.

Ele estaria acima de todos os ingleses, seria inconfundível com a coroa nos cabelos dourados. Sua expressão resplandecente e suave era conhecida no país inteiro.

Seus olhos se apertaram quando pensou nos anos em que ele, o querido do povo, fora obrigado a obedecer a seu pai.

Henrique não era mais um menino, já estava com dezoito anos. Encontrava—se no limiar da gloriosa masculinidade. Não era apenas um homem, era um verdadeiro deus. Um ser de grande beleza e força. Ninguém na corte comparava—se a ele; e agora, além de todas essas qualidades das quais fora dotado, o destino colocava a coroa de ouro na sua cabeça de um louro cobreado.

Da janela, o jovem Henrique podia ver os cortesãos. Todos cochichavam... sobre ele. É claro que falavam sobre ele. O país inteiro falava sobre ele. Todos diziam que Henrique devia se casar logo, e ele se casaria, pois queria ter uma esposa.

Seria Margarida da França, que achava o irmão dela o homem mais lindo do mundo? Ou a pequena Eleonora que era ainda uma criança? Todos ousavam escolher uma noiva para ele!

Henrique mal podia esperar pelo momento em que seria proclamado rei. Um dos seus primeiros atos seria mostrar ao povo que ele era um rei de verdade; em questão de casamento ou em questão política, o rei é quem decidiria.

Eles estavam vindo. Então tudo terminara. O momento tão esperado chegara.

Henrique estava pronto quando eles entraram nos seus aposentos. Seus olhos brilharam de alegria quando ele sentiu o novo respeito, a diferença sutil como o rei era cumprimentado.

— Todos ficaram de joelhos diante dele. — Então é verdade? — disse.  
— Infelizmente, meu pai morreu!

Mas não havia tempo para tristeza. Havia apenas triunfo quando foi ouvido o grito. "O rei está morto. Salve o rei! Salve o rei Henrique VIII!"

Catarina foi prestar sua homenagem com os outros; ajoelhou — se diante dele, e seu ar de humildade tornou — a atraente.

O jovem rei virou — se para os que estavam à sua volta e disse:

— Agora, por favor, nos deixem a sós. Tenho uma coisa a dizer para a infanta que ela precisa saber antes dos outros.

Quando os dois ficaram sozinhos, ele disse:

— Pode se levantar, Catarina.

Henrique sorria para ela, com a expressão de um menino que preparou uma surpresa para um amigo, surpresa essa que lhe daria tanto prazer — ou ainda mais — quanto ao seu amigo.

— Sem dúvida, a senhora ouviu falar de muitos planos distantes sobre meu casamento com as princesas da Europa.

— Ouvi sim, Majestade.

— E eu me aventuro a dizer que esses planos lhe causaram certa inquietude. — Henrique não esperou pela confirmação do que considerava ser o óbvio. — Não precisa se preocupar mais. Eu próprio escolhi minha noiva. A senhora acha que eu sou homem de permitir que outros decidam uma coisa assim por mim?

— Eu nunca achei que Vossa Majestade permitiria isso.

— Pois estava certa, Kate. Eu escolhi. — Pegou nas mãos dela e beijou — as. — A senhora será minha noiva. Será a rainha da Inglaterra.

— Eu... eu... — gaguejou Catarina.

O jovem rei sorriu com um ar de felicidade. Nenhuma frase seria mais eloquente aos seus ouvidos. Ela sentia — se honradíssima, e estava tomada de alegria. Henrique ficou encantado.

— Eu não tolerarei uma recusa! — disse em tom de brincadeira. Como uma mulher, em plena consciência, poderia recusar a proposta mais gloriosa possível? — Eu já me decidi. A senhora será minha noiva!

Como aquele jovem era bonito! com um sorriso franco, seu rosto irradiava felicidade. Mas por trás desse sorriso, notava—se o menino mal—humorado dizendo "Ninguém me dirá o que eu devo fazer. Eu tomo minhas próprias decisões".

Por um instante, Catarina se perguntou o que lhe teria acontecido se tivessem declarado que ele devia se casar com ela em vez de proibirem esse casamento.

Depois, recusou—se a continuar pensando nisso.

De que valeria saber o que teria acontecido se ela agora saíria da pobreza e da situação humilhante em que vivera por tantos anos?

Acabara a espera de Catarina. A infanta esquecida estava prestes a se

tornar a mulher mais cortejada da Inglaterra, a rainha, a noiva do governante mais lindo e mais majestoso da cristandade.

# A RAINHA CATARINA

CATARINA DESFILOU AO LADO do rei pelas ruas de Londres. Poucos dias antes, eles haviam se casado no palácio de Greenwich, pois depois que Henrique tomou sua decisão ficou ansioso para que a cerimónia fosse celebrada logo.

Ele foi atencioso e carinhoso com sua noiva, e como nunca fazia segredo de seus sentimentos declarou aos seus conselheiros que Catarina era o grande amor de sua vida.

Eles saíram de Greenwich e dirigiram—se para a Torre, seguidos da fina flor da nobreza. Pelas ruas em que passavam, as janelas eram decoradas com ricas tapeçarias em homenagem aos noivos; na Cornhill, a rua mais rica da cidade, eram ornamentadas com tecidos de ouro. Ao longo do percurso, enfileiravam—se belas moças de branco, para indicar sua virgindade, entoando canções em louvor ao rei e à rainha.

Ali estava Henrique, mais majestoso que nunca, coberto de jóias, com uma expressão franca que denotava boas intenções e prazer com seu povo e consigo mesmo. O rei mais belo que já desfilara pela cidade de Londres, afora seu avô materno, Eduardo IV.

E ali estava a rainha, radiante, com o lindo cabelo solto até os ombros, e na cabeça uma tiara de jóias de todas as cores. com seu vestido de noiva de cetim branco ricamente bordado, vinha carregada numa liteira forrada de tecido de ouro, puxada por dois cavalos brancos.

Que diferença entre aquela noiva resplandecente e a infanta esquecida da casa de Durham!

A felicidade embelezara seu rosto.

Catarina dizia a si mesma: "Terminou... toda aquela humilhação, toda aquela miséria. Quem pensaria que tudo iria acontecer com tanta rapidez?"

Havia ainda outra razão de regozijo. Catarina estava apaixonada. Que mulher não se apaixonaria por um rei alegre e lindo que a

tirasse de uma vida de miséria? Ele era um príncipe legendário, nenhum outro havia sido tão belo quando o jovem Henrique VIII da Inglaterra.

O povo saudou Catarina. Todos estavam prontos a saudar qualquer uma que fosse honrada pelo rei, pois sabiam que os velhos tempos de avareza e fortes impostos haviam terminado. Agora havia um rei jovem no trono.

Alguns ainda se lembravam do dia em que a rainha se casara com Arthur. Henrique teria escolhido bem, casando—se com a viúva do seu irmão? A Bíblia não mencionava que esse tipo de casamento era ilegal?

Mas o sol estava brilhando. O reinado severo de Henrique VII terminara, e a Inglaterra se tornaria um país alegre.

Nada de pensar em problemas! Aquele era o dia da celebração do casamento do seu rei. Ele se casara com a mulher de sua escolha. Um noivo irradiando felicidade, um rei deslumbrante.

"Salve o rei Henrique VIII e sua noiva!" gritavam nas ruas de Londres.

Assim, saindo do palácio de Greenwich, passava a magnífica cavalgada pelas ruas engalanadas próximas à Torre de Londres.

A fortaleza cinza parecia sinistra com suas ameaçadoras torres de pedra; mas Catarina só via a beleza dourada do seu noivo, só ouvia os gritos do povo, "Salve a noiva do rei! Salve a rainha, Catarina de Aragão!"

**FIM**